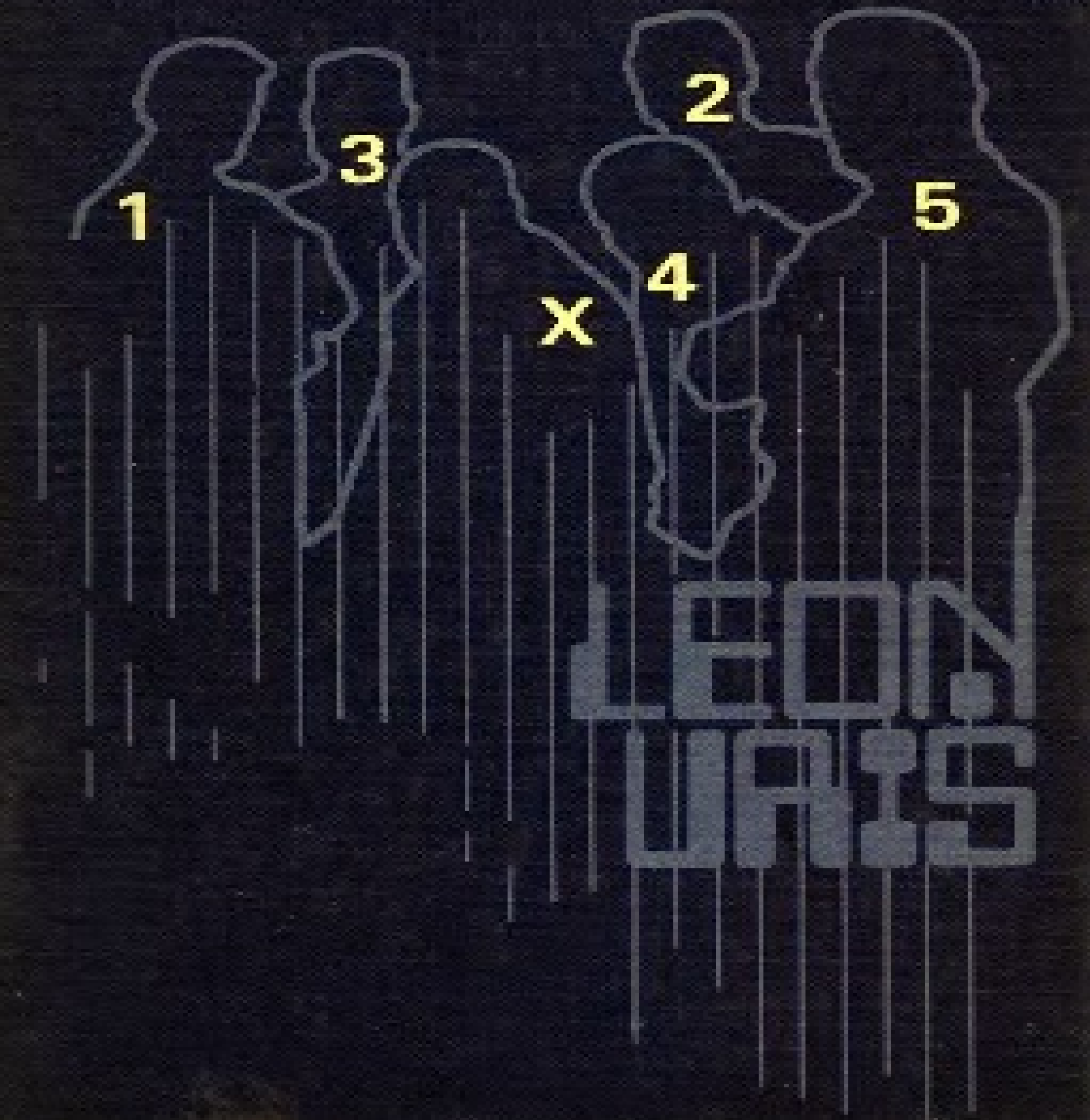
TOPÁZIO



LEON URIS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

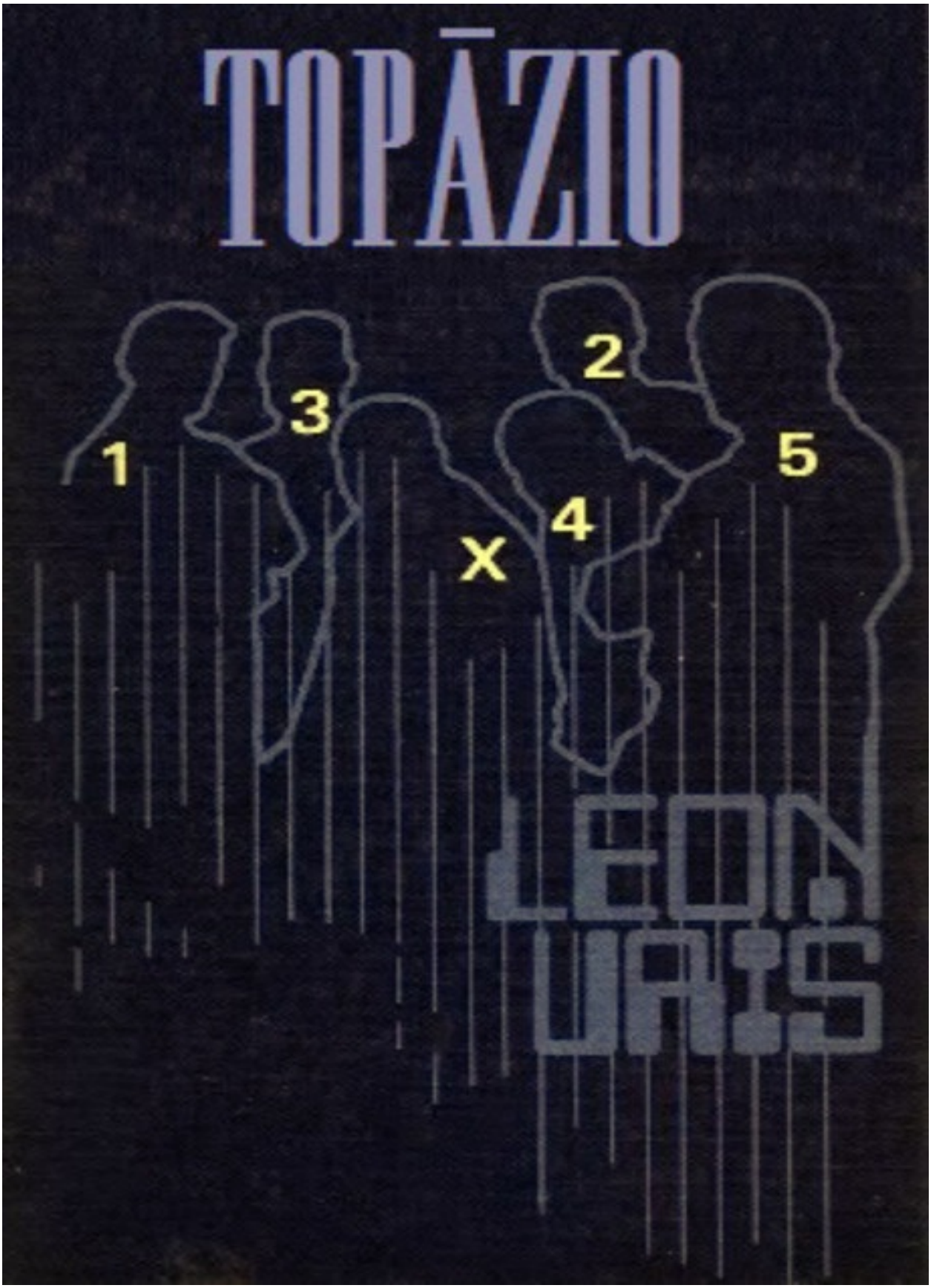
A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."


TOPĀZIO
1
3
2
5
4
X
LEON URIS

LEON URIS

(1924-2003)

Topázio

Título original americano

TOPAZ

1967

Tradução

MARIA DA GRAÇA CARDOSO

e FÚLVIO FONSECA

Índice

Primeira parte
Inin
Segunda parte
Os papéis de Rico Parra
Terceira parte
Topázio
Quarta parte
O grande Pierre
Quinta parte
Columbina

Dedico este livro ao meu amigo
Herbert B. Schlosberb

Primeira parte

ININ

Prólogo

VERÃO DE 1962

O Buick de Marshall McKittrick passou os portões do vasto edifício do governo, à entrada de Washington. McKittrick dirigiu-se para a barreira da estrada e depois lançou-se a toda velocidade em direção a Washington, tocando na pasta, nervosamente, e olhando para o retrovisor. Dois automóveis cheios de guardas armados seguiam-no de perto. Sanderson Hooper, ao lado dele, e Michael Nordstrom, no banco de trás, não diziam palavra.

Marsh McKittrick não pressentia uma grande vitória para a reivindicação que daí a pouco apresentaria. Diretamente responsável, perante o presidente, por assuntos de espionagem, tinha vociferado contra o comportamento soviético em Cuba desde o terrível acontecimento da baía dos Porcos.

O primeiro-ministro soviético havia alternado promessas de paz com ameaças durante os meses de 1962, e agira com crescente ousadia, astúcia e intimidação.

Sanderson Hooper, um dos mais competentes especialistas do Serviço Secreto, tinha relutado em concordar com ele até agora. Mas o conteúdo da pasta terminara por convencê-lo.

Daí a pouco o jovem presidente americano teria de tomar uma decisão terrível. E essa decisão não seria uma sentença importante demais para um só mortal? Não pertencia a Deus a decisão da sobrevivência ou a aniquilação da raça humana?

Durante alguns segundos, McKittrick sentiu repugnância pelo seu próprio e passageiro pensamento de que o presidente poderia voltar atrás, temendo as conseqüências. Quem conhecia, ou tinha meio de conhecer de que fibra era feito o ânimo do presidente? " Bem... em breve saberemos", pensou McKittrick.

Sentiu as mãos tornarem-se pegajosas no volante. Suspirou meia dúzia de vezes, para aliviar a tensão que lhe comprimia o peito, e tornou a verificar se os

outros carros o seguiam.

Abriu o quebra-vento para deixar entrar ar fresco, a fim de aliviar a cortina de fumo do cachimbo que Sanderson baforava tristemente.

Tinha ali todas as provas. O repentino aumento de barcos das nações do bloco soviético num porto cubano, o influxo de milhares de "técnicos" soviéticos. Numerosas viagens, não esclarecidas, a Moscou, de funcionários cubanos importantes. Que significava aquela agitação em Cuba? Não havia provas concretas, só uma miríade de especulações. Mas era o bastante para criar um mal-estar no Congresso americano e provocar comentários.

McKittrick, Nordstrom e Hooper, que tinham acesso livre ao presidente, foram conduzidos imediatamente ao seu gabinete, na ala ocidental.

Marshall McKittrick abriu o fecho da sua pasta usada e tirou um dossiê de fotografias de reconhecimento, obtidas de um avião U-2 a grande altitude. Espalhou as fotografias sobre a escrivaninha do presidente e entregou-lhe uma lupa de grande potência.

— Florestas perto de San Cristóbal, senhor presidente. Este local sofreu um desbaste recente. Analistas de fotografias estarão aqui dentro de uma hora com ampliações.

— Explique melhor, Mac — disse o presidente, conciso. McKittrick olhou para Hooper, depois para Nordstrom.

— É ainda especulativo, mas estamos todos de acordo...

— Explique — repetiu o presidente.

— Segundo nossa opinião, a União Soviética está introduzindo em Cuba mísseis com ogivas atômicas apontados para a costa leste e centro-oeste dos Estados Unidos.

O presidente pousou devagar a lupa, resignado a ouvir as palavras que há tanto tempo, receava.

— Encontramo-nos numa situação de grave crise nacional — explodiu Hooper, como se falasse para si próprio.

— Também acho que estamos — respondeu o presidente, com um traço de ironia na voz. — Quando sairmos desta sala. . . a humanidade talvez comece a ser aniquilada.

Capítulo 1

FINS DO VERÃO DE 1961

O dia estava ameno. A magia de Copenhague e dos Jardins Tivoli tinha quase tranqüilizado Michael Nordstrom. Da mesa que ocupava no terraço do Restaurante Wivex via a cúpula em forma de cebola do Nimb, saturada de um milhão de lâmpadas luminosas. Do outro lado da rua ouviam-se os risos do teatro de pantomima, ao ar livre. As ruas do Tivoli eram ladeadas por flores cuidadosamente semeadas, que davam ao jardim uma orgia de cor.

Michael entregava-se deleitado à contemplação das pernas bonitas e fortes das moças de Copenhague, produto do principal meio de transporte dessa cidade tão plana, a bicicleta.

Enquanto os garçons retiravam o pouco que restara de três dúzias de sanduíches dinamarqueses, Michael brincava com a bandeirinha americana da sua mesa.

Per Nosdahl, que estava sentado atrás de uma bandeira norueguesa, ofereceu charutos e acendeu o de Nordstrom com o isqueiro. Michael soprou baforadas satisfeitas.

— O patrão não faria uma cara satisfeita se nos visse fumando charutos de Fidel. Tenho saudades de Havana — disse ele ao seu delegado na Dinamarca, Sid Hendricks.

Per obrigou Michael a aceitar meia dúzia de charutos; este deu umas palmadinhas no bolso do casaco, cheio de charutos.

— Então, nós nos encontraremos em Oslo, outra vez, daqui a duas semanas — disse H. P. Sorensen, falando por trás da bandeira dinamarquesa.

Os outros três acenaram que sim. Michael bebeu mais um gole delicioso de cerveja: — Eu vivo prometendo a Liz trazê-la um verão a Copenhague para umas férias de verdade. . . mas diabos me levem se eu sei o que é isso.

O *maître* aproximou-se: — Um dos senhores é Mr. Nordstrom?

— Sim, sou eu.

— Telefone para o senhor.

— Com licença — disse ele, dobrando o guardanapo e seguindo o empregado que entrava na enormidade e no luxo do Wivex. A orquestra tocava a

marcha *Colonel Bogie, do A Ponte do rio Kwai,* e os dinamarqueses batiam o compasso alegremente com as mãos.

O homem apontou para a cabina telefônica do vestíbulo.

— Obrigado. — Michael fechou a porta. — Fala Nordstrom.

— O meu nome não lhe diz nada — disse uma voz com um forte sotaque russo —, mas eu o conheço.

— Deve ter-se enganado.

— O senhor chama-se Michael Nordstrom, é o chefe americano da ININ, Inter-Nato Intelligence Network. Assina os seus telegramas com o nome em código *Oscar,* seguido dos algarismos 6, 1, 2.

— Já lhe disse que se enganou.

— Tenho uns papéis do maior interesse — continuou a voz do outro lado. — Papéis da série 400. Os seus planos de emergência para um contra-ataque, se a União Soviética invadir através da Escandinávia. Tenho muitos outros papéis.

Nordstrom abafou um profundo suspiro tapando rapidamente o bocal com a mão. Tomou uma decisão rápida: — Onde está?

— Estou falando de uma cabina de Raadhuspladsen.

Nordstrom olhou para o relógio. Uma hora. Levaria algumas horas para formar um plano.

— Podemos marcar um encontro para esta noite.

— Não — respondeu a voz secamente. — Não. Darão pela minha falta. Tem de ser já.

— Está bem. No Museu Glyptoteket, daqui a meia hora. No segundo andar há uma exposição de estatuetas de arame de Degas — indicou Nordstrom.

— Sei perfeitamente.

— Como é que o identifico?

— Levo dois livros debaixo do braço, *Laederlmlsen,* em dinamarquês, e *Ascensão e queda do III Reich,* em inglês.

— Um homem chamado Phil entrará em contato com o senhor — disse Nordstrom, e desligou.

O primeiro pensamento óbvio que lhe atravessou o espírito foi que se tratava de uma cilada. Os russos poderiam fotografá-lo contatando com um agente soviético, para mais tarde utilizarem a fotografia como chantagem. Mandaria seu delegado na Dinamarca, Sid Hendricks, estabelecer o contato, e depois levaria o homem para um lugar seguro. O fator tempo o aborrecia, mas,

cilada ou não, tinha aceito a primeira jogada do russo.

Michael meteu uma moeda na caixa e discou um número.

— Embaixada americana.

— Nordstrom. Ligue para o gabinete da ININ.

— Gabinete de Mr. Hendricks; fala Miss Cooke.

— Cookie, fala Michael Nordstrom. Você é amiga do gerente do Palace Hotel. . . como é que ele se chama?.

— Jens Hansen.

— Ligue para ele e diga-lhe que precisamos de um favor. A suíte grande ao fundo do vestíbulo. Algo que possamos bloquear e proteger em todos os acessos.

— Quando?

— Agora. Mande quatro ou cinco rapazes, fita magnética e máquinas fotográficas. Estarei com eles daqui a vinte minutos.

— Entendido.

Michael Nordstrom era um pouco mais forte do que desejaria, mas movia-se com graça e agilidade. Voltou rapidamente ao terraço.

— Desculpem, mas Sid e eu temos de ir imediatamente ao escritório.

Os chefes da ININ na Dinamarca e na Noruega levantaram-se e despediram-se com apertos de mão.

— Boa viagem para os Estados Unidos — disse Sorensen.

— Até Oslo, Mike — disse Per Nosdahl.

Sid Hendricks lembrou a Sorensen que tinham uma reunião no dia seguinte, e os dois americanos se afastaram. Meteram-se no carro de Sid, no H. C. Boulevard.

— Que aconteceu, Mike?

— Um. russo. Talvez um desertor. Vai imediatamente à exposição de Degas no Glyptoteket, no segundo andar. Ele leva dois livros, *Laederhalsen,* em dinamarquês, e *Ascensão e queda,* de Shirer, em inglês. Identifique-se como sendo Phil e diga-lhe que o siga. Dê umas voltas no Tivoli para se certificar de que não é seguido pela gente dele. Termine no Palace Hotel. Um dos rapazes da seção estará à espera. Vai lhe dizer para onde você deve levá-lo. Se não aparecer dentro de uma hora, saberemos que foi uma cilada. Observe-o cuidadosamente.

Sid acenou que sim e saiu do carro. Nordstrom viu-o atravessar a avenida. Uma cortina, uma massa compacta de bicicletas fechou-se atrás dele. Nordstrom saiu pelo outro lado do carro para se dirigir a pé ao Palace, que era perto, e depois resmungou. A volta que os acontecimentos tinham dado obriga-lo-ia a

cancelar um encontro marcado com uma encantadora dinamarquesa.

Capítulo 2

Quinze minutos depois, Sid Hendricks entrou no edifício de tijolo vermelho que ocupava um quarteirão inteiro e abrigava uma série de tesouros artísticos, graças ao patrocínio de uma fábrica de cerveja dinamarquesa.

Pagou uma coroa de entrada, comprou um catálogo, depois dirigiu-se direto para uma longa escada à direita da entrada principal e subiu.

A sala estava vazia. Hendricks examinou-a, à procura de visitantes indesejáveis. Mas não havia ninguém. Folheou o catálogo, depois começou a olhar os estudos em arame de cavalos e bailarinas, de Degas, cada um deles uma experiência para captar fases, de movimento. Parou em frente a uma vitrina e contemplou longamente um exemplar magnífico — um cavalo empinado.

— Infelizmente não vemos muitas obras de Degas na União Soviética.

Hendricks fez um esforço para apanhar no vidro o reflexo do homem que deslizava silencioso por trás dele, mas não conseguiu ver mais do que uma distorção transparente.

— Algumas obras no Museu de Púchkin, em Moscou —- continuou o sotaque russo —, e algumas melhores no Hermitage. Mas eu não vou muito a Leningrado.

Hendricks virou a página do catálogo:

— Nunca estive lá — respondeu sem se voltar.

— Eu estive, mas gostaria de sair de lá.

— Acho que não nos conhecemos.

— Oficialmente, não. O senhor é Sidney Hendricks, encarregado da Divisão Americana da ININ na Dinamarca.

— Essa informação obtém-se facilmente no anuário da Embaixada.

— E esta? O seu chefe, Michael Nordstrom, está em Copenhague para encontrar-se com os chefes da ININ da Dinamarca e da Noruega, Nosdahl e Sorensen, a fim de discutirem a expansão de um grupo de espionagem de estudantes escandinavos que estudam na União Soviética.

Com esta, Sid Hendricks voltou-se e encarou o adversário.

Os dois livros combinados estavam debaixo do braço de um homem de altura abaixo da média. "Os russos têm cara de russos", pensou Hendricks. Testa alta, olhos castanhos de intelectual angustiado, corte de cabelo incerto, malares

salientes, dedos nodosos. Vestia uma roupa de corte ocidental, mas usada com desleixo.

— Siga-me e conserve-se a uma distância de trinta metros — disse Sid.

Hendricks saiu da sala, passando por um grupo de estudantes de arte que acabavam de chegar com o seu instrutor.

Esperou na esquina de Tietgensgade que o russo saísse do museu, depois atravessou a rua em direção aos Jardins Tivoli e pagou a entrada para o Dansetten.

Um chá-chá-chá animava os dançarinos da tarde. Sid viu duas moças sozinhas sentadas num canto com um ar convidativo, e tirou uma para dançar. O chá-chá-chá dele deixava muito a desejar, mas dava-lhe uma vantagem total.

O russo entrou e ficou olhando. Não parecia estar sendo seguido.

Abruptamente, .Hendricks largou a garota, atônita, e mergulhou no labirinto de atalhos em ziguezague, vendedores ambulantes, gente passeando, edifícios envidraçados, flores, restaurantes, quiosques de divertimentos, o país das fadas que constituía a maravilha do Tivoli.

Sid Hendricks fez o russo dar voltas e mais voltas. No lago artificial retrocedeu, cruzou com o russo, depois subiu os degraus do pagode chinês com os seus múltiplos andares. Daí podia olhar para baixo e observar todos os movimentos. Só o russo se mantinha na pista dele.

Convencido agora de que o russo não estava sendo seguido, saiu do Tivoli, atravessou a fervilhante Raadhus-pladsen, cheia de pombos que habitam as praças das cidades de todo o mundo.

O seu delegado, Dic Stebner, esperava no vestíbulo do Palace Hotel. Sem uma única palavra, os três subiram até o segundo andar, pelas escadas. O longo corredor estava vigiado pelos homens de Hendricks. Stebner encaminhou-se pelo corredor atapetado para uma suíte bem ao fundo, abriu a porta e os três entraram.

Harry Bartlett, outro delegado, esperava junto ao aquecedor da sala. O russo ficou parado. A porta fechou-se atrás dele.

— Quem é o senhor? Que deseja? — perguntou Bartlett.

— Quero falar com Nordstrom — respondeu o russo. — O senhor não é Nordstrom. É um dos funcionários de Hendricks.

A porta do quarto abriu-se devagar. Michael Nordstrom entrou. O volume do seu corpo fez o russo parecer ainda menor.

— Sim — murmurou este —, é com o senhor que eu quero falar.

— Desembuche.

— Como?

— Quem é o senhor? Que deseja?

O russo examinou Stebner e Hendricks, que estavam junto à porta, e o outro, Bartlett.

— Meus parabéns, Nordstrom. É muito hábil. Trabalhou depressa. E o seu Hendricks é esperto. Tem um cigarro?

Michael acendeu o isqueiro e o olhar dele cruzou-se com o do russo. O homem estava assustado, apesar do seu aprumo profissional. Inspirou fundo o fumo do cigarro, como se estivesse pedindo auxílio a um amigo, e passou a língua nos lábios, num gesto de medo.

— Chamo-me Boris Kuznetov — disse ele —, e sou o chefe de uma divisão do KGB. Pretendo passar para o lado dos senhores.

— Por quê?

— Tenho motivos para supor que vou ser liquidado.

— Que motivos?

— Dois camaradas íntimos do KGB que compartilhavam os meus pontos de vista foram presos recentemente. Viajo com freqüência ao Ocidente. Desta vez têm-me vigiado mais do que é habitual. E depois — suspirou —, uma pessoa muito amiga disseme antes de vir para Copenhague que, se tivesse a oportunidade de fugir, devia aproveitá-la.

Kuznetov tragou outra vez a fumaça do cigarro, com força. Sabia que os homens na sua frente estavam suspeitando de uma armadilha.

— Esse seu amigo — perguntou Hendricks —, não foi perigoso para ele avisá-lo?

— Não faz diferença ser russo ou americano, Mr. Hendricks. A nossa profissão é cruel, mas não podem tirar de nós tudo que é humano. Os seres humanos, no fim de contas, são compassivos. Um dia podemos precisar de um amigo. Um dia um amigo pode precisar de nós. Compreende?

— Se está sob vigilância tão rigorosa — indagou Nordstrom —, como é que conseguiu libertar-se agora?

— Estou em Copenhague com a minha mulher e a minha filha. Deixei-as num restaurante. Enquanto houver guardas vigiando minha família, sabem que eu voltarei, por isso é normal que eu me ausente umas horas, ou para entrar em contato com um agente, ou para fazer compras, ou até mesmo para visitar uma mulher. Mas sou um bom chefe de família, e volto sempre.

— Como sabia que eu estava no Restaurante Wivex?

— Devido às suas atividades básicas. Nós, os russos, escondemos os nossos

agentes, e nunca damos a conhecer quem são eles. Os americanos apregoam aos quatro ventos quem pertence à CIA, quem é da ININ, porque acreditam na teoria de que as pessoas os procurem com possíveis informações. Nesse caso a sua teoria dá resultado. Não é segredo a sua estada em Copenhague, come sempre no Wivex ou no Langelinie, perto da Pequena Sereia. Gosta de mariscos dinamarqueses. Não é difícil de descobrir. Hoje verifiquei que o senhor tinha mesa reservada no Wivex, e por isso almocei no Sete Nações, do outro lado da praça.

— Disse que tinha documentos?

— Tenho. Estão escondidos em Copenhague. Direi onde estão depois de chegarmos a um acordo.

— Está bem, Kuznetov. Estou convencido. Entraremos em contato com você daqui a vinte e quatro horas.

— Não!

— Que quer dizer?

A respiração do russo era ofegante. Terror, verdadeiro ou fingido, apoderara-se dele.

— Agora tenho medo de voltar à minha Embaixada. Tem de ser já. . . hoje, e minha mulher e minha filha têm de me acompanhar.

Kuznetov viu os olhos americanos cheios de ceticismo. Todos desconfiavam do homem que dizia chamar-se Kuznetov, viam-no mexer-se nervosamente e inspirar fundo repetidas vezes.

O relógio da Câmara bateu as horas num tom macio.

— Quanto tempo pode estar ausente? — perguntou Mike Nordstrom.

— Mais algumas horas.

— Volte para junto de sua mulher e de sua filha, depois vá fazer umas compras, ou vá ao Tivoli, durante umas horas. Vou ver se consigo coordenar as coisas. Conhece o Den Permanente?

— Conheço. O edifício onde se fazem as exposições permanentes das artes e ofícios dinamarqueses.

— Fecha às cinco e meia. Esteja no balcão do ourives Hans Hansen. É perto da porta principal. Agora, olhe bem para estes três homens. Um deles estará lá para conduzi-lo a um automóvel.

— Não podem faltar!

— Temos uma probabilidade de cinqüenta por cento.

— Os meus guardas. . .

— Nós cuidamos deles.

O russo chamado Kuznetov dirigiu-se devagar para Nordstrom e estendeu-

lhe a mão nodosa. Nordstrom apertou-a, hesitante. Então, Boris Kuznetov encaminhou-se para uma cadeira, deixou-se cair nela, pôs o rosto entre as mãos e desatou a chorar.

Capítulo 3

Nordstrom mandou Stebner e outro agente seguirem o russo. Depois correu para a Embaixada com os outros funcionários e fechou-se a chave nos escritórios da ININ.

SEGREDO RIGOROSO PARA VELEIRO 606 PT CONTATO FEITO EM COPENHAGUE COM BORIS KUZNETOV PT AFIRMA SER CHEFE DIVISÃO KGB PT DESEJA PASSAR NOSSO LADO COM FAMÍLIA PT PLANOS ENCAMINHADOS PT TOMO TOTAL RESPONSABILIDADE PT PRECISO LUZ VERDE IMEDIATAMENTE OU NADA FEITO PT OSCAR 612 PT

De mangas arregaçadas e gravatas frouxas, Michael Nordstrom e seus homens se atiraram à preparação de um plano rápido, mas eficiente. Arranjaram carros com chapas particulares, um esconderijo na costa norte, um pequeno avião de reserva, e o transporte do próprio avião de Nordstrom para fora da Dinamarca, para um aeroporto alemão. As atribuições individuais foram redistribuídas e reformuladas. Os minutos corriam depressa demais, e perto das cinco horas os cinzeiros transbordavam e a tensão nervosa era febril.

O telefone tocou.

— Gabinete de Mr. Hendricks. Fala Miss Cooke.

— Cookie, fala Stebner. O patrão está?

Ela passou o telefone a Michael.

— Nordstrom.

— Stebner. Vamos?

— Ainda não tive resposta de Washington. Se não disserem nada dentro de dez minutos, cancelamos. Como estão as coisas aí?

— Acaba de entrar no Den Permanente com a mulher e a filha. Descobrimos dois pares de guardas.

— Os guardas entraram no edifício?

— Entraram, sim.

— Ótimo. Vou mandar para você meia dúzia de rapazes. Espalhe-os pela entrada. Se vier um telegrama para agir, o Bartlett aparece com um Ford azul 1960 de quatro portas e chapa alemã. Entre em contato com Kuznetov e meta-se no carro com ele.

— Entendido.

Nordstrom desligou o telefone e mandou os agentes para a entrada do Den Permanente. Ele e Miss Cooke esperaram sozinhos no escritório. Acenderam cigarros. Nordstrom percorreu a sala com grandes passadas. Ela tamborilava

com as unhas na mesa. Em toda a cidade de Copenhague os relógios bateram as cinco horas.

— Parece-me que nada feito — resmungou Nordstrom.

Sid Hendricks saiu de uma sala como um furacão e colocou o telegrama na frente do chefe.

SEGREDO RIGOROSO PARA OSCAR 612 PT LUZ VERDE PT VELEIRO 606 PT

O Den Permanente contém os trabalhos de artesãos dinamarqueses, desde cristais e prata até mobílias modernas de teca e tecidos de padrões exóticos. Como a própria Dinamarca, o edifício não era grande, mas as mercadorias eram magníficas.

Perto do edifício, Stebner e meia dúzia de agentes da ININ esperavam por Bartlett e pelo Ford azul. Stebner colocou-se de modo a ver claramente Boris Kuznetov com a mulher e a filha. Desceram do primeiro andar. A Sra. Kuznetov viu as horas num relógio que trazia pendurado no peito. Stebner perguntou a si próprio por que o marido gostaria tanto dela. Era uma mulher gorducha e pesada. A filha, calculou ele, teria cerca de vinte anos. Boa figura e nada mais. Penteado severo, cara lavada, saltos baixos.

Stebner olhou para a primeira dupla de guardas. Tinha a certeza de que eram guardas, pois sabia que um deles era empregado da Embaixada soviética. Esta primeira dupla estava junto a uma mesa cheia de figurinhas de madeira representando *vikings* cômicos, macacos pendurados uns nos outros por uma corrente de metal e vários tipos de patos talhados em teca.

A segunda dupla de guardas era formada por duas mulheres, junto a um balcão de tecidos. Utilizavam mulheres certamente para vigiarem as duas Kuznetov, até nos banheiros públicos. As russas sobressaíam horrivelmente no meio das lindas criaturinhas dinamarquesas que circulavam à sua volta.

Boris Kuznetov apontou para o balcão do ourives Hans Hansen e dirigiram-se para lá, nada mostrando da tensão em que deviam estar.

Do outro lado do quarteirão, um Ford azul dobrou a esquina. Os agentes da ININ aproximavam-se da entrada quando o automóvel encostou no meio-fio depois de passar por um mar de ciclistas.

Agora estava apenas a meio quarteirão de distância.

No edifício soou a campainha para fechar; eram cinco e meia.

Kuznetov olhou desesperadamente para a porta.

Stebner deu um passo em frente e acenou com a cabeça. O russo deu o braço à filha e à mulher, e saiu rapidamente.

Os guardas largaram as mercadorias que tinham nas mãos e os seguiram.

Stebner fechou-lhes na cara as portas do Den Permanente, empurrou Kuznetov e a família para a parte de trás do Ford azul e sentou-se ao lado de Bartlett.

Os guardas de Kuznetov abriram as portas do Den Permanente e correram para o meio-fio, mas se chocaram com um agente da ININ montado numa bicicleta. Ficaram todos estendidos no chão, e, quando tentaram levantar-se, outros agentes da ININ empurraram-nos e se chocaram com eles, provocando um momento de confusão, o suficiente para o automóvel virar a esquina e desaparecer.

Rodou rapidamente para o norte, para fora de Copenhague, ao longo da estrada costeira, com os Kuznetov encolhidos atrás. Para lá dos subúrbios, Bartlett saiu da estrada principal e dirigiu-se para o cais de Taarback, a fim de trocar de automóvel.

Nordstrom e Hendricks esperavam no banco da frente de um Mercedes. Stebner transferiu os Kuznetov, e Bartlett regressou outra vez a Copenhague.

Nordstrom voltou-se para a família traumatizada:

— Tudo vai correr bem — afirmou. — Fiquem calmos.

Kuznetov fez sinal que compreendia.

— O senhor me deve uma coisa. Uns documentos — disse Nordstrom.

Kuznetov tirou um recibo de depósito de bagagem da carteira.

— Depósito de bagagens da estação de trem principal — explicou.

Foi entregue a Sid Hendricks para tratar do assunto e depois continuaram para o norte. Uns minutos antes de Elsinore erguia-se Kystens-Perle, a Pérola da Costa, construída em forma de navio, com o soberbo Restaurante Hamlet no andar térreo e quartos no andar de cima. Um lugar muito chique para encontros amorosos. Stebner aguardou à porta do quarto número 6, enquanto Hendricks e Nordstrom acalmavam a família lá dentro. O medo, o mais importante dos produtos russos, tinha-os consumido; estavam pálidos, pareciam em estado de choque. Passou-se uma hora de tortura, durante a qual pouco se soube além do nome de Mrs. Kuznetov, Olga, e o da filha, Tamara.

O toque agudo do telefone assustou a todos.

— Alô!

— Sam?

— Eu mesmo.

— Aqui fala George. O Cessna 310 está no aeroporto de Elsinore, já vistoriado, com os motores aquecidos e pronto para decolar.

— Vamos!

A viagem foi tormentosa. O demoníaco vento norte da Europa penetrava no avião e atirava os passageiros de um lado para outro. Tamara enjoou, o que tornou maior o desconforto de todos.

Escureceu, e o nevoeiro quase descera até o chão, quando se aproximaram da pequena base aérea de Celle, no norte da Alemanha.

Da cabina de controle, na pista de aterragem, a voz de um aviador britânico ajudou-os a aterrar através das nuvens e ventos contrários.

— Baixar os *flaps*. . . plainar. . . — As luzes do aeródrorno surgiram através do nevoeiro. Um suspiro de alívio quando o aparelho tocou o chão. Um jipe levou o Cessna até a extremidade da pista, onde o avião de Nordstrom, com as insígnias do Departamento do Interior, estava à espera, pronto para levantar vôo.

Daí a momentos o Convair estava no ar, vencendo o mau tempo, em direção ao Atlântico. . . à América e à Base Andrews da Força Aérea.

Capítulo 4

A casa de muros altos e extenso relvado, em Laurel, Maryland, era guardada por quatro cães e três treinadores, que trabalhavam por turnos. Havia sempre dois guardas nos jardins, e na própria casa dormia outro guarda, perto da aterrorizada família Kuznetov.

Passaram-se duas semanas antes que Michael Nordstrom sentisse que se tinham acalmado o suficiente para lhes mandar Wilcox, o principal interrogador da ININ, e sua equipe.

Boris Kuznetov falou com Wilcox, mas não disse quase nada. Cada interrogatório terminava com a depressão diária do russo, ou então num acesso de fúria em que ele mandava os americanos saírem.

Nordstrom não tinha pressa. A mala, retirada do depósito em Copenhague, estava cheia, com dezenas de documentos. Seria preciso tempo para traduzi-los do russo, e seriam submetidos a estudos durante meses para determinar se eram autênticos ou falsificados.

Pelas primeiras rápidas leituras, N. Smith, o perito russo da ININ, verificou que a maior parte dos papéis tratava de assuntos da OTAN. Era promissor, pois todos os documentos da OTAN eram numerados por exemplar e por leitor. Poderiam eventualmente chegar a descobrir o leitor de todos os papéis, e localizar o grande traidor dentro da OTAN.

Mas, na realidade, Boris Kuznetov não fizera mais do que lhes apresentar um gigantesco enigma. Quem era, na realidade, Boris Kuznetov? Como é que os documentos da OTAN tinham ido parar em Moscou? Como em qualquer organização de espionagem, os chefes soviéticos do KGB conheciam poucos nomes fora do seu círculo imediato, e o que Kuznetov sabia guardava aferrolhado no cérebro. Era evidente que a mulher e a filha tinham ordens para se manterem absolutamente caladas.

Ao cabo de um mês de frustração, Wilcox queixou-se amargamente ao chefe.

— Nada. Nem a terra onde nasceu. Nada.

— Insista.

Wilcox ruborizou-se:

— Se quer a minha opinião, Mike, devíamos largar o malandro na porta da

Embaixada da Rússia.

— Claro, e nunca mais apanhamos um desertor!

— Nunca encontrei nenhum como este.

— Wilcox, você está cansado. Por que não tira umas férias?

O interrogador, perplexo, resmungou alguma coisa contra sua profissão. Depois pediu desculpas a Nordstrom por deixar mal o chefe.

— Já examinamos muitos desertores. São como animais assustados. Sozinhos, querem viver, querem morrer. Metidos em águas desconhecidas. Não se perturbe, Wilcox, ele acaba falando.

Michael Nordstrom manteve-se fora do círculo de interrogadores, oferecendo-se apenas como amigo a quem Kuznetov podia queixar-se e, talvez, fazer confidencias. Lentamente o russo deu a entender que sabia como funcionavam muitos assuntos secretos.

— Quer que lhe diga por que é que despediram o alemão, o Capitão von Behrmann, do comando da OTAN? Eu digo. Falava demais na cama sobre sua importância, sobre a colocação dos submarinos da OTAN em águas soviéticas.

Toda vez que Nordstrom visitava a casa de Laurel, o russo tentava sobressaltá-lo com uma nova informação.

— Vamos, Boris. Está sempre me contando novidades que são águas passadas.

— Águas passadas?

— Notícias velhas.

— O que me diz desta?

Boris Kuznetov fez então uma exibição alarmante, revelando a profundidade dos seus conhecimentos. Durante uma hora recitou de cor toda a estrutura orgânica do Serviço Secreto americano, os nomes dos chefes de seção, os seus assistentes, agentes especiais, postos secretos. E o fez com uma precisão impressionante.

Sanderson Hooper, o chefe dos peritos da ININ, era um homem de cabeça branca e aspecto desleixado, com pouco mais de sessenta anos, que estaria melhor num lugar de professor universitário ou de poeta desconhecido. Era o encarregado de descobrir a chave do enigma do russo. Nordstrom sempre confiara muito em Hooper, e como o mistério de Kuznetov se adensava, procurou conseguir uma resposta.

— Como todos nós sabemos — disse calmamente Sanderson Hooper, não respondendo à pressão exercida —, este Kuznetov é um agente extremamente

hábil e altamente colocado, profundo conhecedor dos assuntos da OTAN. Tem um espírito notável.

— É autêntico, ou o maior blefador e melhor ator deste decênio?

As sobrancelhas peludas de Sanderson Hooper franziram-se, preocupadas. Pôs-se a mexer no tabaco do seu onipotente cachimbo: — O que é que nós temos, Mike? Um desertor que pede asilo e proteção. Não fez nenhum contrato conosco.

— Mas vai nos lançando pequenas iscas, para sabermos que é importante.

Hooper soprou o fumo do cachimbo, juntou as mãos enrugadas e pôs-se a meditar.

— Não espere de mim uma apreciação oficial, Mike, pelo menos por agora, mas posso dizer-lhe o que imagino. Acho que Boris Kuznetov não sabe bem o que quer. Fugiu porque pensou que a sua vida corria perigo, e agora não consegue tomar uma decisão.

— Hoop, isso quer dizer que ele está sendo sincero?

— Tenho a impressão de que Boris Kuznetov é o desertor mais importante que nos apareceu até hoje.

Capítulo 5

— Estou preso aqui! A minha mulher queixa-se dia e noite. Tamara sente-se infeliz.

— Que diabo esperava? — perguntou Nordstrom. — Fechou-se aqui dentro durante três meses. Tem, necessariamente, de estar nervoso.

Kuznetov tornara-se pálido e melancólico. Michael sabia que a família discutia todos os dias, cada vez mais acaloradamente. Então, Olga e Tamara fizeram algumas expedições cautelosas à cidade e uma viagem a Baltimore. As revelações lhes aguçaram o apetite.

— Podemos organizar um passeio a Nova York para vocês.

— Não!

— Então ao oeste.

— Não! Bem sabe que não posso sair — disse ele num tom trêmulo, com o medo estampado outra vez nos olhos.

— Mas será protegido.

Kuznetov abanou a cabeça.

— Talvez pudéssemos mudar de casa! Se pudéssemos viver no campo, se pelo menos eu pudesse dar um passeio a pé!

— Vou ver o que posso fazer.

Boris examinou o americano com ar de culpa:

— O senhor é um homem excelente. Se as posições estivessem trocadas, as coisas não seriam tão fáceis para o senhor — disse o russo.

Camp Patrick se estende ao longo do rio Patuxent, já fora de Laurel, a meio caminho entre Washington e Baltimore, numa região de pesca fluvial, de plantação de tabaco e estâncias de veraneio.

O acampamento era formado por casas de troncos de árvores. Havia um edifício principal no centro, onde ficavam os escritórios, a cozinha, a sala de recreio e um certo número de salas de aula e instrução. De um lado ficavam um campo de futebol e duas quadras de tênis. Do outro lado, uma escola de equitação.

Ao longo do rio havia diversas moradias com alpendres fechados. O acampamento fora abandonado quando Nordstrom tomou conta dele para ali instalar um campo de treinamento da ININ. Era cômodo para treinos especiais e em particular para instruções de fim de semana. Por vezes escondera lá alguns

desertores, como agora fazia com a família Kuznetov.

Durante o inverno, Kuznetov pareceu dar-se maravilhosamente bem no novo ambiente. Como era próprio de um agente secreto, lia muito, devorando diariamente uma dúzia de jornais e periódicos, além de três ou quatro livros por semana, em inglês, francês, alemão, assim como em russo.

Agora, Nordstrom ouvia sempre Tamara tocar piano, quando se aproximava da vivenda. Tocava maravilhosamente bem. Olga tentava preparar os almoços e jantares, mas ainda se atrapalhava com a variedade de alimentos e utensílios elétricos de cozinha.

O americano e o russo davam longos e lentos passeios a pé, durante o inverno, ao longo do rio. Enquanto Boris expunha dialética e literatura, o americano falava das maravilhas técnicas e de música. Kuznetov estava bem informado sobre a arte e a filosofia ocidentais. Contudo, o único assunto pessoal que mencionava era que Tamara tinha grandes possibilidades como concertista, e que era uma pena mantê-la afastada dos estudos.

À medida que o inverno passava, a prisão de Camp Patrick começou a deixar as suas marcas nos nervos da família. Na verdade, os Kuznetov tinham trocado uma pequena cela da casa de Laurel por outra maior.

Contudo, Nordstrom notava um certo abrandamento. Os interrogadores, que pouco tinham efetuado de concreto, foram afastados no fim do ano, e Boris muito se alegrou com isso.

A paciência de Michael Nordstrom deu resultado.

Uma noite, no princípio da primavera, ficou no acampamento para assistir à projeção do filme semanal, que a família via na sala de estar. Na época, começava a aparecer uma nova espécie de literatura de espionagem. O filme tinha o habitual herói britânico que pronunciava trocadilhos maliciosos ao ser perseguido por um bando de garotas seminuas e que utilizava engenhocas técnicas para desafiar a imaginação. Os russos, sombrios, eram representados como homens de unhas sujas, mal vestidos, sinistros, brutais, misteriosos, dedicados a deuses falsos. Exceto uma russa, uma agente do KGB, papel desempenhado por uma atriz italiana de fartos seios, e cujo sotaque russo era incrível.

Havia uma cena num quarto, com revelação de planos de espionagem. Quando a cena foi projetada, Boris Kuznetov desatou a rir; a cabeça para trás, deu gargalhadas sonoras. Riu tanto que quase se engasgou.

Michael nunca o tinha ouvido rir.

Depois do filme, Kuznetov tomou uma das suas raras bebidas alcoólicas. Durante os passeios a pé tinha comentado várias vezes que os agentes ocidentais

bebiam em demasia. Ele próprio era praticamente abstêmio. Mas nessa noite sentia-se bem disposto.

— Os dias são compridos — disse ele, pondo uma acha de lenha na lareira e pesando as palavras com um cuidado meticuloso. — Gostaria de companhia. Uma pessoa da minha região. Um europeu.

Nordstrom fez um ar admirado:

— Está pensando em alguém em especial?

— Para falar com franqueza, estou.

— Quem?

Boris agitou a bebida no copo, bebeu um pequeno gole e olhou para o fogo.

— Devereaux. André Devereaux.

— Quem?

— Serviço Secreto francês, SDECE. O equivalente à ININ em Washington. Você sabe muito bem.

Boris olhou para o rosto sem expressão de Michael.

— E por que Devereaux? — perguntou Nordstrom.

— Os franceses são alegres.

— E que mais?

— Preciso de companhias alegres.

Nordstrom não respondeu. O pedido fora calculado friamente e Kuznetov não queria falar mais no. assunto.

— Vou pensar — disse Nordstrom.

Marshall McKittrick, conselheiro do presidente, parecia ser exatamente o que era, um funcionário bem vestido, de cabelo grisalho, de aspecto impecável, que servira a três presidentes e era conhecido como membro do círculo mais fechado da Casa Branca, cão de guarda do presidente em matéria de espionagem. Fez uma careta quando Sanderson Hooper entornou tabaco em cima da sua secretária muito limpa e lustrosa.

— Como é que Kuznetov sabia de Devereaux? —perguntou McKittrick.

Hooper varreu o tabaco como se fossem migalhas de pão e o colocou no grande cinzeiro de cristal, oferta do presidente.

— Talvez através de um dos desertores britânicos dos últimos anos. Ou podia ter recebido informações de um soviético que residisse em Paris ou Washington e estivesse de regresso à Rússia.

— Trabalho com André Devereaux há doze anos — disse Nordstrom. — Fundamos juntos a ININ, Marsh. Ele é um dos poucos agentes em Washington por quem eu ponho as mãos no fogo.

— A questão não é Devereaux, Mike. Ele é francês. Tem a obrigação de informar seu próprio pessoal em Paris. Você sabe tão bem quanto eu que o SDECE é bastante indiscreto, e que devemos ter o máximo cuidado quando lhe passamos informações. A questão é se podemos e devemos compartilhar este segredo com os franceses.

— Por outro lado — disse Sanderson Hooper, como se estivesse a debater o assunto consigo próprio —, Kuznetov fez um pedido deliberado, bem pensado. Quer falar com Devereaux por um motivo particular. Talvez seja porque está disposto a falar.

— Que acha, Mike? — perguntou McKittrick.

— Tenho a impressão de que está pronto para falar. Temos de correr o risco de compartilhar Kuznetov com os franceses.

— Seja como for — acrescentou Hooper —, o russo tem as cartas na mão e está fazendo sua jogada.

— Está bem — disse McKittrick num tom decisivo —, leve Devereaux para falar com ele.

Capítulo 6

— Matem-no! É um ladrão!

— André! Acabe com esse espetáculo!

— Deus do céu, mulher! Viu que jogada?

Nicole Devereaux puxou o marido pelo casaco, e ele sentou-se enquanto a discussão rugia em torno do árbitro, junto ao batedor de beisebol.

— Foi uma jogada segura! Segura! — berrou Devereaux.

Fez um gesto de cortar o pescoço do árbitro, e depois calou-se, para recuperar o controle da ira que o avassalava. Deu grandes dentadas no cachorro-quente que tinha na mão, e por fim pescou, debaixo do assento, o copo de papel que continha cerveja.

Era o que se podia chamar um homem de aspecto encantador, entre os quarenta e cinqüenta anos, de têmporas grisalhas. A maior parte das mulheres o achava atraente. Tinha um olhar e uns gestos muito seus.

Quando o jogo recomeçou, Nicole retomou a sua máscara deliberada de aborrecimento.

Mickey Mantle avançou para o lugar do batedor.

André viu, pelo canto do olho, a expressão fixa e gelada da mulher. "Ora!",

pensou ele, "só terá de sofrer durante mais dois períodos de jogo."

A viagem para casa, de automóvel, foi feita em silêncio. André tomou o caminho mais longo, pelo Capitólio e ao longo do Mall. As flores das cerejeiras estavam se abrindo e a cidade se encontrava banhada pelo hálito puro do começo da primavera. Olhou para o Lincoln Memorial, que nunca se cansava de admirar. Esta cidade de Washington era a sua cidade, sob muitos aspectos mais sua do que Paris.

O subúrbio de Georgetown tinha sido beneficiado por um grande programa de restauração. Os Devereaux tinham uma casa de teto alto, perto de Dumbarton Oaks, que, durante os últimos dez anos, Nicole mobiliara com gosto e distinção.

Entraram. A trégua tinha terminado.

Nicole bateu com a porta e voltou-se furiosa para ele: — Que raio de francês é você?! Louco por beisebol! Seu. . . Seu bebedor de *bourbon!*

— Sra. Devereaux — disse ele cheio de cinismo. —Não considero esses prazeres uma afronta para a honra da França.

— Mas gosta de tudo que é americano, meu caro, especialmente das mulheres.

— O que quer dizer com isso?

— Nada, querido, mas ouvi dizer que Virgínia McHenry é muito boa.

— Ah! então é isso! Nicole, quando é que você tenciona deixar de dar ouvidos a mexericos e se consumir com boatos?

— Não queria insultar você por causa das americanas. Vai para a cama com qualquer uma.

— Você é que parece uma americana! Queixas, ciúmes, uma autêntica megera. Não admira que isto seja um país de viúvas ricas. Você age como se fosse uma delas!

Os cães — Robespierre e Picasso — entraram para recebê-los, mas retiraram-se precipitadamente.

— Eu apenas gosto de beisebol — disse ele muito calmo —, e os Yankees estão em Washington.

— E acontece também que esta é a sua primeira noite livre em três semanas.

— E por isso você quer me arrastar para Nova York, para me sentar num teatro. . . um teatro cheio de correntes de ar. . . e ver uma peça medonha, e me arrastar de volta para Washington no meio da noite, reclamando da porcaria da peça durante todo o caminho. Não vê que você se queixa de tudo, mulher? Desta casa, da minha posição, dos compromissos sociais, das empregadas, do carro,

dos vestidos...

Dirigiram-se para os seus respectivos quartos, separados, mas iguais.

André Devereaux tinha explicado aos seus amigos americanos que quartos separados eram uma das contribuições mais civilizadas da burguesia francesa.

Esta noite, por exemplo, servia-lhe como um santuário seguro.

E, no fim de contas, Nicole estava mesmo ao lado, e, por mais violenta que fosse a discussão, a porta de comunicações nunca era fechada a chave.

Tirou a camisa e jogou-a de qualquer maneira em cima de uma poltrona, sabendo que isso irritaria Nicole.

Ela abriu a porta.

— Muito obrigada pela noite divertidíssima e em especial pelo cachorro-quente. . . e tudo o mais.

Um sapato dele foi atirado com força e propositadamente para o chão, e depois os dois ficaram olhando em silêncio um para o outro.

— Mas que é que está acontecendo conosco? — disse ela, intrigada. — Ao fim de vinte anos abriu-se entre nós uma espécie de abismo terrível. Já nem podemos conversar. Parece que só conseguimos ferir um ao outro.

— Quando se é novo — disse André —, consegue-se dar e levar em grande escala. Mas, mesmo com os mais fortes, o tempo desgasta. Aparecem cicatrizes debaixo das feridas contínuas. Agora já nem é preciso muita violência. Uma pancadinha certeira na cicatriz, a ferida reabre e o sangue jorra.

André sabia dobrá-la e castigá-la com as palavras que lhe dizia, e.sufocá-la até calar-se. Nicole sabia que as circunstâncias permitiam a ele ter os argumentos sempre à mão. Era um mártir vivo e, quanto mais cansado ficava com as pressões do trabalho, mais esse "martírio" se tornava aparente para ela, se bem que para mais ninguém. Mas, e ela? Tinha de suportar tudo em silêncio, e talvez sofresse mais por causa disso.

— André, podemos conversar?

— Com ou sem honestidade? Vamos apenas procurar justificações. Nenhum de nós quer realmente saber a verdade sobre nós próprios. Uma das grandes capacidades humanas é evitar a introspecção a qualquer preço.

— Você sabe muito bem que me deixa atrapalhada com esse palavreado. Não é justo.

— Por favor, Nicole, estou muito cansado.

Nicole voltou para o seu quarto, mas não fechou a porta. André ficou sentado na beira da cama, olhando, sem ver, o desenho do tapete. O telefone tocou. Com um ar fatigado, levantou o fone do gancho.

— Devereaux.

— Mike Nordstrom.

Após doze anos em Washington, André ainda não estava habituado a tratar um colega pelo nome de batismo. Achava engraçado esse costume americano.

— Olá, Mike — respondeu ele, vendo as horas. Passava da meia-noite.

— Estou tentando falar com você há horas.

— Estava no jogo de beisebol.

— Que tal?

— Os Yankees ganharam. Ford esteve soberbo, mas o desafio foi bom. Talvez possamos ir os dois na semana que vem.

— Certo. Ouça, sei que é uma hora bastante inconveniente, mas temos de nos ver amanhã.

André percebeu. Estava claro que era uma coisa importante.

— Eu me despacho cedo e depois encontro você.

— Ótimo. E se almoçássemos juntos? Taberna do Mercado, à uma.

— Ótimo.

— E outra coisa, André. Não se comprometa para o fim de semana. Talvez tenhamos de sair da cidade.

— Está bem.

André desligou o telefone como se, de repente, ele adquirisse um peso enorme. Dobrou-se para tirar o sapato e então seu braço esquerdo ficou insensível. Tentou ficar em pé e caminhou aos tombos para a poltrona de couro. Sua respiração tornou-se ofegante e uma espécie de delírio se apoderou dele. Ficou de olhos abertos, revirados, quase inconsciente.

Que tinha dito o Dr. Kaplan sobre estes ataques? Tinham um nome exótico, narcolepsia. Sonolência, perda de memória, paralisação de um braço ou de uma perna.

Às vezes durava só um minuto. . . ou podia durar um dia. Felizmente seus ataques passavam em poucos minutos.

Dirigiu-se com dificuldade para o banheiro e engoliu um comprimido de efedrina, depois voltou para a cadeira, à espera de que a crise passasse.

"Não se enerve", dissera o Dr. Kaplan. Como? Evitar a tensão. Como? Descansar. Como? O médico pensava que os agentes secretos deviam formar um sindicato e fazer greve para obter uma melhoria de condições de trabalho? Nenhum país podia se dar ao luxo de pagar aos seus agentes com base nas horas de trabalho. Não haveria dinheiro suficiente.

Além de ser o diretor do SDFCE no hemisfério ocidental, era o chefe francês

da ININ. A situação entre Washington e Paris continuava a piorar, e ele se tinha colocado numa posição central. . .

Nicole estava parada junto à porta, de camisola.

— Você está pálido. . . Está sentindo alguma coisa?

— Não. . . não. . . Estou bem.

— O telefonema. Eram más notícias? _

— Era só o Nordstrom.

— Quer chá ou *brandy?*

— Não. . . Nicole, sei que prometi ir a Nova York este fim de semana, visitar Michele, mas. . . talvez tenha de me ausentar por causa de negócios.

Durante um momento Nicole não disse nada.

— Boa noite, André.

— Nicole. . .

— Não tem importância, querido.

— É o que você diz. Mais uma decepção. Não me faça sentir-me culpado.

— Você é que está querendo se sentir culpado. Ou haverá motivo para se sentir assim?

— Não.

— Então não precisa dar-me explicações.

Capitulo 7

Hound-Dog Ruffin estava com disposição para tocar *spirituals.* Os cantores de *blues* estavam sentados em frente a um piano e cantavam uma canção sobre plantações de algodão no céu.

Hound-Dog Ruffin se animava à medida que seus dedos gordinhos saltitavam nas teclas do piano, e batia o compasso com o pé:

Só mais um passeio junto a vós,
Meu bom Jesus, é o que desejo. . .

André Devereaux entrou na Taberna do Mercado, apertando os olhos para se habituar ao súbito escurecimento. Hound-Dog ergueu o copo ao reconhecê-lo.

Michael Nordstrom chamou-o do bar e desceu do banco em que estava ernpoleirado. Dirigiram-se para a mesa habitual, ao fundo da sala. A Taberna do Mercado era uma construção deliberadamente decrépita, situada num local impossível, debaixo de uma auto-estrada. Os dois agentes secretos examinaram os rostos das pessoas presentes, ao se dirigirem para o fundo. A sala estava cheia, com os habituais membros do Congresso almoçando.

André olhou de relance para os nus que adornavam as paredes, enquanto Michael mandava vir cerveja e tortas de caranguejo.

— Como está Liz?

— Chateando. Começou uma campanha para eu comprar um carro novo, mas nós não temos dinheiro. Uma sugestãozinha agora, outra logo depois. Sutil. E Nicole?

— Agora falamos menos, mas em tom mais alto. Nicole quer que eu abandone os serviços, a pretexto de que devemos envelhecer em paz, gozando a presença um do outro. É pedir muito, Mike?

— Mas é isso realmente que ela pede?

— Não, realmente não é. Nicole vê o passado como uma recordação preciosa, esquecendo-se de que o detestou quando o viveu. As nossas viagens às Antilhas. Lembra-se das tardes exóticas, dos nossos beijos, mas esquece-se muito a propósito dos mosquitos, dos furacões, da pobreza. Mas que diabo, Mike! Pode ser que ela tenha razão. Que é que eu tenho de concreto ao fim de vinte anos nesta profissão? — — Hemorragias internas — respondeu Michaei, engolindo dois comprimidos com água para lhe protegerem as úlceras. — Seria o diabo para nós se nos abandonasse, André. Com um dos agentes do Presidente

La Croix no seu gabinete, as relações podiam deteriorar-se por completo. Você sabe muito bem o que eu quero dizer.

— E enquanto isso eu me queimo na fogueira que vocês prepararam.

A campainha do Senado tocou três vezes para indicar que haveria uma votação na Câmara Alta daí a quinze minutos. Os senadores presentes assinaram as contas rapidamente e, lá fora, os encarregados do estacionamento ligaram os carros e mantiveram as portas abertas para evitar qualquer demora no regresso ao Capitólio.

Chegaram as tortas de caranguejo. Michael fez uma careta quando André encharcou seu pedaço em. molho francês.

— Nicole vai a Nova York visitar Michele e fazer umas compras para a Embaixada, na semana que vem. Tinha prometido ir com ela antes de seu telefonema. O que é que há assim de tão importante?

— O nome Boris Kuznetov lhe diz alguma coisa?

— Não. Quem é ele?

— Diz ser chefe de uma divisão do KGB.

— Diz?

— Desertor. Está conosco desde o outono. Está em Camp Patrick. Pediu para falar com você pessoalmente.

— Que interessante!

— Vou pedir-lhe um favor, André. Sei que isso é um pouco irregular, mas não telegrafe para Paris sobre o homem. Pelo menos enquanto não tiver falado com ele.

André pensou um momento.

— Está bem.

Capítulo 8

Henrietta Todd, mulher do senador do Kansas, estava sentada à frente da sua comissão, com os óculos de meia lente, à moda de Benjamin Franklin, presos a uma corrente de prata que lhe envolvia o pescoço grosso e uma série de duplos e triplos queixos.

A presidente do Festival e Concerto Anual em Benefício dos Órfãos Coreanos verificou, cuidadosamente, uma lista de possíveis candidatos ao patrocínio do próximo acontecimento.

— Nicole, minha querida — disse ela —, acha realmente que devemos conservar Mollie Spearman como *patronesse* este ano?

— Claro que devemos — respondeu Nicole com frieza. — A coisa não ficaria completa sem o nome de Mollie.

— Hoje em dia é quase impossível organizar uma festa sem Mollie Spearman. Talvez devêssemos ser originais.

— Ou óbvias, com essa omissão — respondeu Nicole.

Henrietta fingiu um suspiro de desapontamento e fez um sinal ao lado do nome de Mollie.

— Muito bem — disse ela.

A alusão era de novo clara. Fora a terceira menção sutil ao nome de Mollie Spearman durante a tarde. As boas senhoras, chefiadas por Henrietta Todd, faziam tudo para espalhar o último e sensacional mexerico: André Devereaux tinha uma ligação amorosa com a célebre dama da sociedade de Washington.

Liz Nordstrom observava a cena da outra extremidade da mesa, e estremecia toda vez que aquelas gatas punham as unhas de fora. Esperou que a reunião terminasse, dissolvida em chá e mexericos, e se aproximou de Nicole. De perto Liz observou que Nicole estava abalada, apesar de nada demonstrar.

— Acho uma pena ter de arrancá-la daqui, Nicole — disse Liz. — Mas tenho o que fazer na Liga. Posso deixá-la em casa?

Nicole aceitou, dizendo que gostaria de ir embora, e as duas se despediram.

— Adeus, queridas — disse Henrietta Todd, com um sorriso pretensioso e olhando por cima dos óculos.

Liz tirou o carro do estacionamento e engrenou uma primeira, furiosa:

— Odeio as mulheres, e em especial Henrietta Todd. Se não se tivesse tornado tão nojenta e grotesca talvez o marido ainda dormisse com ela. . . alguma vez que não estivesse bêbedo. Não suporta mulheres mais novas e bonitas ao pé dela.

— Por favor, Liz, não diga nada.

— Não digo, exceto que não acredito que haja nada entre Mollie Spearman e André.

Nicole fechou a porta da rua e encostou-se a ela, com as mãos no pescoço, enquanto o barulho do motor do carro de Liz se perdia ao longe. Subiu para o primeiro andar, apática, e deixou-se cair na espreguiçadeira. Começou a pensar, André e Mollie Spearman? Não parecia provável. Por que é que aquilo era um choque tão grande?

Apesar de seu liberalismo francês, quando era nova, vaidosa e orgulhosa, ela se gabava, com aquela insensatez própria das mulheres novas, vaidosas e orgulhosas, de que não toleraria que o marido tivesse ligações amorosas.

Mas o orgulho é a fortaleza dos tolos.

A primeira vez que uma mulher descobre o que todas as mulheres acabam descobrindo, esse orgulho se perde com uma facilidade espantosa.

Uma vez desfeita a ilusão, as aceitações que se seguem são feitas em silêncio. Mas depois da terrível primeira vez, qualquer que seja a descoberta ou suspeita, é uma coisa que sempre continua a magoar.

Uma vez tolerada, pode-se escolher entre olhar para dentro de si e tentar perceber em que consistiu o fracasso que levou ao desvio do marido, ou então ter a habilidade de aceitar tudo pelo que é, e não dar importância, como se isso não tivesse qualquer significado. Mas poucas mulheres são capazes de tomar um desses caminhos.

Em vez disso, segue-se o caminho da destruição: a amargura, o sofrimento causado ao companheiro, em troca do sofrimento que ele provoca. Vingar. . .

Nicole parou o carro diante da chancelaria no momento em que André saía com o seu habitual fardo de trabalho para fazer em casa, dentro daquela pasta que ela começava a odiar. Nessa noite não havia recepção ou festas, por isso Nicole sabia que André tencionava trabalhar até depois da meia-noite.

Deslizou no banco, para André se sentar ao volante.

— O seu carro só fica pronto amanhã — disse ela quando arrancaram.

André olhou para a pasta e suspirou.

— Tenho uma idéia — disse ele impulsivamente. — Por que não vamos agora até Baltimore e vemos um filme? Há um bangue-bangue que quero ver, e depois poderíamos comer uns mariscos no Miller Brothers.

— Acho maravilhoso.

Nicole notou que estava sentada muito perto dele, o que raramente acontecia. Ela lhe fez uma festa na nuca.

André sorriu-lhe e, quando pararam num sinal vermelho, colocou o braço

em volta de seus ombros e a beijou. Até agora tudo corria maravilhosamente bem.

Capítulo 9

Momentos depois de saírem de Washington, Nordstrom e Devereaux entraram no Estado de Maryland, agora exibindo a sua opulência primaveril.

— É lindo — disse André —, lindo. Faz-me lembrar a minha pequena província, na França.

Michael sorriu. Os franceses eram sempre modestos ao se referirem à sua casa com o adjetivo "pequena", nem que fosse um solar de cinqüenta cômodos.

Saíram da estrada principal para uma secundária. De ambos os lados surgiu um fresco e viçoso prado.

— Nicole e eu devíamos vir aqui. Há tanto tempo não passeamos pelo campo!

— Promessas, promessas. . . Para quê? Nunca podemos cumpri-las. E as nossas mulheres nos fazem sentir culpados quando somos obrigados a deixá-las pelo trabalho.

Depois de Laurel as fazendas pareciam abandonadas. Daí a pouco tomaram uma estrada antiga e não pavimentada, que segue paralela ao rio Patuxent, e que os levou à extremidade do acampamento da ININ.

Nordstrom parou uns segundos em frente de um portão do acampamento que tinha a tabuleta pintada de fresco, o tempo bastante para o guarda o reconhecer e mandar entrar.

Nordstrom estacionou diante do edifício principal e apontou para a cabana maior.

— Espero por você no escritório.

Enquanto atravessava o pátio, André sentiu-se atraído pelo som de piano que vinha da casa. Era Chopin, e o executante tocava soberbamente.

Quando pôs o pé no primeiro degrau, que rangeu, a música parou abruptamente. Ouviu passos que fugiam, lá dentro.

— A minha filha, Tamara — disse uma voz com um forte sotaque —, é muito tímida.

André voltou-se e olhou para a extremidade do alpendre, onde um homem baixote estava emoldurado na luz do sol, refletida pelo rio. Aproximou-se de olhos franzidos. Boris Kuznetov estava sentado diante de uma tela, na qual depositava cuidadosas manchas de cor. André aproximou-se mais, até ficar atrás dele. Era um quadro muito bom, pensou André, revelando influência pós-impressionista. Representava o enorme chorão que tombava para o rio, na margem oposta.

Boris largou o pincel, limpou a mão e a estendeu.

— É Devereaux — disse ele num francês razoável. — Eu o reconheço pelas descrições.

— Esta arte não é vista com maus olhos?

— Receio bem ter viajado demais ao Ocidente. O nosso realismo produz uma arte muito pobre. Vamos dar um passeio a pé.

Ao descerem do alpendre. André viu de relance as duas Kuznetov a olharem para ele por entre as sombras das cortinas.

— Queria muito conhecê-lo, Devereaux. Você tem sido um adversário difícil. Tentamos colocá-lo várias vezes em situações embaraçosas para o forçarmos a negociar conosco. Mas não tivemos sorte. De qualquer modo, estou farto dos americanos e eles estão fartos de mim, por isso. pedi para falar com você.

— Terei de aceitar essa explicação, enquanto não me disser a verdadeira.

Kuznetov sorriu.

— Espero que goste de Laurent Perrier Grand Siècle, 1959 — disse André.

— Sim, um excelente champanha.

— Trouxe-lhe um caixote.

— Maravilhoso. Os franceses têm bom gosto. Os americanos são duros, especialmente do ponto de vista intelectual. Para eles tudo é mecânico, tudo é negócio.

— Ah, isso não sei bem. O *bourbon* é uma bebida maravilhosa quando se consegue gostar dela.

Chegaram a um cais de madeira todo desconjuntado, ao lado do qual estavam alinhados alguns barcos a remo e outros a motor. Kuznetov fez um comentário sobre a beleza do local. Apanhou uma pedra achatada e tentou atirá-la resvalando a água, mas não conseguiu. Continuaram a andar ao longo de uma trilha estreita junto à margem.

— Por que é que iam matá-lo? — perguntou André.

Uma expressão pesarosa surgiu no rosto de Boris Kuznetov. Parou junto a um grande rochedo, sentou-se nele e olhou para o rio com uma expressão taciturna, observando a corrente rápida rodopiar em volta de um banco de areia.

— Toda a minha vida — disse ele devagar — fui dedicado ao Partido. Mas, mesmo nesta época esclarecida do Camarada Khruchov, não há possibilidade de reforma para um chefe do KGB que caiu em desgraça.

— Por que é que caiu em desgraça?

— Por muitas razões. Nenhuma razão. Principalmente porque sou muito honesto. Recuso-me a alterar os meus relatórios e os meus pontos de vista a fim de ser político e agradar a certos ouvidos. Dei sempre as minhas apreciações como as via. Por fim, os que mandam não puderam aceitar o que eu tinha a dizer. Como sabe, Devereaux, é o mal da nossa profissão. Todos os serviços secretos do mundo inteiro sofrem da mesma coisa. Descemos a extremos, a despesas e perigos anormais, para obtermos informações. Mas no fim a verdadeira batalha é conseguir que os nossos acreditem em nós. Você, Devereaux. . . tem toda espécie de complicações com Paris, e o presidente americano não acredita nem em metade do que lhe dizem a CIA e a ININ.

— Nisso estamos de acordo — disse André.

— Mas, se alguma coisa correr mal, verá quem é censurado.

— O que é que lhes disse?

— Que o Ocidente é demasiado forte. Com a OTAN, a União Soviética e o Pacto de Varsóvia estão em situação inferior quanto a armamento. Além disso, não podemos alcançá-lo. Como pertencia aos círculos mais secretos como conselheiro, discuti a vantagem de uma aproximação com o Ocidente e paz para o povo russo. Têm umas etiquetas feias que aplicam a pessoas que pensam assim. Não é o que os militares gostam de ouvir. Mas eu não minto, porque não quero a União Soviética destruída.

Kuznetov parou abruptamente como se estivesse surpreso com a sua própria dissertação. André compreendeu que era uma necessidade para o russo confessar-se a uma pessoa "neutra", tentar justificar-se e abafar o sentimento de culpa de ter passado para o campo oposto.

— Só quis conhecê-lo e ver que espécie de homem você era — disse Kuznetov.

Voltaram para casa em silêncio. Durante todo o caminho de regresso André percebeu que ele lutava com uma decisão, que hesitava. Por fim, Kuznetov disse: — Quero preveni-lo, Devereaux. Seria insensato telegrafar ao SDECE sobre nosso encontro.

— Por quê?

— Porque tudo o que Paris sabe Moscou também sabe em vinte e quatro horas. Para o bem do seu próprio país, não mande um relatório.

— Isso é uma acusação, Kuznetov.

— Há muitas fugas nos serviços de vocês. Não. . . não diga nada.

— Vou pensar durante uns dias.

— Volta outra vez?

— Se você quiser — disse André.

Despediram-se. Boris abriu a porta de tela.

— Kuznetov.

— Sim?

— Agora deixe-me dar-lhe um pequeno conselho. Diz que os americanos não são civilizados, mas também sabia quando fugiu que eles não fazem o jogo de assassinos e torturas, nem utilizam as famílias como reféns. Mas não tome isso por fraqueza, porque é uma força. Seria melhor decidir-se e dizer-lhes o que sabe.

— Não sou traidor! — gritou Kuznetov. — Só fugi para salvar a vida de minha família! Amo a Rússia! Amo o meu país!

— Sim, essa é a parte triste do nosso trabalho. Vou mandar-lhe o champanha.

Capítulo 10

Desde o começo Nordstrom ordenara que a família Kuznetov fosse fotografada secretamente, e que fossem feitos registros completos, em fita magnética, das suas conversas. Os três tinham sido profusamente fotografados por máquinas ocultas e suas conversas eram colhidas por microfones escondidos em várias partes da casa.

O Dr. Bennett Block, cirurgião plástico de renome, do Hospital John Hopkins, foi trazido ao acampamento, disfarçado de guarda, para estudar as feições da família.

Uma noite, vários dias depois da quarta visita malograda de Devereaux a Camp Patrick, Nordstrom entrou na casa dos Kuznetov com seis caixas misteriosas, que colocou num banco. Trazia também meia dúzia de álbuns fotográficos.

Olga e Tamara, como sempre, retiraram-se para outra parte da casa.

Boris compreendeu logo que ia acontecer qualquer coisa de muito importante.

Nordstrom entregou-lhe três dos álbuns. Cada um deles continha várias dúzias de fotografias de Boris, Tamara e Olga, tiradas de todos os ângulos possíveis. O russo folheou-os sem comentários.

Michael abriu três das caixas e tirou modelos de cabeças, em tamanho natural. Eram reproduções espantosas da família Kuznetov. A cor da pele, os olhos, o cabelo, o perfil, a forma do nariz, as orelhas, tudo era de uma proporção e um tom perfeitos.

— Você vai concordar — disse Michael — que temos aqui fac-símiles perfeitos de vocês três.

Boris acenou que sim. Michael entregou-lhe outro álbum, preenchido com as concepções do artista sobre as modificações a serem feitas no aspecto deles. Então Nordstrom abriu a segunda caixa, que continha os modelos de cabeças, representando a família Kuznetov depois de transformada.

— Estiveram sob a observação de um dos melhores cirurgiões plásticos da América.

— Julgo que era aquele sujeito baixo, quase careca, de olhos cinzentos, que fumava Lucky Strike e usava um relógio suíço.

— É esse mesmo. Chama-se Bennett Block e é da equipe do Hospital John Hopkins.

— Era evidente o seu jeito de médico, e não falava a linguagem de um

agente secreto.

Michael sorriu com as observações astutas de Kuznetov, pegou a caneta e serviu-se dela como ponteiro na cabeça do modelo.

— Em linguagem simples, através da cirurgia podem modificar-lhe o nariz e o queixo. Aqui um trabalho de prótese dentária, cabelo pintado, bigode e óculos. Uma cicatriz na testa. Modificação da altura por meio de sapatos especiais. A sua própria mãe não o reconheceria.

Os modelos de "antes" e "depois'"apresentavam provas dramáticas das modificações.

— Será mais fácil com Tamara e Olga. Basta ocidentalizá-las para que a diferença seja grande, com um mínimo de cirurgia. Olga pode emagrecer uns dez ou quinze quilos. As perucas têm sido tão aperfeiçoadas que nem mesmo um perito consegue diferençá-las, desde que sejam usadas convenientemente. Roupas novas, maquilagem e maneiras ocidentais devem produzir uma mudança total.

Kuznetov examinou tudo o que estava à sua frente, depois dirigiu-se para o espelho e olhou para a sua imagem. Derramou uma bebida num copo, — Engenhoso — disse ele.

Michael continuou a falar naquele tom enérgico que o caracterizava:

— Para a sua mulher, um curso intensivo de inglês. Para você e para Tamara, um professor particular durante tantas horas diárias quantas lhes seja possível agüentar. Receberão lições de dicção para modificar o ritmo e a acentuação da pronúncia. Vão aprender a ser americanos. Vamos ensinar-lhes a história da América como nós a vemos, *jazz,* esportes, piadas, tudo. Farão um passeio pelo país para se familiarizarem totalmente. Achamos que dentro de um ano será difícil afirmar que não viveram aqui toda a vida.

— Esta noite está sendo muito interessante — respondeu Kuznetov secamente, como se estivesse aborrecido.

Michael continuou, muito prático:

— Vamos preparar todos os papéis necessários. Certidões de nascimento, diploma universitário, certificado de serviço militar. Vamos fornecer-lhe papéis que demonstrem que tem sido sócio de várias sociedades de beneficência e que há trinta anos tem um seguro de vida.

Nordstrom acendeu um cigarro e estendeu a chama do isqueiro para o cigarro do russo. Era como da primeira vez no Palace Hotel de Copenhague. Os nervos do homem traíam uma calma apenas aparente. Kuznetov estava muito abalado.

Nordstrom esperou uns momentos.

— Deixei o melhor para o fim. — Abriu uma pasta que continha fotografias e descrições de um hotel moderno. — Isto é um motel de quarenta e dois quartos em Bakersfield, na Califórnia. Tem um ótimo bar e restaurante, e possibilidade de utilização de um campo de golfe vizinho e de uma escola de equitação. Piscina aberta durante todo o ano, ar condicionado. Um apartamento muito bonito, independente, para o proprietário. O dono atual faz mais de vinte mil dólares por ano. Isso depois de deduzidos os impostos. Vamos instalá-lo ali, com ações suficientes para lhe garantir um rendimento vitalício. Há uma boa universidade em Bakersfield, e, depois de estar instalado, talvez queira ensinar lá. Los Angeles é pertíssimo. Concertos excelentes, bons museus, praias, bibliotecas. . .

— Vocês não se esquecem de nada.

— Quanto a Tamara. . . — A menção da filha provocou uma reação óbvia. — Quanto a Tamara, quatro anos em Curtis, Peabody ou Juliard. Fará um curso superior.

Kuznetov abanou a cabeça e puxou as sobrancelhas com os dedos:

— Esta noite não encontro respostas para lhe dar.

— Então amanhã — disse Nordstrom.

Boris olhou para os olhos severos do outro. Sim, agora Nordstrom era todo ele o homem prático que sabe negociar.

— Penso que isso é um ultimato — disse Kuznetov.

— Mais ou menos — respondeu Michael. — Há mais de seis meses que você tem feito o que quer. Do ponto de vista profissional, eu estaria pronto a continuar assim mais seis meses ou um ano.

— E do ponto de vista pessoal?

— Estou farto de você. Abusou deliberadamente do fato de nós não aterrorizarmos ninguém.

— E a minha alternativa?

— Documentos e dinheiro para um táxi até o aeroporto mais próximo. Passagens para a cidade da sua escolha e dinheiro para um mês. Daí em diante, amigo, fica sozinho. Viva nas sombras e no terror do momento em que o KGB o liquide. Não pode lançar a culpa sobre ninguém, apenas sobre você mesmo. Pediu para falar com Devereaux. Depois se esqueceu convenientemente do motivo por que o queria ver. Pode ser que ele consiga esconder a informação dos seus superiores em Paris, durante uma semana ou um mês; porém, mais cedo ou mais tarde, o SDECE tem de ser informado. Logo que a notícia chegar a Moscou, o

seu valor para nós desce abaixo de zero.

— Compreendo — disse Kuznetov com dureza.

— Você já planejou um número suficiente de liquidações para saber que espécie de *gangsters* são os membros do KGB. Não lhes deve nada.

A porta de tela fechou-se com estrondo quando Nordstrom saiu.

Kuznetov tinha esgotado a paciência dos americanos. Mas, mesmo assim, quanto tempo mais os americanos estariam dispostos a esperar? E quanto tempo mais ele agüentaria a infelicidade de Olga e Tamara?

Ficou olhando para os modelos, e depois varreu-os do banco com as costas da mão, fazendo-os cair no chão.

Viu Olga entrar lentamente na sala, com uma expressão dura na face.

— Ouvimos tudo — disse ela. — Tamara traduziu-me as propostas de Nordstrom.

— Não quero falar no assunto esta noite.

Olga acompanhou-o ao seu passeio através da sala, até a parede o fazer parar, e continuou a falar-lhe sem que ele se voltasse:

— Você nos jurou que se conseguíssemos fugir teríamos uma vida decente. Nunca tivemos uma vida boa, Boris, exceto aqueles momentos que conseguíamos roubar para ir a um concerto, ou museu, ou restaurante no Ocidente. Olhe para a sua filha! É uma jovem e quer viver! Que vida você pode dar a ela a partir de amanhã? Escondidos, aterrorizados! Não vê a diferença entre essa gente e a nossa? Iam matar você na Rússia!

— Pare com isso, Olga!

— Boris — disse ela, pela primeira vez num tom de desafio, em toda a sua vida —, tem de dizer tudo aos americanos.

— Não... nunca... nunca!

Tamara estava parada junto à porta, com os olhos cheios de lágrimas.

— Papai, fui educada como boa comunista e também amava a Rússia. Amei a Rússia até o momento em que me ordenaram que o espionasse e o denunciasse. Eu o amo, e mamãe ainda mais. Desde que descobri que eles tencionavam matá-lo, comecei a odiá-los. Ah! Sabe como é a vida aqui neste país? Quem me dera vivê-la! — Ajoelhou-se junto ao modelo de mulher caído no chão, que tinham feito para ela. — Gostaria tanto de ser assim!

As lágrimas corriam pelas faces de Boris.

— Boris — disse a mulher —, você tem que falar com os americanos. Tamara e eu não queremos passar a nossa vida numa fuga constante.

Estava entre a espada e a parede. A escolha era clara. O grande segredo que

guardava dentro de si seria revelado.

O segredo de Topázio.

Capítulo 11

— Michele, minha querida!

André abraçou a filha e beijou-a nas faces. Robespierre, um *poodle* miniatura, perfumado, de coleira cravejada de pedras falsas e de pêlo cinzento, latia e pulava. Picasso, um sabujo tristonho, fincou as quatro patas no chão e abanou a cauda com tanta força que todo seu corpo se pôs em movimento.

André afastou-se um pouco de Michele, sem a largar, olhou-a e sorriu. Andaram pela casa, subiram a escada, abraçados, trocando as habituais impressões dos reencontros. Na universidade estava tudo ótimo. Havia poucas peças boas em Nova York, mas a Comédie Française daria uma série de espetáculos.

— Acha que poderia vir assistir a algumas peças, papai?

— Quem me dera, mas detesto prometer. O trabalho. . .

— Prometa. E eu prometo não ficar desapontada se não puder vir.

— Nesse caso, prometo fazer o possível.

Michele entrou para o quarto, a fim de se preparar com perfeição para o banquete franco-americano da Legião de Honra, na Embaixada da França.

Como era muitos anos mais velha do que a filha, Nicole tinha começado os preparativos duas horas mais cedo. A tensão de Nicole era evidente e Robespierre refletia esse nervosismo nos seus saltos ininterruptos. Nicole trabalhava meticulosamente, depilando as sobrancelhas, desenhando uma linha à maneira de Da Vinci, com toda a perícia, e pondo creme nas rugas.

André resmungou um olá e retirou-se para o seu santuário. Enfiou o roupão, preparou um *bourbon,* instalou-se na poltrona de couro e abriu a pasta.

Chegara o momento da busca microscópica. O trabalho enervante e nada romântico necessário a um agente secreto num dia que nunca mais acabava, utilizando quantidades de energia impossíveis de calcular.

Nas horas do crepúsculo, muito depois de os escritórios fecharem, quando os outros homens desfrutavam de uma pausa para descanso, ele começava outra fase do trabalho do dia. Estudava os recortes de uns cinqüenta jornais e revistas de dez países. Havia montes de memorandos, comunicados e cartas chegados nas últimas transmissões, que podiam ou não representar uma futura ação.

Colocou a cesta de papéis junto da poltrona, fez uma festa em Picasso e

começou a ler os recortes com a velocidade espantosa de olhos altamente treinados. A maior parte foi parar na cesta. Alguns foram marcados e guardados.

O que é que ele estava procurando? A concessão de um novo contrato do governo. Uma rebelião na África. Movimento de navios. Transferência de pessoal militar. Publicação de um estudo técnico. Em qualquer parte, ou em parte alguma, talvez estivesse a chave que pudesse preencher um espaço do grande enigma, eterno e sempre em movimento.

A porta do quarto de Nicole abriu-se com estrondo. Robespierre foi enxotado para o quarto dele: — Fique com ele, André. Está me aborrecendo.

O animal deu uma corrida e saltou para o colo de André, que o empurrou para o chão como se fosse uma mosca importuna. Depois de uma segunda e de uma terceira expulsão, Robespierre fez uma expressão aniquilada e sentou-se no chão ao lado do sempre sereno Picasso. Picasso ergueu um focinho triste, cheirou o perfume do outro e afastou-se com desprezo.

De onde estava, André podia ver Nicole sentada em frente à penteadeira, olhando preocupadíssima para o espelho por causa de uma ruga que não existia na véspera, e aplicando com astúcia a beleza guardada em caixas e frascos.

Michele entrou de roupão e procurou qualquer coisa no sortimento de cosméticos da mãe. As duas conversavam rapidamente à medida que se aproximava a hora da verdade.

"Dois enfeites iguais", pensou André. Michclc era a mãe há vinte anos. Bebeu o *bourbon* em pequenos goles, observando as duas se ajudarem no ritual do penteado.

Daí a pouco, aquele imbecil, aquele estúpido, aquele grande burro do Tucker Brown IV subiria as escadas para acompanhar Michele. O que tornava Tucker insuportável eram os cem milhões de dólares em navios da fortuna Brown. Negociantes ianques, ou coisa parecida. Tucker Brown IV, cabelo cortado à marinheiro, aluno de Princeton, futuro membro do Departamento de Estado.

"Se pertencesse ao meu pessoal", pensou André, "eu não teria a menor confiança nele.

"Mas. . . Michele gosta dele. Ou melhor, acha-o suficientemente bom para marido.

"Se Tucker Brown IV se devotar ao trabalho e a família der bastante dinheiro para as campanhas políticas, talvez consiga chegar a embaixador em alguma ilha, daqui a uns dez anos.

"Mas a minha Michele. . . Ela é que é um bom partido! Francesa, muito bom gosto, uma *hostess* magnífica, poliglota, muito chique.

"Talvez não seja um casamento tão ruim assim. Deus permita que ninguém me considere um esnobe", desculpou-se André. "Mas gostaria que Michele arranjasse um namorado com quem eu pudesse conversar." Passou-lhe pela mente a idéia terrível de Michele Devereaux apaixonada por um intelectual pobre. "Talvez eu seja esnobe. Uns anos com Tucker, um filho, um divórcio, e uma boa pensão! Em que diabo estou pensando?! Afinal, todo homem só quer o que é melhor para a filha. E ela merece."

— André?

— Que é?

— Acabe de se aprontar, querido!

Dirigiu-se ao cofre, dentro do armário, e guardou o conteúdo da pasta. Depois foi para o banheiro, onde utilizou a engenhoca da moda, um barbeador de pilha. "Que espertinhos, estes americanos", pensou ele. "Como é que conseguem produzir imbecis como Tucker Brown IV?"

Fez a barba pensando na sua perigosa situação. As palavras que trocava com o Embaixador René d'Arcy tornavam-se cada vez mais ásperas. D'Arcy era fiel ao presidente, o General Pierre La Croix. Também ele, André, fora partidário de La Croix, mas aderira àquele círculo cada vez menor de pensadores independentes, detentores de cargos diplomáticos superiores. André tinha levado as suas atitudes pró-americanas até o limite, e observava, impotente, a derrocada contínua das relações franco-americanas.

No entanto. André Devereaux mantinha uma posição de força singular dentro da Embaixada. A sua integridade como francês pairava acima de qualquer suspeita. Por outro lado, era muito considerado pelos americanos. Se o SDECE se intrometesse nas funções de André, seria para deteriorar ainda mais as relações com os americanos. Ainda conservava grande utilidade para Paris como negociador honesto.

Entrou no banho.

O caso de Kuznetov de novo o colocava bem no meio de uma situação incômoda.

Quanto tempo poderia ficar sem comunicar o que sabia sobre o desertor aos seus superiores em Paris?

Toda vez que tomava a decisão de telegrafar ao Serviço Secreto francês lembrava-se do aviso do russo, e isso justificava um novo adiamento.

Saiu do banho.

De repente pensou ouvir a música que Tamara sempre estava tocando quando ele entrava em Camp Patrick. Tamara Kuznetov. Que diferença entre as duas moças.

A garota russa ainda estava por lapidar e não tinha nem um miligrama de sofisticação. Devorava livros desesperadamente, vivia a sua música com profundidade e sonhava poder ensinar ou tocar numa orquestra sinfônica, Não havia futilidade nela. Uma vida de contribuição construtiva. Talvez a sua pequena Michele tivesse muito que aprender com ela.

Afinal, que seria da vida de Michele? Um bom casamento com um homem rico, a vida no meio de pessoas in-dolentes. Deus a livrasse de ter de trabalhar para viver. Mas era ele o culpado. Nicole e ele. Foi assim que criaram Michele. Quais seriam os valores de Michele, de onde ela tiraria forças num momento de crise?

Resmungou por não ter quem o ajudasse, enquanto se entregava ao trabalho de abotoar a camisa até o colarinho, colocar a gravata, os suspensórios, a faixa.

Sem se ver ao espelho, André pôs os óculos de aros grossos que utilizava quando tinha os olhos fatigados, e começou a ler os jornais de Washington e de Nova York.

Cerca de uma hora depois as duas mulheres estavam prontas e entraram no quarto de André ao mesmo tempo.

— Estão maravilhosas! As duas. Por que é que eu tenho tanta sorte?

Deu um beijo na face da mulher, impulsivamente. A campainha da porta tocou. Era aquele idiota, Tucker Brown IV, americanamente pontual.

André deu-lhes o braço, e partiram para o jantar da Legião de Honra, a fim de preservarem e defenderem a glória da França.

Capítulo 12

Há quem diga que o grande palacete onde está instalada a Embaixada da França, em Kalorama Road, é ainda mais esplêndido do que a Casa Branca. Este ponto seria difícil de debater nesta noite em que se realizava o jantar da Legião de Honra.

Uma fila de automóveis, do comprimento de dois quarteirões, passou pelo cordão de policiais à entrada do prédio e desembarcou os passageiros mais elegantes da época diante das portas de ferro maciço.

Ia ser travada uma batalha delicadíssima nessa guerra chamada protocolo. Escolhidos os partidos, quinhentos combatentes. Duzentos americanos dos mais altos cargos diplomáticos, culturais, militares e políticos, de Washington, contra duzentos outros indivíduos da nata das colônias francesas de Washington e Nova York. Mais uns cem desgarrados de primeira categoria, de outras nações, também lá estavam com o habitual contingente de penetras hábeis, cuja única comida era a que conseguiam surripiar nos coquetéis de Washington, noite após noite.

A França, na verdade, travava esta noite uma guerra sutil para preservar, defender e perpetuar as lendas da superioridade francesa, sendo o seu exército alguns milhões de parisienses com as bandeiras um pouco rotas e desbotadas. O que faltava em número era compensado pelo zelo e arrogância dos parisienses.

André e Nicole entraram no vestíbulo. Na extremidade do grande salão, o embaixador e Mme René d'Arcy recebiam os convidados junto a uma cômoda Luís XV. Uma série de adidos pairava por ali, muito elegantes, colhendo os muito importantes na fila de convidados, e levando-os sem esforço diretamente ao embaixador e à embaixatriz.

Claire d'Arcy cintilava sob uma extrema elegância. René d'Arcy, um homenzinho pequeno, vivo e redondo, cumprimentava os convidados como se fossem filhos pródigos. Tinham criado um protocolo significativo, diferente de muitas das recepções frias e aborrecidas de Washington. Sim, os franceses podiam ensinar-lhes algo sobre o protocolo.

Michele e Tucker Brown IV dirigiram-se para a varanda relativamente sossegada, coberta por um toldo. Dava para os vastos gramados nos fundos da Embaixada.

Aí caíram na primeira subdivisão de pedantes e penetras. Era o grupo inferior da ordem dos esnobes. Eram os pseudo-sofisticados — os que se diziam conhecedores dos vinhos e comidas da França (americanos, na sua maioria).

O duelo começou com as regras básicas de que só os vinhos franceses

podiam ser considerados. Era apenas necessário decidir qual vinho francês era superior aos outros vinhos franceses.

Mas Tucker Brown IV tinha um gosto horrível. Infelizmente utilizou os mesmos chavões de que se servia no Departamento de Estado. Parecia e agia como um cachorrinho terra-nova, impaciente e descontrolado, que tropeça nas suas próprias patas enormes. Ele defendeu frouxamente o ponto de vista da superioridade dos vinhos alemães. Depois aumentou a gafe ao mencionar o vinho da Califórnia! Os esnobes torceram os narizes desdenhosamente. Michele deu uma risadinha. Um silêncio insuportável foi quebrado por outro membro dessa ordem inferior, um esnobe especializado em comidas.

Então Tucker Brown IV deu outro passo:

— Em Nova York há alguns restaurantes franceses realmente bons, e, quanto a mim, o Rive Gaúche aqui em Washington é formidável.

— Mas, Tucker, esse é mais do que francês. É dirigido por um corso!

Risadas.

A infelicidade continuou a perseguir Tucker Brown IV, que daí a pouco se encontrou no meio de esnobes da língua francesa. O francês falado por franceses era a única língua. O padrão mundial da diplomacia e da cultura.

Então Tucker experimentou um pouquinho de seu francês assassinado. Todos fizeram caretas de sofrimento, e depois sorriram com indulgência.

Mas de resto todo mundo corrompia o francês, a língua dos poetas e da maior literatura humana.

André abafava os bocejos ao perambular de grupo em grupo. Os mexericos esta noite eram mais elaborados que de costume. Como sempre, os americanos eram criticados. No fim de contas, só tentavam desesperadamente imitar os franceses e eram obrigados a fazer um jogo que estes tinham inventado e no qual eram mestres.

Desgraçadamente para a França, pensou André, o esnobismo e a arte de conversar não eram coisas que substituíssem o domínio do mundo. À medida que o domínio americano se tornava mais aparente, as palavras francesas tornavam-se mais ácidas.

Os americanos ficavam submersos em assuntos de arte, literatura, perfume. Paris era o centro do universo, das coisas importantes, tecidos e modas. A França era o árbitro do bom gosto humano, das canções de amor, do cristal, da prata e do equilíbrio político.

Os franceses evitavam com astúcia os contra-ataques em esportes, educação, ciência, produção, democracia e força militar, que na verdade constituíam pontos dolorosos para eles.

Os franceses usavam muitas vezes a palavra "pedante" para descrever certas coisas que não eram francesas. Os americanos teimavam em dizer que Paris tinha os cidadãos mais malcriados e egoístas do mundo.

André estava com fome.

Subiu as escadas até a grande sala de jantar e se serviu nas montanhas de caviar, patê, salmão, suflê de queijo, trufas, folhados, que o faziam pensar em desperdício. André, o homem cansado da Embaixada, rejeitava aquele tipo de funcionalismo de Estado em que metade do tempo do funcionário era gasto em cerimônias e a outra metade em recepções. Esses funcionários não eram os servidores do público, mas sim os seus senhores. Queria ir para casa. Deixara metade do trabalho de uma noite ainda por fazer.

O embaixador dirigiu-se para o Grande Salão, e subiu a escada até a varanda. A orquestra tocou para chamar a atenção. Apareceram convidados que estavam na sala de música, nos salões, no terraço, nos gramados e na sala de jantar. O pequeno e gordo René d'Arcy estava emoldurado por uma bandeira tricolor e por um imenso retrato do Presidente La Croix. Ergueu o copo que tinha na mão:

— Faço um brinde à mais antiga e contínua aliança do mundo ocidental. À amizade entre a França e os Estados Unidos.

Depois destas palavras retirou-se para o Salão Verde, santuário dos muito especiais. Mobília Império, forrada de sedas verdes, em formas egípcias, encimada por coroas napoleônicas. René d'Arcy provocou um silêncio de respeito quando se entregou ao seu famoso ritual de acender um charuto.

Foi-lhe trazido um charuto, com grande pompa, numa bandeja de prata, e a ponta foi cortada com um cortador de prata. Um criado estendeu uma vela num castiçal de prata. Durante uns bons cinco minutos passou o charuto pela chama, de ponta a ponta, aquecendo-o. Sem aspirar o fumo, colocou a ponta do charuto na chama até ela se acender. Ergueu-se um grande "Ah!" de espanto no Salão Verde diante da perícia da execução.

Foi servido Courvoisier Reserve, de cento e cinqüenta anos, e os que estavam no santuário pediram a D'Arcy que lhes contasse algumas anedotas francesas apimentadas, e lhes desse o prazer de imitar Churchill e Hitler.

André encaminhou-se para a varanda com Mollie Spearman, que fora outrora uma pedra semi-preciosa não lapidada, vinda do oeste há uns quinze anos. Agora adquirira o acabamento de uma pedra preciosa lapidada. Mollie e André entendiam-se bem. Um pouco afastada deles estava Nicole, conversando com um jovem adido militar da Embaixada do Canadá.

A sua Nicole não era nenhuma beleza, mas utilizava bem tudo o que tinha, e qualquer homem a acharia desejável. Nicole tinha postura e elegância, e flertava em termos comedidos.

André perguntou a si próprio, como de costume, se ela teria amantes. Era parte do sofrimento infligido pela mãe dele, uma herança da solidão que seu pai suportava como uma ferida aberta.

Não teria trabalho em descobrir se Nicole lhe era fiel ou não, mas isso não seria compatível com sua dignidade. Mas onde acabaria para eles este caminho precário que vinham percorrendo?

Nicole seria dominada pelo desespero de demonstrar que era desejável e realizaria assim a profecia da sua imaginação? Tentara tantas vezes dar-lhe a entender que a amava, mas Nicole nunca escutava ou percebia. Talvez — e ele lhe dissera isso — estivesse tão obcecado pelo fantasma da mãe, que amasse Nicole e, inconscientemente, a repudiasse ao mesmo tempo. Não sabia.

Marsh McKittrick apareceu ao lado dele. Pediu desculpas a Mollie Spearman e afastou-se com Marsh.

— Boris Kuznetov teve um ataque cardíaco. Está no Hospital Naval de Bethesda.

— Essa não! — exclamou André.

— Vou para lá com Mike. Siga-nos daqui a quinze minutos.

— Está bem.

Daí a pouco Marsh McKittrick desapareceu com Mike Nordstrom. Liz Nordstrom estava sozinha junto à porta principal e os viu partir.

Agora ele ia procurar Nicole e faria o mesmo. Pediu a Tucker Brown que levasse Nicole e Michele para casa, apresentou as suas desculpas a René d'Arcy e seguiu os americanos até Bethesda.

Capítulo 13

André entrou no quarto do hospital e se aproximou de Marshall McKittrick e de Nordstrom, em frente à tenda de oxigênio que cobria o corpo de Boris Kuznetov.

Os malares do rosto do russo estavam mais pronunciados devido à sua palidez de cera. Podiam ouvir sua respiração difícil, o sibilar da máscara respiratória, os passos abafados da enfermeira e o choro intermitente de Olga Kuznetov.

Os americanos contraem os maxilares. Os franceses torcem as mãos. Os russos choram sem nenhum embaraço. O rosto largo de Olga Kuznetov estava coberto de lágrimas. Torcia entre os dedos o lenço ensopado e balançava o corpo de um lado para o outro. Tamara estava em pé, junto à mãe. Também chorava, mas sem barulho e com os olhos vidrados.

— É muito grave? — perguntou André.

— É — respondeu Nordstrom.

André deu um passo à frente, e, ao ver Kuznetov mais de perto, apoderou-se dele um pavor medonho. Viu-se deitado na cama, lutando pela vida. Ouviu os gritos de Nicole e Michele. Sim, seria desta maneira. . . Marsh e Mike também estariam no quarto.

"É o fim de todos nós, agentes secretos, espiões", pensou André. "Quem é que escapa?" Seu fim seria numa prisão, num país estranho, ou em uma rua estreita, com uma bala na cabeça? Ou seria causado pela depressão negra que levava tantos dos seus colegas ao suicídio? Ou uma dor intensa no peito? Como é que o Dr. Kaplan a chamava? Narcolepsia. . .

— É preciso que a mulher e a filha de Kuznetov estejam bem instaladas. Arranjem-lhes um quarto aqui no hospital. Digam que faremos tudo que estiver ao nosso alcance — murmurou Nordstrom. — Quero que seis guardas permaneçam aqui. Informem logo, se houver qualquer mudança no estado dele.

— Certo.

André não sentiu Michael bater-lhe no ombro.

— É melhor irmos embora — disse Mike.

André concordou. Cumprimentaram Olga e prepararam-se para sair.

— Esperem — disse McKittrick.

Os olhos de Boris Kuznetov abriram-se. Olhou para eles e ergueu a mão

com dificuldade.

— Não está em condições de falar — aconselhou o médico.

Kuznetov insistiu.

— Só um segundo — disse o médico.

Fazendo um esforço exaustivo, Boris deixou claro que era com Devereaux que queria falar. André ajoelhou-se ao lado da cama. A tenda de oxigênio foi retirada e André colocou o ouvido junto aos lábios do russo.

— Devereaux. . .

— Sim?

— Não deve dizer nada a Paris.

— Por quê?

— Há grande perigo. . . para a França.

— Que perigo?

— Topázio. . . Topázio. . .

A mão de Kuznetov tombou. Fechou os olhos, exausto pelo esforço despendido.

Caminharam ao longo do corredor.

— Que disse ele? — perguntou Nordstrom.

— Algumas palavras sem sentido — respondeu André. — Sem sentido nenhum.

Capítulo 14

Nicole estava sentada no meio da cama de André. Era um desafio. Robespierre tinha o focinho enterrado no estômago da dona, e seus olhos seguiam André com medo e desconfiança, enquanto ele se despia.

Nicole tinha bebido demais, um hábito que estava adquirindo das americanas. "As mulheres americanas bebem demais", pensava André. "Têm de beber para varrer os tabus impostos pelo puritanismo. O amor é mau. O sexo é uma coisa perversa. Por isso bebem para poder fazer as coisas que uma mulher européia aprende a fazer com naturalidade, sem nenhuma sensação de culpa."

Quando bebia demais, Nicole ficava excitada. Nesses dias agia como uma prostituta. Lábio superior diminuído. Dentes superiores à mostra. André despiu-se com uma lentidão deliberada, fazendo Nicole ferver; escovou os dentes durante mais tempo, deixando a água correr com toda a força.

— Michele tomou o último avião para Nova York — disse Nicole.

— Para quê?

— Para estudar para os exames.

Como as mulheres são lógicas! Michele nunca estudara para os exames em toda a sua vida e, se por acaso fosse necessário estudar, bem podia ter trazido um livro ou dois para Washington.

— Mais algum motivo? — André sentiu-se forçado a perguntar.

— Ela precisava de você esta noite.

— E você pode me explicar por quê?

— Ela e o Tucker brigaram.

— Não sabia que o Tucker era capaz de brigar. E continuo não percebendo por que é que ela teve de voltar para Nova York.

— Porque teve uma discussão com o Tucker.

— A lógica dela e a sua são absolutamente iguais. Se Michele teve uma discussão com o Tucker, não é razão para voltar para Nova York, nem para você começar outra discussão comigo.

— Ela precisava de seu amparo.

— Então por que não ficou?

— Não faria a menor diferença. Nunca está em casa quando alguém precisa de você. Também tem havido momentos, meu caro, em que preciso de você.

— Eu reconheço que sou mau marido e mau pai.

— Ninguém disse isso.

— Aonde é que você pensa que eu fui esta noite?

Robespierre saiu do quarto.

— Não é estranho que Mollie Spearman tenha ido embora alguns minutos depois de você? Não foi muito cômodo eu ter que ficar lá até todo mundo ir embora.

—_ Deus do céu, mulher! Quer fazer o favor de calar a boca?

— Você almoçou ou não com ela na semana passada?

— Almocei. Tivemos um encontro secreto na mesa central do maior restaurante de Washington. Precisava de um favor.

— Sim, sim! Ouvi dizer que Mollie é muito liberal quando se trata de conceder favores.

— Muito bem, querida. Você me apanhou. Estou desesperadamente apaixonado por Mollie Spearman e quero que você me conceda o divórcio para eu casar com ela.

Nicole se revirou na cama, pegou um cinzeiro e o atirou contra a parede. Depois tapou o rosto com as mãos e começou a chorar.

— Vá para a cama — disse ele.

— Tive esta noite uma conversa com o Dr. Kaplan. Disse que você corre perigo e que não pode nem deve fazer muito esforço.

— Então é esse o motivo de toda a cena? Além disso, o bom Dr. Kaplan e todos os médicos são pessimistas. O ofício deles é alarmar, dar conselhos que ninguém pode seguir.

— Como é que você pode pedir-me para ficar calada e assistir à sua morte? André, vamos tentar outra coisa. Eles nem mesmo apreciam o que você está fazendo aqui. A Embaixada está cheia de desconhecidos.

— E como você tenciona viver longe deste ar rarefeito?

— Por que não pára de me culpar por uma coisa que você não pode abandonar?

— Claro que você tem razão, Nicole. Receio não poder recuar diante da batalha para a qual me alistei.

— Há pessoas que deixaram o Serviço Secreto e que vivem como seres humanos. Temos muitos amigos. . . e possibilidades. Em Paris, em Washington se você quiser, em Nova York, seja onde for. Talvez até numa ilha das Antilhas.

— Uma ilha das Antilhas — disse ele.

André se estendeu na cama e deu umas pancadinhas no joelho. Ela veio até

ele e os dois se abraçaram.

— Não seria maravilhoso se nos entendêssemos tão bem fora da cama quanto nela? O mal é que a noite acaba e temos de viver o dia-a-dia.

— Enquanto tivermos dia-a-dia. . . — disse ela.

O pensamento de André deu uma fugida até o quarto do Hospital Naval de Bethesda e à palavra obscura: "Topázio". Nunca abandonaria a sua profissão, pois a entrega fora total.

Segunda parte

OS PAPÉIS DE RICO PARRA

Capítulo 1

VERÃO DE 1962

Em Nova York, Rico Parra, alta personalidade do regime de Fidel Castro e chefe da delegação de Cuba nas Nações Unidas, entrou a passos largos numa sala preparada para uma conferência com a imprensa. Sentou-se por trás de uma placa com o seu nome e cargo, e olhou com uma expressão irritada para as câmaras de televisão e para os numerosos repórteres. Os seus olhos negros exprimiam ódio, e a barba preta brilhava sob as luzes artificiais.

— Membros de cor da delegação cubana foram maltratados e insultados pelo pessoal do Hotel Wharton. É uma atitude típica do comportamento revoltante dos imperialistas. O governo de Cuba protesta contra este insulto.

Os lápis deslizaram rapidamente no papel enquanto o tradutor espanhol intervinha.

Rico Parra deu um murro na mesa, e outro, e mais outro, cuspindo veneno e denunciando os ianques com todas as frases costumeiras.

Daí a vinte minutos tinha esfalfado o tradutor, e ele próprio estava rouco.

— Por isso a delegação de Cuba vai mudar-se para West Side, onde seremos bem recebidos e estaremos entre os nossos. Vamos partir imediatamente para o Hotel San Martin.

Os revolucionários barbados e o pessoal feminino, cerca de sessenta pessoas, atravessaram Manhattan a pé, em direção a uma área habitada em sua maior parte por porto-riquenhos e outros americanos de língua espanhola, onde se instalaram no quinto, sexto e sétimo andares de um velho e respeitável hotel.

Durante a década de 20, quando ainda havia segregação racial nos grandes hotéis de Nova York, o San Martin tinha alcançado certa fama como lugar de famosos refugiados políticos das esquerdas, vindos dos países das Antilhas e da América do Sul. Tornaram-se lendárias as reuniões em quartos cheios de fumaça seguidas de tentativas fracassadas de derrubar vários ditadores latino-americanos. A essas reuniões assistiam jornalistas que falavam espanhol e toda

espécie de partidários políticos. Sim, tinham ido todos para o velho Hotel San Martin, e inundado as suas suítes modestamente decoradas.

Além disso, atraía muitos atores e pugilistas latino-americanos. Entre os menos famosos havia um, Benny Garcia, conhecido e lembrado como Sugar Cane Kid. Benny Garcia seguia o padrão habitual dos pugilistas cubanos por ser um peso médio, pitoresco, com um *uppercut* direito medonho, mas decente, e sem grande habilidade para mais nada.

A estrela de Benny Garcia um dia se apagou, como sempre, uns anos depois de ter travado alguns desafios a mais, e seu breve momento de glória deu lugar a homens mais novos e mais fortes.

Sugar Cane Kid ficou em West Side, tornando-se parte integrante do Hotel San Martin, primeiro como leão de chácara e depois como membro do pessoal de segurança do hotel. O hotel e ele foram ficando sem cor e envelhecendo juntos.

Mas Benny Garcia demonstrou ser muito mais manhoso como detetive do hotel do que outrora no ringue. Arranjava sempre algum meio de fazer mais uns dólares. Fazia bom negócio conseguindo garotas para os hóspedes, tinha sempre um quarto à disposição de alguém que precisasse esconder-se e um lugar para jogar dados. Benny entregava encomendas, fazia apostas, e não perguntava nada.

Quando Rico Parra e a delegação cubana chegaram repentina e dramaticamente, o San Martin reviveu um instante da sua glória passada.

Como compatriota cubano, Sugar Cane Kid, de quem muitos se recordavam, podia prestar uma porção de serviços.

O próprio Rico Parra era um tanto purista e virtuoso em excesso. Tinha aquela devoção e sentimento de superioridade que são exclusivos dos revolucionários, e fazia suas jogadas em segredo.

Isso tudo se passava nos primeiros dias da Revolução, e a ardente e tradicional natureza cubana dos outros delegados ainda não fora embotada por esse idealismo. Havia muitos e muitos favores que Sugar Cane Kid podia prestar.

Um dos delegados de mais alta categoria era um tal de Luís Uribe, um tradutor magro, nervoso, que fumava m cigarro atrás do outro. Era secretário particular de Rico Parra.

O aparecimento de Sugar Cane Kid no quinto, sexto sétimo andares tornou-se comum no ambiente indisciplinado e sem segurança da delegação cubana. Uribe foi ao ponto de se tornar amigo do ex-pugilista.

Benny Garcia percebeu rapidamente que Luís Uribe tinha qualquer coisa

que pretendia vender. Talvez Uribe, sabendo que vinha aos Estados Unidos, tivesse contrabandeado para fora de Cuba algumas pedras preciosas. Muitos faziam isso. Talvez Uribe estivesse procurando oportunidade para se passar para o outro lado. Haveria bom dinheiro para quem o ajudasse numa coisa dessas. Qualquer que fosse a intenção de Uribe, Benny Garcia deu-lhe a entender cautelosamente que encontrara um aliado. . . para qualquer coisa.

Uma semana depois de os cubanos terem chegado, Benny estava dando um dos seus passeios costumeiros, entregando recados e arranjando mulheres, quando Luís Uribe o seguiu até o elevador.

— Preciso falar com você.

— Vá ao meu quarto daqui a uns dez minutos.

Benny trancou a porta depois que Uribe entrou, puxou as cortinas esfarrapadas, escurecendo ainda mais o quarto, que já não era claro. Luís Uribe parecia bastante preocupado, diante de uma decisão terrível.

— Tenho de tirar a minha família de Cuba — murmurou ele. — O país está destruído. Por mim, não me importo. Fico lá e vou para a prisão. Mas tenho três filhos e quero que eles tenham uma chance de viver.

Benny achou que a atitude era típica de um pai, e se comoveu com isso, mas seu rosto marcado não mostrou qualquer expressão de simpatia.

— Juntei tudo o que tenho. Posso arranjar um barco, mas preciso de mais dois mil dólares.

— Homem, isso é muita gaita — disse Benny. — muita gaita.

Luís Uribe tremia. Tinha a boca seca e Benny foi buscar um copo de água na torneira que nunca fechava.

— Tenho uma coisa que vale esse dinheiro.

— Talvez lhe arranje comprador. O que é?

Uribe não conseguiu pronunciar as palavras.

— Então?

— Como sabe, sou secretário particular de Rico Parra e tenho acesso ao quarto dele. . .

— Sim. . .

— O que tenho para vender são os documentos que estão na pasta de Rico Parra.

Capitulo 2

Benny Garcia só fazia pequenos trabalhos se os contatos e o preço lhe conviessem. Por exemplo, um marido ciumento queria que o amiguinho da mulher levasse uma boa lição. Ou talvez um tipo quisesse pregar um susto ao sócio. Pequenos trabalhos, desse tipo.

Era amigo do detetive Leeman, encarregado da zona que incluía o Hotel San Martin. Às vezes surgia um malfeitor no território de Leeman, e não tinham qualquer motivo legal para o obrigarem a mudar de residência. Então Leeman falava com Benny e este arranjava as coisas de modo que o tipo tinha de dar o fora. . . e depressa.

Um ano antes o detetive Leeman havia falado a Benny sobre um negócio um tanto esquisito. Era preciso afastar uma pessoa, mas não era profissional do crime. Uma pessoa elegante de East Side, um estrangeiro muito respeitável. O detetive Leeman era amigo, por isso Benny não fez perguntas e executou o trabalho.

O trabalho tinha algo a ver com a detenção de um delegado da Argélia na ONU enquanto outros tipos davam uma busca na casa dele.

As últimas instruções tinham sido dadas por um francês. Benny sabia que os argelinos e os franceses não morriam de amores uns pelos outros, por isso percebeu a coisa. As ordens deviam ter partido de um francês altamente colocado. E pagavam bem.

Benny estudou a proposta de Luís Uribe. Pensou que os franceses já sabiam que ele era um bom executante e talvez fizessem o negócio. Poderiam interessar-se pelos tais papéis que estavam na pasta de Rico Parra.

Foi ao distrito policial procurar Leeman.

— Leeman, como é que eu posso falar com alguém do Serviço Secreto francês?

— O que é que você anda tramando, Benny?

— Tenho uma coisa que talvez lhes interesse. Palavra, não tem nada que ver com você. Juro que não tem.

— O funcionário do Serviço Secreto francês é chamado Representante Especial do Trabalho. Vá à Repartição do Trabalho, na Madison Avenue. O nome do sujeito é Prévost, Gustave Prévost. Tem certeza de que não está me arranjando nenhum problema?

— Palavra, Leeman. Palavra de honra.

— Eu telefono ao Prévost e marco uma entrevista com ele.

Gustave Prévost batia com os dedos abertos uns nos outros e parecia estar sempre farejando algo, a respiração curta e entrecortada.

Benny Garcia relatou a história de Luís Uribe e a sua oferta.

— Ele disse que tem acesso total aos papéis de Parra?

— Disse, sim, senhor.

— E como é possível fazer entrar e sair outras pessoas dos aposentos do cubano?

— Bom, estão desarmados. . . eu mesmo entro e saio quando quero.

— E quanto é que Mr. Uribe pede pelos papéis?

— Dois mil e quinhentos dólares — respondeu ele, acrescentando a sua comissão de quinhentos dólares ao preço.

Afinal, não era muito por um trabalho daquele tipo.

— Onde é que eu posso encontrar você?

— No Hotel San Martin. Tenho um quarto. Estou sempre por ali.

— Vou passar a informação e procurar alguém possa interessar-se. Depois entro em contato com você.

Capítulo 3

Algumas horas depois da entrevista com Benny Garcia Gustave Prévost estava a caminho de Washington, de avião. Assim que chegou, procurou o seu superior, André Devereaux, na chancelaria francesa, em Belmont Road.

André Devereaux detestava Prévost. Era um exemplar daquela praga que tinha invadido e empestado o Serviço Secreto francês. Aceitara o trabalho pelo dinheiro, para ter uma vida fácil, por causa das festas e das recepções que faziam parte dela. Mas sem a convicção, nem o amor pelo país, coisas que não podem faltar ao autêntico agente secreto.

Gustave Prévost não tinha nenhuma dessas qualidades, nem as tinham os tubarões que navegavam nas mesmas águas que ele. A sua habilidade residia nas manobras astutas necessárias para proteger a sua mediocridade. André há muito o teria despedido, mas todos os Gustave Prévost sabem proteger os flancos com uma série de alianças em sua sociedade mútua de sobrevivência. André tinha de suportar um SDECE cheio deles.

Gustave acendeu um charuto com um isqueiro de ouro maciço, deixando à mostra as abotoaduras, também de ouro maciço. Ostentação, num homem com aquela profissão.

— Não me cheira bem — disse ele, franzindo o nariz de um modo cínico. — É uma armadilha. Os cubanos querem apenas nos impingir uma porção de informações falsas.

— Não importa que o conteúdo da pasta de Rico Parra seja verdadeiro ou falso. São documentos que nos oferecem. Temos de aceitá-los. Mais tarde resolveremos se valem alguma coisa ou não — disse André.

Isto, é claro, era o que Prévost queria ouvir, pois agora a decisão era da responsabilidade de Devereaux, e não dele. Se tudo tivesse êxito, poderia creditar o sucesso a seu favor. Se falhasse, poderia mais tarde comunicar a Paris que avisara Devereaux sobre a armadilha.

"Um malandro que quer o meu lugar", pensou André. "O que é que o pobre Gustave vai fazer quando não puder lançar a culpa para cima de outro e tiver de tomar as suas próprias decisões?"

— Vai ser um negócio caro, Devereaux. O nosso orçamento comporta essa despesa?

— Boas informações não se obtêm a preços de liquidação. Por isso, não gaste tanto em porcarias nos próximos meses, Prévost. Talvez um presente a

menos para uma ou outra gentil senhorita. . .

— Está me acusando. . .

— Estou. As suas compras em várias joalherias estão atingindo um montante um pouco exagerado.

Gustave Prévost corou e gaguejou.

— Volte para Nova York — ordenou André, com desprezo —, e eu trato de toda a operação. E, Prévost, aconselho-o a não estragar as coisas na parte que lhe diz respeito.

Capitulo 4

Brigitte Camus bateu e entrou no escritório de André, e percebeu tudo logo que olhou para ele. A testa de André estava coberta de suor. Era um novo ataque.

André lançou-lhe um olhar, pedindo que não dissesse nada.

Brigitte Camus, sua secretária havia dez anos, compreendia, mas deplorava a situação. Avançou devagar até a mesa de André, pronta a desobedecer-lhe e chamar o médico.

— O que é? — perguntou André, com a respiração entrecortada.

— A passagem de Pepe está na National — disse ela. André estendeu a mão com grande esforço, agarrou a caneta e rabiscou algo ilegível, sua assinatura, em cerca de uma dúzia de cartas, telegramas e mensagens cifradas. Brigitte pegou os papéis e se dirigiu para a porta. Depois, voltou-se para ele: — M. Devereaux!

— Não preciso de mais nada.

— Talvez quisesse tomar um cálice de xerez — sugeriu ela, à procura de uma razão para não ir embora.

— Prefiro um *bourbon.*

O primeiro gole o aqueceu e a crise começou a passar. Os olhos de André seguiam-lhe os movimentos, enquanto ela mexia nos papéis para conservar-se no gabinete. Querida Brigitte. Ainda atraente e desejável apesar de ter quarenta e tantos anos. Viúva, com um filho na universidade, e no entanto continuava a ter os seus admiradores. Como boa francesa, aproveitava ao máximo as suas qualidades. Era reconfortante tê-la por perto. Preocupava-se com a saúde dele e era muito delicada.

— Telefone para minha mulher e diga-lhe que chegarei mais tarde.

— Já telefonei.

— Hoje à noite, qual vai ser meu maldito programa?

— Coquetel na Embaixada de Gana. Outro coquetel na Embaixada de Serra Leoa. Amanhã, um jantar em homenagem ao embaixador da Nigéria, que regressa para seu país.

— Semana da África — resmungou André.

Os franceses eram exigentes em questões do protocolo e perdiam um tempo precioso em recepções, mas os africanos ainda eram piores. Os africanos

impunham sua aceitação com um vigor excessivo. O seu jogo de cadeiras diplomáticas musicais nunca terminava. André tinha o lugar logo abaixo de René d'Arcy, na Embaixada, e por isso era muito requisitado para assistir às recepções. E o número dessas recepções havia aumentado cinco vezes nos últimos dez anos graças aos africanos, que ainda se ofendiam facilmente com a ausência das pessoas que tinham sido convidadas.

— Talvez pudesse arranjar alguém para substituí-lo — disse Brigitte.

— A honra da França exige a minha presença — brincou André. — Não preciso de mais nada, Mme Camus.

Ela, no entanto, hesitava.

— Já estou bem. Agora sinto-me ótimo.

Brigitte Camus dirigiu-se para o gabinete do código.

— M. Devereaux, quando é que o senhor vai tirar férias?

— No céu. Espero com ansiedade a primeira noite de sossego que passarei lá. Será a primeira dos últimos vinte e cinco anos.

Ela estava quase chorando.

— Não, não, por favor, não chore — disse ele.

André saiu imediatamente da chancelaria e desceu de automóvel a Massachusetts Avenue, ladeada de embaixadas, legações e consulados, que a tornavam uma rua essencialmente política.

Estacionou o carro perto da Union Station, entrou naquele antro cavernoso e se dirigiu ao acaso para uma cabina telefônica; fechou a porta, tirou do bolso uma porção de moedas e as empilhou como fichas de pôquer. Depois meteu uma moeda e discou o número da telefonista.

— Telefonista.

— Por favor, ligue-me com Miami. Zona 305. É uma chamada pessoal para Mr. Pepe Vimont. O número é 374-1299.

Pacientemente, repetiu as instruções quando ela fez algumas perguntas. Uma chuva de moedas de vinte e cinco centavos caiu dentro da caixa com o ruído de um sino de igreja abafado.

— Bar do Pepe.

— Interurbano para Mr. Pepe Vimont.

— É ele mesmo.

— Pode falar, Mr. Joseph.

— Alô, Pepe? Joseph. Telefonei para lhe dar os parabéns.

O coração de Pepe Vimont bateu mais depressa ao ouvir a voz do homem que conhecia apenas por Joseph.

— A ligação está péssima — disse Pepe rapidamente, respondendo ao código.

— Pode voltar a ligar daqui a dez minutos, para a casa da Eva?

— Está bem.

Pepe desligou o telefone, livrou-se do avental e bateu no ombro do empregado.

— Tenho de sair. Vou demorar uma meia hora.

"É sempre quando a casa está cheia", pensou o outro, mas não disse nada. Realmente não se incomodava muito com aquilo, pois teria a oportunidade de meter alguns dólares no bolso.

Pepe saiu do bar, no centro da zona dos refugiados cubanos em Miami, e percorreu quarteirão e meio até Tamiami Trail, onde atravessou. Um grande anúncio luminoso em quatro cores anunciava um novo tipo de sanduíche — o *Tropicburger.* Na esplanada do *dríve-in,* cubanos de camisas muito brancas bebiam *cafecitos* e falavam depressa e alto.

No estacionamento havia uma cabina telefônica conhecida em código por Eva. Pepe entrou e esperou.

Enquanto isso, em Washington, André Devereaux saiu da Union Station, atravessou a avenida e foi para o Hotel Commodore, onde se instalou numa cabina da qual podia ver os ponteiros do relógio do vestíbulo. Pediu a ligação.

—" Alô?

— Alô. É o Pepe?

— Sim.

— Joseph. Dirija-se à agência de viagens National, no aeroporto, amanhã. Encontrará passagens de ida e volta, em seu nome, para Nova York. É uma viagem rápida. No máximo um dia.

"Ainda bem", pensou Pepe.

— Traga a sua máquina fotográfica Tessina e vários rolos.

— Sim, continue.

André explicou detalhadamente o que Pepe devia fazer em Nova York e como devia entrar em contato com o agente de ligação.

Pepe repetiu as instruções recebidas sem se enganar uma só vez.

— Boa sorte — disse André, e desligou. Saiu do Hotel Commodore e mergulhou na série infindável de coquetéis africanos.

Capítulo 5

Pepe Vimont, cujo nome de batismo era José Lefebvre, era filho do capataz da Fazenda Vimont, em Guadalupe, nas Antilhas francesas.

Quando os pais morreram, M. Vimont, que não tinha filhos, adotou o jovem Pepe e deu-lhe o seu nome.

Estudava em Paris, na Sorbonne, quando a Segunda Guerra Mundial caiu em turbilhão sobre a França. Não fazendo caso do caminho mais seguro, que seria regressar a Guadalupe, retirou-se primeiro para a França de Vichy, onde aderiu à Resistência. Os caminhos da guerra o conduziram à África do Norte, onde os restos da França derrotada se congregavam sob a liderança de Pierre La Croix, para formarem um arremedo de forças de combate e um quase governo.

Pepe, um negro de pele clara e feições delicadas, conseguia passar facilmente as linhas disfarçado de muçulmano. Aprendeu a falar árabe e em breve mergulhava nos antros de Casablanca, na *casbah*[1] de Argel, no Cairo e Dacar, como agente secreto da França Livre.

À medida que a guerra avançava, e quando Pierre La Croix exigiu as possessões francesas nas Antilhas, Pepe foi transferido para aquela região, ainda na qualidade de agente.

O fim da guerra veio encontrar M. Vimont morto e a plantação num estado desesperador de ruína.

Pepe voltou para a França e recebeu novos ensinamentos na escola do SDECE, em Étampes, perto de Orléans. Depois de uma curta missão em Cuba, demitiu-se do serviço e decidiu fixar-se nesse país, obtendo a nacionalidade cubana.

Pepe Vimont foi dos primeiros a fugir de Fidel Castro, emigrando para Miami, onde comprou um pequeno bar na zona sudoeste, entre os refugiados.

Quando sua ficha e seu endereço foram descobertos pelo Serviço Secreto francês, André Devereaux mandou um agente a Miami para entrar em contato com ele. Pepe se dispôs a ficar encarregado de missões especiais para os franceses, a fim de aumentar os seus rendimentos.

Ele gostava de Miami. Era a primeira vez que conseguira parar o tempo suficiente para se casar e constituir família. Sua mulher era uma bonita cubana, tinham um filho e esperavam outro.

Só a voz misteriosa de Joseph quebrava a existência tranqüila da família. De onde vinha aquela voz? Não sabia, nem investigava. Mas o homem cujo nome em código era Joseph conseguia fazê-lo partir como uma seta para a

Argentina ou para as Antilhas.

Desta vez era estranho, muito estranho. Era sua primeira missão dentro dos Estados Unidos.

Capítulo 6

O DC-7 da National, do vôo da tarde, desceu em Idlewild às quatro horas. Pepe Vimont percorreu com os olhos um exemplar do *Ebony,* enquanto o ônibus do aeroporto atravessava o túnel em direção ao terminal de East Side, centro de Manhattan.

Começou então a seguir as instruções que Joseph lhe dera pelo telefone no dia anterior, indo a pé até a Livraria Doubleday, na Rua 42.

— Tem o disco de Roger Williams, *Songs of the fabulous forties?*

— Tenho, sim, senhor.

Pediu ao empregado que pusesse o lado um, quinta faixa, e escutou um minuto do *Concerto de Varsóvia.* Pepe ouviu com atenção os sons vibrantes de Roger Williams, comprou o disco e saiu.

Estava feito o contato.

Um agente que ele conheceria pelo nome de Maurice seguiu-o enquanto ele subia a Quinta Avenida e a atravessava para o Central Park, em frente ao Hotel Plaza. Sentou-se num banco, acendeu um cigarro e ficou observando as pessoas sofisticadas de Nova York, que entravam no Plaza para tomar coquetéis, e turistas românticos passeando pelo parque, nas carruagens antiquadas. Um sol vermelho e enorme desapareceu de repente no rio Hudson, cobrindo o parque de sombras.

Um homem de aspecto indefinido sentou-se na outra extremidade do banco, tendo na mão, também, um envelope da Livraria Doubleday.

— Desculpe — disse ele. — Creio que deixou este embrulho no balcão.

Pepe olhou vagamente para ele, aceitou o envelope e o abriu. Continha um volume, o *Chapman report,* de Irving Wallace.

— Sim, é meu. Obrigado.

— O senhor se chama Leonard?

— Sim — respondeu Pepe. — E o senhor é Maurice.

O homem concordou.

— Siga-me a distância.

Pepe manteve um intervalo de algumas dezenas de metros, enquanto Maurice se dirigia para East Side, ao longo da Segunda Avenida. Depois de

certificar-se de que não estava sendo seguido, entrou por uma porta, onde estava escrito: GARAGEM RITE WAY. ALUGUEL DE VAGAS POR MÊS Pepe subiu um caminho estreito ao lado da rampa, até o primeiro, segundo e, finalmente, último andar, e perscrutou na escuridão pontilhada de brilhos metálicos. Nos fundos da garagem uma luz acendeu-se e apagou-se várias vezes. Pepe procurou caminho entre os automóveis até o ponto em que Maurice o esperava e sentou-se ao lado dele dentro de um carro.

Maurice abriu o porta-luvas, retirou dois maços de dinheiro, e deu-lhe instruções rápidas e precisas, que Pepe repetiu.

— Trabalha com uma Tessina?

— Trabalho — respondeu ele, mostrando a máquina presa ao pulso como um relógio.

— Se tudo correr bem, deve sair de Nova York às oito horas.

— Esplêndido.

— Logo que terminar o trabalho, tome um táxi para o Aeroporto La Guardiã. Compre uma sacola da TWA e meta dentro o rolo de filmes. Estarei à sua espera junto à banca de jornal do centro e estarei também, com uma sacola da TWA. Faremos a troca junto à estante de livros de bolso.

Pepe meteu as notas na algibeira e abriu a porta.

— Boa sorte — disse Maurice.

— Obrigado.

Capítulo 7

André olhou para o relógio, enquanto Nicole aplicava os intermináveis retoques finais.

Como em qualquer plano desses, perguntou a si próprio se, quando e como teria havido alguma lacuna. Talvez fosse um erro pôr os papéis num avião, mas tinha de tirar Pepe de Nova York o mais rapidamente possível. Se os americanos suspeitassem do que estava ocorrendo, talvez o acusassem de espionagem ou, na melhor das hipóteses, talvez ficassem muito zangados por ele não os ter prevenido anteriormente. Além disso, queria que o rolo de filme saísse de Nova York, porque não tinha confiança naquela besta, Gustave Prévost.

Era a espera, sem saber nada, que provocava a tensão. "Pepe é bom", pensou André. "Para que estou tão preocupado? De qualquer maneira, só posso aguardar."

Nicole entrou. Elogiou-a, beijou-a, saíram de casa e partiram no automóvel.

Os pensamentos de André concentravam-se no conteúdo da pasta de Rico Parra. Seria uma grande sorte se não se tratasse de falsificações. Rico Parra havia voltado há pouco tempo de uma conferência em Moscou, em que diversos acordos novos tinham sido negociados. Certamente trazia documentos para discutir com os chefes soviéticos, enquanto estavam todos em Nova York, nas Nações Unidas.

— Michele telefonou hoje. Está muito triste por causa da discussão com Tucker.

— Hã...?

Michele. . . discussão. . . Tucker. . . Sarah Lawrence. . .

"Não tem importância para ele", pensou Nicole. "Eu não tenho. Nem a filha. Parece desligado, indiferente, em outro mundo. E nunca me deixou ser parte de sua vida."

— O que é que você falou, querida?

— Disse que os Yankees de Nova York perderam para os Redskins de Washington.

André parou no cruzamento da Wisconsin com a Rua M, onde o encarregado do estacionamento os saudou familiarmente, e Blaise, o dono do Rive Gauche, os acompanhou desde a porta de entrada.

Essa noite haveria um jantar íntimo de seis pessoas. Eram todos da ININ. Os correspondentes italiano e alemão e as respectivas mulheres. Os italianos eram suportáveis. Um casal idoso e monótono que tinha um rebanho de filhos. O barão e a mulher eram diferentes. Em resumo. André detestava a maioria dos alemães, e o barão não era uma exceção à regra. Só um compromisso social podia obrigá-lo a compartilhar uma mesa com um alemão.

A mulher do barão aborrecia Nicole. Era Um verdadeiro bolinho, teria uns vinte e poucos anos, o corpo ainda não desfigurado pela maternidade. Exibia orgulhosamente os seios fartos. Bem, pensou Nicole, não era de admirar que mantivesse aquecidas várias camas em Washington. O barão era um fiasco completo e total. Nicole pensou se André já teria dormido com mulheres alemãs, ou com esta em particular.

Aproximaram-se da mesa. O barão e o italiano levantaram-se, sorrindo. A mão de Nicole foi beijada e André beijou as mãos das outras duas senhoras.

"Olhem só", pensou Nicole, toda sorrisos. '"E reparem naquele vestido decotado até a cintura."

André olhou outra vez para o relógio. Pepe Vimont já devia estar num táxi, a caminho do Hotel San Martin.

Capítulo 8

— Ah! Meu Deus! gemeu Benny Garcia, fazendo o sinal-da-cruz.

Há muitos anos que não fazia isso. Ao entrar no ringue costumava persignar-se. "E se alguma coisa sair mal?", pensou ele. "Nunca me devia ter metido numa coisa destas. Esses sujeitos do Serviço Secreto são perigosos."

Moveu o pescoço para ver se o nó que sentia na garganta passava. Benny Garcia sentia-se nauseado e a transpiração umedecia seu lábio superior. Era como naquela noite em que lutara com Lupe López. Sentia-se rígido e não conseguia libertar-se dessa sensação. Se tivesse conseguido avançar para Lupe López, talvez tivesse sido possível dar-lhe um soco. Mas Lupe castigara-o ininterruptamente durante cinco *rounds*, até o árbitro acabar com aquilo. Todas as cicatrizes que ostentava, ou quase todas, provinham daquele combate.

Sugar Cane Kid sentia agora aquela mesma rigidez em todo o corpo. Girou no banco do balcão do café em frente ao Hotel San Martin.

"É ele!", pensou Benny, quando Pepe Vimont entrou. "Sim, é ele mesmo! Saco de papel da Doubleday e gravata verde."

Pepe descobriu uma mesa vazia, pediu um *milk shake* e ficou esperando.

Benny sentou-se à sua frente e colocou sobre a mesa um maço de Players. Pepe pegou no maço e viu lá dentro uma nota de dois dólares dobrada, e devolveu os cigarros ao dono.

— Benny Garcia?

— Escute — disse Benny muito depressa, segurando Pepe pela manga do casaco. — Há qualquer coisa correndo mal.

— Calma. Não ponha as mãos em cima de mim. Fale mais baixo e devagar.

Benny inspirou fundo uma meia dúzia de vezes.

— Rico Parra devia ir a uma recepção no hotel dos russos. Por isso é que combinamos esta noite. Luís Uribe poderia entrar no quarto com a maior facilidade. Mas Rico está doente. Está no quarto, gemendo e vomitando. Montes de pessoas entram e saem do quarto, como loucos."

— Uribe não pode ir buscar os documentos durante essa confusão?

— E se o apanham?

Chegou o *milk shake.* Estava aguado. Pepe procurou a bola de sorvete com uma colher.

— O que é que você e Uribe combinaram?

— Precisa de dinheiro, por isso diz que vai tentar levar os papéis para o meu quarto, aconteça o que acontecer.

— Ótimo. Então vamos até lá, esperar por ele.

O rosto de Benny Garcia, marcado pelo boxe, contorceu-se de medo.

Rico Parra estava ao telefone, de roupão, e dava palmadas na testa e berrava com seu interlocutor. O chão estava juncado de jornais, garrafas vazias e pratos com restos de comida. Rico desligou o telefone com estrondo, começou a andar de um lado para outro do quarto, fumando um charuto e tendo acessos de tosse de vez em quando.

— Quero o médico!

— Um médico — repetiu meia dúzia de subalternos, e um deles saiu correndo.

Entrou um garçom no quarto, com licença dos guardas que estavam no corredor. Empurrou a mesinha de rodas para diante do grande homem. Rico Parra deixou-se cair numa cadeira, frente à mesa. O criado levantou a tampa da terrina e começou a deitar conchas de sopa numa tigela. Rico examinou a mesa:

— Pedi Coca-Cola! Onde é que está a Coca-Cola?

Luís Uribe tinha entrado no quarto sem ruído, dirigira-se para a secretária de Rico, que conhecia muito bem, e começara a reunir os papéis que estavam sobre o tampo.

— Vou trazer a Coca-Cola, senhor — disse o garçom.

— Fala espanhol?

— Falo, sim, senhor. Sou porto-riquenho.

Rico ergueu-se e colocou a mão no ombro do garçom.

— Não me chame "senhor". Não há criados em Cuba. Há apenas servidores da Revolução. Você é meu *companero* e um dia será libertado. Traga-me uma Coca grande.

— Sim, senhor.

Luís Uribe dirigiu-se para a porta.

— Uribe! — gritou Rico.

— Sim?

— Aonde é que você vai com esses papéis?

— Fazer as traduções e tirar notas para a reunião de amanhã com os delegados soviéticos.

— Já lhe disse para trabalhar aqui e nunca levá-los para fora do quarto.

— Mas é que você ia jantar fora, e agora está doente. Como é que eu posso trabalhar com este barulho? Não acabo a tempo.

— Bem. . . está bem... vá para o seu quarto, mas tenha cuidado. Hernandez, vá com ele.

Luís Uribe atravessou o corredor, tentando desesperadamente descobrir o que faria, enquanto Hernandez o seguia e fechava a porta depois de entrarem.

Uribe pôs os papéis sobre a mesa e acendeu a lâmpada. Talvez telefonasse a Benny. Não, isso seria muito arriscado.

Rabiscou uma nota no bloco. Céus! Precisava daquele dinheiro. Decidira fazer aquilo quando soubera que vinha à América.

Talvez tentasse negociar com Hernandez. Mas isso podia custar-lhe a vida. Hernandez era enorme para um cubano. Um rufião com força idêntica nas duas mãos, e guarda-costas dedicado de Rico Parra.

Passaram-se alguns minutos enquanto fazia a tradução, apático. Durante quanto tempo Benny Garcia ficaria esperando?

Hernandez estendeu-se no divã, do outro lado do quarto, e começou a folhear uma edição espanhola da *Life.* De repente atirou a revista para o lado e, de pé, espreguiçando-se, disse:

— Que chatice!

— Quê? O que é que aconteceu, Hernandez?

— Nada.

— Então fique quieto enquanto eu trabalho.

— Rico é meu *companero.* Sou capaz de fazer por ele, mas às vezes fico pensando. Nunca temos noite livre. Nem pensa nisso. E depois julguei que fosse ao jantar dos russos, esta noite. Por isso pedi ao Benny que me arranjasse uma mulher, e ela está à espera no meu quarto. Desde que chegamos a Nova York ainda não tive uma mulher. Quanto tempo leva isso aí?

— Até depois da meia-noite.

— Que chatice!

Hernández estalou os nós dos dedos, e depois telefonou para o seu quarto.

A mulher ainda estava lá. Desligou, escondeu a cara entre as mãos e lamentou-se: — Não espera. Tem de ir para casa daqui a uma hora. Filha da puta.

Luís Uribe, um homem que tinha sempre vivido num estado de tensão nervosa, mostrou de repente uma calma que nem sequer sabia que possuía. Tirou os óculos, afastou os papéis e olhou com cara de professor severo para Hernandez.

— Hernández, vou lhe fazer um favor. Eu deixo você ir para o seu quarto se você me prometer estar de volta daqui a quarenta e cinco minutos.

Hernández levantou a cabeça, incrédulo.

— Você é homem que precisa de mulher.

— Está falando sério?

— Claro.

Hernández abraçou Uribe com a força de um urso.

— Que amigo! Julgava que você era uma velha rabugenta!

— Mas tenha cuidado, pelo amor de Deus — disse Uribe.— Se Rico descobre. . . ficamos os dois em maus lençóis.

Hernández colocou um dedo sobre os lábios, numa promessa solene, abriu a porta, mandou um beijo para Uribe e saiu para o encontro amoroso.

Uribe começou a tremer. Os papéis batiam uns nos outros enquanto os juntava e metia dentro do *New York Times* do dia.

Benny Garcia trancou a porta do quarto assim que ele entrou.

— Julguei que nunca mais apareceria. Ia desistir.

— Não temos muito tempo — disse Uribe. — Só meia hora.

— Os documentos — ordenou Pepe Vimont.

— Aqui. . . estão aqui. . .

— Estenda-os depressa no chão.

Pepe tirou a máquina fotográfica do pulso, ajoelhou-se, arrumou o foco e tirou fotografia após fotografia com a calma e a precisão de um atirador de categoria.

— Pode juntá-los.

Entregou o dinheiro a Benny Garcia e saiu rapidamente do Hotel San Martin.

As sacolas da TWA foram trocadas no Aeroporto La Guardiã. Maurice apanhou o avião das oito horas para Washington. Logo que o sinal para apertar os cintos de segurança se apagou, Maurice foi ao banheiro dos homens e colocou o rolo num pequeno saco de plástico que meteu no cesto das toalhas usadas.

A vinte minutos de Washington um agente chamado Michot entrou no banheiro e apanhou o rolo de filme.

As bananas flambadas estavam cobertas por uma espiral de fogo. Quando os pratos estavam sendo servidos delicadamente, o trabalho foi interrompido por Jeanine, a *hostess,* que levou André ao escritório do restaurante.

— Devereaux — disse André ao telefone.

— Fala Brigitte Camus. A carta que esperava já chegou.

Capítulo 9

A finca[2] [1] San José estava situada a meio caminho entre Havana e San Julián, e não muito longe de Pinar del Rio. Tinha sido uma propriedade imensa, pertencente a uma única família, e fora repartida pela Revolução cubana entre centenas de famílias de pequenos lavradores que haviam trabalhado ali em condições feudais durante várias gerações.

Com os velhos senhores expulsos da ilha, a Revolução entregara a terra ao povo com grande alarido. Pessoas importantes de Havana, chefes distritais de Fidel Castro, novos comissários agrícolas, caíram todos sobre a *finca* San José.

Documentos impressionantes cheios de timbres, selos oficiais e assinaturas floreadas foram entregues aos camponeses, como certificado de que a terra era agora deles, para sempre.

Discursos e comemorações que duraram uma semana louvaram a Revolução.

E os oradores partiram. E a *finca* foi invadida por uma raça de burocratas.

Foi construída uma casa-modelo. Era a precursora da uma aldeia inteira que seria construída um dia.

Foi levantada uma escola. A primeira da história da *finca.* Outras se seguiriam. . . algum dia.

Foi estabelecida uma comuna, onde qualquer pessoa podia apresentar as suas queixas. Tinha sido prometido o céu na terra.

Mas, quando o calor do verão se abateu sobre o lugar, os camponeses verificaram que os novos burocratas tinham apenas substituído os antigos. No começo, a ilusão se manteve, pois os pequenos proprietários tinham vivido sempre tão desesperados que não queriam acreditar que as coisas pudessem ser piores do que antes da Revolução. Mas eram piores. As cotas de produção sempre crescentes impunham um trabalho para além de toda e qualquer capacidade.

Comentavam entre si sobre os documentos de propriedade, e chegaram até a procurar alguém fora da *finca* que pudesse ler e escrever.

Os documentos diziam que nenhum lavrador podia vender ou arrendar sua terra. Como é que não se pode vender algo que nos pertence?

Os documentos diziam que a terra tinha de ser trabalhada diligentemente e

as cotas de produção tinham de ser alcançadas, senão o proprietário corria o risco de ser preso.

Os documentos diziam que a terra tinha de ser cultivada pelo filho mais velho, depois da morte do pai. Essa escravatura eterna era a definição de propriedade da Revolução.

Era evidente que continuavam a ser servos. A *finca* San José e centenas de outras aldeias libertadas em Cuba secaram apaticamente e se transformaram em ruínas, em viveiros de animais daninhos.

Um dia uma grande fila de caminhões feitos na Tchecoslováquia apareceu em frente aos portões da *finca.* Na maior parte os caminhões estavam vazios. Outros estavam cheios de soldados.

Foi tocado o sino de alarma da aldeia, e os homens acorreram dos campos de cana-de-açúcar, com facões na mão, as mulheres, das cabanas e dos engenhos de açúcar, e as crianças, da nova escola que pouco mais ensinava do que a Revolução. Foram levados para a praça da aldeia, agora denominada Plaza de la Libertad, e um funcionário de Fidel Castro falou-lhes de cima de um caminhão. Leu um documento de palavreado tão impressionante quanto os documentos de propriedade.

O documento dizia que para bem da Revolução a *finca* San José ia ser evacuada. Não explicou qual o motivo. As famílias tinham uma hora para juntar os seus pertences, que não deveriam exceder duas malas ou pacotes. Em seguida, deveriam subir para os caminhões a fim de serem transferidas para outro local. Foram dispersadas com o *slogan* da Revolução, "Pátria ou Morte", ainda a ressoar-lhes nos ouvidos.

Essa *finca* San José não era grande coisa, mas era o único lar que qualquer um deles jamais tinha conhecido. Não havia tempo para lágrimas e sentimentalismo! Subir para os caminhões e andar! Viva a Revolução!

Entre os papéis de Rico Parra havia um documento complicado descrevendo os termos do pacto cubano-soviético, que tinha sido negociado antes em Moscou. Rico Parra ainda devia entregar aos soviéticos certos pormenores durante a reunião da ONU, em Nova York.

André Devereaux. achou muito curiosa a repentina evacuação da *finca* San

José e a sua entrega às Forças Armadas soviéticas.

Outra parte do acordo falava sobre o porto de Viriel, que estava situado a cinqüenta milhas a leste de Havana! Era um velho porto, quase apodrecido pela falta de uso. Viriel devia agora ser reativado e tornar-se o refúgio de um grande número de barcos soviéticos. Eram tomadas complicadas medidas de segurança para envolver o porto no máximo segredo. Sendo Havana mais do que adequada como porto, parecia óbvio, a André que os russos estavam desembarcando materiais secretos.

Outros artigos do pacto descreviam pormenorizadamente a chegada de equipamento pesado de construção e materiais próprios para tanques de armazenagem e para construção de casernas, além de ramais de estrada de ferro e construção de estradas nas regiões de Pinar del Rio e Remédios.

Com esta sorte inesperada nas mãos, André Devereaux via-se agora obrigado a tomar uma decisão crucial. Mesmo que se tratasse de uma decisão correta, teria de tomá-la sozinho, o que não era necessariamente uma coisa agradável.

De acordo com os estatutos do Serviço Secreto da OTAN, se a segurança de um país irmão fosse ameaçada, uma pessoa na posição de Devereaux poderia comunicar-se diretamente com o país ameaçado sem aprovação prévia de Paris.

André sabia que os americanos mantinham Cuba sob vigilância através dos vôos dos U-2.

Também sabia que as células de espionagem americana em Cuba tinham sido desfeitas, e que, em grande parte, Estados Unidos dependiam dos seus aliados que ainda mantinham relações com Cuba.

Além disso os americanos sentiam-se desiludidos com os dados fornecidos pelos refugiados e os consideravam geralmente pouco dignos de confiança.

Embora André tivesse autoridade para entregar um exemplar dos papéis de Rico Parra aos americanos sem licença de Paris, as coisas não eram assim tão simples. As relações entre a França e a América tinham-se deteriorado de tal forma que a troca de informações dos serviços secretos quase se extinguira. Qualquer ato dele que favorecesse os americanos seria considerado inconveniente em Paris.

Mas, e se mandasse o filme para Paris e não avisasse os americanos? Havia uma possibilidade de receber ordens para não divulgar os papéis de Rico Parra. Os americanos podiam muito bem ficar sem saber de acontecimentos que ameaçavam o hemisfério inteiro.

Para André a situação era familiar. Estava mais uma vez entre dois fogos.

Depois de duas noites de insônia chegou ao escritório com um ar alterado e absolutamente exausto. Duas cópias do filme foram tiradas para ficarem em Washington. Os originais foram despachados, por um correio, para o SDECE em Paris.

Quando tomou essa decisão, André rabiscou um telegrama para a sede:

OBTIVE FILMES DOCUMENTOS RICO PARRA PT NEGATIVOS ORIGINAIS A CAMINHO CORREIO DIPLOMÁTICO PT DEVIDO URGENTE NATUREZA INFORMAÇÃO UTILIZO MINHA PRERROGATIVA E FORNEÇO CHEFE ININ AMERICANO CÓPIA FILME TODOS DOCUMENTOS PT DEVEREAUX

Capítulo 10

A sede da ININ americana estava instalada num velho edifício de tijolo vermelho em Foggy Bottom, em Washington.

Marshall McKittrick recebeu uma chamada urgente da ININ quando se dirigia para um concerto na Casa Branca.

Nordstrom, Hooper e os chefes da ININ, sem demora nem preguiça, tinham-se lançado ao estudo dos papéis de Rico Parra. Sanderson Hooper resumiu-os para McKittrick e deu o parecer de que os papéis eram autênticos.

Fez-se uma ligação pelo telefone verde para a Casa Branca.

Um adido tocou no ombro do presidente, quando este escutava atentamente um famoso violoncelista no Salão Oriental. No final do número o presidente apresentou as suas desculpas e saiu.

— Aqui é McKittrick, senhor. É absolutamente necessário que tenhamos uma conversa esta noite.

O presidente viu as horas:

— Estamos no meio do concerto. Espero poder sair daqui a uns quarenta minutos.

— Esperarei no seu gabinete. Seria uma boa idéia convocar os chefes do Estado-Maior.

— Muito bem, Marsh, vou convocá-los.

— Obrigado.

André Devereaux foi convocado muito mais tarde, depois de um jantar na Embaixada britânica. Chegou a Foggy Bottom de camisa esporte e foi levado diretamente para a principal sala de conferência de Nordstrom. Eram visíveis os resultados de um dia de batalha: pratos de *hamburgers* comidos às pressas, xícaras de café e um sem-número de pontas de cigarros, além de montanhas de apontamentos e fotografias ainda não classificadas.

Os três homens que ainda se encontravam na sala estavam fatigados. Até o impecável Marshall McKittrick parecia desarrumado.

— Primeiro queremos agradecer-lhe, André — disse Michael Nordstrom. — Não é preciso ressaltar a importância disso tudo.

Hooper chupava sem vontade um cachimbo meio vazio. Disse: — Nós achamos que os papéis de Rico Parra são autênticos.

— Senti que eram autênticos — concordou André. — Não consegui descobrir nenhuma fraude.

— Estamos convencidos — continuou Hooper — de que a União Soviética prepara qualquer coisa, talvez o envio de mísseis para Cuba.

— É muito provável — concordou André.

— Estive com o presidente há algumas horas — disse McKittrick. — Ordenou uma intensificação de vôos dos U-2.

— É evidente que você conhece — interrompeu-o Hooper — a nossa atividade com os U-2 sobre Cuba, há quase um ano. Esta *finca* San José foi localizada em termos gerais. Os papéis de Rico Parra condizem perfeitamente. Olhe só.

As mãos cansadas de Hooper estenderam diversas fotografias aéreas de reconhecimento para André, que pegou uma lupa e as examinou.

— O que mais nos preocupa são as construções em andamento — disse Hooper.

— Conheço a região. Seria um bom local para a instalação de rampas de lançamento de mísseis — aventurou André.

— É o que nós pensamos.

— O presidente acha que não devemos interpelar a União Soviética no momento — disse McKittrick. — Diante de simples evidências os russos podem afirmar que elas não provam coisa nenhuma.

André olhou para um e para outro. Os americanos tinham uma expressão severa. Agora percebia muito bem.

— Estão querendo dizer que necessitam de informações positivas de dentro de Cuba? — perguntou André.

— Sim — respondeu Nordstrom.

— E os agentes secretos de vocês não são suficientes ilha.

— Você sabe disso.

— Quer dizer que precisam do auxílio da França?

— O auxílio de Devereaux — respondeu Nordstrom — E não devo comunicar a Paris o que sei sobre Kuznetov, além de apresentar aos meus superiores as desculpas por não enviar uma dúzia de pedidos de informação que repousam nas gavetas de vocês, sem resposta. Estou cansado de andar em ruas de sentido único.

— André. . .

— Não, que diabo!

Pôs-se de pé e se inclinou sobre a mesa, olhando furiosamente para eles.

— Eu os preveni sobre os mísseis russos em Cuba. Não só sobre os SAM, mas também sobre os bombardeiros a jato.

— Nós só podemos reunir informações, André.

— Eu as enviei logo no primeiro dia que Fidel desceu das montanhas. Avisei os dois, McKittrick e Mike. Preveni que Che Guevara é comunista, e que Rico Parra é comunista. Mas vocês fizeram o jogo deles! Depois dessa trapalhada que vocês provocaram na baía dos Porcos, pode ser muito tarde para impedir que os russos mandem os mísseis.

— André — disse Mike calmamente —, bem sabe como nós lhe damos valor.

— Para executar as tarefas desagradáveis para vocês.

Nordstrom falou devagar:

— Não lhe fornecemos informações, porque todos nós temos medo das falhas do SDECE. Não lhe estou pedindo para concordar comigo, mas sei que não pode deixar de concordar. Quanto aos serviços secretos em Cuba, dois presidentes foram informados sobre tudo o que você disse ou suspeitou. Além disso, que aconteceu entre você e o Presidente La Croix? Você conseguiu convencê-lo de alguma coisa?

André dirigiu-se para a porta e bateu, chamando o guarda para abrir: — Estou muito cansado. Trabalhei quarenta e oito horas seguidas nos documentos de Parra. Depois lhes direi o que resolver sobre a ida a Cuba.

— A propósito — falou Nordstrom —, falei ontem com Kuznetov. Mandou lembranças. Está se restabelecendo rapidamente.

— Não sei se ele tem sorte ou não — disse André.

Os três americanos evitaram olhar uns para os outros durante algum tempo após a partida de André.

Finalmente, Nordstrom gaguejou:

— Só desejo ardentemente que um dia lhe possamos mostrar a nossa gratidão.

Capítulo 11

De modo muito diferente do delicado ritual por ocasião do jantar da Legião de Honra, o Embaixador René d'Arcy cortou com os dentes a ponta do charuto, cuspiu-a em um cinzeiro e acendeu o charuto com baforadas rápidas e violentas. O SDECE tinha entrado em contato com ele a respeito da missão de André em Cuba, e o gabinete do presidente francês o estava pressionando para influenciar Devereaux no sentido de mudar de linha política.

— Devo dizer-lhe, M. Devereaux, que pessoalmente não aprovo a sua ida a Cuba.

— Desaprova oficial ou não oficialmente?

— Bem, acho que isso é puramente um caso entre americanos e cubanos.

— Talvez sim. .. talvez não. Tenho uma interpretação diferente, senhor embaixador. Há uma ameaça pairando sobre um aliado. E a França, como sabe, ainda pertence à OTAN. A não ser que esteja disposto a me dar ordens em contrário, tenciono levar os meus planos adiante.

D'Arcy fez o charuto rolar entre os dedos grossos e soprou baforadas de frustração por cima da secretária, na direção de André, que estava sentado do outro lado, impassível.

A despeito das tendências lamentáveis de Devereaux, era preciso pensar várias vezes antes de exonerá-lo do cargo. A organização hábil que construíra no hemisfério podia ir por água abaixo, se entregue a mãos menos peritas. Sem dúvida nenhuma Devereaux era um dos mais competentes funcionários do SDECE. Além disso, os americanos receberiam mal um novo agente. O pêndulo tinha oscilado, varrendo gente de grande valor, e oscilara novamente trazendo agentes de La Croix. André Devereaux tinha resistido às limpezas sem politiquices nem mesuras de subserviência a um regime pessoal de um presidente francês que ainda se encontrava sob a influência de suscetibilidades pessoais de há vinte e cinco anos, e dos seus conselheiros extraordinariamente provincianos.

D'Arcy torcia e retorcia as mãos, tamborilava no tampo da mesa e parava. Atrás dele havia um grande retrato de Pierre La Croix, que lançava um olhar irado às costas do embaixador.

— Todo este empreendimento é apenas para interesse dos americanos. Vou ser franco, Devereaux.

— Isso será uma novidade.

— Há murmúrios desagradáveis no SDECE e no gabinete do presidente sobre a sua atitude abertamente pró-americana. Toda a orientação dos seus serviços exige uma mudança drástica de idéias.

— E que espécie de mudança tem em vista, senhor embaixador?

— Certos fatos básicos. A França não pode deixar que os americanos ditem sua vida e sua morte. Ela é dona de seu próprio destino.

— Ou melhor, de sua própria destruição.

André levantou a mão para impedir uma resposta de D'Arcy.

— Nenhuma nação deste mundo com uma população de cinqüenta milhões de habitantes tem a mínima possibilidade de se defender sem uma aliança com uma das duas maiores potências. Sem a OTAN e a América não temos nada para deter um ataque soviético.

— Você acha que a nossa força não representa nada?

— A França tem uma espingarda de ar comprimido atômica — respondeu ele com desdém, sacudindo do pulso uma mosca imaginária. — Não podemos levá-la a sério, apesar dos mal gastos francos.

— E você acha que a aliança da Europa Ocidental é nada?

— Um sonho arcaico de dois velhos. Um sonho impossível de formar uma terceira potência na Europa, sonho que exige que nos deitemos com os alemães. Está disposto a deitar com a Alemanha depois do que ela fez à França neste século? Ah, senhor embaixador! Mesmo que estejamos dispostos a nos enganarmos, fingindo acreditar numa união franco-alemã, os alemães não estão tão prontos a abandonar a América.

Enquanto André pronunciava palavras quase proibidas sob aquele teto, pensava em Boris Kuznetov, um russo que amava o seu país como ele amava a França. Kuznetov pagara o preço da sua ousadia de ser honesto. Por quanto tempo ele, André, poderia continuar a manter seus pontos de vista nada populares?

— O regresso à glória — disse André — é uma ilusão. A tentativa de destruir a OTAN e a mentalidade medieval da nossa política externa, querendo jogar uma grande potência contra outra, é estabelecer exatamente as mesmas condições que levaram à destruição da França duas vezes durante a nossa geração. Sim, o Presidente La Croix e companhia jogam as suas cartas com mãos de mestre. Sou capaz de predizer que irão ao ponto de tentar fazer da

França a intermediária entre uma união da Rússia com a Europa Ocidental. E isso provocará uma tragédia, pois não compreendem. . . ninguém joga pôquer com os russos. O que detém as ambições soviéticas não são as habilidades internacionais de Pierre La Croix, mas, sim, a força dos Estados Unidos.

— Basta, Devereaux — disse D'Arcy, pondo-se de pé.

— Não conte comigo para a destruição da OTAN. Como francês, digo que não há meio, mas meio nenhum, de a Europa Ocidental sobreviver sem a presença dos Estados Unidos.

André levantou-se e sorriu:

— É que, de fato, a América é que é o nosso líder.

O punho fechado de D'Arcy deu um murro no tampo da mesa que lhe magoou os nós dos dedos. O rosto redondo ficou vermelho: — Essas opiniões traiçoeiras não podem ser toleradas no atual momento que a França atravessa.

— Quer dizer, senhor embaixador, que não pode existir uma opinião diferente da de La Croix! Peço perdão por discordar. Essa não é a minha França.

Capítulo 12

Era agradável viver um momento romântico. Do outro lado da mesa iluminada a velas, Nicole, com um vestido de rendas, parecia brilhar.

Enquanto a empregada tirava a mesa, André se inclinou, beijou a face da mulher e lhe agradeceu, depois entregou-se ao prazer do charuto da Jamaica e do conhaque.

— Essa viagem é realmente necessária, querido? — perguntou Nicole.

— Infelizmente, é.

— O Dr. Kaplan acha que não.

— É que ele não dirige uma organização de espionagem.

Na sua vida profissional, compartilhava poucos detalhes com a mulher. Nicole, em geral, tinha a prudência de não fazer perguntas.

— Você vai a Cuba, não é?

André sorriu e beliscou-lhe a face.

— Vai ou não?

— Você daria uma ótima agente.

— A sua saúde não é a única coisa que me preocupa. A hostilidade contra você, na Embaixada, está se tornando evidente. Ouço coisas, e pressinto outras que me incomodam. Dizem que os americanos estão apenas usando você.

— E realmente estão. Contudo, estive sempre pronto a ser usado para o bem da França.

— Você sempre torcendo o significado das palavras! Como invejo as pessoas que vivem e respiram à nossa volta, e que sabem o que é viver em paz. Já pensou, André, que desde que nós nos conhecemos você nunca passou um dia sem ter alguma batalha? Há vinte anos, diariamente. Essa guerra em que você está metido não acaba nunca. E o pior é que a traz para casa com você. Ela está na sala de jantar, no quarto. Quantas vezes tenho a impressão de estar olhando para um estranho. . .

— Talvez você tenha mais sorte na próxima reencarnação. Pode encontrar um Tucker Brown IV.

— Por que tem de ser sempre você? E os outros? Por que você está sempre metido em tudo?

— Eu também invejo certas pessoas, a maioria dos meus colegas, cuja única missão na terra é atingir a mediocridade. Entram num porto de abrigo, calam-se e ficam mexendo em silêncio nos seus papéis, evitando

responsabilidades e decisões. Não posso explicar como é que escapei disso e como não consigo evitar conflitos, mas não é possível fugir, ou tapar os ouvidos, ou fechar os olhos, ou voltar as costas. Invejo muitas vezes aqueles que podem tomar essas atitudes.

Nicole olhou para ele inexpressivamente, sentindo que o impacto daquelas palavras era mais uma das suas recusas colocadas em frases bem construídas.

— Vou visitar Michele — disse ela secamente. — Estou pensando em fazer uma viagem com ela.

— Aonde e quando?

— Não sei. À França, visitar seu pai. À Suíça. À Mongólia. Um lugar onde eu não tenha de ser testemunha constante da sua destruição física.

"Hoje em dia", pensou ele, "vir para casa não constitui exatamente minha idéia de paz celestial, mas não posso imaginar um lar sem Nicole. Se eu não consigo abandonar o meu trabalho e se você me ama, então, por Deus, mulher, aceite a nossa vida como ela é e procure tornar as coisas um pouco mais fáceis."

— Se isso pode servir de alguma coisa — falou André —, ainda a amo e não quero viver o resto da minha vida sem você.

Nicole retirou a mão que ele segurava entre as suas, dobrou o guardanapo e levantou-se.

— Dê lembranças a Juanita de Córdoba — disse ela.

André observou-a sair da sala, ferido com aquelas palavras. Com mil diabos! Juanita de Córdoba simplesmente não tinha lugar naquela conversa! Eram as maquinações imprevisíveis do espírito feminino, a falta de lógica teimosa de querer acabar com uma alfinetada. . .

Mas seria assim tão ilógica? André sacudiu a cinza do charuto e bebeu lentamente seu conhaque. Não seria o centro da questão, a intuição de Nicole não seria perfeita?

Deus sabe como tentara esconder da mulher sua ligação com Juanita, e Deus sabe como fora tolo ao pensar que isso seria possível. Pensava viver com Nicole para sempre e deixar as coisas como estavam. Sim, até mesmo o fato de amar Nicole daquela determinada maneira era ditado por vinte anos de casamento.

Mas o seu verdadeiro amor, embora negado e enterrado, era Juanita de Córdoba. Quantos dias, quantas semanas e meses passara sem ousar pensar nela, procurando excluir da sua vida as saudades que sentia!

Mas a ansiedade e o desejo não deixavam de se renovar.

André tinha pensado muito se devia ir ou não a Cuba para os americanos. No final a balança pendera para o lado da viagem, porque Juanita estaria lá. E, embora ele negasse isso a si próprio e justificasse a decisão de outro modo, essa é que era a verdade.

Os lábios dele tocaram no conhaque. . .

"Juanita. . . sim. . . parece que gosto muito de você e tenho pena. . . por nós dois. . ."

Afastou-se da mesa e subiu as escadas devagar. Um raio de luz do quarto de Nicole caía no patamar e nas escadas. Ficou imóvel, à espera de que a porta dela finalmente se fechasse.

— Nicole — murmurou baixinho —, por favor, compreenda, Juanita é um sonho inacessível. . . uma ilusão... mas preciso sonhar. Não significa nada entre mim e você. Você é minha mulher e eu gosto de você de um modo diferente.

André agora estava diante da porta da esposa, sabendo que não estava trancada. Mas não podia abri-la e ir até Nicole, quando tinha os pensamentos voltados para Juanita de Córdoba e as noites com ela.

Nicole estava deitada, muito tensa, escutando todos os movimentos de André e pedindo que a porta se abrisse. Pedindo que a sombra dele se aproximasse, parasse ao seu lado; que ele se sentasse na beira da cama. Queria sentir-lhe a mão na cabeça, afagando-a, queria que ele se deitasse ao lado dela.

"Esta noite seria uma mentira", pensou ela, "mas preciso dele."

E sentiu-se desesperada quando a porta do quarto do marido se fechou. As lágrimas caíram em seu travesseiro.

Era meia-noite. André continuava a debater-se na cama, sem conseguir adormecer. O telefone tocou. Acendeu o abajur e tirou o fone do gancho: — Devereaux.

— Olá, papai.

— Michele! Você está bem, minha querida?

— Estou bem. Ouvi dizer que ia viajar. Queria dizer-lhe adeus.

A voz dela parecia trêmula e estranha.

— Isto é — continuou ela —, não nos encontramos há muito tempo, e há meses que não temos ocasião para uma conversa.

— Sim, você tem razão. Há muito tempo. Mas sabe como é o meu trabalho.

— Sei, sim, pai. Não estou reclamando.

— Então, o que é? Por que é que você está preocupada? A discussão com o Tucker?

— Acabamos, mas não estou ligando muito. Esta noite senti saudade de você e resolvi telefonar. . . e dizer. . . que gosto muito, muito mesmo, de você.

— Obrigado, Michele. Talvez possamos dar um passeio juntos qualquer dia desses.

Mas estas palavras não significavam coisa nenhuma. Se prometesse não cumpriria a promessa, como já tinha acontecido outras vezes. Quantos desapontamentos lhe seria permitido causar?

Deixou-se cair na cama com a luz acesa; depois dirigiu-se à porta de Nicole e abriu-a devagarinho, encaminhando-se para a beira da cama, procurando-lhe a mão no escuro. Ela estava acordada, mas houve pouco calor na sua reação.

Pensou outra vez que seria bem feito se outro homem a roubasse. Imaginava os pormenores da ligação, Nicole loucamente apaixonada. Durante esse instante aceitou a sensação que se apoderava dele. Queria sofrer, queria ser castigado por causa de Juanita de Córdoba e de todas as outras.

Voltou para o quarto.

André Devereaux e Brigitte Camus dirigiam-se para a porta da National quando foi anunciado o vôo para Mia-mi. Ele murmurou algumas instruções que ela já sabia de cor. Esperou que André entrasse no avião e então chorou.

Durante doze anos André tinha ido e vindo, e Nicole sempre o acompanhava ao aeroporto. Desta vez André a procurara em vão e, quando o vôo foi anunciado, Brigitte viu o desespero apoderar-se dele. Maldita Nicole Devereaux! Não percebe que ele tem de cumprir seu dever?

— Coquetel?

— *Bourbon,* por favor.

Viu a terra desaparecer lá embaixo. A espera em Miami seria curta, só até o vôo da KLM para Havana. Agora era triste ir a Havana. A cidade envelhecera de um dia para o outro, como um mulher bonita submetendo-se a uma operação perigosa nas mãos de um açougueiro.

Pelo menos Juanita de Córdoba estaria à sua espera.

A bela Juanita.

Capítulo 13

Sempre fora conhecida pelo nome de "La Palomita", (A Pombinha).

O nome dela era Juanita Ávila de Córdoba. Seu avô era Manuel Ávila, um dos primeiros entre os tenentes do libertador nacional, Marti. Durante a guerra de dez anos que libertou Cuba da Espanha, Manuel Ávila se imortalizara entre o seu povo como "O Poeta da Revolução".

O pai de Juanita Ávila de Córdoba, Jorge Ávila, tornara-se o maior compositor de Cuba e guitarrista mundialmente famoso. Fora a sua composição, uma cantiga de embalar para a filha, *Não Chores, Pombinha,* que lhe dera a identidade que conservaria toda a vida.

Quando Héctor de Córdoba, descendente de uma grande família de proprietários rurais, casou com a Palomita, foi um acontecimento lembrado muito tempo em Cuba, semelhante a um casamento real. O par pertencia à aristocracia, tanto pela fortuna como pelos empreendimentos.

Héctor de Córdoba preferiu a movimentação da vida em Havana, os campos internacionais da diplomacia e os campos de esporte mundiais à quietude das propriedades da família, perto de Santiago.

Como pensador independente, firme, e considerado um pouco ovelha negra também, o interesse de Héctor pelos negócios da família era apenas nominal. Na realidade estava em luta constante com a família, deplorando a exploração dos camponeses e outras injustiças sociais, sobre as quais a família tinha conseguido edificar e manter um império.

O vaivém da política cubana tinha sido sempre um jogo muito perigoso. Héctor de Córdoba, liberal numa época de reação, alcançou uma estatura tão grande que se elevou acima do pequeno exército de contendores e se tornou um dos mais eminentes diplomatas de Cuba, principalmente como embaixador itinerante e negociador. O seu valor era bastante grande para que o deixassem atravessar períodos desfavoráveis com Batista, embora, de certa época em diante, as suas relações com o ditador se tornassem frias.

Rejeitou a tentativa que Batista fez para o enterrar num cargo diplomático obscuro e remoto, preferindo advogar e viver em exílio político *de jacto* em Marianao, subúrbio algumas milhas a leste de Havana, nas montanhas, em frente ao mar.

Quando Fidel Castro desceu das montanhas de Sierra Maestra para Havana,

foi Héctor de Córdoba quem o abraçou em frente ao Monumento a Marti. Agora todos podiam saber que Héctor tinha sido um dos partidários e agentes de Fidel, na capital, que tinham apressado a queda de Batista.

Um mês depois da libertação de Havana, Héctor de Córdoba morreu num trágico desastre de aviação a caminho da sua primeira missão diplomática sob o governo de Fidel Castro.

Raul, Fidel, Che Guevara, Rico Parra, todos choraram quando foi entregue à Palomita a bandeira de Cuba que cobria o caixão do marido. Com voz trêmula, Fidel Castro disse que Héctor fora um mártir da Revolução.

Juanita retirou-se então com os dois filhos para a mansão de mármore rosado de Marianao.

Nos dias que se seguiram à vitória de Fidel, grandes propriedades foram subdivididas implacavelmente, e os proprietários anteriores recebiam, como indenização, uma quantia ínfima em relação ao seu valor.

Fidel Castro intercedeu pessoalmente a favor de Juanita e conseguiu-lhe uma casa grande e confortável nos antigos domínios de Córdoba. A Palomita era uma daquelas aristocratas que podem passar livremente de um regime para outro, que se podem tornar aristocratas da Revolução.

Passado o luto, Juanita emergiu da sua moradia e continuou o trabalho para o qual tinha sido treinada e educada desde a infância. Trabalhava entre os pobres e batalhava pelos órfãos.

Foi arrastada no turbilhão das funções de Estado.

Era uma mulher que compreendia os homens. Sabia servi-los, dar-lhes bebidas, acender-lhes o charuto, dançar com eles até de madrugada.

Fez uma campanha por melhores condições sanitárias nas aldeias.

O desapontamento em relação a Fidel e à sua Revolução apareceu quase imediatamente.

Amigos de toda a vida foram procurados no auge de uma onda de terror que em breve encheu as masmorras do Castelo do Morro e de La Cabana.

E muitos acabaram na Casa Verde do G-2, na Quinta Avenida, para receberem a cruel mercê do principal inquisidor de Fidel, Muñoz.

A reação de Juanita de Córdoba diante do que ocorria em Cuba e do assassínio dos seus amigos foi um ódio ilimitado contra Castro. E resolveu fazer qualquer coisa de concreto.

Muitos anos antes de sua morte, Héctor de Córdoba tinha tomado parte numa conferência em Washington, como conselheiro, sobre a cota de açúcar.

André Devereaux também dela participara como representante da França,

não só por ser conhecedor dos assuntos relativos ao problema, mas também porque Washington era um bom local para obter informações.

No decurso do seu contato diário, estabelecera-se uma amizade entre Devereaux e Héctor de Córdoba, e também entre as respectivas esposas.

Nas suas visitas a Cuba, André continuou a sua amizade com os De Córdoba, e nunca deixou de os visitar em Marianao. Através das suas fontes de informação em Havana, André soube que Héctor trabalhava secretamente para Fidel, que estava ainda nas montanhas Camagüey.

— Tenho de preveni-lo, Héctor — dissera-lhe André, enquanto tomavam um drinque na varanda, ao pôr do sol —, que vai ter desilusões com esse Castro. Sei que você detesta o atual regime, mas esses indivíduos das montanhas me cheiram a comunistas.

— André. . . caramba!... O que é que eu posso dizer lhe? Você fareja comunistas por trás de todas as árvores, debaixo de todas as folhas. É uma mania. Conheço Raul e Fidel desde pequenos, quando vivíamos todos em Santiago. Fidel é um radical, concordo. Mas comunista, nunca. E, meu amigo, depois de este filho da puta do Batista ser expulso, Cuba vai precisar de radicais.

— Então os irmãos Castro são cubanos puros. E o sul-americano Che? E Rico Parra? Parra saiu direitinho do sistema soviético.

— Sim, André, e os americanos? Os malditos ianques negociam com os Peróns, com os Trujillos, com os Batistas e com os Jiménez, mas, se qualquer um fala das necessidades desesperadoras de reforma, é logo acusado de comunista.

Juanita escutava em silêncio.

— Não se esqueça das minhas palavras, Héctor. Fidel Castro vai tornar-se uma ameaça. Até o americanos se recusam a me escutar agora, mas têm muito que aprender.

— Que disparate! Os cubanos nunca escolherão o comunismo.

— Não precisam escolher. Vai ser imposto.

Héctor morreu antes que a profecia se realizasse. Juanita guardara bem as palavras do francês.

Na primeira visita depois da morte de Héctor, André foi apresentar as suas condolências. A Palomita já tinha começado a sentir certo desapontamento com a Revolução.

Os amigos antigos haviam partido. Daqueles que restavam era preciso desconfiar. André era um dos poucos com quem ela podia compartilhar os seus

sentimentos de desgosto e repulsa pelo que estava acontecendo em Cuba.

Em cada visita subseqüente, André notava que os sentimentos de Juanita contra Castro tornavam-se cada vez mais tenebrosos.

Sentiu a possibilidade de estabelecer um contato importante. Juanita era uma mulher distinta, acima de qualquer suspeita, e altamente colocada nos círculos mais fechados. A princípio não fez nada. Depois, à medida que a organização do Serviço Secreto americano era desfeita em Cuba, começou a sondá-la com muita cautela, pois, conforme se inclinava o governo cubano para a União Soviética, tornavam-se urgentemente necessárias novas fontes de informação.

André tornou-se um visitante assíduo No começo era considerado como um bom amigo, e mais tarde começou a correr o boato de que havia ali um romance de amor.

O que André pretendia era a cuidadosa preparação de uma rede de espionagem, cujo centro seria Juanita de Córdoba, a Palomita.

Treinou-a com perícia e confiou-lhe uma missão. Como tinha a liberdade de viajar à vontade em Cuba, o aparecimento em público de Juanita era considerado útil para a imagem da Revolução.

Em viagens pelo país ela tornou a entrar em contato com alguns daqueles amigos que tinham fugido ao terror de Fidel e se reunido em grupos pequenos de patriotas em todos os pontos da ilha.

André ensinou-a a estabelecer comunicações através de mensagens deixadas em lugares secretos em todo o país.

Quando uma mensagem chegava a Juanita de Córdoba, ela a entregava ao embaixador francês, Alain Adam. Geralmente as mensagens eram passadas durante coquetéis ou jantares de cerimônia e às vezes em pleno dia, em reuniões públicas, nas barbas de Fidel, de Che, de Raul e de Rico.

André Devereaux tinha na verdade um ótimo agente em Cuba.

Capítulo 14

Michael Nordstrom fez pontaria, recuou o taco de bilhar e bateu na bola. Ela deslizou contra a bola seis, que estremeceu e depois caiu, relutantemente, na bolsa.

Mike pôs giz no taco, fez a sua jogada, endireitou-se e sorriu para o filho, Jim.

— Seu velho merece bem a fama de jogador de bilhar. Eu ganhava todo o dinheiro para as despesas em Stanford jogando isto.

Jim estava contente porque o pai finalmente ganhara, depois de ter perdido três partidas. Mike despenteou o filho, guardou o taco, desceu as mangas da camisa e foi para a cozinha.

Liz acabara de tomar banho de sol. Ainda mostrava, sob o roupão, o corpo bonito num biquíni diminuto. Ele a viu atravessar a cozinha correndo e acender o gás debaixo da panela de ensopado. Quando passou por ele, Mike a agarrou e esfregou-lhe a carne quente, sob o roupão. Liz parou o tempo necessário para se encostar nele e aceitar suas carícias.

— Querido, gostaria de ir ao cinema esta noite com os Bowman.

— Qual é o filme?

— *Lolita,* com o deliciosamente decadente James Mason.

Liz colocou em frente ao marido um copo de chá gelado, enquanto ele folheava os jornais de domingo à procura das histórias em quadrinhos.

— O carro está quebrado de novo — disse Liz.

— Mande para o conserto.

— Passa metade do tempo na garagem. Você acha que poderíamos trocá-lo no fim do ano?

— Hein?

— Perguntei se poderíamos trocar o carro.

— Talvez.

Liz provou o ensopado com uma expressão irritada, acrescentou uma pitada de cebola em pó e tampou novamente a panela. Mike agora estava interessado na página esportiva.

— Largue esse jornal, querido.

— Liz, não vamos falar sobre o carro.

— Como vão as coisas com os Devereaux?

— Mais ou menos.

— Fui esta manhã visitar Nicole. Acho que André tinha acabado de partir de viagem. Ela não o acompanhou ao aeroporto.

— Ora, isso não é nenhum crime.

— Para eles, é. Nicole estava um pouquinho-alta. Não estava bêbada, apenas alta. Muitas lágrimas e tudo mais. Nunca a tinha visto assim. Passei um tempão com ela. . . por isso é que o almoço atrasou.

— Você sabe como são essas coisas. Ele está num estado de tensão, e ela ainda o pressiona.

— E as mulheres que ele tem? Ouvi dizer que uma quantidade.

— Uma quantidade não, só algumas. Quando viaja, fica cansado, sente-se só. É um ser humano. É uma coisa que não tem nada que ver com o amor que se tem à mulher legítima.

— Nicole está numa idade em que se sente muito pouco segura de si própria.

— Pelo amor de Deus, Liz, o que é que Nicole pretende? André nunca consentiu em que nenhuma outra mulher desse a Nicole um momento de preocupação ou lhe roubasse a posição. É discreto e faz tudo com o maior cuidado. Ela está vendo coisas que não existem.

— É, acho que você tem razão.

— Tenho razão quando falo do marido de Nicole e não do seu. Nada de fingimentos, Liz, nós já representamos a mesma cena. Nicole faz com que ele se sinta culpado de coisas que não fez.

— Você acha que eles vão se reconciliar?

— Acho que não.

— Gostaria de poder fazer qualquer coisa.

— Os indivíduos não se modificam, Liz. As razões para as pessoas continuarem casadas começam a desaparecer uma após outra. A maior parte das famílias não se desfaz devido à necessidade econômica. Depois há os filhos. Ou o terror da solidão. Mas chega um ponto de saturação em que nenhum dos terrores é maior do que a tortura de um casamento estragado. Creio que ela levou as coisas longe demais.

— Nicole disse uma frase muito estranha. Disse que tem a sensação de que ele quer que ela arranje um amante.

— Todos passamos por isso — respondeu ele.

— Mike, isso me assusta. E nós?

— Nós estamos bem.

—_ Não é fácil aprender, mas cheguei à conclusão de que essas coisas não significam nada se você não as fizer com a intenção deliberada de me magoar. Eu tenho procurado tornar as coisas mais fáceis para você.

— Tem, sim, Liz.

O som da campainha do telefone fez com que Liz se sobressaltasse. Depois atendeu, e entregou-lhe o aparelho, vendo seu rosto tomar uma expressão tensa e ouvindo-o dizer que iria logo.

— Que inferno! Nem aos domingos o deixam em paz!

— Aconteceu qualquer coisa. Não sei quando volto.

— Está bem, querido.

— Vá ao cinema. Eu esquento o ensopado.

— Não, eu espero por você, Mike.

Abraçou-o e colocou a cabeça no peito dele.

— Não venha muito cansado para casa — pediu ela.

Capítulo 15

Sanderson Hooper chegou ao Hospital Naval de Bethesda ao mesmo tempo que Nordstrom, e dirigiram-se juntos para a ala onde estava a família Kuznetov, sob severa vigilância.

Boris Kuznetov estava sentado na cama, encostado em almofadas. Sorriu vagamente ao vê-los entrar. O russo parecia muito melhor. Já não tinha as faces tão pálidas.

— Lamento informá-los de que estou fazendo excelentes progressos — disse ele —, embora a televisão americana não ajude. É péssima.

Nordstrom puxou uma cadeira para junto da cama, para que Boris não tivesse de fazer esforço ao falar. Sanderson Hooper levou a mão ao cachimbo que tinha no bolso, mas lembrou-se a tempo de que não devia acendê-lo.

Kuznetov olhou para eles muito sério:

— Cheguei a uma decisão. Tive uma dor terrível no peito e perdi a consciência. Depois acordei na tenda de oxigênio. À medida que os dias passavam sem ter nada que fazer senão pensar, muitas coisas tornaram-se claras pela primeira vez. Compreendi que, se pudesse viver, acima de tudo teria de viver para a minha família. Mas não queria morrer. . . não queria. . . ainda amo a Rússia.

Parou e as lágrimas correram-lhe pelo rosto ao mencionar a pátria.

— Também é injusto tomar este país como meu lar e traí-lo desde o princípio. Pois bem, Nordstrom, vai ficar contente. Resolvi contar-lhe tudo.

Pestanejou um momento e esperou um pouco para acumular as suas poucas forças.

— Podem começar seu programa de americanização com Olga e Tamara.

— Todos os dias peço notícias do seu estado — disse Michael. — Teremos de fazer a coisa lentamente. Logo que o médico disser que não há perigo, começamos.

— Sim, tenham cuidado. Sou uma mercadoria valiosa. . . Queria que Devereaux estivesse presente.

— Está viajando. Concorda que se faça o interrogatório preliminar sem ele?

—_Sim, está bem.

—_E não pense muito no assunto — concluiu Nordstrom.

Nordstrom voltou para Washington um pouco consolado com a vitória sobre o russo.

—_ Talvez as coisas se tornem claras dentro de uma tenda de oxigênio — disse Sanderson Hooper. — Mike, você não diz nada?

— Estava pensando.

— Em Boris Kuznetov?

— Sim. . . e principalmente em Devereaux. Qual é a ligação entre os dois? Por que é que Kuznetov exige a presença de André?

— Tudo parece indicar que Kuznetov esteve numa missão contra a França.

— Ou talvez esteja servindo-se deliberadamente de Devereaux.

— Parece que todos nós nos servimos de Devereaux — disse Hooper.

— Ele está metido numa boa encrenca. Espionagem e mulher, Hoop. E também soube que a saúde dele deixa muito a desejar. Talvez não lhe devêssemos ter pedido para ir a Cuba.

— Sinto muito por toda a má sorte dele — respondeu Hooper friamente. — Mas temos de pensar em nós.

Capítulo 16

Juanita parou o carro diante da porta de madeira esculpida. Num movimento rápido e gracioso reuniu os embrulhos espalhados no assento traseiro do automóvel e fechou a porta com o salto do sapato.

Emilio, o criado, saiu de casa e pegou os embrulhos. Logo que ela entrou no vestíbulo sentiu no ar o cheiro forte de um charuto aceso.

— Rico Parra — disse Emilio — está esperando há mais de uma hora.

Escondeu o aborrecimento, baixando as pálpebras: — Está bem.

Ao fundo do vestíbulo ela via, além das portas de vidro, a varanda que dava para o mar. Rico Parra estava sentado, descansando as botas no gradeamento. Comia uma banana que tirara de uma fruteira. Jogou a casca por cima da varanda, engoliu o que tinha na boca e acendeu outro charuto.

Juanita observou-o de longe. As calças verdes de veludo eram novas e estavam passadas a ferro, as botas engraxadas, e até o cabelo e a barba tinha sido postos em ordem. Ao se aproximar dele, sentiu um outro cheiro. O homem parecia ter tomado um banho de água-de-colônia, numa tentativa frustrada de tornar-se apresentável.

Rico ouviu-lhe os passos rápidos, deixou as botas caírem no chão de mosaico com estrondo e levantou-se. Juanita atravessou a varanda sem dizer uma palavra e os olhos dele seguiram-na com um desejo evidente.

— Eu estava aqui por perto — disse ele. — Eu. . . ah. . . há uma série de acontecimentos públicos no próximo mês, e pensei que poderia acompanhá-la.

Juanita não respondeu.

— Bom, pelo amor de Deus, podia me receber melhor! Estive ausente durante muito tempo. Recebeu as minhas cartas?

— Recebi.

—_ Paris, Moscou... chefe da delegação cubana em Nova York. Nada mau para um filho de camponeses, hein?

Juanita continuou a suportar a presença desagradável de Rico Parra com uma dignidade silenciosa que tornava o contraste entre os dois ainda mais evidente.

— Trouxe-lhe umas coisas de Paris — continuou ele, como para acentuar. — Perfume, verdadeiro perfume francês, e uma caixa de champanha. E esta peça de renda. É muito cara, mas para mim significa. . . La Palomita. . . e achei que

devia comprá-la para você.

— Não aceito seus presentes — disse Juanita, e viu que ele corava.

— Por que me trata sempre tão mal?

— Rico, isto já dura um ano. Eu lhe disse o que penso sobre o assunto. Sinto-me embaraçada nesta posição. Por favor, deixe-me em paz.

Rico Parra atirou o charuto ao chão e o esmagou com a bota. Aproximou-se dela, ofegante, e depois mostrou-lhe as duas mãos: — Veja! Tenho as unhas limpas! Estão cuidadas como as suas.

Ela voltou-lhe as costas e dirigiu-se para a sala de estar, enquanto ele a seguia, lamuriante: — Juanita.. . por favor. . . está cometendo um grande erro. Sou agora um dos maiores homens de Cuba. Fidel depende de mim para tudo. E você sabe como eu gosto de você.

Juanita parou e olhou para aqueles olhos negros magoados, e o revolucionário estremeceu.

— Não sinto nada por você, Rico! — disse ela com firmeza.

— Porque eu sou camponês!

— Não. Há camponeses admiráveis em Cuba. Vivem e morrem com dignidade. O que você realmente quer de mim é dignidade. Mas isso não se pode comprar.

— Por quê?

— Porque você pertence à escória.

Os olhos dele se encheram de lágrimas, mas, mesmo assim, forçou um sorriso.

— Mas André Devereaux é um cavalheiro, não é verdade? Beija-lhe a mão e lhe diz segredinhos ao ouvido. Ah! Sim! O grande amante francês vem visitar a sua Palomita! — Rico bateu no peito com o punho fechado. — Mas nunca será um homem como eu! Sim, e os outros. . . o grande Senor Iglesias com o seu petróleo venezuelano e os seus iates, arrancados ao sangue e ao suor do povo! E o aviador italiano. Muito corajoso quando se tratava de bombardear aldeias etíopes indefesas. Bem. . . pensei que, como estava sendo tão generosa, talvez desse uma oportunidade a um dos seus compatriotas. — Agarrou-lhe um braço e apertou-o com tanta força que os nós dos dedos ficaram brancos. — Por trás de toda essa nobreza. . . é apenas uma desavergonhada.

— Até logo, Rico — falou ela calmamente. — Emilio o acompanha até a porta.

Capítulo 17

O vôo 431 da KLM terminou em Rancho Boyeros, e as escadas foram empurradas para o DC-6B.

Um trio de músicos cubanos, imaculadamente vestidos de branco, pôs-se em posição para saudar os passageiros que desembarcavam, com rumbas, chá-chá-chás e mambos. Era a prova de que na ilha de Cuba ainda havia ritmo.

André entrou no terminal sufocante, onde o ar condicionado fora há muito desligado, pois temia-se que fossem colocados explosivos nas canalizações.

O velho funcionário, inspetor de saúde, relíquia dos tempos de Batista, reconheceu-o e o chamou, fazendo-o passar antes dos outros pelos balcões da Alfândega.

Estes estavam agora ocupados por meia dúzia de milicianos de Castro, com um uniforme verde desbotado. Um miliciano negro, que tentava identificar-se com a Revolução por meio de uma barba rala, pegou o passaporte de André e, todo atrapalhado, folheou as páginas cobertas de carimbos. André estendeu a mão, apanhou o passaporte e o entregou depois de virá-lo, pois estava de cabeça para baixo.

— Diplomata — disse André.

O guarda olhou para ele furioso, depois deu o passaporte a um auxiliar que sabia ler. Procuraram um espaço em branco e carimbaram com toda força.

André ficou ao lado da sua própria bagagem, enquanto outros milicianos remexiam a dos outros passageiros, confiscando todos os jornais e revistas em língua inglesa, fossem eles a favor ou contra o regime castrista.

O chefe da Alfândega, uma mulher baixa e gorda, dirigiu-se para ele e colocou os necessários vistos nas malas.

Fora da Alfândega, o embaixador da França em Cuba, Alain Adam, saudou André efusivamente. O motorista pegou as malas e as levou para o automóvel.

Alain Adam era membro desse grupo em vias de desaparecer, um diplomata que escapara das machadadas do Presidente La Croix, e que, como André, continuava a ocupar o seu cargo até não se sabe quando.

Tinham sido afastados às dúzias. Homens bons. Bons franceses afastados do serviço diplomático com uma implacabilidade objetiva, que uma vez exonerados não conseguiam geralmente arranjar na França empregos compatíveis, nem viver das suas reduzidas pensões.

Era a primeira vez que André voltava a Cuba, em vários meses. A entrada de Havana mostrava claramente que as coisas estavam ainda piores.

As filas das fábricas, começando com as fábricas Goodrich e International Harvester, pareciam enterros.

O grande estádio tinha sido novamente transformado em campo de concentração e estava repleto de inimigos reais ou imaginários recolhidos após o episódio da baía dos Porcos.

André deixou Alain Adam na chancelaria, tomando aí um carro da Embaixada, para observar Havana.

Já não havia mais aquele ritmo.

Havana! A cidade do amor, do ritmo, do rum, do jogo! Já não havia mais nada disso.

Tinham desaparecido as vozes agudas dos recebedores de apostas, nos seus quiosques ou onde quer que um autêntico cubano pudesse apostar nas lutas de galos.

E aquele movimento nervoso do *habanero* a tomar a sua minúscula xícara de café doce e fortíssimo, num único gole, vinte vezes por dia, em pequenos balcões abertos para a rua.

Desaparecera o movimento nos bordéis baratos, junto às docas, esperando que os navios franceses, americanos e italianos descarregassem os seus marinheiros fanfarrões.

E o tilintar dos saltos *âês,* sapatos, os traseiros ondulantes e os olhos brilhantes de desejados cubanos, que pareciam não ter outra ocupação além de observar as mulheres passando. E os transeuntes que tomavam ar fresco ao longo do Malecón, vestidos de branco.

E os montões de turistas, procurando o pecado, dirigindo-se para o Floppy Joe, onde uma dúzia de empregados no bar representava um magnífico drama na arte de misturar bebidas.

E El Floridita, onde todos esperavam ver o pândita barbado da literatura americana. El Florida, que desempenhara nobremente a sua missão sagrada de salvar a fórmula do daiquiri durante a vigência da lei seca nos Estados Unidos. Naquela época os iates de luxo vinham aproveitar os prazeres da Sodoma do hemisfério ocidental.

E também tinham desaparecido todos os prazeres proibidos das turistas. Os

cinemas de fitas pornográficas, os *shows* de homens.

Tinha diminuído em esplendor o maior cabaré do mundo o Tropicana; os magníficos restaurantes, o Monseigneur e o Crystal Palace, e todos os outros, onde se fazia justiça ao delicioso caranguejo do Morro com maionese, preparado diante da mesa dos clientes.

Todas essas coisas que haviam tornado Havana um centro de pecado e tinham dado à cidade um ritmo próprio desapareceram ou estavam desaparecendo.

E, no lugar delas, as ruas com arcadas eram patrulhadas por revolucionários de boina e barba.

As prostitutas tinham sido reunidas e internadas no elegante Hotel Nacional, para serem ensinadas a viver como cidadãs produtivas da nova sociedade. Foram libertadas como motoristas, e em breve as estradas estavam juncadas de destroços dos caminhões aniquilados pela condução incompetente e abusiva.

As lojas elegantes que ladeavam o Paseo de Marti na Avenida Prado, outrora cheias de peles de crocodilo e tabaco, bebidas alcoólicas e outros produtos nacionais, ou estavam vazias, ou fechadas, ou simplesmente abandonadas.

O parlamento do país, um edifício construído à semelhança do Capitólio de Washington, de mármore, madeiras preciosas e bronze dourado, tinha degenerado numa casa grotesca de compras e vendas.

Os que fugiam tinham de entregar quase todos os bens pessoais, que eram escolhidos e vendidos nas salas, vestíbulos e galerias do Capitólio de Cuba. Sapatos de criança, binóculos, calças, sutiãs, sandálias, chapéus de palha, jóias, tudo amontoado nos corredores de mármore, como nos armazéns de Auschwitz.

André seguiu pelo túnel do porto até o Castelo do Morro e o Forte La Cabafia. Milhares de cubanos estavam parados do lado de fora, esperando, em silêncio, avistar um parente preso nos antigos santuários nacionais. As masmorras do Castelo do Morro estavam cheias mais uma vez. E milhares de prisioneiros eram empurrados para os fossos secos de La Cabana, onde morriam ao sol ardente, quase sem água nem higiene, e lutavam como ratazanas para apanhar os restos de comida que a milícia lhes atirava.

Havia velhos nesses fossos. Velhos que tinham vindo para Cuba a fim de acabar seus dias ao sol. Agora eram inimigos da Revolução. Entre eles, muitos

americanos.

Castro não procurava esconder os presos. E eles estavam em toda parte, aos milhares e dezenas de milhares. Os hotéis que tinham sido outrora ambiente de luxo, estavam cercados de arame farpado e tinham descido ao nível de pensões baratas, infestadas de piolhos.

Como último símbolo de ódio, o monumento ao couraçado *Maine*, testemunha do auxílio americano na guerra de independência contra os espanhóis, tinha sido destruído.

E tudo aquilo fazia com que o bruto ditador Batista parecesse inofensivo quando comparado a Fidel Castro.

André Devereaux voltou ao seu quarto, na Embaixada, para desfazer as malas. O próprio Alain Adam trouxe-lhe uma mensagem recém-chegada. André sorriu ao lê-la. Era de Juanita de Córdoba, que esperava por ele.

Capítulo 18

Muñoz, o carrasco da Revolução, recebia no escritório da temida Casa Verde, na Quinta Avenida, perto do mar.

Muñoz tinha olhos castanhos, inocentes, e faces de bebê e um aspecto quase doce que escondia a brutalidade com que servia Castro. A sede do G-2 havia sido transformada numa câmara de horrores, reservada para os mais preeminentes inimigos da Revolução. Arrancavam-se confissões em salas que exalavam um cheiro pestilento.

Muñoz já não sentia aquele cheiro. O cheiro da morte fazia parte dele. A tortura das suas vítimas fizera com que ele esquecesse as sensações humanas.

O seu visitante era Oleg Gorgoni, representante soviético junto a Havana, e a segunda personalidade do KGB no hemisfério ocidental.

— Vocês têm de tomar cuidado com Devereaux — exigiu Gorgoni. — Conhece a história dele e as suas simpatias. Além disso, suspeitamos dessa mulher com quem. ele tem relações de amizade. Essa Juanita de Córdoba.

Muñoz ergueu os olhos com uma expressão tão ameaçadora que Gorgoni ficou mudo: — Vocês suspeitam de todos. Mas não mandam na polícia cubana, camarada. A não ser que você esteja disposto a fornecer provas contra Juanita, aconselho-o a não falar dela.

Muñoz tinha ido até o limite do que podia dizer. Podia maltratar, perseguir subalternos e gente sem importância, mas não se assassinava um diplomata francês de categoria, nem se brincava com Juanita de Córdoba. Fidel iria lançá-lo aos seus próprios tubarões, se cometesse um erro. É verdade que o representante soviético tinha suspeitas seguras, mas era uma decisão que estava além da competência dele.

— Estamos entrando num período crítico — persistiu Gorgoni —, e como é que podemos ter a certeza de que o Secreto da OTAN não enviou Devereaux, deliberadamente, para espionar durante a transferência de mísseis? E se ele os descobre antes de estarem montados?

Muñoz não ia deixar-se apanhar no meio desse negócio. Olhou muito tempo para fora, para o gradil de ferro que cercava a Casa Verde.

Podia dirigir-se diretamente a Fidel, pedindo instruções, mas o caso estava complicado por Rico Parra e pelo seu desejo de possuir Juanita. "Se eu prender Juanita", pensou Muñoz, "o patife do Parra pode procurar vingar-se de mim; e ele é doido."

"Por outro lado", raciocinava Muñoz, "Parra certamente gostaria de dar cabo do francês." É claro que Juanita não limitava a sua afeição a Devereaux, mas, com ele afastado, a resistência a Parra podia diminuir.

De qualquer modo, concluiu Muñoz, tudo aquilo dizia respeito a Rico Parra. Ia jogar toda a responsabilidade para cima dele.

— Muito bem, camarada — disse Muñoz ao russo.

— Vou tratar de investigar.

Capítulo 19

A enfermeira empurrou a cadeira de rodas com Boris Kuznetov para um grande aposento que fora transformado em sala de conferência. Colocou a cadeira junto à mesa. A enfermeira falava russo e tinha sido especialmente nomeada para a ININ. Sentou-se perto, para o caso de Kuznetov necessitar dela.

Boris olhou para os outros ocupantes da mesa, corno que medindo os seus adversários. Michael Nordstrom estava na extremidade oposta.

Entre Nordstrom e Kuznetov havia quatro homens, dois de cada lado da mesa, todos devidamente armados de blocos, canetas, cinzeiros, garrafas de água, livros e mapas para consulta.

Nordstrom e sua equipe tinham sido insistentemente avisados pelo médico de que não deviam interrogar Kuznetov de modo fatigante ou afligi-lo, por isso o interrogatório teria de ser realizado num nível de estratégia muito mais brando do que seria normal.

— Mr. Jaffe, especialista da França na ININ — disse Nordstrom. "Não se importará com certeza com a presença de Jaffe", pensou Nordstrom.

— Mr. W. Smith, especialista russo da ININ. — Kuznetov tinha ouvido falar de W. Smith e o via agora pessoalmente.

— O Dr. Billings, o nosso perito econômico e militar soviético. — Billings tinha aquele aspecto brando e de falinha mansa, mas certamente seria profundo e incisivo nas suas perguntas.

Foi apresentado ao último:

— Mr. Kramer, contra-espionagem. — Sempre o inimigo.

O Dr. Billings foi o primeiro a falar. Na verdade a sua maneira de falar era branda.

— Os meus colegas e eu somos todos fluentes em russo. Mr. Nordstrom compreende o suficiente, mas não estará sempre presente. A entrevista será efetuada em sua própria língua.

Kuznetov acenou que sim.

— Todos conhecem bem a sua situação — disse Nordstrom. — Não temos pressa e, se sentir cansaço, basta dizer-nos.

— Disse a estes senhores que há informações que darei quando Devereaux estiver presente? — perguntou Boris.

— Sim, fomos todos informados — respondeu W. Smith, apoiando os cotovelos na mesa, como que para olhar melhor para Kuznetov. — Podemos fumar, ou a fumaça incomoda o senhor?

— O único tabaco que me permitem é o que as outras pessoas fumam na minha presença. Por isso queiram ter a gentileza de lançar o fumo na minha direção.

— Trouxemos um gravador, é claro — disse Nordstrom. — Todas as fitas magnéticas serão transcritas a máquina e traduzidas para o inglês. Pode fazer quaisquer correções depois de ter lido o texto datilografado. Concorda?

Boris concordou imediatamente, grato pelo fato de todo aquele assunto não ser tratado com a tática ou sob a ameaça de um Estado totalitário.

— Podem começar, meus senhores — falou Nordstrom.

— Começo eu — disse Kramer, lendo o que tinha no bloco. — Nome?

— Boris Alexándrovitch Kuznetov.

— Pseudônimos?

— Tenho muitos, mas isso é para depois.

— Terra natal?

— Smolensk.

— Ano de nascimento?

— 1916. Nasci com a Revolução.

— Família?

— A minha mãe morreu quando eu tinha três anos. Restaram o meu pai, uma irmã e um irmão mais velho.

— O seu pai tomou parte ativa na Revolução?

— Não, não se interessou. Era carpinteiro, como pai de Jesus.

Como Kramer começasse a sorrir, o Dr. Billings continuou o interrogatório, mais devagar e com mais suavidade.

— Quanto à sua educação. . . Onde freqüentou a escola primária?

— Em Smolensk.

—_Que número tinha a sua escola? — interrompeu W. Smith.

— Número 62.

— Onde estava situada?

— No Bulevar Púchkin, perto da Avenida Brofka.

— Havia uma fábrica de cigarros a um quarteirão da escola, não havia?

— Não. Não havia nenhuma.

— Os meus registros indicam uma fábrica.

— Estão errados. Era um bairro residencial.

— A sua escola era um edifício de quatro andares — recomeçou Kramer.

— Não, dois. Há muito que não era pintado.

— Quer dizer os nomes dos restaurantes do seu bairro?

Disseos. Smolensk foi examinada minuciosamente rua por rua.

Fizeram-lhe uma série de perguntas para identificar uma unidade familiar normal, pobre e trabalhadora, sem interesse profundo pela política soviética dos primeiros tempos.

— Quando começou a se interessar pelo comunismo? — perguntou o Dr. Billings.

— Bem, naquela época tinha-se de escolher. Durante a contra-revolução tomamos o partido dos vermelhos contra os brancos. Primeiro o meu irmão, e depois eu, tornamo-nos membros dos Pioneiros, no devido tempo, à medida que os vermelhos alcançavam o comando. No entanto, os Pioneiros, ou movimentos da juventude, não estavam muito organizados no princípio. O meu interesse real foi quando entrei para o ginásio, semelhante à escola secundária de vocês, em 1931. Tomei-me membro do Komsomol, a Juventude Comunista, e desempenhei um papel muito ativo na nossa unidade.

— Freqüentou o ginásio também em Smolensk?

— Sim.

W. Smith, o perito russo, dominava uma grande parte do interrogatório, lançando no meio muitas informações falsas. Boris mantinha-se calmo, exibindo de vez em quando um humor sarcástico, para obrigá-los a retroceder.

— Que posição desempenhava antes da sua. . . fuga?

— Em primeiro lugar, Mr. Kramer, eu não fugi. Só há fuga quando se escolhe esse caminho. Procurei refúgio para salvar a pele, sem poder escolher. Em segundo lugar, não respondo a essa pergunta enquanto Mr. Devereaux não estiver presente.

Tanto W. Smith como Kramer exibiram um conhecimento pormenorizado da Rússia, ao interrogá-lo sobre a sua educação secundária. Ao final de quatro horas Kuznetov olhou implorativamente para Michael Nordstrom. A enfermeira percebeu logo o sinal e disse que o interrogatório, para o primeiro dia, já era suficiente.

Capitulo 20

Vários meses antes dos acontecimentos da baía dos Porcos chegou aquele momento, na residência de Juanita de Córdoba, que parecia ser uma extensão natural das relações existentes entre ela e André.

Juanita estava atravessando um período depressivo devido à partida dos filhos para a escola na Suíça.

André também andava muito nervoso. O primeiro ataque de narcolepsia tinha sido acompanhado por uma série de discussões com Nicole. Sentia-se muito deprimido quando chegou a Havana.

Juanita de Córdoba era uma mulher impressionante, capaz de ostentar vários penteados, cores exóticas e grandes jóias, que lhe davam um aspecto de completa feminilidade latina.

Ficaram sentados em silêncio, durante muito tempo, no terraço, a olhar o sol poente. Era um lugar que ambos conheciam bem. Tinham passado ali muitas horas quando Héctor ainda era vivo, e mais tarde quando André cultivava e preparava a rede de espionagem. Caiu a noite. Com ela, as lágrimas súbitas de Juanita.

André abraçou-a para consolá-la; mas, além da compaixão, sentia-se emocionado ao tocá-la, pela seda do vestido, pelo perfume, pela doçura dela.

Afastou-a de si um pouco, e disse intrigado:

— Juanita.

Ela acenou que sim, que sentia a mesma coisa. Era simples e muito natural.

André, que era um homem sofisticado e viajado, conhecera as rotas encantadas da Europa, da América Latina e da África do Norte. Não parecia provável que se impressionasse tanto com mais outra ligação. No entanto, amava Juanita de Córdoba de uma forma que ele não podia nem desejava diminuir. Com Juanita quebrara a regra de não se deixar envolver emotivamente com nenhuma mulher. Mesmo depois do sofrimento da primeira separação sentiu-se incapaz de esquecê-la.

Os cubanos são sensuais. Quando se tornou conhecido que o período de luto de La Palomita tinha terminado, os estranhos consideravam lógico que ela tivesse um amante discreto.

Ao lado do mundanismo de André Devereaux havia uma forte vaidade masculina. Juanita aceitava as regras básicas de que não deveria fazer exigências, de que deveria forçar sua natureza forte de cubana e não fazer cenas,

e sempre esperar o fim de uma ligação e aceitá-lo com resignação.

A ligação deles deveria ser de compreensões silenciosas, sem juramentos eternos, desprovida de referências a sua profundidade e significado.

Por mais cômoda que esta combinação fosse para André, não conseguia achá-la aceitável. Secretamente confessava a si próprio que queria tocar-lhe o coração profundamente, que pretendia que ela pensasse nele como ele nela; queria arrancar-lhe uma espécie de amor que a fizesse sentir-se só, desejá-lo, sempre que ele partisse.

Houve um despertar violento quando Juanita começou a sair com o milionário venezuelano Fernando Iglesias. Ela por vezes recebia os convidados do amante a bordo do fabuloso iate dele, durante os lendários cruzeiros no mar das Antilhas.

Havia outro homem sempre ligado a Juanita, Manganaro, industrial italiano, que freqüentava Cuba. Quando a fábrica dele na ilha foi nacionalizada, abriu uma outra na Jamaica, onde Juanita o visitava.

O orgulho de André Devereaux dizia-lhe que era o único homem que realmente contava na vida dela. Contudo, não conseguia esconder o sofrimento quando sabia o que se passava com os outros.

Racionalizava. Juanita era um ser felino. Talvez lhe fosse fiel se ele lhe pudesse revelar bem o seu amor. Mas, com ele fora de Cuba a maior parte do tempo, não era natural que ela ficasse à espera de que o seu barco aparecesse.

Em primeiro lugar, a missão.

E, desde que ela se encontrasse em Cuba só para ele, e desde que lhe desse aquele carinho continuado, não podia desejar mais.

Tinha vivido uma experiência terrível, uma vez, quando chegara inesperadamente da América do Sul e soubera que ela se encontrava ausente com Iglesias. André ficara mais magoado do que seria próprio de uma ligação casual. No entanto, estava cometendo um erro básico para um agente. "Não amar nunca", era a regra.

Mas gostava dela e tinha consciência disso. E era preciso manter-se silencioso. Não tinha direitos, nem podia exigir nada.

E, perante todos os olhares, era um encantador diplomata francês que entrava na vida dela, e saía. . . como outros.

Depois de André ter dado o seu passeio através de Havana e ter conferenciado com Alain Adam e com o pessoal francês, percebeu que desta vez ia ter complicações.

A necessidade de manter secretos os mísseis obrigaria os cubanos a vigiá-lo de perto. Se descobrissem o jogo dele, podiam tentar matá-lo.

No momento em que saiu da Embaixada para se encontrar com Juanita, os receios que sentia eram por ela. Mas, tal como o amor não declarado, o perigo que corriam nunca era mencionado. Conhecia os riscos desde o princípio e isso jamais seria discutido.

E quanto ao "desejo doentio de Rico Parra? Também podia explodir de um momento para outro.

Ao se dirigir para as montanhas, a oeste da cidade, sentia-se consumido por uma terrível sensação de que a sua ligação com Juanita de Córdoba estava por terminar, da mesma maneira que a guerra dos dois contra Castro estava acabando também.

Juanita o esperava à porta da casa quando ele chegou. A emoção foi mais intensa do que nunca. Abraçaram-se e procuraram-se com as mãos. As dela, nervosamente, agarrando-lhe o pescoço, e as dele percorrendo-lhe o cabelo preto e a face, e os lábios de ambos procuraram-se cem vezes. E por fim o fervor abrandou em suspiros de satisfação por estarem novamente juntos.

Juanita meteu-lhe na mão um papel, antes mesmo de André poder falar. Dizia que devia ter muito cuidado, pois suspeitava que a casa estava sendo vigiada e talvez houvesse microfones escondidos. André colocou o papel no bolso, passou-lhe o braço em volta da cintura e dirigiram-se para a varanda, e falaram de futilidades.

À noite jantaram, como de costume, à vista de todos. O único restaurante decente numa cidade outrora cheia de belos locais onde se podia jantar era o La Torre, no topo de um edifício de apartamentos. O governo cubano o inaugurara depois de numerosas queixas do corpo diplomático.

A maioria dos que freqüentavam o La Torre eram diplomatas, e por isso a sala estava cheia de microfones escondidos. Este estratagema de Muñoz e do G-2 era realmente grosseiro, mas André aproveitava a oportunidade para passar informações falsas.

Nem cubanos nem russos acreditavam em muitas das coisas que ele dizia. Mas as informações falsas podiam criar alguma confusão.

Durante o jantar a conversa continuou a ser trivial. Juanita falou das cartas que recebera dos filhos na Suíça. As aulas corriam bem e estavam ansiosos para que chegasse a época do esqui para ela os visitar. André poderia estar na Europa quando ela fosse à Suíça?

André não prometeu porque muitas vezes tivera de quebrar promessas.

Falaram sobre o que estava acontecendo em Washington e Nova York e sobre a vida de sociedade em Havana.

Um apito agudo interrompeu todas as atividades no restaurante.

À entrada estava Rico Parra ladeado por meia dúzia de castristas de categoria inferior.,

Para que o seu aparecimento não passasse despercebido, soltou um grito chamando um *maître* cansado, que conduziu o grupo a uma mesa. Atravessaram a sala empestando o ar com o fumo dos charutos.

Parra deteve-se abruptamente.

André levantou-se e estendeu-lhe a mão. Não foi aceita. Parra olhava furioso para Juanita e para o francês. Os dentes cerrados faziam sobressair os músculos dos maxilares. Um grunhido transformou-se numa risada estranha.

— Quero falar com você... já... — rosnou Rico para Juanita.

André moveu-se de forma a colocar-se entre Rico e ela.

— Esta noite não, Mr. Parra — disse ele baixinho.

O cubano quis amedrontá-lo com o olhar. André não se mexeu. Então Parra soltou uma gargalhada cruel, voltou-lhe as costas e saiu do La Torre, arrastando o séquito atrás de si.

André sentou-se novamente, sorriu tentando acalmar Juanita, pegou-lhe a mão e a beijou.

— Olá! Ficariam zangados se nós nos sentássemos com vocês para tomarmos um último drinque?

Eram o embaixador francês e a esposa, Blanche Adam.

— Tenho um filme sobre o Festival de Cannes — disse Adam. — Por que não vamos para a Embaixada vê-lo?

— Esta noite não, Alain — disse Juanita.

— Não seja uma desmancha-prazeres. O meu conhaque continua sendo francês.

Juanita cedeu.

— A propósito, Juanita — disse Blanche —, os chineses têm um primeiro-secretário novo. Um rapaz muito esperto. Oferecemos um coquetel na próxima sexta-feira. Talvez você queira conhecê-lo. Agora que é provável que a França e a China se reconheçam diplomaticamente, devemos travar relações com eles.

— Sim, terei muito prazer — concordou Juanita.

— Se querem a minha opinião, digo-lhes que é uma estupidez os americanos não reconhecerem a China. Mas não vão conseguir mantê-la fora da ONU eternamente.

A conversa continuou apenas para os microfones do G-2. Logo os quatro saíram do La Torre.

No carro, a caminho da Embaixada, Juanita deu-se o luxo de se mostrar perturbada com a cena feita por Rico Parra.

— Gostaria muito — disse André — de ter o prazer de lhe arrancar a barba, pêlo a pêlo, mas receio bem que os meus gestos de galanteria tenham de ser evitados aqui.

— É o pior de todos — gritou Juanita. — É um monstro nojento e perigoso!

No interior da Embaixada da França podia-se deixar de lado a comédia representada durante o dia. Depois que Blanche serviu o conhaque, arranjou um pretexto para sair do escritório do marido.

— O que se passa, André? — perguntou Alain. —. Há semanas que isto aqui me cheira mal.

— Ontem — disse André — fecharam o porto de Viriel a toda a navegação estrangeira. E têm sido intensos os desbastes feitos nas florestas e a atividade de construção na *finca* San José, em Pinar del Rio.

— E que significa tudo isso?

— Os Estados Unidos suspeitam que a Rússia está se preparando para trazer mísseis para Cuba, e eu vim com a finalidade de investigar.

— Deus do céu! — murmurou Alain.

— Pode haver uma guerra — disse Juanita.

— Sim, pode — continuou André. — A possibilidade de evitar uma guerra é descobrir os mísseis e denunciar a sua existência antes que eles possam utilizá-los. Juanita, tudo o que conseguimos fazer nestes dois últimos anos tem agora de produzir resultados.

— Compreendo que o nosso trabalho é claro — respondeu ela. — Tenho confiança na nossa gente, André. Não haverá nenhum fracasso.

— Alain, apareça com Blanche tanto quanto for possível, para que eu possa dar instruções a Juanita aqui. Na casa dela é impossível.

O embaixador acenou que sim.

— As informações serão dadas da forma habitual. Todas as outras conferências serão efetuadas neste gabinete. Prioridade para a investigação do

que se passa em Viriel.

— Amanhã irei visitar os nossos amigos — disse Juanita. — São bons rapazes, de extrema confiança. Não há nada que entre em Viriel pelo mar ou que saia de lá para Cuba que lhes escape.

Quando os dois homens ficaram sós e todos os outros assuntos estavam resolvidos, Alain Adam pôs de lado todos os papéis que cobriam a escrivaninha e colocou mais conhaque nos copos.

— Juanita é uma mulher extraordinária, André. . . uma alma magnífica. . . Você e eu somos amigos há muito muito tempo. Sinto que há qualquer coisa diferente. Está apaixonado por ela?

O rosto de André estava tenso.

— Sim — murmurou ele —, estou. . . e nunca lhe disse isso, e provavelmente nunca direi. Que pena! O tempo. . . o tempo já não dá para nós.

O dia extenuante havia acabado. Toda a expectativa terminara. Agora, sozinhos os dois, como homem e mulher, não havia nem violência nem desespero. Uma calma maravilhosa descera sobre André e Juanita. Estavam em paz e viviam o instante raro de satisfação total.

Não trocaram uma palavra, nem era preciso. . .

As mãos deles, os lábios, os corpos falavam de uma forma mais maravilhosa do que nunca.

Quando atingiram o clímax, Juanita finalmente sucumbiu e chorou durante uma hora, e agarrou-se a ele até se amarem de novo. André flutuou num sonho eufórico.

Acordou com uma brisa fresca que lhe percorria o corpo, e viu que o vento do mar fazia enfunar a cortina da janela. Estivera nos braços dela toda a noite, na posição em que tinham adormecido.

Juanita disselhe que o amava e chorou outra vez. Ele perguntou por que ela estava chorando e Juanita disse que era de felicidade.

André compreendeu então que se passava com ela o mesmo que com ele. Não fora sempre assim? Juanita não escondera os seus sentimentos para se proteger de uma grande mágoa de amor?

O tempo correra depressa. Restava-lhes pouco. E ela já não precisava esconder dele os seus sentimentos.

Capítulo 21

Quando passara por Viriel, um ano antes, Juanita de Córdoba dera aos irmãos Mendoza a trágica notícia.

Carlos e Shuey Mendoza souberam que o pai tinha sido mandado para um campo de concentração de Castro, na ilha de Pinos, depois de ser acusado, sem julgamento, de inimigo da Revolução. Fora morto com um tiro, sob o velho pretexto — fuga. Fora um assassinato, e todos o sabiam, pois ninguém foge da ilha de Pinos.

Depois disso não fora difícil para Juanita obter a adesão de Carlos e Shuey à rede de espionagem.

Em determinada altura a família Mendoza tinha tido interesses consideráveis nas companhias de navegação de Viriel. Castro tinha-lhes confiscado o negócio.

Mas Carlos e Shuey tinham nascido e passado lá as suas vidas, e conheciam o velho porto como o sorriso de sua própria mãe.

Um dia, depois de Devereaux chegar a Havana e dar instruções a Juanita, esta foi a Viriel visitar os irmãos Mendoza e lhes deu máquinas fotográficas, binóculos e ordem de manter o porto sob vigilância constante, noite e dia.

Na terceira noite da sua vigília, quatro navios russos, o *Pinsk,* o *Margrav,* o *Geórgia* e o *Vladivostok,* entraram no porto empurrados por uma tempestade que se aproximava. Eram precisamente o tipo de barcos que os Mendoza tinham ordem de procurar descobrir.

Tinham uma grande largura, pois haviam sido primitivamente destinados ao transporte de madeira.

Todas as estradas da zona portuária estavam vedadas por tropas cubanas. Nenhum cubano podia penetrar ali.

Tropas russas desembarcaram dos quatro navios, em batalhões, e se encarregaram de guardar a área do porto, assim como de vigiar o trabalho dos estivadores.

Nos comícios de Castro viam-se grandes retratos dos irmãos russos e cubanos apertando-se as mãos, abraçando-se lado a lado, de punhos erguidos, numa demonstração de fraternidade entre negros e brancos.

Mas em Viriel os cubanos estavam intrigados, pois os soviéticos desmentiam os cartazes, eram distantes e retraídos Tantas coisas estranhas

tinham acontecido desde a Revolução! Os comitês locais diziam ao povo que a chegada das tropas russas significava uma melhoria.

No entanto, os habitantes de Viriel lembravam-se dos atrevidos fuzileiros de Guantánamo e dos marinheiros americanos, quando entravam no seu pequeno porto. Eram homens diferentes. Alegres e livres como os próprios cubanos. Mas hoje em dia não era possível fazer perguntas.

A vinda dos russos dera origem a um ambiente assustador. Os cubanos não tinham licença de entrar em determinados lugares na sua própria terra. Eram afastados dos hotéis e bares em Viriel, onde os russos estavam hospedados. Nem mesmo as prostitutas podiam entrar lá. Durante o dia os quatro navios ficavam ancorados. Só à noite é que descarregavam, quando todos dormiam.

Mas Carlos e Shuey não dormiam. Estavam escondidos nas falésias que rodeavam Viriel. Na primeira noite a tempestade escondeu a lua e fez redemoinhar a água do oceano. Durante o dia dormiam por turnos e serviam-se do equipamento fotográfico de longo alcance que Juanita de Córdoba tinha trazido.

Na segunda noite de vigília o mar acalmou e a lua brilhou. Shuey Mendoza saiu cuidadosamente do esconderijo e desceu pelas rochas até o mar. Nadando silenciosamente de bruços ou debaixo da água, percorreu uma milha e se escondeu, sem ser visto, debaixo do madeiramento do molhe. Conhecia todos os cantos e buracos do porto. Quando a lua desapareceu por detrás das nuvens, Shuey subiu para o cais e escondeu-se numa pilha de madeira.

Carlos esperou até pouco antes do amanhecer, e depois percorreu a nado a distância mais curta até os destroços de um velho navio naufragado, a cem metros da entrada do porto.

Os dois tinham as máquinas fotográficas embrulhadas em plástico, e de espaço em espaço tiravam fotografias dos dos carregamentos que tinha sido retirados dos navios e empilhados no cais durante a escuridão da noite.

Assim, permaneceram por vinte e quatro horas, e na eira noite retrocederam, nadando de novo até as falésias.

Capítulo 22

No dia seguinte, no velho cemitério de Matanzas, na estrada entre Viriel e Havana, Rosa Mateos, a mulher do farmacêutico local, comprou um ramo de

flores de um velho vendedor, junto ao muro do cemitério.

Ajeitou o xale e entrou. Seus pés se enterraram no chão molhado, coberto de folhas. Olhou em volta. O cemitério estava vazio.

Rosa Mateos dirigiu-se para a terceira fila de sepulturas, na parte nova, junto à pequena mata de mangueiras. Dez. . . onze. . . doze. . . treze. . . catorze. Parou e ajoelhou-se, colocando as flores junto à pedra tumular.

AQUI JAZ IGNACIO GÓMEZ, FALECIDO EM 1947
SAUDADE DE SUA MULHER E FILHOS
DEUS TENHA A SUA ALMA

Rosa apalpou o chão em volta da pedra, até que sua mão encontrou uma fenda junto ao solo. Continuou retirando pedras soltas e procurou até encontrar o que desejava. Retirou um saco de plástico contendo o rolo fotográfico dos irmãos Mendoza.

Meteu o embrulho rapidamente dentro do xale, recolocou as pedras no lugar, rezou, benzeu-se e saiu do cemitério.

Nessa noite, seu marido, Humberto Mateos, farmacêutico de Matanzas, partiu como todas as semanas para Havana, a fim de requisitar as drogas de que precisava para a sua farmácia. Fora sempre assim desde que Castro nacionalizara as farmácias.

E entregou pessoalmente as requisições a Amélia Valentia, farmacêutica-chefe na Farmácia Nacional número 15, em Havana, juntamente com o rolo fotográfico.

Durante o intervalo de descanso, à tarde, Amélia Valentia foi ao velho mercado de Havana, pois muitas vezes fazia compras durante o seu tempo livre. A primeira parada foi uma tentativa vã para comprar umas sandálias decentes, no vendedor de sandálias, cuja produção se tornara difícil desde a Revolução.

A segunda foi no vendedor de galinhas, Jesus Morelos. Passou-lhe o filme.

Jesus Morelos meteu-o dentro de uma galinha, que coseu e separou das outras.

Ao fim da tarde Maggie, a cozinheira negra de Juanita de Córdoba, que trabalhava para ela há vinte anos, também apareceu na loja de Jesus Morelos. A galinha e as mensagens chegaram deste modo às mãos de Juanita de Córdoba.

Capítulo 23

Estes dias seriam os mais longos e mais atormentados da vida de André. Para um chefe dos serviços secretos não há alívio para a tensão nervosa. Não há cenas de pancadaria, não há tiroteios, não há quedas de varandas, não há donzelas para salvar, não há acrobacias, não há golpes de caratê, não há milagrosas engenhocas eletrônicas.

A tensão exige uma coragem silenciosa e o trabalho cerebral fatigante de vencer, pela superioridade das manobras e das idéias, um inimigo hábil e perigoso.

Como força ativa por trás da missão, André não podia fazer mais do que esperar num silêncio angustioso, enquanto os seus agentes executavam as ordens que dera. Na sua maioria eram amadores. Patriotas honestos, dispostos a morrer às suas ordens. E esta responsabilidade pesava. Publicamente, André conseguia esconder a erosão interior e mascarar a tensão nervosa.

Só Juanita de Córdoba é que sabia a verdade quando aquele tom cinzento lhe cobria as faces e o cérebro exausto se traía, como por trás de uma cortina, nos olhos raiados de sangue.

Fragmentos de informações chegavam ao conhecimento de Juanita, e eram transmitidos a André. Na Embaixada da França, André reconstruía o quebra-cabeça, avaliava os fragmentos soltos de informações obtidas com dificuldade e formulava novos planos.

A missão avançava bastante bem, mas era preciso uma ajuda da sorte. Ainda não se descobrira nada de natureza concludente. Era um jogo estranho. O gato e o rato mantinham-se amigos em público. Como diplomata francês de categoria, André era recebido com afetuosos apertos de mão dos cubanos e até dos russos. Assistia a longas conferências diplomáticas e comerciais e se ocupava dos pormenores dos negócios governamentais rotineiros com seus adversários.

Embora o G-2 e o soviético Gorgoni suspeitassem de que Devereaux dirigia um grupo de espionagem mesmo à vista deles, não conseguiam apanhá-lo em flagrante. Mas, à medida que a operação penetrava mais fundo, as possibilidades de erro tornavam-se maiores e a pressão se intensificava.

André conseguiu verificar sem sombra de duvidas que não havia microfones escondidos ou outras coisas semelhantes na casa de Juanita.

Calculou que o G-2 queria enganá-los até o ponto de se tornarem

demasiado confiantes. Mais provavelmente o G-2 compreendia que André depressa descobriria os microfones e os utilizaria para transmitir informações enganadoras. Com a morada livre de aparelhos de escuta indiscretos, André e Juanita tinham uma certa liberdade para falarem um com o outro.

No dia da recepção ao novo primeiro-secretário da China na Embaixada da França, chegaram três mensagens dentro de uma galinha de Morelos.

Estavam em código simples e eram escritas num papel de cigarro especial que Juanita distribuíra meses antes. Ao vestir-se para a recepção, André colocou tabaco nos papéis e enrolou cigarros que pôs num maço de Camel meio cheio.

Juanita olhava para ele enquanto se vestia. Estava longe outra vez. A mente de André estava de novo trabalhando febrilmente, pensando. . . pensando. Sentiu-se perturbada por aquela tensão. A expressão alterada. . . a súbita perda de forças que só ela percebia.

Ajudou-o a colocar as abotoaduras, ajustando—lhe a camisa com os dedos graciosos.

__ — Temos de mandar alguém para perto da *finca* San José. Não há possibilidade de levar para lá uma máquina fotográfica.

— Não se preocupe, querido.

— Rico Parra foi convidado para a recepção. É o nosso primeiro encontro, cara a cara, desde La Torre. Talvez queira conversar. Se ele se aproximar de você, dê-lhe corda. Procure ser amável. Às vezes age impulsivamente. Guarde todas as palavras que ele disser.

— Sim, querido.

André apanhou o tabaco que caíra sobre o toucador e o atirou na cesta de papéis. Colocou os cigarros com as mensagens dentro do maço e este no bolsinho da camisa. Juanita alisou-lhe o cabelo, fez-lhe uma festa no rosto, e disselhe que estava bonito.

Como a imprensa cubana divulgara, o novo primeiro-secretário da China era inteligente e tinha um imenso encanto oriental. O som constante das línguas espanhola, francesa e inglesa aquecia o salão da Embaixada.

Naquela Havana, tão monótona nestes últimos tempos, era um acontecimento quando os franceses davam uma festa. Blanche Adam recebia com elegância. Os chineses estavam encantados.

Pouco depois de sua chegada com Juanita, André foi conversar com Alain Adam, que lhe pediu um cigarro. André tirou o maço de Camel do bolso da

camisa. Alain disse que agora era difícil arranjar Camel, e André insistiu para que ficasse com aqueles cigarros. Momentos depois o embaixador foi chamado ao telefone. Desculpou-se, foi ao seu gabinete, fechou a porta a chave e colocou o maço de cigarros no cofre. Girou a fechadura, fechando o cofre, e deu um grande suspiro de alívio.

Alain Adam tinha uma grande afeição por Devereaux, mas às vezes lamentava as suas visitas a Cuba. Aquelas complicações dos serviços secretos o deixavam nervoso. O embaixador tornou a entrar na sala, limpando o suor da testa, e acenou para André, que estava discutindo, muito interessado, com o chefe da missão cultural soviética.

Nessa noite Rico Parra parecia dominado pelo ambiente de elegância. Conteve admiravelmente o seu desejo de falar a Juanita de Córdoba, escolhendo um momento discreto em que puderam ir até a varanda, longe dos ouvidos dos outros. Juanita notou sua atitude contemplativa. Sabia que Rico Parra não era nenhum bobo. Grande parte do barulho que fazia era para o público, para infundir receio aos seus subordinados. Por trás daquela fachada confusa havia um homem de enorme habilidade e intuição inata.

— Quando um homem como eu atinge o poder — disse ele num tom brando —, tem a tendência de acreditar que pode exigir seja o que for, ou conseguir seja quem for. É por isso que você me intriga, Juanita.

— Você está encantadoramente franco esta noite —respondeu ela.

— Compreenda, Palomita, observei sempre a aristocracia com um certo desdém. Quando era rapaz e trabalhava nos campos de cana, lembro-me muito-bem das filhas do dono da *finca* que passavam por nós a galope, nos seus cavalos árabes. Como bom camponês, humilde, tirava o chapéu à passagem delas e me curvava. Mas causavam-me uma dor aqui. . . no meu coração. . . de que nunca me curarei. Quando somos um macaco na jaula e nos tornamos livres de repente, desejamos ter nas mãos tudo o que nos foi recusado antes.

Estendeu a mão para um charuto, mas pensou que era melhor não fumar.

— Sabe o que realmente pretendo de você, Juanita de Córdoba? Fora a sua beleza como mulher. . . fora toda a respeitabilidade?

— Talvez.

— Quero o seu poder. De Córdoba e Parra. Isso é poder. . . sim. . . Sei que a aborreço. Sou um animal. Aborreço a maioria das mulheres.

— Essa noite você está fugindo à imagem que temos de você, Rico. Que

tem para me dizer ao trazer-me aqui?

O cubano conseguiu sorrir:

— Ora, vejam a Palomita! Lê em mim como num livro aberto. Como homem não consigo conquistá-la. Mas talvez a possa convencer, de um modo mais sutil, de que uma amizade entre nós talvez não seja indesejável.

Rico Parra pôs-se a passear na varanda. Toda a astúcia e todo o perigo do homem eram evidentes. As coisas que o tinham feito um comandante de guerrilhas, brutal e brilhante, não podiam ser esquecidas. Escolheu as palavras com um cuidado meticuloso.

— Castro — disse ele — escolheu-me para vigiar certos diplomatas estrangeiros que fazem visitas freqüentes ao nosso país. — Parou e olhou-a de frente. — Castro também me deu autoridade para agir, seja como for, em qualquer situação.

Juanita mantinha-se impassível. Rico Parra ficou impressionado com a habilidade dela. Era uma habilidade que desejava ter, para trabalhar para ele.

— Acho que Fidel lhe confiou uma enorme responsabilidade.

— Eu sabia que você compreenderia — concluiu Rico Parra.

André puxou o fecho do vestido de Juanita e segurou-a pelos ombros, contemplando-lhe as costas. Tinha umas costas maravilhosas. A maior parte das mulheres ou eram ossudas, angulosas, ou tinham muita carne. Juanita era perfeita.

— Rico portou-se muito bem — disse ela.

— Sou doido pelas suas costas.

— Conversamos. Desta vez foi discreto.

— Como é que as coisas se passaram?

— Nada de novo, querido. Os velhos disparates de Parra com uma apresentação diferente. Penso que é um tolo completo.

André deixou cair as mãos e pensou em voz alta:

— Parra não é bobo. Erros. . . sim. Mas não é nada bobo! Tenho a impressão de que assumiu uma parte da autoridade do G-2. Pareceu-me sentir o nariz dele metido em nossos assuntos.

— Pois eu não senti nada disso — replicou ela. Juanita abraçou-o. — Esta noite eu quero amar você.

— É o que você faz sempre, querida.

— Não. . . isto é. . . esta noite vou amar você toda a noite. . . e vou ficar olhando para você. Quero ver a sua felicidade.

Capítulo 24

O vale perto de Pinar del Rio mostrava-se exuberante de folhagem tropical. Essa estufa natural é uma das maravilhas do mundo, um vale de fertilidade rara, que dá ao tabaco cubano as suas qualidades famosas e únicas.

Um velho Dodge, gemendo de abandono, saiu da estrada principal do vale em direção à *finca* San José. Uma grande placa dizia:

AVISO:
PROPRIEDADE DO GOVERNO.
PARE!

O Dodge e o seu motorista, Vicente Martínez, continuaram a avançar além do aviso durante quase duas milhas, até serem engolidos pelos campos de cana-de-açúcar.

Vicente mantinha os olhos fixos nos sulcos profundos e nas marcas deixadas pelos pneus na estrada de terra solta. Calculou a largura e a profundidade. Era o que lhe tinham dito para fazer. Monstros sobre rodas haviam passado por aqueles campos.

De repente surgiu diante dele o portão da *finca* San José. Tinha mudado.

— Alto! — gritou alguém.

Quatro soldados russos, furiosos, saíram correndo da barraca dos guardas, falando todos ao mesmo tempo.

— Que diabo é isto? — perguntou Vicente Martínez, empurrando a porta do carro, de onde saiu abanando-se com o chapéu de abas largas.

Os russos continuavam a falar acaloradamente numa língua que ele não compreendia. Vicente lhes respondia com o mesmo calor numa língua que eles não entendiam.

O velho Dodge também fervia.

Por fim mandaram chamar um oficial cubano, que chegou ao local resmungando: — Quem é você? Que faz por aqui?

— Eu? O que faço aqui? O que é que *os senhores* fazem aqui? Sou González. Venho cá todos os meses, desde criança, ver o meu avô.

— Bom, o seu avô já não está aqui.

— Ele esteve aqui toda a vida, senhor oficial. Por que é que ele foi embora?

— Foi transferido.

— Transferido?

— Sim, transferido. Você não recebeu a carta?

— Recebi uma carta. Mas quem é que sabe ler?!

— Grande imbecil! Por que diabo não pediu que alguém a lesse?

— Bem, recebi, a carta, e vi os selos do governo e os carimbos, e por isso pensei que era uma ordem para mais sementeiras. Por isso joguei a carta fora. Quero ver o meu avô.

— Você tem que se dirigir à Comissão Distrital em San Cristóbal para dizerem onde ele foi instalado.

Vicente Martínez cocou a cabeça.

Um oficial russo chamou à parte o oficial cubano: — É melhor submetê-lo a um interrogatório.

— Não acho que isso seja prudente, capitão.

— Talvez tenha visto demais.

— O senhor não compreende. Este homem é um camponês cubano. As famílias são muito unidas. Se não voltar esta noite para casa, aparecem aí mais de dez parentes à procura dele. É mais seguro mandá-lo embora.

O russo resmungou qualquer coisa, relutando diante da lógica do cubano. Seria melhor não se arriscarem a que aparecessem mais cubanos, ou que se levantassem suspeitas com um interrogatório.

Ordenaram a "González" que saísse daquela área e que não voltasse.

— Preciso de água para o meu carro — disse Vicente Martínez.

Deram-lhe a água. Lançou uma porção no radiador e bebeu também. Depois voltou-lhes as costas e partiu no automóvel, protestando entre dentes.

Vicente Martínez era um dos melhores advogados daquela região de Cuba. Quando Héctor de Córdoba praticara advocacia em Havana, tinham tido diversos clientes ^ casos em comum. Juanita de Córdoba era amiga da família há duas dezenas de anos. Vicente fora um dos primeiros a ser recrutados.

Além dos sulcos dos pneus na estrada de terra solta conseguira avistar centenas de soldados russos para além do portão da *finca*.

Vira outra coisa também: a torre de lançamento.

A informação foi escrita e colocada no pequeno estojo de um chaveiro magnético. O gradeamento da ponte à saída de San Cristóbal era de tubo oco, como a maior parte das pontes de Cuba.

Vicente tirou uma maçaneta solta da extremidade do gradeamento e colocou lá dentro o estojo, repondo a maçaneta em seguida.

Mais tarde a caixa com a mensagem foi aberta indo parar no açougue de Jesus Morelos, em Havana.

Capítulo 25

Quando a fita magnética chegou ao fim, todos se levantaram e se espreguiçaram. Kramer apertou o botão para chamar os guardas que estavam do lado de fora da porta, e pediu que levassem os pratos do almoço e trouxessem mais café.

O Dr. Billings colocou outra fita no gravador: — Um, dois, três, quatro — contou ele ao microfone, para ajustar o tom de voz.

Na segunda semana de interrogatório o ambiente tinha-se descontraído. Boris Kuznetov achava agora que os quatro funcionários da ININ eram pessoas agradáveis, e cada vez se perturbava menos com as perguntas rápidas e secas de W. Smith. Afinal, se era preciso falar, era muito melhor que fosse nestas circunstâncias. A ausência prolongada de André Devereaux o aborrecia, mas Michael Nordstrom assegurou-lhe que Devereaux regressaria daí a algumas semanas.

Um por um voltaram do banheiro anexo para a mesa de conferências, prontos para novo interrogatório.

O Dr. Billings percorreu com o olhar as notas que havia num bloco e disse:

— O senhor nos disse que nos expurgos de 1937 e 1938 o Serviço Secreto soviético tinha ficado bastante abalado.

— Foi pior do que isso — respondeu Boris. — Em 1939 o NKVD, o precursor do KGB, estava completamente em ruínas.

— Qual era sua posição nessa altura?

— Era o melhor aluno da minha classe no ginásio. Fui estudar mais quatro anos na Universidade de Smolensk. Depois fui convidado a prosseguir os meus estudos na Universidade de Moscou. Os professores se interessaram por mim.

— Quando foi para Moscou?

— No outono de 1939. Foi em Moscou que conheci Olga. O nome dela era Tcherniavsky. Pertencia à família do general Tcherniavsky, uma família de comunistas categorizados.

—_ Que estudos fez ela?

—_ Belas-artes.

—_ E os seus?

— principalmente os cursos exigidos. Nada de especializações.

— Manteve sempre grande atividade entre a Juventude Comunista de Smolensk. Continuou em Moscou?

— Continuei.

— Com entusiasmo ou porque essa atividade era exigida a todos os estudantes?

— Com entusiasmo. No fim do primeiro semestre fui eleito chefe de unidade do Komsomol. É uma honra para um estudante universitário do primeiro ano.

— Olga pertencia à sua unidade?

— Pertencia. Um estudante soviético tem muito pouco tempo para estar com a namorada. Depois das reuniões do Komsomol, a ocasião era excelente. . . para discutir dialética, é claro.

Todos riram.

— Não é horrível para os jovens? — perguntou Kramer. — Sem quartos só seus, o tempo gelado, ou durante o verão os parques cheios de alto-falantes, sem automóveis ...

— É difícil, mas, como acontece com os rapazes e moças de todo o mundo, nos arranjávamos. E não esqueçam que os revolucionários têm tendência para serem puritanos. Somos bastante antiquados quanto à moral. . .

— E no fim do primeiro semestre?

— Tinha altas classificações. O meu chefe de grupo...

— Lembra-se do nome dele?

— Tomsk.

— Continue.

— Tomsk disseme para ir a uma entrevista na sede do NKVD. Pediram-me que passasse da universidade para o Colégio Superior de Serviços Secretos. A princípio a idéia não me agradou, mas a escolha era limitada e a reconstrução do NKVD, urgente. . . e o dever era o dever.

— Quando foi admitido?

— De imediato. Na primavera de 1940.

— Cursos?

— Política. . . a nossa política e economia. Recebia mos principalmente ensinamentos sobre sabotagem e serviços secretos militares. Todos os alunos

nessa altura eram reservistas.

— De que graduação?

— Eram pouco mais do que capitães. Não se esqueçam de que, na maioria, éramos jovens membros da Juventude Comunista, reunidos para dirigir o futuro sistema de espionagem, depois dos expurgos.

— De quantos anos era o curso completo?

— Estava planejado para quatro anos, mas a guerra o interrompera e a necessidade de agentes secretos militares era enorme. Depois do primeiro cerco de inverno de Moscou, fui promovido ao posto de capitão do Exército Vermelho. Na primavera de 1941, a 15 de abril, para ser exato, desci de pára-quedas na Polônia, no distrito de Lublin, onde os alemães tinham o seu quartel-general.

— Missão?

— Estabelecer uma pequena rede de espionagem, instalar comunicações pelo rádio, enviar mensagens, fazer contatos. Tínhamos duas pessoas trabalhando dentro do quartel-general alemão.

— Que tamanho tinha esse grupo?

— Variava. Nunca mais de oito pessoas. A nossa missão especial era descobrir as horas dos comboios que transportavam tropas alemãs e equipamentos destinados à frente oriental, na linha Brest—Gomel.

— Ficou em Lublin?

— Até julho. Depois regressei à Rússia, a pé, parando em cidades ao longo da linha férrea, Brest, Pinsk e outras, para estabelecer unidades de radiotransmissão ainda menores. As notícias sobre movimentos de comboios chegariam eventualmente às unidades de resistência, que operavam nos pântanos de Pripet. Foi uma boa operação. Destruímos mais de dez comboios.

— E voltou a Moscou?

— Só no meio do inverno. Vivi nos pântanos de Pripet.

Boris Kuznetov falou dos dias brutais do inverno russo que vivera com uma unidade de guerrilheiros. Deslocavam-se continuamente, sob o frio intenso, como animais perseguidos, para quem não haveria piedade.

— Como sabem, perdi três dedos do pé esquerdo, devido à gangrena. Os meus olhos são muito sensíveis à luz graças a uma cegueira parcial provocada pela neve. Quando cheguei a Moscou tinha emagrecido vinte quilos. Mas tive sorte. A maior parte da unidade morreu de fome ou de frio. Passei o resto do inverno no hospital.

— Sem obrigações oficiais?

— Sim. A não ser que chamem de obrigações oficiais o meu casamento com Olga.

— E permaneceu em Moscou?

— Só até a primavera. Em abril de 1943 fui novamente lançado de pára-quedas sobre a Polônia, para estabelecer outra rede a leste do rio Praga, na zona de Vilna— Grodno—Kovno. Desta vez o meu trabalho foi melhor, e consegui atravessar as linhas alemãs e regressar a Moscou em dezembro. O meu trabalho foi tão bom que só estive em casa duas semanas, e me mandaram outra vez para coordenar as atividades de sabotagem das unidades de resistência, para além da segunda frente báltica do Marechal Yeremenko. Fui capturado em fevereiro de 1944, com uma unidade de quarenta homens, numa armadilha, e fomos enviados para Memel. Em maio do mesmo ano só quatro do nosso grupo tinham sobrevivido à brutalidade alemã.

— Quer dizer então que a sua identidade não foi descoberta?

— Os homens do meu grupo eram de uma coragem excepcional. Ninguém disse quem eu era e pude assim esconder a minha verdadeira identidade.

— Quanto tempo esteve preso?

— Fugi no verão de 1944 e reorganizei uma unidade e sabotagem em coordenação com a nossa ofensiva. Quando as nossas tropas nos ultrapassaram, entraram na Polônia e se dirigiram para o Báltico, voltei outra vez a Moscou. Desta vez de trem. Durante o resto da guerra trabalhei no quartel-general do Serviço Secreto em Moscou, principalmente no exame das informações fornecidas pelos prisioneiros alemães e pelas nossas unidades de sabotagem na Polônia.

— Não saiu de Moscou até a guerra acabar?

— Não.

— Condecorações?

— Algumas.

— Ordem de Lênin?

— Sim. Creio que sim.

— E depois?

— Fui desmobilizado como coronel da reserva e convidado a estudar na Academia de Serviço Secreto de Moscou. Fiquei lá durante os cinco anos que se seguiram.

— Os cursos não eram de três anos?
— Fui professor durante dois anos.
— Quantos alunos estavam matriculados?
— Mais ou menos trezentos.
— Mulheres?
— Algumas. Era uma escola extremamente difícil.
— Que percentagem de exclusões houve?
— Poucas. Têm muito cuidado na escolha dos alunos.

Boris Kuznetov descreveu então o ritual escolar, que transformava um dia normal de trabalho em doze ou catorze horas de estudo. Na academia aprendera inglês, francês, e alemão. Havia cursos de avaliação, análise, cifragem e decifragem. Havia cursos de geopolítica, psicologia, matemática superior, arte e música. Havia cursos de treinamento no Estado-Maior e um programa intensivo de esportes e jogos de xadrez.

— Foi então que pela primeira vez comecei a ter conhecimento do Ocidente. Tive de ler obras ocidentais de literatura, filosofia e religião. Juntamente com história geral, fizemos um estudo intensivo de cada país ocidental, do seu sistema político, e, o que é mais importante, da vida c comportamento dos chefes ocidentais. Aprendemos como cada um reagiria a cada problema. E, principalmente, estudamos os seus pontos fracos.

Os sinos da capela de Bethesda tocaram o *Rochedo dos séculos* às seis horas.

Ergueram-se todos e arrumaram os papéis. Os quatro funcionários da ININ respeitavam agora Boris Kuznetov, pois ele os fizera compreender a profundidade, a perícia e a dedicação do inimigo.

Boris sorriu e disse:

— Estou ansioso por ver Olga e Tamara todas as noites. O programa de americanização me deu duas mulheres novas, muito bonitas.

As fitas magnéticas foram metidas numa pasta, que foi trancada. A sala foi examinada para que não esquecessem qualquer papel. Notas desnecessárias foram lançadas num triturador de papéis, que as cortava em bilhões de pedacinhos, de modo que nunca mais pudessem ser lidas.

Cada um cumprimentou Boris com um aperto de mão.

— Desejo-lhes um bom domingo — disse ele.

Saíram e Boris foi empurrado na sua cadeira de rodas.

A sala foi fechada.

Capítulo 26

Maggie, a cozinheira de Juanita de Córdoba, foi várias vezes ao açougue de Jesus Morelos durante as três semanas que André Devereaux passou em Cuba. Quase sempre trazia para casa uma galinha contendo uma mensagem dentro. Cada nova mensagem dava uma nova indicação sobre o fato de os soviéticos estarem realmente trazendo mísseis para o país.

No entanto, faltava o elo importante de uma testemunha visual.

Os quatro navios soviéticos saíram de Viriel e foram substituídos por outros quatro. André sabia que os mísseis em breve deixariam as docas de Viriel, a caminho da *finca* San José. Começou a sentir-se preocupado com o que parecia ser um grande disparate cubano e soviético.

Para estabelecer os itinerários para a *finca* San José só havia uma possibilidade. Os transportadores dos mísseis eram obrigados a viajar de Viriel para Havana, pela orla da cidade, e depois se encaminhariam para o sul, pela estrada do aeroporto.

O tráfego que se dirigia para Havana era feito por uma estrada que seguia entre o Castelo do Morro e La Cabana, depois por debaixo do porto, através de um túnel. O túnel tinha a sua saída em Havana, na estrada à beira-mar, o Malecón.

Pelos seus próprios cálculos quanto ao tamanho dos supostos mísseis, estes eram demasiado grandes para caber no túnel. Isso obrigaria os transportadores a tomar uma estrada secundária, que entrava diretamente em Havana, na parte velha da cidade. Aqui os mísseis teriam de percorrer um labirinto de ruas pequenas e estreitas.

Se os cálculos de André estavam certos, era possível que o erro cometido obrigasse os russos a passar o carregamento secreto bem diante deles.

Além de Jesus Morelos, muitos outros amigos de Juanita de Córdoba viviam na cidade velha. Juanita explicoulhes o que acontecia e disselhes para dormirem com um aberto e outro fechado.

Chegaram notícias de Viriel, dizendo que o carregamento partira do porto, com muitos guardas, em enormes caminhões de transporte, e estava se dirigindo para Havana.

Um jovem estudante de medicina, Arnaldo Valdez, vivia com os pais no bairro La Lisa, mas passava a maior parte das noites com a namorada, Anita, que

tinha um pequeno apartamento perto da Avenida de Aqua Dulce, na parte velha da cidade.

Durante o dia tinha havido uma atividade curiosa nas ruas perto da casa de Anita. Ela e Arnaldo falaram no assunto quando ele apareceu à noite, e ambos chegaram à conclusão de que podia tratar-se do desimpedimento do caminho a ser seguido pelos transportes.

Depois da meia-noite, enquanto Anita dormia e Arnaldo estudava, ele ouviu um som distante de motores. Quando ele abotoava a camisa para sair, Anita acordou, assustada: — Pelo amor de Deus, Arnaldo — pediu ela —, não vá para a rua.

— Tenho de ir. Sabe quais foram as instruções.

— Mas eu tenho medo.

— Não vai acontecer nada.

Deixou-a abatida, no patamar da casa, olhou para cima, atirou-lhe um beijo e desapareceu na rua.

Toda noite havia movimento nas ruas. Pândegas ruidosas, gargalhadas, prostitutas, cenas de pancadaria. No entanto, desde a Revolução, as ruas ficavam despovoadas e apáticas, logo que anoitecia.

Nas sombras dos passeios cobertos de arcadas, Arnaldo percorreu um labirinto de ruas e travessas, passando por cães adormecidos e gatos que miavam, aproximando-se cada vez mais do ruído dos motores.

Mesmo com as ruas estremecendo sob o peso dos carregamentos anormais, ninguém sentia curiosidade, hoje em dia. As luzes de Havana, exceto em alguns bares, permaneciam apagadas.

Um cartaz à sua frente avisava:

PARE! PROIBIDO O TRÂNSITO NESTA RUA DE MEIA-NOITE ATÉ O AMANHECER!

Arnaldo espreitou à esquina da arcada e pensou o que devia fazer. Não havia luzes de faróis, mas o comboio não podia estar a mais de alguns quarteirões de distância.

Do outro lado da avenida sem iluminação distinguia um quiosque de madeira. Correu como uma seta para atravessar a rua e meteu-se debaixo do balcão. Aí enrolou-se como uma bola e esforçou-se por acalmar a respiração ofegante.

Então espreitou por trás do pequeno esconderijo, o quiosque estava em ruínas. Com o canivete conseguiu fazer um buraco entre duas tábuas, de modo a ter uma fresta por onde ver a rua.

Um pelotão de motociclistas estava quase em cima dele, acelerando com estrondo, e seguia-se o andar arrastado dos soldados com baionetas caladas, que procuravam vadios e observadores.

Arnaldo encolheu-se numa bola, de medo, murmurando orações, à medida que o barulho dos caminhões ia aumentando. Com o rosto coberto de suor ergueu os olhos e espreitou.

Um trator enorme, o maior veículo que jamais vira, puxava um atrelado de seis eixos. Cada eixo tinha oito rodas. Numa névoa de excitação, tentou lembrar-se das instruções que recebera de Juanita. Olhe para os pneus! Olhe para os pneus!

Sim! Olhe! Estão meio achatados sob o peso imenso do carregamento. O grande tubo estava colocado no centro do atrelado. Tinha o comprimento de duas arcadas e estava coberto de lona, e, à medida que avançava devagar, a rua ficava marcada pelo desenho dos pneumáticos.

A parte de trás estava coberta. Arnaldo tentou fixar no espírito a imagem exata da forma e tamanho. Mas já não via nada. A caravana passou, com uma dúzia de carros blindados e um caminhão aberto de soldados russos seguindo o transportador.

Esperou que se fizesse silêncio total, mas os únicos ruídos eram o da sua própria respiração e o pulsar do seu coração. Finalmente deixou de ouvir qualquer barulho de motores.

Ia sair do esconderijo, mas hesitou. Certamente havia agentes do *G-2* examinando toda aquela área. Ao pensar na Casa Verde teve uma sensação de enjôo. Seu irmão morrera daquele lugar, de tanto apanhar.

O quiosque parecia ser o lugar mais seguro. O melhor era dormir e esperar que amanhecesse. Anita ficaria inquieta, mas era o melhor que tinha a fazer.

Antes da Revolução, era comum encontrar bêbados dormindo pelas ruas. Pela manhã Arnaldo Valdez foi descoberto por dois milicianos, colocado em pé à força e empurrado com dureza. Fingiu estar sofrendo as conseqüências de uma bebedeira e sorriu envergonhado para os seus captores.

— Sou estudante de medicina, camaradas. Soltem-me, eu quero me lavar e ir para a universidade!

— Os bêbados são a vergonha da Revolução. Temos de levá-lo à delegacia, onde logo vão fazer sua bebedeira passar. Pancho, chame o carro.

— Senhores, façam-me este favor. Se não me soltarem vou ser expulso da universidade — disse Arnaldo, e desatou a chorar, mas nem todas as lágrimas que verteu eram fingidas.

— Quem é que quer médicos deste tipo em Cuba? — troçou o miliciano.

— Deixe esse estúpido ir embora — disse o outro. —Que chatice preencher aqueles malditos papéis!

— Não! Um estudante de medicina não deve comportar-se como um porco!

— Muito bem. Vou telefonar para a delegacia.

Anita entrou em cena. Correu para Arnaldo, deu-lhe com a bolsa na cabeça e aplicou-lhe uns pontapés nas canelas.

— Cachorro! — gritou ela.

Juntou-se uma multidão deliciada.

— Você me deixa por outra mulher e ainda se embebeda! Mentiroso!

Agarrou-o por uma orelha, praticamente libertando-o da mão do miliciano que o segurava.

— Eu me mato de trabalhar para você estudar medicina, e me agradece desse jeito! Vadio!

A multidão ria e assobiava enquanto ela o perseguia pela calçada e lhe batia. Arnaldo dobrou-se para proteger o rosto e a barriga.

— Prometo estudar! Prometo estudar dia e noite!

— Tem de ir para a delegacia! — Um dos milicianos impôs a sua autoridade.

— Não! — ululou a multidão. — Não!

— Ele já está levando uma grande surra!

— Cão! Vadio!

— Deixem-no em paz — gritava a multidão.

Anita o perseguia aos pontapés rua abaixo. Dobraram a esquina, enquanto a multidão se juntava em redor dos soldados e discutia acaloradamente. Nesta altura os dois guardas estavam perplexos, Encolheram os ombros e continuaram sua ronda, sendo aplaudidos por todos.

No quarto, Anita chorou e o beijou por cada pontapé que lhe dera.

— Quase fiquei louca — gritou ela —, quase fiquei louca! Meu querido, meu querido!

Beijaram-se e rolaram sobre a cama e caíram no chão. Arnaldo ria convulsivamente:

— Eu os vi! Eu os vi!

E ela sentou-se no chão ao lado dele e riram até suas costas começarem a doer, as lágrimas correndo pelos seus rostos.

Capítulo 27

O apartamento de Teresa Marín ficava apenas a um quarteirão da chancelaria da França. Teresa era uma das secretárias pessoais de Fidel Castro, a de maior confiança. De fato, Fidel a instalara nesse edifício de luxo para ela vigiar um apartamento do andar inferior que pertencia a ele e que era o local onde recebia a amante do momento.

Mas o primeiro dever de Teresa Marín era para com as atividades de Juanita de Córdoba.

Entre a chancelaria da França e o edifício de Teresa encontrava-se a Embaixada da China, no meio de quarenta decâmetros quadrados de terra, rodeados por uma muralha alta, cor-de-rosa. O telhado plano ostentava uma série de antenas de rádio que faziam transmissões em alta freqüência, durante as vinte e quatro horas do dia, para a China.

Como os chineses enchessem o ar de ruídos, era impossível controlar as emissões radiofônicas. Onde encontrar melhor local do que o apartamento de Teresa Marín para a rede francesa de espionagem colocar o seu próprio transmissor?

Próximo ao fim da terceira semana da estada de André em Cuba, Juanita fez uma visita aparentemente normal à sua velha amiga, Teresa Marín. No andar inferior, Fidel Castro dormia com uma nova amante.

No momento em que Fidel fazia a sua conquista, um transmissor de baixa freqüência e alta velocidade no esconderijo do apartamento de Teresa transmitia uma mensagem para um posto de escuta em Miami:

> CONFIRMADA A INTRODUÇÃO DE MÍSSEIS SOVIÉTICOS DE ALCANCE INTERMÉDIO NA FINCA SAN JOSÉ E TALVEZ ZONA REMÉDIOS PT MÍSSEIS AINDA NÃO OPERACIONAIS PT BASES PARECEM ESTAR EXCLUSIVAMENTE NAS MÃOS DE TROPAS SOVIÉTICAS PT

A mensagem era assinada por Palomino, o nome em código de André.

Capítulo 28

Muñoz e o soviético Oleg Gorgoni olhavam para os olhos furiosos e eternamente negros de Rico Parra, que tinha um aspecto ardente, mesmo

bebendo o seu cafezinho matinal.

O russo martelava no seu ponto de vista:

— Tanto Devereaux quanto o embaixador francês têm um passado de completa simpatia pelos americanos. Devereaux está em Havana há quase três semanas. Para quê?

Rico cocava a barba:

— Rotina.

— Diante de nossas atividades no momento — continuou Gorgoni —, não podemos considerar a visita dele a Cuba como sendo coincidência.

— Bem, Muñoz — disse Parra —, ele tem sido vigiado. Que acha?

— Não encontramos nada de especial. Só suspeitas.

— E desde quando simples suspeitas nos impedem de agir? — perguntou Gorgoni.

— Desde que começamos a ter relações com diplomatas de categorias superior, Camarada Gorgoni. — Rico ergueu as mãos. — Não tenho nenhum amor especial pelo francês, mas tenho receio de agir sem provas.

— Quando abrirmos a pasta dele teremos provas suficientes.

— E se não houver provas suficientes? Ele está é doido por Juanita de Córdoba, e quando faz escala em Cuba arranja motivos para ficar.

— A ligação deles é uma brincadeira inocente? —perguntou o russo.

Os olhos de Rico tornaram-se ainda mais negros.

— Está pisando em terreno perigoso, camarada. Juanita é uma mulher respeitada e importante. Mas. . . suponhamos que nos vejamos livres de Devereaux. O que acontece às relações franco-cubanas?

— Castro lhe deu licença para agir ou não?

— Deu mas eu restituo a Castro essa licença.

— Camarada Parra! O francês não pode sair de Cuba com a mala cheia de informações secretas!

Parra encolheu os ombros: — E o que é que interessa se os ianques descobrirem os foguetes? O que é que eles vão fazer? O que é que fizeram quando os mísseis SAM foram instalados? Nada, não fizeram nada.

— Os mísseis SAM eram armas de defesa — respondeu Gorgoni. — Isso é diferente.

— E os bombardeiros a jato soviéticos em Cuba? São armas de defesa? Os americanos também não fizeram nada, e agora já é tarde — disse Parra.

— Moscou está muito preocupada. Uma vez que ponhamos os mísseis a funcionar, não haverá nada a fazer. No entanto, têm primeiro de ser postos em estado de funcionar. Sabe melhor do que eu do número cada vez maior de vôos dos U-2 americanos sobre Cuba. O que é que eles estão procurando? Bananas?

Rico Parra deu um murro no tampo da mesa:

— Os americanos têm ou não têm mísseis na Turquia, apontados contra a União Soviética? Sim ou não?

— Uma pergunta não responde a outra. Precisamos de tempo para tornar os foguetes operacionais. Devereaux vai embora amanhã. O que é que Castro dirá a você quando os americanos ameaçarem invadir Cuba? Que acontecerá a Rico Parra? Pense, camarada. . . pense nas conseqüências se Devereaux levar para a América informações como esta.

Rico Parra pensou.

— Uribe! — gritou ele.

O seu frágil secretário, Luís Uribe, entrou no gabinete apressadamente.

— Falou com Castro?

— Liguei para o apartamento, e também entrei em comunicação com Che e Raul. Está indo para Santiago fazer um discurso, mas parece que interrompeu a viagem para visitar uma amiga. Não conseguem localizá-lo.

— Que país de loucos é este onde não conseguem encontrar o próprio presidente?! — disse o russo, zangado.

— Camarada Gorgoni — respondeu Parra, indignado —, somos cubanos. Uribe, continue tentando localizar Castro. Muñoz, você vai ao aeroporto amanhã. Logo que Castro concordar, eu telefono. Prenda Devereaux e leve-o para a Casa Verde.

Um leve sorriso transpareceu no rosto de bebê de Muñoz.

— E, quando ele chegar, deixe-o comigo — continuou Parra. — Temos umas contas a ajustar.

Capítulo 29

André apertou o cinto do roupão, encostou-se à varanda e olhou para o mar, consumido pela terrível sensação de que nunca mais veria Juanita de Córdoba. O receio de que a vida dela corresse perigo o fazia esquecer a sua própria situação precária ao sair de Cuba na manhã seguinte. Não tinha a certeza de sair vivo do país. Homens desesperados estavam obviamente traçando planos sobre ele. Mas o que mais o assustava era a idéia de deixá-la em Cuba. Seria então esta a recompensa final, mas não se choraminga com coisas assim. Ganha-se. . . perde-se. O jogo continua. O anjo da morte voava em torno deles,

Juanita apareceu na varanda com um vestido comprido. Estava linda. André sempre se espantava com esta mulher doce que nunca deixava de ser feminina, mesmo na companhia de *gangsters.* Encheu dois copos de conhaque, com aquela graça especial toda sua, e falaram de coisas sem importância, escondendo o desespero avassalador que os queria lançar para os braços um do outro e chorar.

— À sua próxima viagem — disse Juanita. — Quando é que vai ser?

— É difícil prever.

— Difícil dizer quando, ou apenas difícil?

— Você é a única mulher que não finge. Sabe que nunca voltarei a Cuba.

— Sim. . . sei. . .

Encostou-se a ele, que a abraçou com o braço livre, uma maneira de dizer que ela lhe pertencia.

E ela disse:

— Passamos aqui tantas noites maravilhosas. Como é bom quando um homem faz uma mulher acreditar que ele e ela são as duas únicas pessoas que podem dormir juntas numa cama. Penso em todas as coisas maravilhosas que você me ensinou e me fez compreender. Obrigada.

— Juanita. . . Não posso aceitar essa separação como definitiva.

— Eu posso quebrar o nosso pacto? Sobre esposas e sentimentos? Você não está indo embora sem saber que o amei plenamente. Quando iniciamos este trabalho, teria esperado eternamente por você e aceitado os restos que me dava, sem queixas ou condições. Mas... se eu o tivesse amado de uma forma tão

evidente, teriam recaído suspeitas sobre nós. E se eu lhe tivesse dito o que sentia, teria receado que você, como homem, fosse orgulhoso demais para consentir no que eu fazia sem sua permissão. Eu saí com outros homens — disse ela com voz trêmula — para proteger o que nós estávamos fazendo. Fiz isso para afastar as suspeitas de nós. . . para poder continuar a vê-lo. Mas nunca houve um só momento em que não ansiasse por você. . .

— Juanita. . .

— Não foi nenhum sacrifício. É só uma das muitas maneiras de amar você, André. . . Nenhum homem, nem mesmo o meu marido, deu-me tudo o que você me deu.

Os olhos de Juanita pareciam vidrados pelo esforço das palavras que dissera. Beijou os dedos que lhe tocavam nas faces e no pescoço.

— Eu também gosto de você da mesma forma, e não quero perdê-la. Agora, escute... assim que chegar a Miami, vou preparar tudo para mandar um barco vir buscar você. Alain Adam saberá o dia e a hora.

Juanita colocou os dedos sobre os lábios de André para ele não continuar. E abanou a cabeça.

— Você não percebe que eu nunca vou poder sair de Cuba?

— Vi a destruição do meu próprio país, mas saí da França para lutar por ela. Você tem de fazer a mesma coisa agora. Você é mais útil à causa permanecendo fora de Cuba.

— Sou eu que tomarei essa decisão.

— E os seus filhos?

— André. . . não me peça mais nada.

— Sim, peço, e você vai me prometer.

— Prometo que acreditarei em você e que o amarei. Se Deus permitir, então talvez haja uma vida para nós dois juntos. . . mas não sonhe.

— Quero saber as suas razões.

Abanou a cabeça:

—_Meu querido. . . não faça como o G-2 na nossa última noite.

— Desculpe.

— Creio que o que eu queria realmente era que passássemos uma semana sozinhos. Há ilhas no mar das Antilhas onde duas pessoas podem estar

absolutamente sós. Você conhece todas elas.

—_Só as vi — disse ele. — Há pessoas que as conhecem. Oh! céus. . . quem me dera poder acreditar que há uma para nós. . . Daria tudo o que tenho...

Ela viu-o hesitar pela primeira vez. E foi severa.

— Ora, vamos, querido! Sabíamos desde o primeiro dia que chegaríamos a uma noite igual a esta e que teríamos de enfrentá-la com coragem.

— Mas isso não é motivo para que eu goste dela!

Depois, envergonhado pela força de Juanita, conseguiu sorrir. Pegou-lhe na mão, que segurou muito tempo entre as suas, e afagou-a; depois levou-a aos lábios: — Você é uma mulher linda!

O despertador tocou às quatro e meia da manhã. O avião da KLM SÓ partiria ao meio-dia, mas pelo regulamento cubano era obrigatório que todos os passageiros se apresentassem no aeroporto seis horas antes da partida.

Tomaram o café da manhã num silêncio absoluto, e por último trataram de umas pequenas coisas oficiais. André costumava sempre levar uma maleta de mão cheia de cartas para refugiados cubanos, para serem entregues em Miami e em outros pontos do país. Uma maleta de lágrimas e esperanças. As autoridades examinavam as cartas antes de serem distribuídas, e depois se encarregavam de fazê-las chegar aos destinatários. Juanita deu-lhe a mala fechada a chave.

— A correspondência — disse ela.

André tomou o peso da maleta e olhou para ela com curiosidade.

— Que diabo você meteu aqui dentro desta vez? Pesa uma tonelada.

— Quem sabe? O correio é cada vez mais pesado à medida que a Revolução avança. Desta vez peço-lhe que não espere. Abra a mala logo que puder, depois de chegar a Miami. Depois você compreenderá tudo.

O que André compreendia, sem a mínima dúvida, era que tinha recebido instruções que cumpriria. Acenou com a cabeça, para dar a entender que obedeceria.

Às cinco e um quarto bateram à porta. Juanita ficou assombrada ao ver Alain Adam à espera, no carro da Embaixada. Era a primeira vez que ele se levantava de madrugada para levar André ao aeroporto. Era evidente que

qualquer coisa corria mal. . . e uma onda de terror a invadiu. .. Iam matá-lo!

As malas foram colocadas no carro silenciosamente, só se ouvindo o arrastar de pés no cascalho e o barulho da tampa do porta-malas André beijou-a na face:

— Quando mandar buscá-la. . . venha.

Sentou-se no banco da frente, ao lado do embaixador, atreveu-se a olhá-la mais uma vez e fechou a porta do carro.

À medida que o carro se afastava e saía dos portões de ferro, Juanita tornava-se cada vez menor. André olhou para trás com desespero e viu seu último aceno de mão.

— *Vaya con Dios* — murmurou Juanita de Córdoba, quando eles desapareceram... — Vá com Deus!

Num instante dois agentes do G-2, num carro sem qualquer distintivo, ao fundo da estrada, comunicaram pelo rádio que Devereaux saíra. Muñoz recebeu a mensagem na Casa Verde. Ligou o telefone para o gabinete de Rico Parra.

Parra não se deitara toda a noite, sem conseguir comunicar-se com Castro. Estava exausto e irritado.

— Devereaux dirige-se para o aeroporto — comunicou Muñoz.

— Vá para lá — disse Parra — e espere. Espere que eu telefone. E, diabos o levem, Muñoz, não faça asneiras.

— Sim, compadre.

— Compadre é a mãe. . . — Desligou.

Luís Uribe, o secretário, trouxe o café e o colocou diante de Parra. A família de Uribe tinha fugido de Cuba, ninguém sabia como, mas agora não tinha tempo a perder com o indivíduo. Rico engoliu o café com um trejeito do pulso e gemeu.

— Fidel! — gritou ele — onde é que você está, seu patife?! — Ficou muito tempo a olhar para o telefone silencioso. — Uribe! Você telefonou para todas as mulheres dele?

Uribe fez um gesto de impotência. Rico Parra dava estalos com os nós dos dedos, nervosamente. Tudo o que era preciso para tomar conta de Devereaux estava planejado e em movimento. Só esperava que Castro desse o sinal para

agir. Quando o telefone tocou, Rico deu um suspiro de alívio. Uribe levantou o fone, respondeu e olhou intrigado para o patrão.

— É... é a Señora de Córdoba.

— Juanita. . . a esta hora. . . eu atendo.

Pegou o telefone e com um gesto mandou Uribe sair do escritório.

— Alô? Fala Rico Parra.

— Olá, Rico. É Juanita de Córdoba. Preciso falar com você.

Rico esperou que seu coração deixasse de bater com tanta força e respondeu:

— Eu posso me encontrar com você numa hora mais decente.

— Não. Tem de ser agora.

— Muito bem. Venha ao meu gabinete.

— Não. Quero falar com você confidencialmente. . . para discutir uma coisa. Não pode vir à minha casa?

Aquilo não cheirou bem a Rico. Uma cilada. Inclinou-se na cadeira e tamborilou com os dedos no tampo da mesa.

— Juanita — disse ele —, conhece a baía do Sol?

— Conheço.

— Eu tenho uma casa lá. Você pode ir?

— Posso.

— À entrada vire à direita e contorne a baía durante dois quilômetros. Não pode deixar de encontrar a casa. Tem um muro de pedra branca e no portão está escrito *Casa da devolução. A* casa do guarda é logo na entrada. Ele lhe dará a chave. Outras mulheres esperaram lá por mim, por isso não estranhará. Se sair agora de Havana, estará lá daqui a uma hora

— Então nos encontraremos lá.

Parra desligou, intrigado.

— Uribe! — gritou.

— Sim, Señor Parra!

— Vou sair um pouco. Se Muñoz telefonar, diga a ele para não fazer nada sem ordem minha.

— Sim, senhor.

— E continue tentando descobrir Castro.

— Sim — disse Uribe, retirando-se para o gabinete, ao lado.

Parra ligou para a Casa da Revolução e o telefone foi atendido pelo chefe do destacamento de guarda.

— Fala Rico — disse ele. — Espero uma senhora que deve chegar daqui a uma hora. Vejam se ela leva armas escondidas. Depois deixem-na trancada no edifício principal até eu chegar. Distribuam guardas pelos jardins.

— Que aconteceu?

— Desconfio de uma cilada.

Rico Parra apanhou a pistola e a cartucheira, colocando-as em volta da cintura. Em seguida saiu do escritório.

Capítulo 30

Boris Kuznetov tinha uma verdadeira paixão por Pepsi-Cola. A maior parte das vezes bebia seis durante cada interrogatório.

Esvaziou uma garrafa, pediu outra à enfermeira e olhou para os rostos familiares de Jaffe, Kramer, W. Smith e Dr. Billings.

— Em 1950 — continuou ele — fui nomeado para Berlim Oriental, como membro da Embaixada soviética, integrando uma comissão de compras. Estavam sob o meu comando as comunicações, mensagens e o controle de operações. Também era responsável pela segurança do pessoal da Embaixada.

— Dirigia as operações de espionagem?

— Sim. Principalmente em Berlim Ocidental.

— Fora de Berlim Ocidental?

— Pouca coisa. Recrutava pessoal.

— Pode explicar o que isso significa?

— Procurávamos jovens alemães de quinze a vinte anos de idade, cujos pais tinham antecedentes comunistas ou que de qualquer modo fossem aproveitáveis para trabalho ilegal. Esses jovens eram enviados a Moscou, para uma escola alemã especial. Ali recebiam instrução, o que às vezes durava dez anos. Temos escolas assim para a maior parte dos países ocidentais. O plano principal é introduzir essas pessoas na Alemanha Ocidental, ou na Itália ou na França, durante um ano, para familiarizá-las completamente com a zona onde mais tarde trabalharão. Depois, passados oito anos, voltam para o Ocidente com uma série completa de documentos falsos. Serão suficientemente hábeis para obter posições importantes no governo, nos meios científicos, indústrias ou quadros militares. Com um a plantação desta semente de ilegalidade haverá sempre uma grande colheita de agentes, no futuro, de um calibre melhor do que até agora foi possível.

— Quantos recrutou?

— Catorze.

— Recrutaram outros na Alemanha?

— Creio que a escola de Moscou tem quarenta alemães.

— E a escola francesa?

— Provavelmente o mesmo número.

W. Smith e Kramer começaram uma série extensa de perguntas para pormenorizar as operações de Kuznetov em Berlim.

Foram de repente interrompidos pelo aparecimento de Michael Nordstrom e do seu perito, Sanderson Hooper. Os dois agora vinham cada vez com maior freqüência. Interrompiam os interrogatórios regulares, faziam perguntas sobre os documentos da OTAN que Kuznetov entregara por ocasião de sua passagem para o Ocidente.

Boris compreendeu que os americanos estavam na pista de qualquer coisa importante.

— Importa-se se eu o interrogar em inglês? — perguntava sempre Nordstrom.

— Não, à vontade.

— É capaz de identificar este documento?

Todos os números de identificação tinham sido retirados do documento. Kuznetov pôs os óculos e o examinou durante uns dez segundos.

— Este pertence à série 1200, planos de contingência no caso de haver movimentos de tropas soviéticas em direção à Noruega.

— E este aqui?

— Documento da classe B, sobre munições defeituosas.

— Este?

— Ordem de compra de calçados. Materiais especiais para tempo frio.

— Este?

— Planos alternativos, no caso de campos de aviação da antiga zona britânica se tornarem inoperantes.

— Este?

— É falso.

— Por que diz isso?

— Trata da colaboração aérea sueca com a OTAN. As nossas fontes de informação dentro da Suécia nos dizem que não há qualquer acordo entre a Suécia e a OTAN.

— Quem são as suas fontes de informação?

—_Não sei. Acho que é um oficial sueco, provavelmente do Estado-Maior.

—_O que o faz pensar assim?

— Por causa de uma entrevista que tive com um dos nossos generais em Moscou. O General Samov; Fiódor Samov. O verdadeiro nome dele é Piótr

Pávlovitch Rogatkin. Fez várias negociações com os suecos. A minha opinião é de que ele tem contatos altamente colocados na Suécia.

— Este documento?

— Colocação de submarinos Polaris em águas soviéticas e no Báltico. Deixe-me ver. . . isto, isto e isto, certo. O parágrafo F é falso.

— Como é que documentos da OTAN foram parar em suas mãos?

— Através de um representante soviético em Paris.

— Quem é ele?

— Gorin.

— Como foram transmitidos?

— Através dos canais normais. Quase todos os documentos da OTAN que pedíamos estavam em nosso poder dentro de uma semana.

— Quem é que os entregava a Gorin?

— Discutirei esse assunto quando Devereaux voltar.

Nordstrom interrompeu a sessão. Boris teve a sensação de que havia urgência em qualquer coisa, ao voltar para o seu quarto.

Pediram, a Jaffe, da ININ francesa, que ficasse com Nordstrom e Sanderson Hooper depois de os outros terem partido.

— Fizemos uma descoberta importante desde ontem — disse Nordstrom a Jaffe. — Limitamos os documentos da OTAN que Kuznetov nos entregou a seis leitores comuns, três pertencem a outros países, e estão sob vigilância. Os outros três são franceses.

— Quem são?

— O Coronel Galande, do Planejamento Aéreo.

Jaffe, com um aceno de cabeça, deu a entender que conhecia o nome.

— E dois civis. Guillon, conselheiro técnico do gabinete do chefe do Estado-Maior.

— Eu mal o conheço, mas seria uma surpresa.

— Henri Jarré, economista da OTAN.

Jaffe coçou o bigode cheio.

— O Coronel Galande, Guillon e Jarré — murmurou — Não nos agrada apresentar isto ao SDECE francês — disse Hooper.

— E com razão — concordou Jaffe.

— Nós próprios não podemos vigiar franceses — comentou Michael.

— Léon Roux, do Serviço de Segurança francês — disse Jaffe, — Ele é chefe do Departamento de Segurança Interna, e a polícia interna é diferente. Roux sempre colaborou conosco, e, francamente, não simpatiza muito com a multidão que trabalha no SDECE.

— Vá a Paris, de avião, esta noite. Fale com Roux e peça que ele mande vigiar estes três suspeitos e que lhes investigue os antecedentes. . . e que também guarde segredo de tudo isso.

— Roux vai concordar.

Sanderson respirou fundo:

— Pergunto a mim mesmo como é que Kuznetov os surpreenderia ao final de tudo isso.

— Em breve saberemos. Devereaux já deve estar voltando.

— Se voltar — disse Mike.

Jaffe levantou-se da mesa, pensando na mala que tinha de fazer e em apanhar o avião da ININ, em Andrews, estabelecendo o programa para chegar a Paris e falar imediatamente com Roux.

— Hooper, Mike, ponham um grande círculo vermelho em volta do nome de Jarré.

— Por quê?

— É o que penso neste momento.

Capítulo 31

O carro da Embaixada da França parou diante do terminal do aeroporto de Rancho Boyeros. O Embaixador Alain Adam encaminhou-se com Devereaux até o balcão da KLM, único local em atividade.

— Que diabo há nesta maleta? — perguntou Alain, referindo-se à mala que Juanita de Córdoba tinha dado a André.

— É só a correspondência. Cuide dela enquanto eu trato da bagagem.

André fingiu indiferença ao perceber o homem que trabalhava junto com o agente dos bilhetes com um casaco da KLM que não lhe assentava bem. Era um agente cubano do G-2, e estava tão mal disfarçado que era a mesma coisa que trazer um cartaz na testa dizendo sua verdadeira função.

André colocou as malas na balança e observou a cena do agente de passagens procurando um nome na lista dos passageiros e depois se voltando para o agente do G-2 que estava atrás.

— Aquelas duas malas — disse o agente.

— Vão comigo para bordo.

— São muito grandes.

— Sou diplomata.

— Lamento.

— Não tenciono deixá-las sair da minha mão.

— Vamos pesá-las.

— Não.

— Já tem havido sustos com bombas. Toda bagagem tem de ser pesada e inspecionada.

— Sinto muito,

O homem do G-2 olhou para ele fixamente. André bocejou, aborrecido.

— Carimbe os bilhetes — disse finalmente o agente do G-2.

A mão do agente de passagens tremia ao carimbar os bilhetes.

— Por aquele corredor. Sala de partida número 3.

André pegou as malas e começou o longo e lento percurso com Alain Adam. Um guarda forçou-os a parar abruptamente, ao fundo do vestíbulo.

— Despeça-se aqui do seu amigo. Não são admitidas visitas nas salas de espera.

André olhou em volta, viu os agentes do G-2 espalhados, descuidadamente, por toda parte. Dois deles se aproximaram para lhe cortar a retirada. Todos os outros passageiros estavam sendo instalados nas salas 1 e 2. Estaria sozinho na sala 3. Era evidente que levava na maleta de Juanita qualquer coisa que a implicaria também, assim como a cem outros cubanos.

A jogada começara! O avião da KLM aterrissa em Miami. Diplomata francês desaparecido. Os cubanos fingiriam que não sabiam de nada, mostrariam uma lista de passageiros na qual não figurava o seu nome, pediriam desculpas e prometeriam investigar. O caso morreria envolto em mistério.

André jogou a primeira cartada. Puxou para o lado Alain Adam e perguntou rapidamente:

— Vê o que está acontecendo?

Adam acenou que sim.

— Regresse imediatamente para Havana. Apanhe Juanita e obrigue-a a pedir asilo político na Embaixada. Depois entre em contato com Castro, Parra ou Che Guevara, e avise-os de que sabemos o que está ocorrendo. Depressa.

— André, não quero deixar você aqui sozinho.

—Vá. Crie a maior confusão entre os altos funcionários. Ameace denunciá-los. É a nossa única possibilidade. Ande depressa.

Adam tentou dizer uma palavra apropriada, mas apenas apertou a mão de André, com força, acenou e voltou-lhe as costas.

André ficou observando o embaixador sair do terminal e viu o carro se afastar da calçada e desaparecer.

O círculo de agentes do G-2 apertou-se em volta dele.

— Vá para a sala número 3 — ordenou um deles.

O que ordenou parecia estar dirigindo as operações. André aproximou-se dele devagarinho e abanou a cabeça:

— Não O seu chefe. Muñoz, está sem dúvida à espera num dos gabinetes do fundo. Vá lá e diga-lhe que sabemos do jogo dele, e que a Embaixada da França telegrafou ontem à noite para Paris sobre a situação. Enquanto ele não quiser discutir o assunto comigo, tenciono esperar na sala com os outros passageiros.

Com estas palavras, André empurrou o homem e entrou na sala número 2, que estava repleta. O cubano, atrapalhado, correu para Muñoz, no gabinete do fundo, comunicou-lhe as palavras de Devereaux. Muñoz traiu a sua confusão repentina por um tremor de mãos e respiração nervosa. Mordeu o lábio inferior e tirou o telefone do gancho.

— Liguem-me com Rico Parra! — gritou ele.

Capítulo 32

Rico Parra abriu violentamente a porta da Casa da Revolução. A sala de estar vinha se estragando desde o tempo do seu antigo proprietário. Juanita de Córdoba estava sentada numa cadeira de costas altas. O guarda, Hernández, mantinha-se de pé, com uma metralhadora portátil apontada para a cabeça dela.

— Ela não está armada — falou Hernández.

Rico fez sinal ao homem para que se retirasse.

— Sinto-me lisonjeada com a sua exibição de armas — disse ela —, mas era desnecessária. Sou perfeitamente inofensiva.

— É inofensiva como uma cobra — respondeu Rico.

— Como quiser.

— Sim, como eu quiser. Não sobrevivi como guerrilheiro nas montanhas de Sierra Maestra por estupidez. Bem, que diabo pretende?

Juanita descruzou as pernas e se pôs de pé, passando os dedos pelo tampo de uma escrivaninha antiga. Mesmo nesta atmosfera tensa, uma sala escura e abandonada, mesmo assim ele tinha consciência da fêmea que estava à sua frente. O corpo apertado numa calça de seda, as nádegas redondas mas firmes. As unhas compridas e brilhantes, a arte das suas jóias, o penteado severo, o perfume dela. Os olhos de Rico pararam na barriga nua de Juanita e subiram para a blusa de um tecido maravilhoso, quase toda aberta e atada frouxamente sob os seios.

— Claro que sabe por que estou aqui — disse ela.

— É muito cedo para adivinhar. Diga-me.

— Disseme que tem o controle de certos diplomatas. Quero fazer um acordo com você por causa de um deles.

Rico tirou um charuto do bolso da calça, cortou—lhe a ponta com os dentes, cuspiu-a, e mastigou-o sem acender.

— André Devereaux deve sair de Cuba sem lhe acontecer nada.

— Se sair?

—_Você terá a Palomita. — Dirigiu-se para a porta do quarto e abriu-a.

Rico sabia que ela continuaria a odiá-lo tão íntensante quanto amava o francês, e que tudo o que receberia dela seria uma sombra.

— Bem — disse ela —, é o que você quer, não é? Concluamos o negócio.

Rico soltou a sua risadinha estranha, depois ergueu a face barbada e deu

uma gargalhada.

— Julga realmente que vou deixar André sair de Cuba?! — gritou ele. — É um espião dos ianques. E, quanto a você e seu sacrifício, talvez esteja querendo salvar a pele. Bem. . . Rico Parra não tenciona deixar-se manobrar dessa maneira. Não protejo traidores.

— Não sei se André Devereaux esteve aqui numa missão de espionagem ou não — disse ela.

— Mentirosa!

— Não sei — repetiu ela. — Mas, se esteve, certamente não levaria consigo informações para fora do país, não acha? Já as teria mandado pelo rádio ou através do correio diplomático.

— Você é demasiadamente lógica para uma mulher.

— De qualquer modo, Devereaux não pode prejudicá-los mais, a não ser que caiam na loucura de tentar assassiná-lo. Quanto a mim, Rico Parra, não sou traidora de Cuba.

— E se ele partir. . . tentará mandar um barco para levá-la. . . sim!

— Tenho a certeza de que os meus criados serão substituídos por criados seus. Espero estar sob vigilância constante, como parte do nosso acordo.

— Tem tudo bem pensado, não é verdade?

— Nunca o tomei por bobo.

Dirigiu-se para o quarto. Rico a seguiu, mastigando o charuto apagado. Encostou-se ao umbral da porta e meteu os polegares no cinturão, com cara de poucos amigos. Juanita, de pé junto à cama, desfez o nó da blusa e deixou-a cair no chão. Ficou imóvel na sua nudez.

Rico corou. Correntes de desejo, fúria e confusão percorriam seu corpo. Juanita aproximou-se dele com segurança, tirou-lhe o charuto da boca e atirou-o fora. Pegou-lhe na mão rude e colocou-a em seu seio.

— Já que vamos fazer isso — disse ela —, é melhor que seja com prazer.

De repente, Rico Parra ergueu a mão livre e deu-lhe uma bofetada na boca.

— Porca! Porca aristocrática! — A cabeça dela oscilou com a nova bofetada e o cabelo ficou desfeito. Ele bateu outra vez. Ela tremeu, mas não recuou, nem gritou Rico atirou-a com força para cima da cama. — Você me odeia! Muito bem, mulher! Você quer um animal!

Saltou para cima dela e rasgou-lhe as roupas, fazendo-a girar sobre a cama. Juanita parecia ter ficado histérica; estendeu as mãos desesperadamente e o

agarrou pela barba. Com um ímpeto de força puxou-o até obrigá-lo a curvar-se sobre ela. Deu uma dentada no ombro dele, rasgando-lhe a camisa. Rico gritou de dor.

— Eu também sou um animal! — gritou Juanita, e de novo o mordeu, obrigando-o a parar o ataque.

Estavam deitados um ao lado do outro, ofegantes, e depois riram e choraram, meio loucos. . . e então atacaram-se outra vez e lutaram até cair no chão. Juanita pagava selvageria com selvageria. Suas unhas procuravam o rosto dele, enfiavam-se, arrancando-lhe a barba, e o mordeu até que ele a prendeu com o seu peso. O sangue jorrava-lhe das feridas do rosto e do pescoço. Rico a segurava com firmeza, e os dois ofegavam e gemiam. . . E passado algum tempo. . . pararam.

E, de repente, Rico Parra começou a chorar.

— Não posso. Agora não posso. Tenho isto constantemente. — Largou-a.

Os dedos dela procuraram o emaranhado de cabelo negro, desta vez com doçura, ternamente:

— Descanse e depois eu ajudo você.

— Não posso.

— Eu lhe mostro como. Vou ensinar-lhe tudo, Rico.

Ambos perceberam que havia outra pessoa no quarto. Hernández, o guarda, olhava para eles boquiaberto. Rico pôs-se em pé cambaleando e Hernández saiu do quarto, recuando e tremendo.

— Compadre — desculpou-se ele —, eu não sabia. . .

— Que diabo você quer?

— Uribe telefonou do escritório e perguntou se o senhor estava aqui. Disse que era muito urgente. . . da parte de Muñoz, do aeroporto.

— O que é que você disse a ele?

— Nada. . . Não lhe disse que o senhor estava aqui. Juro!

— Saia daqui! — gritou Parra, dando-lhe um pontapé no traseiro.

Cambaleou um pouco, limpou o sangue do rosto com as costas da mão e olhou para Juanita, ainda no chão; depois cambaleou até o telefone e tirou-o do gancho.

— Não! — pediu Juanita de Córdoba. — Não telefone!

Capítulo 33

Decorreu uma hora.

E uma segunda hora. André estava sentado no banco de madeira na sala número 2, com as maletas no colo sempre com o olhar frio dos agentes do G-2 sobre ele.

A sala estava abafada e cheirava mal pela falta de ar enquanto os funcionários e a milícia representavam uma sórdida cerimônia de partida para os passageiros cubanos.

Uma mulher feia e áspera do G-2 berrava os seus nomes. Os funcionários da emigração reuniam os refugiados e a polícia preenchia uma série de papéis, tomando nota inclusive dos parentes mais próximos que ficariam ainda em Cuba.

Um representante do Banco Nacional confiscavalhes as contas bancárias.

Era ordenado às famílias cubanas, aterrorizadas, que fossem para as divisões anexas, onde tinham de se despir completamente para serem revistadas, Uma pilha de roupas confiscadas, jóias, relógios, alianças de casamento, medalhas religiosas e livros crescia sobre os balcões. Uma grande parte do que ali estava seria mais tarde escolhida para uso da própria milícia e dos funcionários. O resto acabaria sendo vendido no salão do Capitólio nacional.

— Atenção, por favor! O vôo 438 da KLM para Mia-mi sofrerá algum atraso por motivos técnicos.

Os passageiros, exaustos, soltaram um gemido, e daí a pouco espalhava-se o boato de que fora colocada uma bomba a bordo. A fome, a sede e o medo tomaram conta dos passageiros. Fizeram fila para poderem servir-se, um por um, do banheiro, na presença de um guarda.

Muñoz, no gabinete sufocante, estava com o rosto completamente molhado de suor. O representante da KLM discutia acaloradamente sobre o novo atraso do vôo.

Muñoz olhava para o avião, através da janela: — Disselhe que o avisaria quando o avião pudesse partir. Agora saia. _

Em sua camisa viam-se grandes manchas de suor. Tentou encontrar uma unha que não tivesse sido roída. Quando o telefone tocou, agarrou-o tão rapidamente que o fone caiu de sua mão úmida.

— Alô!

Era Luís Uribe, pela décima vez.

— Encontrou Rico?

— Não, mas há uma novidade. Che Guevara acaba de telefonar — referia-se a outro dos homens fortes do regime. — Disse que o Embaixador da França acabou de procurá-lo, contando-lhe que há uma conspiração para raptar Devereaux.

— Bem, e quais são as instruções de Che?

— Falou para eu lhe dizer que, na ausência de Parra e Castro, pertence a você o comando do G-2.

Muñoz desligou devagar, dirigiu-se para a porta, abriu-a e chamou o seu subordinado.

O homem esvaziou nela o resto da sua força. Juanita chorava baixinho.

— Eu lhe causo nojo — murmurou Rico, com pena de si próprio.

— Não. . . choro porque sou feliz — soluçou ela. — Porque sou muito feliz. . .

— Atenção! Atenção! O vôo 438 da KLM para Miami vai partir. Senhores passageiros, queiram dirigir-se para o portão de embarque, e boa viagem!

Capítulo 34

André passou pela Alfândega de Miami, foi diretamente para o vestíbulo do andar principal e hospedou-se no Hotel do Aeroporto sob o nome de De Fries.

Em poucos minutos Michael Nordstrom aparecia à porta do quarto com um balde de gelo e uma garrafa de *bourbon.*

— Olá, Mike. . . como vai? É um prazer vê-lo.

— O mesmo digo eu. Estávamos ficando um pouco preocupados.

André encolheu os ombros e fechou a porta:

— Receberam tudo?

— Dois rolos de microfilmes e quatro mensagens pelo rádio.

— Ótimo — disse André. — Tenho uma porção de coisas soltas na minha pasta, e mais algumas fotografias. Vou levar uns dias para completar o relatório.

Atirou o paletó em cima da cama. desapertou a gravata, arregaçou as mangas e dirigiu-se para o banheiro. Meteu a cara numa bacia cheia de água fria.

Mike estendeu-lhe uma bebida quando ele se deixou cair numa poltrona. Bebeu um gole e suspirou de cansaço.

— Como correram as coisas?

— Rotina. Nada de muito excitante. Mas creio que terão de procurar outras fontes de informação em Cuba. Acho que não posso mais voltar. Estamos todos liquidados, Mike.

— Espero que nenhum dos seus agentes tenha sido preso.

— Que eu saiba, não, mas agora são um corpo sem cabeça. Com um pouco de sorte podem reentrar no anonimato.

— O trabalho foi difícil, André. Realmente difícil. Não preciso dizer-lhe quanto fez por nós. Quanto aos seus agentes, foi uma sorte não terem sido fuzilados contra uma parede.

— Foi a perícia de Juanita.

— Ela deve ser uma criatura formidável — comentou Mike.

— Sim, não ha outra como ela. Vou precisar de um barco para trazê-la. Ela está numa situação mais perigosa do que possa imaginar.

— Pode contar com a nossa ajuda.

— Obrigado.

Era evidente para Mike que André tinha ido muito longe com essa mulher. Era estupidez da parte dele deixar-se envolver dessa maneira. Tinha pena de André, mas, mesmo nesse tipo de vida, os homens hão de ser sempre homens.

André colocou a bebida sobre a mesinha junto à maleta que Juanita lhe

dera.

— Ah, aqui está a correspondência. Deram-me instruções para não esperar, para abri-la imediatamente.

Girou a chave na fechadura e abriu a mala, ficando a olhar, assombrado.

— Meu Deus! — exclamou.

Michael Nordstrom ficou de boca aberta quando André mergulhou a mão lá dentro e tirou um punhado de jóias. Diamantes, rubis e esmeraldas em gargantilhas, braceletes, relógios, anéis. Havia mais, embrulhados em jornais velhos. Cada jóia tinha uma etiqueta, e continha uma indicação:

POR FAVOR ENTREGUE ISSO A MANOEL SANCHEZ, MIAMÍ — DA IRMÃ CECÍLIA.

ENTREGAR AO DR. F. DARGO, MIAMI – DE SUA MÃE.

PEÇO QUE ENTREGUE ISTO A SAMUEL LÓPEZ Y GARDOS — DE SEU IRMÃO ARTURO. CREIO QUE ESTÁ EM DENVER, COLORADO.

Havia mais de cinqüenta jóias, todas com indicações Para serem entregues aos destinatários. Uma espécie de tragédia cintilante.

André ia meter outra vez tudo na mala, mas parou ao ver qualquer coisa no fundo. Era um colar de pérolas, incrustado de diamantes, com uma safira pendurada. Ele o conhecia! Um anel ao lado — também o conhecia! Umas doze jóias no fundo da mala lhe eram familiares. Reconheceu-as. Pertenciam a Juanita de Córdoba.

Havia uma carta para ele. Abriu-a.

André, meu amor,

Peço que utilize essas jóias para a educação dos meus filhos. Visite-os de vez em quando, se for possível São ótimos garotos e têm a coragem do pai, e sei que se tornarão homens excelentes.

Meu querido, meu homem maravilhoso, deve saber agora que, aconteça o que acontecer, eu o amo, e que amo só a você até morrer. Não olhe para trás e não chore por mim: Se tivesse de recomeçar tudo outra vez não teria feito nada diferente.

Amor. . . amor. . . amor. ..

Juanita.

Mike viu o desespero apoderar-se de André. Nunca o vira assim.

— Oh, meu Deus! — gritou. — Escondeu tudo de mim, Mike. Deus! Sabia e não me disse. O que é que eu faço? Juanita. . . querida. . . Juanita. . .

— Calma, André. . . calma. . . calma!

Terceira parte

TOPÁZIO

Prólogo

O presidente deu um impulso com as pontas dos pés c pôs em movimento a cadeira de balanço. Perto dele, no sofá de couro, estavam sentados Lowenstein, o seu assessor político de maior confiança, e Marshall McKittrick, seu conselheiro em assuntos de espionagem. O General St. James, chefe do Estado-Maior, sintonizou a televisão e pôs-se a passear de um lado para outro.

O homem que estavam vendo na tela era o congressista Brolin, de Ohio, que adquirira subitamente enorme importância nacional. Depois da sua apresentação como orador, perante a convenção da Sociedade de Veteranos Americanos, Brolin avançou para a tribuna e para a fila de microfones. . . houve um clarão de *flashes,* e ao mesmo tempo o ruído dos aplausos.

O congressista Brolin tinha dado o primeiro alarma, em pleno verão. Numa série de discursos públicos, advertira a nação para o perigo da concentração de armas soviéticas em Cuba. A princípio os seus discursos e artigos foram considerados excêntricos, de natureza política, e feitos para embaraçar o governo. Agora não era mais assim. As palavras de Brolin eram ouvidas, altas e claras, com o que demonstrou ter realmente acesso a informações secretas.

Os quatro homens no gabinete do presidente olhavam com toda a atenção, enquanto o orador de cabeça branca apontava, aparentemente, para dentro da sala. Ele investia contra o envio de armas soviéticas para Cuba. Exigia que o presidente se dirigisse ao povo americano ou que houvesse uma investigação pelo Congresso.

O escritório do presidente ficou num silêncio de morte durante muito tempo depois que o aparelho foi desligado, calando a ovação do público depois do discurso de Brolin.

— Ele vai falar novamente no Congresso terça-feira — disse Lowenstein — e depois da conferência de imprensa no próximo domingo.

Não era preciso explicar o sucesso de Brolin. A correspondência que ele recebia tornava-se cada vez mais volumosa. Tinham acabado de chegar de Havana novas informações através dos franceses. Parecia ser agora um fato comprovado que os soviéticos tinham enviado mísseis para Cuba. Ainda pairava no ar a questão de quando é que eles estariam em estado de funcionar. Na manhã

daquele dia o presidente havia recebido, durante duas horas, um emissário especial soviético, cuja missão era prometer paz e assegurar que as intenções soviéticas estavam sendo mal interpretadas.

— McKittrick — disse o presidente —, quero que Cuba seja fotografada imediatamente de uma ponta a outra. Quero este trabalho feito dentro de poucos dias. É urgente. — Depois, levantou-se da cadeira de balanço e olhou para o General St. James. — Traga-me os planos de emergência para a invasão de Cuba.

Capítulo 1

A Süreté, a polícia nacional francesa, tinha a sua sede no Ministério do Interior, em frente ao Palais de L'Élisée.

A Segurança Interna, uma divisão da Süreté, tinha mais ou menos as mesmas funções do FBI. Essa divisão era chefiada por Léon Roux, um antigo oficial de carreira. Dirigia uma polícia profissional altamente hábil e relativamente livre da mão pesada do Presidente Pierre La Croix.

Roux recusava-se a ser um dos novos e elegantes inimigos dos americanos, e saudou calorosamente Sid Jaffe, seu velho amigo.

Os movimentos do francês eram rápidos como os de um colibri, mas seu rosto coberto de rugas tinha uma expressão cínica, devida a muitos anos de trabalho na polícia.

Foi servido café e conversaram, antes que Sid Jaffe tocasse no assunto que o trouxera a Paris.

— Documentos da OTAN — disse Jaffe. — Dezenas deles foram roubados aqui e remetidas cópias para Moscou.

Léon Roux resmungou qualquer coisa, passou as palmas das mãos pelo rosto enrugado, num gesto de preocupação terrível.

— As traduções de muitos deles nos foram entregues por um russo — continuou Jaffe. — Limitamos a coisa a seis pessoas: três são franceses, três não. Estes últimos regressaram aos seus países de origem. Nordstrom mandou-me aqui para pedir sua colaboração, mantendo os franceses suspeitos sob vigilância.

Roux acenou que sim.

— Gostaríamos de que tudo fosse feito dentro do maior segredo possível — disse Jaffe, dando a entender que tanto o SDECE como o Presidente La Croix não deviam ser imediatamente postos a par do que se passava. Claro que Sid Jaffe conhecia as brigas contínuas de Roux com o SDECE, e isso o favorecia.

Roux ergueu os olhos para o teto, e pôs-se a pensar en voz alta:

— Digamos que Jaffe não nos tenha procurado para dar esta informação. Digamos que eu a tenha recebido através das minhas próprias fontes de informação. Ninguém precisaria ter conhecimento do assunto por enquanto, não é?

Jaffe sorriu.

— Não lhe disse nada.

— Bem, quais são os bons franceses que são suspeitos?

— O Coronel Galande, do Planejamento Aéreo.

Roux comprimiu os lábios e fez um gesto com a mão, de palma para baixo, como a dizer talvez sim, talvez não: — É possível. Foi oficial francês de Vichy, a quem La Croix perdoou há anos. A mulher dele foi comunista. Contudo, isso na França não é crime. É possível.

— Guillon, do gabinete do Estado-Maior — continuou Jaffe.

— Extremamente duvidoso, não acha, Jaffe?

— Nunca se sabe.

— Quem mais?

— Henri Jarré, economista da OTAN.

O silêncio de Roux era bastante elucidativo. Pediu os dossiês dos três homens e mandou chamar Marcel Steinberger.

— Vai conhecer o Inspetor Steinberger. É meio judeu. Depois de Auschwitz foi parar em Dachau. Os americanos o libertaram. Trabalhou com o governo militar de vocês durante quatro anos. É extremamente pró-americanos, fala pouco e pensa rápido.

Os dossiês dos suspeitos e Steinberger chegaram ao mesmo tempo. O inspetor foi apresentado a Jaffe, que o observou atentamente enquanto Roux explicava a missão.

Steinberger era um homem baixote que, exteriormente, pouco mostrava dos anos passados em dois campos de concentração, exceto por um tique nervoso que de vez em quando fazia cintilar seus olhos. Era uma vaga expressão de indiferença súbita, uma reversão, que Jaffe conhecia, e que colocava à parte dos outros seres humanos as vítimas dos campos de concentração.

Quando a explicação terminou, os três examinaram os dossiês; Leon Roux rasgou dois pedaços de papel de um bloco e deu-os a Jaffe e a Steinberger — Escrevam o nome do homem que pensam ser o que procuramos, e eu farei o mesmo Jaffe escondeu com a mão esquerda o nome que escrevia e rabiscou duas palavras, tal como o Inspetor Steinberger. Roux colocou uma caneta entre o indicador e o dedo médio e rabiscou qualquer coisa com um floreado. Os dois papeis foram—lhe entregues, com o lado escrito para baixo. Arrancou a folha

em que escrevera e depois virou as outras. _

Todas apresentavam as mesmas palavras: HENRI JARRÉ.

Capítulo 2

André empurrou a porta com as costas, entrou e colocou as malas no chão. Houve uma curta sensação de vazio, sem a saudação habitual de Picasso e Robespierre. A sala de estar se encontrava quase às escuras, um pequeno abajur entre duas cadeiras Luís XV estava aceso.

Brigitte Camus, com um ar sombrio, estava sentada, ainda de casaco.

— Como está, M. Devereaux? — perguntou ela.

André sabia, mas não queria perguntar.

— Mme Devereaux viajou — disse Brigitte.

— Quando?

— Logo que o senhor partiu para Cuba. Na sua escrivaninha há uma carta que ela mandou, e várias de Michele no escritório.

André foi até a secretária, acendeu a luz e abriu o envelope.

Meu querido André,

O que outrora foi amor entre nós transformou-se numa coisa diferente. Estamos saturados. Parece que os dias passam com um nunca acabar de palavras agressivas. Há sempre um ar de hostilidade muito perto da superfície, à espera da palavra que provoque a explosão.

Detesto a escravatura da sua posição. Esforcei-me por compreender e cumprir o meu dever, mas não posso assistir à sua morte.

Ah! que saudades do tempo que não podemos reviver. Quem me dera que não tivéssemos percorrido já tão grande parte do caminho e que não estivéssemos presos às nossas maneiras inalteráveis de ser. Se outrora soubéssemos o que sabemos agora, talvez pudéssemos ter dado um ao outro o que cada um de nós tinha de melhor, em vez do pior. Não posso aceitar o que você fez com outras mulheres. Suportei, mas não me agradou. Talvez a culpa também tenha sido minha, por não ajudar você a se realizar.

Sei que preciso de tempo para pensar, e de distância entre nós, pois quando o vejo ou o ouço tremo de fraqueza.

Michele e eu estamos morando no apartamento de Paris, e nos fins de semana tenho visitado o seu pai em Montrichard. Tem sido muito simpático, se considerarmos a sua opinião geral sobre todas as mulheres, e, até agora, ainda não me disse que eu sou mais uma prova do que ele diz.

Michele acabou tudo com Tucker. Matriculou-se na Sorbonne e travou

conhecimento com um rapaz, François Picard, que é jornalista e trabalha também na televisão. Ê muito entusiasta e dedicado à sua profissão, e em muitas coisas se parece com você, quando nós nos conhecemos. Ele e Michele estão constantemente juntos.

André, meu querido, se o feri com esta separação, acredite que mais o teria magoado se ficasse em Washington, no estado em que nós nos encontrávamos.

Nicole.

Ficou muito tempo com a carta na mão.

— O senhor quer comer alguma coisa? — perguntou Brigitte.

— Não.

— Quer beber?

— Não, obrigado.

Ela tirou a carta da mão dele e leu-a também.

— Não está sendo justa — disse.

— Acho que Nicole tem razão — respondeu André.

— Não, não tem. A vida dela devia ser a sua. A sua vida é o mundo inteiro. Nicole tem de estar aqui, a seu lado, por mais incômodo que isso seja. Mas Nicole está apaixonada pelo seu próprio sofrimento. Renega o seu dever de esposa ao se recusar a sorrir quando o senhor está fatigado, a lhe dar força e a compartilhar os seus receios, a lhe dar uma compaixão silenciosa quando o senhor está exausto pela tensão nervosa. O que ela merece é um Tucker Brown

— Basta...

— Desculpe-me, mas vi o senhor durante muitos anos sair do campo de batalha do seu escritório para o campo de batalha do seu lar.

— Sim, realmente foi falta de consideração da parte de Nicole me deixar no momento em que eu tentava tirar de Cuba a minha amante. Que pena Nicole não ter uma visão mais ampla das coisas, que lhe permitisse compreender.

— Se a situação fosse ao contrário, Juanita de Córdoba compreenderia?

— Ah! sim... compreenderia muito bem!

— Pois bem, o que o senhor merece é uma mulher assim.

André deixou-se cair em frente à secretária e esfregou os olhos com os dedos, falando num resmungo quase incoerente: — Preparei um telegrama ao vir para cá. É para o Embaixador Adam em Havana, a respeito de um barco de Miami para Cuba. Vou embarcar nele para trazer Juanita. Esta... esta noite não quero ler a correspondência. .. temos de redigir um longo relatório, por isso

trabalharemos no escritório, até tarde, durante o resto da semana. Não se esqueça de expedir o telegrama de manhã. . .

— Já fez mais do que devia — disse Brigitte. — Descanse um pouco enquanto eu lhe preparo alguma coisa para comer.

— Não, vá para casa.

— Por favor. . .

— Não, já tem tido bastante trabalho comigo. . .

— Fico no quarto de sua filha — insistiu ela. — Quero estar perto do senhor, para o caso de querer conversar ou de precisar de qualquer coisa. Há momentos em que um homem não pode ficar sozinho.

Capítulo 3

A campainha da porta tocou no apartamento dos Devereaux, na Rue de Rennes. Nicole abriu a porta a François Picard, conduziu-o à sala de estar e serviu-lhe um Pernod, preparando um *bourbon* para si. Um reflexo da sua americanização.

— Michele está quase pronta.

François se irritou.

— Por que é que ela nunca está pronta na hora? Nunca conheci uma mulher que se atrasasse tanto quanto ela.

— François, é preciso fazer uns pequenos sacrifícios por uma moça como Michele.

Ele resmungou, ela riu. Nicole gostava desse rapaz teimoso. Tinha perto de trinta anos, vestia-se bem, mas despreocupadamente, e às vezes, no meio de uma conversa, seu espírito fugia para qualquer coisa distante. Era o tipo perfeito do sonhador.

— Li o seu artigo no *Moniteur* desta semana. Escreve de uma forma muito violenta. Estou certa de que o Presidente La Croix ficou muito aborrecido.

— Infelizmente ele não lê o que eu escrevo.

— Mas me parece que as suas opiniões chegam aos ouvidos dele.

François soltou um profundo suspiro de frustração.

— Não é só La Croix e as pessoas que o rodeiam. O pior é que os franceses ficam surdos diante do que digo. Um país de estúpidos. Eternos soldados em desfile. Mas temos de continuar a tentar, não é verdade, Mme Devereaux?

Nicole baixou os olhos e sentou-se no sofá:

— Sim, conheço uma pessoa assim.

François fumava o cigarro com a mesma intensidade com que fazia tudo. Era um rebelde numa causa fútil. . . tal qual uma pessoa que ela conhecia. Mas havia nele um lado alegre, e Michele sabia fazer vir à tona essa si faceta.

— Michele e você têm intenções sérias? — perguntou Nicole de repente.

— Ficaria aborrecida se tivéssemos?

— Nunca coloco objeções ao que Michele faz, mas sempre dou a minha opinião.

— Por favor.

— Michele tem vivido a sua vida de certa maneira. Tem sido muito

mimada e tem consciência de. . . bem, demos mais ênfase à parte social da vida.

— Compreendo o que quer dizer.

— Não se ofenda, François, mas esta súbita mudança de clima pode não ser tão fácil quanto parece.

— Não me ofendo, senhora. Não tenho posição de destaque na vida, ou o que chamam posição de destaque. Além disso, desconfio de que as minhas atitudes contra La Croix farão com que qualquer dia me despeçam da Télévision Nationale. Nessa altura serei realmente um jornalista em apuros. Não se vive bem com o produto de uma coluna semanal no *Moniteur.*

— Começa a vida difícil?

— Enquanto Michele agüentar, não me custa tentar.

— Mas conhecem-se há tão pouco tempo!

— Michele faz uma coisa que ninguém mais consegue. Faz-me rir. Quando entro numa sala, ela olha para mim de certa maneira e dá-me a sensação de que se sente feliz por eu existir. Conheci um bom número de moças. Michele é muito jovem, mas é mais mulher do que as que conheci. Veste-se como mulher, tem aspecto de mulher, e cheira como mulher. É uma mulher total, como a mãe dela.

Michele apareceu com uma maleta. Iam de automóvel até a costa, para uma praia perto de Dieppe. Era mais que provável que o tempo no canal estivesse demasiado ruim para tomar banho ou nadar, mas haveria longos passeios sentimentais na areia, e uma casa agradável com lareira na sala. Ouviriam música e conversariam. Pareciam ser capazes de conversar indefinidamente.

François e Michele trocaram sorrisos.

— Desculpe o atraso.

— O melhor é partirmos já para evitar o trânsito à saída de Paris.

— Bom fim de semana. Espero por vocês no domingo à noite.

François garantiu a Nicole que não aceleraria demais seu carro esporte nas estradas da província, e saiu.

— Detesto deixá-la sozinha, mamãe.

— Que besteira!

— Por que não vai para Montrichard?

— Esta semana não estou com disposição para visitar vovô Devereaux. Vá, não deixe o seu rapaz esperando.

Beijaram-se, apenas tocando as faces. Michele voltou-se da porta: — Ele é maravilhoso, ou sou eu que estou louca?

— Sim, é maravilhoso, e vai dar a você uma vida repleta de. . . —

interrompeu a frase antes de dizer "solidão e sofrimento".

— Não, mamãe, não diga. Sou tão feliz!

Nicole foi até a janela, olhou para a calçada e os viu partir para um mundo que agora conseguiam criar só para si próprios. Durante algum tempo não dariam pela existência do outro mundo, que os engoliria e destruiria o encantamento.

Começou a passear de um lado para outro, munida de um cigarro e de um *bourbon.* Parou diante do toca-discos e leu os nomes das músicas. Não sabia por quê, mas atualmente qualquer música lhe recordava André.

Olhou para o telefone. Ligar para uma amiga, almoçar e conversar? Nicole há muito achava isso um desperdício de tempo.

Jantar e ir ao teatro? Havia convites permanentes dos muitos amigos que eles tinham em Paris. *Eles.* Agora ela era de uma terceira roda, e os convites eram de amigos que tinham pena dela. Não agüentava mais semelhante coisa.

As muralhas da solidão fechavam-se sobre ela.

Um bom livro. Que diabo! Já não há bons livros. O que doía era a solidão. Podem-se arranjar companhias de segunda. A gente fica ao lado de chatos só para evitar a solidão. Mas não se pode fugir ao medo que surge quando as luzes têm finalmente de ser apagadas. Ou àquele vácuo quando se dorme e se acorda sem ninguém ao nosso lado.

O vácuo existe o tempo todo, mesmo no meio de uma multidão.

Acendeu outro cigarro e tentou folhear uma Jogou-a de volta para o cesto de papéis.

A decisão que Nicole tinha esperado tomar com a separação não fora tomada. As coisas estavam mais confusas do que nunca. Outrora, quando ela e André eram novos, achava que ele não podia viver sem ela. Agora, a cada dia que passava, via que a verdade era exatamente o contrário. Ele continuaria o seu trabalho... talvez um pouco mais triste e fatigado, mas continuaria a viver.

Nicole parecia uma pedra; estática, fumando cigarros, totalmente consumida pelos seus próprios problemas e infelicidade.

O telefone tocou agradável mente.

— Alô?

— Querida Nicole, aqui é Jacques.

Era Granville, o amigo mais antigo e mais íntimo dela e de André.

— Sou um monstro — disse ele.

— Claro que é, querido. Mas isso não é nenhuma novidade.

— Não, não! É que eu sabia que nos fins de semana, se você não vai para Montrichard, fica trancada dentro de casa. Hesitei em telefonar.

— Na realidade eu tinha feito planos para passar dois dias sossegada, ouvindo discos e lendo.

— Você vai fazer-me um enorme favor. Lembra-se de Guy de Crécy?

— Lembro. Nós nos encontramos em diversos lugares. É embaixador no Egito, não é?

— É. . . ou era até há uma semana. Foi mandado de volta a Paris. O pobre-diabo chegou ontem, e eu vou mandá-lo para o Extremo Oriente, a fim de tratar de um assunto especial, daqui a uns dias. Hoje vou dar um jantar para ele em minha casa. Um jantar íntimo, só cinco ou seis casais.

— Ele ainda está casado?

— É viúvo. Perdeu a mulher há um ano.

— Não sabia!

— Seja bondosa, Nicole. Venha.

— Só mesmo porque é você quem está pedindo, Jacques.

— Ótimo. De Crécy irá buscá-la por volta das oito.

Nicole desligou com uma grande sensação de alívio por sua solidão ser suspensa por uma noite. E depois sentiu uma ansiedade agradável com a idéia de se encontrar outra vez com Guy de Crécy.

Capítulo 4

Nicole ficou pronta muito antes da chegada de Guy de Crécy, e só se fez esperar alguns minutos bem calculados. Tinha uma expressão totalmente radiante, e ficou feliz ao ver que ele estava satisfeito com o aspecto dela.

Era um homem de cinqüenta anos, nada bonito, mas com um rosto forte, muitas vezes mais desejável num indivíduo do sexo masculino. De Crécy tinha as maneiras seguras do homem curtido por anos de luta nos campos diplomáticos.

A conversa, durante o caminho para a casa de Granville, foi fácil entre os dois. Ele tinha um filho e uma filha já crescidos. A vida era-lhe solitária depois da morte da mulher. Estava contente por ter saído do Egito e furioso por ser despachado tão depressa para o Extremo Oriente. Enfim, sempre teria uns meses em Paris, mais tarde.

Ela não falou da sua separação de André. Tinha voltado a Paris para a filha se matricular na Sorbonne e para se pôr a par das novidades francesas.

— Adoro Washington — mentiu ela.

Quando André estava numa das suas disposições mordazes, tinha-lhe dito mais de uma vez que Guy de Crécy era o tipo de homem com quem ela devia ter se casado. Nunca morreria de excesso de trabalho, estaria sempre do lado político correto, nunca se daria ao luxo de tomar uma decisão crucial ou impopular, delirava com as recepções e com a pompa da vida oficial e adorava todos os sinais externos do êxito.

O apartamento de Jacques Granville ficava no Hotel Meurice. Como adjunto do executivo presidencial, subira de um cargo inferior durante a guerra para uma das posições de maior influência na França.

A elegância de seu apartamento em Paris, no Meurice, era testemunho de sua posição e de sua fortuna pessoal. Paulette Granville, sua quarta mulher e a mais nova de todas, recebeu-os no vestíbulo. E Jacques, como encantadora raposa prateada, tornou mais quente o acolhimento com uma extroversão gaulesa.

Em breve a sala estava cheia de conversas fúteis, temperadas pelo humor especial dos diplomatas e pelo champanha excelente. Todos os presentes eram homens altamente colocados na *entourage* de La Croix, exceto Henri Jarré, um dos principais economistas da OTAN.

A conversa, muito naturalmente, deslizou para uma dissertação contra os americanos.

Henri Jarré tinha uma grande cabeleira negra, sobrancelhas espessas, rosto

pálido e ossudo. Fez uma expressão de desprezo, como intelectual cínico que era, e foi o que pronunciou palavras mais venenosas: — Malditos americanos. Não são às gafes diplomáticas, nem mesmo a sua falta total de diplomacia. É o fato de terem o dedo no gatilho da arma atômica. Diabos me levem se eu quero que esses idiotas tomem uma decisão que possa destruir a França, sem o consentimento da própria França. Bem, devemos todos ser gratos pelo fato de o Presidente La Croix se encontrar no governo. Causou-lhes um sobressalto com a exigência do pagamento do ouro.

Guy de Crécy era o que se pode chamar um diplomata completo, sem externar muito sua opinião sobre qualquer assunto. Além de Nicole Devereaux, que se mantinha devidamente calada, não havia na sala um único defensor dos difamados americanos.

Nicole bebeu champanha um pouquinho demais, e abafou a tentação de arremessar uma das farpas afiadas que André costumava lançar, só para ver as expressões de estupidez que surgiriam nos rostos deles. Jarré, em especial, precisava de uma lição.

Era muito estranho, mas nesta sala ela compartilhava plenamente os pontos de vista de André. Isso a aborrecia. E também a aborrecia ter detestado Washington. . . e não encontrar felicidade em Paris ou Montrichard.

Nicole estava satisfeita com a atenção de Guy de Crécy. Enquanto outros, à sua volta, vociferavam, os seus gestos e as suas maneiras eram finos, a sua voz calma, as suas palavras cuidadosamente escolhidas e pronunciadas com clareza.

Felizmente Paulette Granville fez com que eles se sentassem um ao lado do outro durante o jantar. E cresceu uma simpatia entre os dois. De Crécy mostrava que lhe prestava atenção, com um sorriso, um toque leve, um olhar demorado. . .

Nicole se perguntava se ele não estaria representando a arte sutil da sedução, ou se ela não estaria interpretando mal a atitude dele. Estaria apenas tentando ser delicado? E se estivesse enganada e fosse repelida? A palavra "repelida" não a abandonou mais. E ainda seria atraente ou já estaria muito velha?

— Mais vinho?

— Sim, por favor.

"Não, que diabo!", pensou ela. "Não faça como as americanas, não beba até achar uma justificação!" Cobriu o copo com a mão, mudando de idéia.

No carro, a caminho de casa, Guy de Crécy segurou a mão dela entre as suas, da forma mais inocente, e disse que a noite tinha sido muito agradável, e

que estava grato a Granville por tornar encantadora a sua curta estada em Paris.

Neste jogo que estavam fazendo, e da maneira como o faziam, não havia lugar para um homem conquistar uma mulher. Abraços e beijos à porta da rua e palavras vazias eram para crianças. No fim ela é que teria de decidir. E o homem que soubesse fazer bem o jogo, como Guy de Crécy, ter-se-ia apresentado, como aliás acontecera, com grande encanto, e agora era só esperar um gesto dela.

Nicole também desempenhara um papel. . . até certo ponto. Pelo menos enquanto ninguém se sentira ofendido. Outros homens haviam esperado pelo gesto, como Guy de Crécy esperava agora. Mas Nicole nunca tinha querido. Não precisava de mais ninguém além do marido.

O carro parou em frente ao número 176 da Rue de Rennes. O motorista saiu do automóvel para abrir a porta de trás.

— Obrigada pela noite encantadora — disse ela, como se não pudesse dominar as palavras que lhe saíam da boca.

Guy não mostrou qualquer desagrado ao acompanhá-la até a porta da rua. Nicole deu-lhe a chave, evitando olhá-lo de frente. Ele abriu a porta, ela lhe estendeu a mão.

— Desculpe-me — disse ela.

— Compreendo perfeitamente, Mme Devereaux — disse Guy de Crécy. Beijou-lhe a mão e partiu.

Nicole fechou a porta do apartamento e encostou-se nela, ofegante. Despiu o casaco devagar e deixou-o cair nas costas de uma cadeira. A sala estava silenciosa! Ao ouvir o automóvel se afastando, amaldiçoou-se a si própria.

Percorreu o vestíbulo, foi até o quarto... a cama vazia. Ficou sentada diante do espelho durante um tempo infindável, olhando-se como através de um véu, vendo algo desconhecido e difuso na meia-luz. E as lágrimas caíram-lhe pelas faces até se esgotarem.

Capítulo 5

Jacques Granville entrou na casa de Nicole encharcado pela chuva torrencial. Só encontrara espaço para estacionar o carro a dois quarteirões de distância.

— Pobrezinho — disse Nicole, pegando a capa e colocando-a em cima do aquecedor, para secar.

Jacques esfregou as mãos geladas, abanou a cabeça como um cão molhado e marchou em direção ao armário das bebidas, na sala de estar.

— Ainda bem que Michele telefonou. Eu a convenci a não voltar de Dieppe esta noite.

— Ahhh — disse Jacques, depois de beber um conhaque. — Bem, estou solteiro. Paulette partiu para a Normandia esta manhã. . . muito zangada. Agora que estamos os dois sozinhos, por que não vamos jantar em qualquer lugar?

— Tenho uma sugestão melhor. Não vale a pena sair com esse tempo. Eu preparo qualquer coisa.

— Estupendo! — Jacques telefonou para o escritório, a fim de comunicar onde estava, depois desapertou os cordões dos sapatos. Tinha as meias encharcadas.

— Você quase se afoga — disse Nicole. — Vá ao quarto de André e vista alguma roupa seca. Fique à vontade.

Quando Jacques entrou na cozinha, Nicole estava de avental e andava de um lado para outro, ocupada com os preparativos para a refeição. Gostou da camisa de veludo, da calça velha e dos chinelos de André que Jacques estava usando.

— É sério isso entre você e Paulette?

— Francamente, estamos cada vez pior.

— Outra vez, Jacques!

— É uma especialidade minha — penítenciou-se ele.

Sentou-se à mesa da cozinha e serviu-se de um copo de vinho. Nicole abriu a geladeira e examinou o que havia.

— Podemos escolher entre. . . vejamos. . . carne de carneiro, mas demora um bocado, ou miolos, ou, sim, tenho aqui uns escalopes.

— Faça qualquer coisa.

Pegou uma revista que estava sobre a mesa, cuja capa apresentava o senhor e dono, Pierre La Croix. Folheou-a rapidamente e a deixou de lado.

— Como é que você se deu com Guy de Crécy?

— Otimamente. Um homem encantador. Que pena ter perdido a mulher.

Ponha um pouco de vinho num copo para mim.

Jacques colocou o copo sobre a pia, onde ela estava descascando batatas. Acabou a tarefa, limpou as mãos no avental, alisou umas madeixas de cabelo que tinham caído para a frente.

Jacques tomou uma expressão grave:

— Queria falar com você, porque estou preocupado com André.

— E eu também — disse Nicole.

— Nicole, vou dizer-lhe coisas que não devia dizer, mas tenho uma confiança natural em você.

— Não se preocupe, meu caro Jacques. Estou casada com um agente secreto há muito, muito tempo.

— É lógico que você sabe que André esteve em Cuba.

— Às vezes ele me diz para onde vai. Outras vezes não. Neste caso não era difícil adivinhar.

— Contra uma forte oposição tomou a responsabilidade de fazer um trabalho especial para os americanos — continuou Jacques. — O relatório dele acaba de chegar ao SDECE. Concluímos que encontrou provas de mísseis ofensivos soviéticos.

— Isso é assustador.

— E é dizer pouco. Se o que ele diz é verdade, os americanos terão de agir, e depressa. Deus sabe a que tudo isto pode conduzir. Mas o papel de André. . . É funcionário francês. Pelo seu procedimento pode ter colocado a França numa posição delicada, que talvez nos envolva na questão contra a nossa vontade.

— Esse é o nosso verdadeiro André — exclamou ela com uma ponta de ironia. — Estou certa de que teve a esperteza de calcular antecipadamente as conseqüências.

— André está metido na mesma coisa há mais de cinco anos. Uma dança contínua com os americanos. A OTAN não é popular, e seus pontos de vista também não. Você conhece o Almirante Brune. Ele c a peça principal dentro do Serviço Secreto e está disposto a tudo para destruir André. Sei que o meu título de adjunto do executivo presidencial tem um som impressionante, mas sou apenas o menino de recados de La Croix. Consegui que muitos relatórios que atacavam André não chegassem a La Croix.

— Como amigo, o mais antigo e o mais querido_—disse Nicole —, você

conhece muito bem a dedicação dele — Nicole, há também um relatório sobre a saúde dele, e o meu dedinho não pode fazer estancar o dilúvio.

— Como é que nós podemos fazê-lo sair de Washington? Só matando-o — declarou ela com amargura.

— André tem amigos em todas as facções do governo. A reputação dele é quase a de um santo. Falei com diversas pessoas. Podemos livrá-lo honrosamente desta embrulhada.

— Dava tudo por isso — murmurou Nicole.

— Vai ser estabelecida uma nova Embaixada. É dele, se ele quiser.

— Onde? — perguntou Nicole, trêmula.

— Um pouco longe, mas decente. E especialmente pacífica. Na Nova Zelândia.

Nicole voltou-lhe as costas e cobriu o rosto com as mãos, depois dominou-se rapidamente antes de chegarem as lágrimas.

— Você tem de me ajudar a convencê-lo — disse Jacques.

— Nem sei se tenho marido. Estamos separados pelo menos por algum tempo.

— André volta para você — falou Jacques com firmeza.

— Pode haver outra mulher. . .

— Eu conheço André — disse Jacques. — Não é um segundo Granville. Vai voltar, tenho certeza.

Nicole se acalmou e recomeçou a preparar a refeição. Jacques tornou a encher o copo e olhou para ela durante muito tempo.

— Ainda bem que está chovendo — comentou ele. — Ainda bem que Michele não volta esta noite, e ainda bem que Paulette está na Normandia. Toda a minha vida fui um patife e não é agora que vou me modificar. Nicole, quero dormir com você.

Nicole aceitou aquilo calmamente, depois sorriu e puxou-lhe o nariz:

— Depois de quatro mulheres novas e bonitas, para que você quer uma velhota como eu? Sei que diz isso apenas para me consolar. Sinto-me lisonjeada.

— Mas,que diabo, Nicole! Há muito tempo que gosto de você. Portei-me bem durante vinte anos, mas nas circunstâncias atuais não acho que precisamos ser moralistas.

— Jacques. . . acho que você está falando sério. . .

— Quero dormir com você, Nicole. Pode recusar, mas não julgue que estou brincando.

O homem que Nicole tinha à sua frente era muito elegante, demasiado

hábil. Era um belo patife e ela tinha a certeza de que o seu nome seria esquecido entre a legião perdida das amantes que tivera. Colocou o braço em volta do pescoço dele e o beijou.

Mais cedo ou mais tarde ela pagaria por isso. Mas naquele momento Nicole entregou-se calmamente. . . ao modo francês.

Capítulo 6

Alguns dias depois do seu regresso de Cuba, André já tinha estudado bem o interrogatório de Kuznetov e estava pronto a assistir ao que seria certamente o momento crucial das revelações.

Boris Kuznetov pediu para falar com ele a sós, antes de começar a sessão, e foi levado na sua cadeira de rodas para um gabinete particular. Mandou a enfermeira sair.

— Muito bem — disse André ao cumprimentá-lo. Acho que está com um aspecto muito melhor do que da última vez que o vi.

— Gostaria de poder retribuir o cumprimento — respondeu o russo. — Parece que o senhor teve uma viagem difícil.

— Creio que sim.

— O conceito de uma outra vida depois desta é uma mistificação encantadora, mas, se ela existe, tenho a certeza de que nós dois escolheríamos um trabalho diferente.

— Importa-se que eu fume?

— Não, por favor.

— Leu todo o interrogatório?

— Li.

A maneira descontraída que Kuznetov tinha adquirido, durante as semanas em que fora interrogado, desvaneceu-se subitamente, e era de novo o mesmo homem cheio de medo.

— Queria falar com você a sós — disse ele com um repentino ímpeto de desespero. — Vou direto ao ponto principal e pergunto-lhe: os americanos cumprirão a promessa que me fizeram?

— Tem algum motivo para suspeitar de que não o farão?

— Não, nada de concreto. Mas, por outro lado, ainda não lhes disse nada de importante.

— Eu, pessoalmente, nunca soube que Michael Nordstrom tenha voltado atrás, em relação a uma promessa.

— Estou convencido das boas intenções de Nordstrom_ — respondeu Kuznetov —, mas a decisão final não lhe compete. Suponha que haja uma mudança de política, ou aponha que um superior volte atrás com o prometido. A quem me dirijo se Nordstrom, de repente, não puder cumprir sua promessa? E se decidem desembaraçar-se de mim?

— Sabe muito bem que eles não procedem desse modo. Ouça, Kuznetov. . .

Boris. . . a sua apreensão é natural, mas você fez um acordo, e agora tem de ir adiante e confiar neles.

— Muito bem, suponha que sim. E você? Com as informações de que vai tomar conhecimento, pode ficar numa situação muito difícil perante o seu governo.

— Não será a primeira vez.

— Mas também precisa do auxílio dos americanos. Tem certeza absoluta de que eles não lhe voltarão as costas depois de se servirem de você até lhe esgotarem as possibilidades?

André pensou um bocado. Kuznetov o avisava de que estavam ambos no mesmo barco, e era ele agora que mostrava a mesma hesitação que o russo tinha mostrado.

— Seja como for — murmurou André —, estamos os dois comprometidos.

— Se eu fosse religioso — disse Kuznetov —, sugeriria que rezássemos um pelo outro.

A sala dos interrogatórios era agora tão familiar para Boris como uma segunda casa. Conhecia todos os nós da madeira da grande mesa, a maneira como as cortinas caíam até o chão, o ondular dos ramos da árvore que se erguia em frente à janela. Conhecia os gestos e maneiras de falar dos homens a quem cumprimentou. Além de Kramer, Jaffe, W. Smith e Billings, também estavam presentes Michael Nordstrom e Sanderson Hooper. E André Devereaux. Nunca houvera uma tensão tão grande nas outras sessões.

Conduziram a cadeira de rodas até a cabeceira da mesa. A enfermeira instalou-se no seu lugar, enquanto os quatro interrogadores percorriam as notas tomadas nos seus blocos e o grosso livro dos depoimentos feitos até aquela data. O Dr. Billings ligou o gravador. Houve um momento de confusão até decidirem continuar em inglês, por causa dos recém-chegados.

— Em 1952 — começou W. Smith — o senhor era representante soviético em Berlim, e foi chamado a Moscou. Com que objetivo?

Kuznetov hesitou, olhou pateticamente para André. Derramou uma Pepsí-Cola no copo, devagar. Todos esperavam cheios de expectativa.

— Preciso de um quadro-negro — disse ele.

Mandaram buscar um quadro-negro e o colocaram ao lado de Boris, para que todos os presentes o vissem. Boris levantou-se da cadeira de rodas, apesar das objeções dos outros. Assegurou-lhes que tinha licença do médico para levantar-se e passear durante curtos períodos de tempo. De giz na mão, desenhou uma série de quadrados que deviam claramente representar o organograma de uma determinada organização.

— Sabe o que é isso, Devereaux?

— Talvez.

Escreveu no quadro a palavra SDECE, formada com as iniciais do Serviço Secreto francês. Devagar e de maneira meticulosa, Kuznetov passou a preencher os quadrados, começando de cima, com o gabinete do diretor. Depois voltou-se para os quadrados do lado esquerdo do quadronegro.

— R-l é o Serviço Secreto de vocês. — Abaixo dele preencheu os espaços seguintes:

R-2 Europa Oriental
R-3 Europa Ocidental
R-4 África
R-5 Oriente Médio
R-6 Extremo Oriente

R.J — América — Hemisfério Ocidental.

Debaixo destes títulos começou a escrever os nomes dos diretores, subdiretores, e os seus nomes em código. Depois passou ao centro do quadro e de novo preencheu uma série de quadrados.

— A contra-espionagem francesa é conhecida pelo nome de Serviço 2 — disse Boris.

Escreveu as várias divisões da organização mundial, incluindo a altamente secreta Seção Comunista 3/5, e indicou o chefe e o principal auxiliar.

No lado inferior direito do quadro preencheu um único quadrado grande: *Serviço 7 — Administração.*

Na extrema direita escreveu: *Serviço 5 — Ação.*

As subdivisões embaixo da Seção de Ação eram: *A/1 Paramilitar* e,

finalmente, *FFF — Operações Secretas.*

Kuznetov largou o giz, sacudiu as mãos e sentou-se na cadeira de rodas com a ajuda da enfermeira. Depois dirigiu-se a André: — A FFF, a sua seção, é dirigida por um dos seus amigos mais íntimos, Robert Proust. O nome dele em código é Panorama.

O silêncio era pesado, e André conservava uma expressão impenetrável.

— A FFF tem um interesse particular para nós todos, como verão em breve. A FFF tem um filho, uma nova subdivisão. O seu amigo Robert Proust tem como homem de confiança um tal Ferdinand Fauchet. Conhece Ferdinand Fauchet?

André acenou que sim.

— Bem, deixe-me explicar uma coisa aos nossos amigos americanos. Ferdinand Fauchet está instalado no Aeroporto de Orly, sob o disfarce de funcionário da Alfândega. Na realidade o gabinete dele está munido de alguns aparelhos notáveis de escuta, de equipamento fotográfico e de dispositivos engenhosos para abrir fechaduras e selos. É perito em abrir e fotografar o conteúdo das malas diplomáticas que não são convenientemente seladas. Por isso, tenham cuidado quando as malas diplomáticas de vocês passarem por Paris.

André sentia-se abalado, mas dominou-se.

— Deixem-me contar-lhes mais umas coisas sobre Robert Proust e seu homem de confiança, Fauchet. Fauchet é o agente de ligação do SDECE com certos bandidos franceses e indivíduos dos *bas-fonds* que executam a maior parte dos raptos, espancamentos e crimes de morte das operações secretas. Há dois anos, Fauchet comprou um pequeno hotel, o Miami, situado na Rue Montparnasse. Mas não lhe pertence. Pertence ao Serviço Secreto francês.

Sid Jaffe passou a língua pelos lábios, lembrando-se de que várias vezes fora ao bar e ao restaurante do Miami. Uma vez fora com Michael Nordstrom, que trocou um olhar com ele.

— Os *bas-jonds* forneceram um certo número de prostitutas de categoria que são muito bem treinadas. Dão recepções diplomáticas para o SDECE, geralmente sob o disfarce de serem modelos ou até donas de casa. Um diplomata embriagado ou amoroso tem a tendência de sair da recepção com uma destas

mulheres, e ser levado para o Miami. Ou então um diplomata casado pode desejar uma entrevista com uma pseudo-senhora casada desse grupo, e ela o leva também para o Miami. Todos os quartos têm microfones e podem ser fotografados com máquinas ocultas.

Kuznetov coçou a ponta do nariz tentando lembrar-se de um número: — Se não me falha a memória, há vinte e dois mil telefones censurados na França, e quatro mil em Paris, num PBX central. Mas voltando a Ferdinand Fauchet. Às vezes não se serve de *gangsters* e utiliza, em vez deles, uma organização fanática de direita, para executar os seus crimes de morte. Por exemplo, os três industriais alemães que foram assassinados no ano passado na Suíça, o que pareceu ser um acidente de automóvel. Devido à sua morte inesperada, uma firma francesa pôde obter um contrato da OTAN, para foguetes de curto alcance e transportes, que ia ser concedido aos alemães.

Kuznetov continuou, a descrever outros crimes e operações que só podiam ser conhecidos de alguém que tivesse contatos notáveis. André conseguiu manter a sua aparência exterior de calma, mas dentro dele se desencadeava uma tempestade.

— Tudo o que se pode concluir do que nos disse — afirmou André — é que tem fontes de informação extremamente boas da forma como funciona o SDECE.

— Então não há nada que deseje emendar?

— Não desejo fazer comentários sobre coisa nenhuma.

— Acha que este diagrama da organização do SDECE é exato?

— Talvez.

— Não lhe parece que falta alguma coisa?

André examinou o diagrama durante momentos, mas não respondeu à pergunta.

— Falta uma coisa — continuou Kuznetov. — É a parte das operações secretas de Robert Proust, que será colocada sob a direção de Ferdinand Fauchet. Será conhecida pela designação de Seção P e constituída em grande parte por um grupo de cientistas franceses, que estão sendo treinados, e que serão colocados na pesquisa e na indústria americanas.

— A América é nossa aliada. Temos um programa regular de troca de cientistas.

— Mas a Seção P tem um objetivo totalmente diferente.

— Qual?

— Não é apenas vigilância, feita por todos os países, mesmo para com os amigos, mas autêntica espionagem. A Seção P vai efetuar espionagem industrial e científica nos Estados Unidos.

André sentiu os olhos dos outros sobre ele.

— É mentira — disse calmamente.

— A Seção P fará espionagem contra os Estados Unidos, como se os Estados Unidos fossem um país inimigo da França — repetiu Kuznetov.

— Está dizendo que o governo da França está deliberadamente organizando uma unidade para praticar espionagem contra a América?

— Estou.

— É mentira — repetiu André. — É um absurdo.

— É também sensato admitir o absurdo.

A humilhação de André perante os amigos e colegas estava sendo total. Sabia que tinha de manter a compostura a todo custo. Depois teve o pensamento chocante de que as informações de Boris Kuznetov tinham provado até aquele momento ser inatacáveis.

— Posso continuar? — perguntou Kuznetov.

— Evidentemente.

— Na sua próxima visita a Paris, ou Robert Proust ou um superior do SDECE vai explicar-lhe a Seção P. Vão pedir-lhe ajuda nessa operação, através de sua repartição em Washington.

— Se o que diz é verdade, todo mundo conhece minha posição.

— Precisamente. Nordstrom, McKittrick, o chefe da CIA. O senhor tem a confiança total deles. É por isso que a Seção P pode tornar-se a obra-prima dos embustes. Em Moscou o KGB gosta tanto da operação que planeja utilizá-la na sua própria espionagem industrial na América.

Pela primeira vez em vinte anos André Devereaux perdeu a compostura diante de um adversário. Ergueu-se lívido e bateu com o punho fechado na secretária: — O senhor está tentando humilhar a França! Tem a ousadia de acusar o meu país de colaborar com a União Soviética? Está mentindo!

André calou-se de repente, escandalizado com o som da sua própria voz. Tinha cometido um erro grave para homens de sua categoria: — É fantasia — disse ele com aspereza.

— Lidamos com fantasias, não é verdade? — perguntou Kuznetov, tirando

os óculos e colocando-os sobre a mesa num gesto de fadiga, esfregando os olhos. Tinha pena do que estava fazendo a André Devereaux. Colocou outra vez os óculos e examinou os rostos dos americanos. Estavam silenciosos. Não queriam acreditar. — Sou Boris Kuznetov — disse ele quase num murmúrio. — Quando saí da União Soviética era o chefe de uma divisão ultra-secreta do KGB, a Seção Anti-OTAN.

Nenhum dos presentes sabia da existência de tal seção; ficaram atônitos.

— As informações colhidas pela Seção P irão para Moscou da mesma forma que os documentos da OTAN. Topázio — disse ele devagar — é o código para os franceses que trabalham dentro do governo francês como agentes da União Soviética. Estão em toda parte, em todos os departamentos militares, em todos os ministérios. O SDECE está cheio deles. Membros de Topázio vão até a camada superior do governo. Topázio Número 1 é um homem que tem o nome em código de Columbina. Se descobrirem quem é Columbina terão descoberto uma pessoa altamente colocada na *entourage* pessoal do Presidente La Croix, que escuta as suas opiniões.

— Está dizendo que o presidente da França está assessorado por um agente soviético?

— Precisamente — disse Boris Kuznetov. — Precisamente.

Capítulo 7

Retirar cubanos preeminentes de sua terra natal era quase uma rotina. O negócio de refugiados era intenso. Depois de André entregar a maleta de jóias ao FBI, para serem entregues aos seus novos proprietários, começou, com a ajuda de Mike Nordstrom, a arranjar um barco para Juanita de Córdoba. Foi estabelecido um plano simples, elaborado em torno de um barco extremamente rápido, tripulado por marinheiros que conheciam muito bem aquelas águas. Sabiam onde atracar, a hora, os horários das patrulhas cubanas. Podiam entrar e sair das águas territoriais cubanas em pouco tempo, durante a noite, e se houvesse complicações podiam navegar mais depressa que os seus perseguidores.

Um dos paradoxos das relações cubano-americanas era ainda ser possível falar por telefone entre os dois países. Com o plano de fuga fechado a chave, André falou com Alain Adam, servindo-se de um código pré-combinado, e depois regressou a Washington e despachou o plano pelo correio diplomático.

Ficou esperando pelo sinal de "tudo preparado", na volta da mala diplomática.

Brigitte Camus entrou no escritório de André e ficou parada diante da escrivaninha. Ele a olhou e no mesmo instante percebeu que ela estava zangada.

— Já chegou o correio de Havana?

— Já — respondeu ela. — Está vindo do aeroporto. Não deve tardar.

Continuou a exibir seu mau humor pondo a passagem de avião com força sobre a escrivaninha.

André fingiu hão perceber nada e examinou o bilhete de ida e volta, de Washington a Miami.

— Se tudo correr bem — disse ele —, estarei de volta daqui a setenta e duas horas.

— Se tudo correr bem — repetiu Brigitte.

Brigitte Camus tinha sido uma colaboradora extremamente dedicada, discreta e leal. Nos dez anos que tinham trabalhado juntos tomara parte na maioria dos planos, aceitara responsabilidades importantes e, às vezes, André até lhe pedira conselho.

Em ocasiões mais importantes Brigitte Camus dava a sua opinião, quer pedissem ou não.

— Peço-lhe o favor de não ficar pairando sobre a minha escrivaninha — disse André.

— Antes que me despeça — ela sempre começava as conversas dessa maneira —, tenho uma coisa para dizer, e tenciono dizê-la.

André largou a caneta, tirou os óculos e se recostou resignado.

— Nesse caso é melhor sentar-se.

Brigitte ficou de pé:

— É perigoso ir a Cuba.

— Quem foi que disse que eu vou a Cuba?

— Por que não entramos em contato com um dos agentes da Flórida, que podia ir lá e trazer Juanita? Que tal Pepe Vimont?

— Talvez eu fale com Pepe em Miami. Não lhe ocorreu essa idéia? Não pensou que talvez eu quisesse apenas estar lá quando o barco voltasse?

— O senhor pode ser o melhor agente secreto do mundo, mas para mim é o pior dos mentirosos. E sabe muito bem que um agente na sua posição não toma parte nessas operações. É contra todas as regras.

André sentia-se descoberto. Não valia a pena tentar enganar essa mulher.

— Durante anos — disse ele baixinho — planejei operações e fiquei aqui dentro esperando. Tem havido momentos, e você sabe disso, em que mandei

homens e mulheres para a morte. E se eu estivesse no lugar deles? Podia ter saído vivo. Brigitte — interrompeu-se, mas depois continuou com uma familiaridade invulgar. — Brigitte, desta vez sou eu quem tem de fazê-lo. Se qualquer coisa correr mal, se ela desaparecer e eu não estiver lá. . . então talvez eu próprio não queira continuar.

A impaciência de Brigitte transformou-se em compaixão: — Compreendo. . .

— O embaixador não deve saber de nada.

— Muito bem. — Ia retirar-se, mas parou: — Há outra carta na minha escrivaninha, de sua esposa. Desta vez ela a enviou dentro de um envelope sobrescrito para mim e pediu que o senhor não a mandasse de volta sem abrir, como as outras. Por favor, leia antes de ir para Miami.

— Não.

— Se acontecer qualquer coisa peço-lhe que não deixe essa carta fechada.

— Tinha uma razão para me abandonar. Essa razão ainda existe. Não quero ser hipócrita quando a coisa mais importante da minha vida é tirar Juanita de Córdoba de Cuba. Sei que a sorte não nos tem protegido muito, mas não consigo abandonar essa ilusão de uma vida com ela. . .

— E se a ilusão morrer?

— Por que é que Nicole haveria de ser o obstáculo à minha loucura? Ainda é bastante nova e bonita para conseguir a vida que lhe serve.

— Não sabe que Nicole o aceitaria em qualquer condição e que se sentiria muito feliz?

— Devolva-lhe a carta.

Brigitte abanou a cabeça:

— Como é que um homem-tão sensato pode proceder de maneira tão tola?

— Toda a minha vida procedi com lógica. Desta vez tenciono proceder com insensatez.

A secretária do centro de mensagens bateu à porta e entrou. Brigitte assinou o recibo de um maço de cartas. Leu-as rapidamente, encontrou a mensagem de Alain Adam, de Havana, e a abriu.

André pôs os óculos.

Meu caro André,

Lamento que a nossa conversa tenha sido um desapontamento, mas posso dizer que fiquei muito contente em falar com você e saber que tinha chegado são e salvo a Miami.

Recebi sua carta de instruções para levar Juanita a Ponta Lúcia do Cabo,

no sábado à noite, e, embora os pescadores que você mencionou estejam prontos, aqui há outros acontecimentos que têm de ser explicados.

Quando, o deixei no aeroporto, fui imediatamente à casa de Juanita para trazê-la para a Embaixada. Não estava lá, e não consegui obter informações sobre o local onde se encontrava.

Tive de voltar aos meus esforços para o nosso plano. Depois de várias horas perdidas, entrei praticamente à força no gabinete de Che Guevara e o avisei de que sabíamos que havia um plano para raptar você.

O resto da sua partida de Cuba nós sabemos como foi. Ainda bem que você conseguiu.

Tentei, durante o resto do dia, falar com. Juanita, mas em vão. Na manhã seguinte telefonei, e quem atendeu foi uma pessoa que eu não conhecia. Informou-me que ela não podia atender.

Mandei Blanche até lá num carro da Embaixada, com o pretexto de lhe retribuir uma visita, e então houve uma série de acontecimentos bizarros. Juanita estava aparentemente transformada e quase não recebeu Blanche. Recusou todos os convites, dizendo que não se sentia bem. Blanche tinha esperança de que pudesse ser trocado qualquer sinal ou mensagem, mas era evidente que o encontro estava sendo vigiado.

No dia seguinte eu próprio fui lá. À entrada do jardim havia dois milicianos. Pouco pude saber, a não ser que o criado, a cozinheira e o jardineiro tinham sido substituídos. Pareceu-me uma autêntica prisioneira.

Anteontem fez o primeiro aparecimento em público desde a sua partida. O motivo foi a inauguração de um hospital. Fui de propósito à cerimônia numa última esperança de poder estabelecer contato e informá-la sobre o barco.

André, meu bom amigo, sinto muito ter de escrever estas palavras. Juanita apareceu pelo braço de Rico Parra. Esteve acompanhada por guardas todo o tempo, o que tornou impossível qualquer contato além de um cerimonioso cumprimento. Odeio ter de dizer, mas corre o boato de que ela agora é amante de Parra.

Parece, caro André, que Juanita comprou a sua vide e agora está pagando.

Blanche e eu compartilhamos o seu desgosto.

O amigo dedicado,

Alain Adam.

André parecia uma estátua de cera.

— Cancele o vôo para Miami — disse ele com dureza. — Juro. . . que

enquanto ela estiver viva hei de encontrar um jeito de tirá-la de Cuba. . . juro. . .

Capítulo 8

O Inspetor Marcel Steinberger parou o carro na Avenue Murat e dirigiu-se a pé para sua casa, a dois quarteirões de distância. Com tantos automóveis, estacionar um carro em Paris tinha-se tornado uma verdadeira dor de cabeça.

Caminhava com as mãos para trás, de cabeça curvada, preso a seus pensamentos e sem ter consciência do jogo de bola que garotos impetuosos e ruidosos faziam à sua volta.

O cheiro de várias comidas que estavam sendo cozinhadas penetrava pelo saguão, subia os lances da escada em espiral, invadia as casas.

Sophie veio esperá-lo à porta e pegou-lhe o casaco, o chapéu, o cachecol e o guarda-chuva. Dirigiu-se distraído para a cozinha, tirou a tampa de uma panela de *borch* de couve, que fumegava com um cheiro forte. Era a sua refeição habitual das quintas-feiras. Como sempre, aprovou.

A mulher dele era de origem polonesa. Tinham-se conhecido quando eram prisioneiros no campo de concentração de Dachau. Cerca de cinqüenta membros da família dela tinham morrido nos fornos de cremação. Depois da libertação tinham-se perdido na confusão do movimento humano. Por um milagre qualquer encontraram-se outra vez, quando Marcel leu uma das centenas de milhares de mensagens desesperadas e pateticamente pregadas nas paredes dos centros de refugiados:

MARCEL STEINBERGER — ESTOU VIVA, EM VIENA, E ESPERO TRANSPORTE PARA A PALESTINA. ESCREVA ATRAVÉS DA HIAS (SOCIEDADE DE ASSISTÊNCIA DE IMIGRAÇÃO HEBRAICA), VIENA. SOPHIE PERLMUTTER.

Como a maior parte dos casais dos campos de concentração, o filho deles, Émile, tinha de viver em nome de uma centena de parentes assassinados. Para os dois era considerado uma espécie de dádiva de Deus, para permitir a continuação de um nome de família que se julgara destruído. E, como a maioria dos casais dos campos de concentração, tinham tendência para serem demasiado indulgentes com ele. Mas o jovem Émile compreendia o significado da sua própria existência e pouco abusava. Nessa noite, pai e filho resolveram juntos alguns problemas de matemática que o rapaz guardara para fazer com o pai, até serem chamados para a mesa.

Émile e Sophie conversavam, mas Marcel desprendera-se do ambiente e fingia que comia. Pensava na dificuldade de sua missão.

Marcel tinha passado seis anos logo depois da guerra à procura de

criminosos nazistas. Era implacável e incansável, e agora atacava a sua presente missão com o mesmo sentimento de vingança.

Até agora o Coronel Galande e Guillon não haviam mostrado razões para que se suspeitasse deles. Novos relatórios da ININ tinham chegado à Süreté, afirmando que não se conseguira descobrir nada fora de ordem sobre os três estrangeiros.

Tudo indicava Henri Jarré, o inimigo amargo e cáustico dos americanos, como sendo o homem que passava os documentos da OTAN.

— Marcel, coma o seu *borch*, vai esfriar.

Obedeceu ruidosamente.

Mas como? O Inspetor Steinberger tinha a reputação de ser um dos melhores funcionários da Süreté. Tinha esperado por um fim de semana em que Jarré e a mulher saíssem de Paris e fora pessoalmente dar uma busca no apartamento deles.

Nenhum livro, armário, cachimbo, forro de casaco, interruptor de luz, roupeiro, cama, escrivaninha ou radia-dor, nada tinha deixado de ser revistado. Colocou microfones em esconderijos engenhosos e ligou-os a gravadores.

Mas não descobriu nada. Henri Jarré foi seguido dia e noite e não os conduziu a coisa nenhuma.

No entanto, Marcel estava convencido de que Jarré devia ser o traidor.

Marcel estava molhando o pão na tigela da sopa quando parou de repente. Uma expressão estranha surgiu-lhe no rosto.

— Claro! — disse para com os seus botões. — Como pude ser tão estúpido?

Empurrou a cadeira para trás e, sem dizer uma palavra, beijou a mulher e o filho, murmurando que voltaria logo mais. Era uma situação a que estavam habituados.

Steinberger fez uma rápida chamada telefônica para uma pessoa com quem tinha trabalhado em muitas ocasiões, o Coronel Jasmin, chefe de segurança da sede da OTAN, em Rambouillet, e em poucos minutos saía a toda velocidade de Paris, em direção àquela cidade, quinze milhas ao sul da capital.

Jasmin estava no pátio de sua casa, na orla de um grupo de edifícios da OTAN, e saudou Steinberger de maneira brusca, sem tirar um grosso charuto da

boca.

— Então, quem é que está sendo perseguido pela Süreté?

— Jarré— respondeu Marcel.

— Por quê? Tem feito maus discursos?

— Suspeitamos de que tem passado documentos da OTAN para os soviéticos.

Jasmin deu uma risada que parecia um grunhido: — Bem, tudo que possam suspeitar de Jarré é razoável. Nunca compreendi como é que um antiamericano tão violento pode continuar a ser um dos principais economistas da OTAN.

— Mais uma nomeação enérgica do Presidente La Croix.

— Sim, La Croix é especialista nisso. Mas de que se trata, Steinberger?

— Jarré está em contato com inúmeros documentos em muitas classificações secretas.

— Está.

— É um funcionário conhecido, numa posição superior, por isso os seus movimentos de entrada e saída do edifício são aceitos sem haver suspeitas ou exames.

Jasmin acenou a cabeça.

— Então, teoricamente — disse Steinberger —, Jarré podia passar de automóvel pelos portões com uma pasta cheia de documentos secretos.

— Só teoricamente — corrigiu Jasmin. — Qualquer documento classificado tem de ter um recibo assinado por ele, e deve ser recolocado nos cofres antes do fim do dia. E, se sair durante o dia, tem de mandar os documentos para os cofres.

— Mas, meu caro coronel, suponha que Henri Jarré tenha reproduzido exemplares desses documentos no seu próprio gabinete, enviando os originais para os cofres-fortes e levando as cópias consigo!

O rosto do Coronel Jasmin parecia agora esculpido em pedra. Pegou o telefone e ordenou que lhe trouxessem imediatamente as chaves do prédio onde ficava o gabinete de Jarré.

Daí a momentos os dois homens chegaram ao edifício provisório, com aspecto de quartel, onde estava situado o gabinete de Jarré. Abriram a porta, entraram, fecharam-na e acenderam as luzes do vestíbulo. O escritório era uma sala grande, no fundo do corredor.

Jasmin encontrou a chave. A escrivaninha estava cheia de papéis e a sala entulhada de livros e móveis de couro envelhecido.

Os olhos treinados de Steinberger moveram-se do chão às paredes, procurando qualquer coisa.

— Comecemos pela escrivaninha — disse Jasmin.

— Não. Não vai ser gentil a ponto de nos ter deixado aqui uma máquina fotográfica.

— Acha que ele podia ter trazido para cá uma Minox ou uma Tessina?

— Não é por esse processo que ele faz as coisas. A fotografia pode ser uma coisa complicada e perigosa. Estudei as fotografias que ele tira. São muito fracas. A loja onde ele compra material fotográfico não indica que tenha adquirido uma quantidade muito grande nos últimos anos. — Steinberger apontou para uma porta com ar interrogativo.

— Gabinete da secretária.

Steinberger girou a maçaneta. A porta não estava fechada a chave e revelou-lhes uma pequena divisão arrumada, que entrava em contraste com a de Jarré. Steinberger apontou outra vez, agora para uma espécie de alcova com um cortinado.

— Provavelmente uma sala de suprimento. Nestes edifícios é comum haver.

— É ali — disse Steinberger, sorrindo.

— O que é que há ali?

O inspetor afastou o cortinado e apontou a duplicadora. Era uma fotocopiadora simples, do tipo utilizado por milhões de escritórios em todo o mundo, para fazer reproduções de um original.

— Engenhoso — murmurou Jasmin —, engenhoso. Devemos ter umas cem máquinas dessa nestes edifícios.

— Agora temos de descobrir se a secretária tem colaborado com ele. Se estiver inocente, ajuda-nos. Se não estiver, também nos ajuda, para salvar a pele.

Capítulo 9

O presidente era um veterano de campanhas eleitorais, bastante vigoroso, que recebia um forte estímulo com o trovejar dos aplausos, com as mãos estendidas e com os empurrões da multidão, o que preocupava constantemente os guardas de seu Serviço Secreto.

Nesse dia de outubro tinha feito três discursos em três capitais estaduais, a favor dos candidatos de seu partido. Depois voltara para a Casa Branca, de helicóptero. Mas com as aclamações sentia qualquer coisa mais, uma crescente exigência de ação no caso do armamento cubano. Um cartaz que dizia MAIS CORAGEM — MENOS POSE chamou-lhe a atenção e o afligiu.

Agora, passada a meia-noite, o entusiasmo e o estímulo do dia se desvaneciam; estava sentado na cama, de pijama e roupão, com as pernas cruzadas, dando uma olhada nos últimos jornais da noite, espalhados à sua volta.

Seus dois confidentes mais íntimos, Lowenstein e McKittrick, estavam sentados, exaustos, diante de uma mesinha que continha a última fornada de fotografias dos U-2.

O presidente levantou-se, meteu os pés nos chinelos, e fez uma cara severa.

— Acham que o relatório de Devereaux é suficientemente sério para se poder fazer uma interpelação a Khruchov?

— Acho — respondeu McKittrick. — E as fotografias de hoje mostram uma cidade de tendas de campanha, em crescimento, na *finca* San José. Estes golpes no terreno representam mais árvores abatidas. No passado eram identificação positiva de instalações de mísseis soviéticos.

— Eu também acho que as informações são sérias — concordou Lowenstein.

— A política a ser seguida será planejada nos próximos dias — disse o presidente. — Esta noite quero a opinião franca de vocês.

McKittrick pôs-se em pé, meteu as mãos nos bolsos e hesitou.

— Fale — insistiu o presidente. — Não me faça perder tempo.

— Muito bem. Pedi à administração anterior que fizesse qualquer coisa por Budapeste. Sei que não havia meios de entrar na Hungria. Os soviéticos tinham as cartas na mão. Por outro lado, havia outros locais no mundo em que eram vulneráveis, e nós devíamos ter feito represálias.

— Continue.

— Pedi que fizessem represálias quando eles construíram o muro de Berlim. Enquanto os deixarmos fazer o que quiserem, sem medo de réplica de nossa parte, teremos sempre de enfrentar situações como a desta história dos mísseis.

O presidente passou a mão pelos cabelos. Lembrava-se da sua entrevista com o primeiro-ministro soviético, na Finlândia. Khruchov o ameaçara por causa do. fiasco da baía dos Porcos.

— Khruchov sabe — disse Lowenstein —: que estamos melhor armados do que eles. Mas também acredita que não queremos sujar as mãos.

Um erro clássico e histórico sobre a teimosia e temperamento do povo americano ia ser cometido mais uma vez. Desta feita, pela União Soviética.

Agora que se aproximava a hora da decisão, o jovem presidente estava calmo e decidido.

— Lowenstein — disse ele, em tom decisivo —, mantenha todas as minhas entrevistas que estão marcadas. Quero que tudo pareça tão normal quanto possível. Mac, quero informações minuciosas de tudo o que houver de novo nos serviços secretos. Sou da opinião de vocês. O relatório de Devereaux é sério. Agora vamos ver que espécie de jogador de pôquer é Khruchov.

O rosto de Marshall McKittrick abriu-se num sorriso.

— Esta semana — disse o presidente — vou ganhar merecidamente o meu ordenado.

Capítulo 10

Michael Nordstrom tocou a campainha da casa de Devereaux em Georgetown. Tinha os olhos inchados de sono e bocejou.

André abriu a porta, pronto para sair, como sempre pontual. Um hábito aprendido relutantemente com os americanos. Apertaram a mão um do outro. André pegou a pasta e desceram a escada até o carro de Mike.

Mike entrou na onda de tráfego, bocejou e pediu desculpas.

— Tive uma discussão com Liz — contou ele. — Está me perseguindo por causa de um automóvel novo. Por fim acabei tendo de dormir no sofá da sala. Estou todo quebrado. E nenhum de nós dormiu nada esta noite.

— Com certeza — concordou André.

Ficaram calados durante muito tempo, ainda num estado de choque com as revelações de Boris Kuznetov.

— André — disse Mike finalmente —, tive ontem uma longa conversa com os meus colaboradores. Todos nós achamos que você não sabia dessa tal Seção P, ou da existência de Topázio. E McKittrick também pensa o mesmo.

André resmungou qualquer coisa.

— O que estou querendo dizer é que, seja o que for que Kuznetov ainda nos revele, nós queremos que não abandone o seu cargo. Continue a ocupá-lo.

— Isso é uma ordem? — perguntou André, rispidamente.

— Quero dizer o seguinte: temos confiança em você.

— Sou francês. Esse é o meu primeiro dever. Não se esqueça disso, Mike.

O ambiente habitual de troca de frases amáveis tinha desaparecido da sala dos interrogatórios. A atmosfera era fria, formal e preparada para o trabalho. Quando trouxeram Boris em sua cadeirinha, este olhou rapidamente para André e fez um aceno com a cabeça, sentindo a culpa que um pugilista às vezes sente quando derrota um adversário muito brutalmente. Com esta sensação de desconforto mútuo começou a sessão depois de ligar-se a fita magnética.

— Quando fui chamado do meu posto em Berlim — começou Boris devagar —, e me disseram para formar a Seção Anti-OTAN do KGB, a primeira coisa que fiz foi ordenar um estudo intensivo sobre os países participantes daquela organização, seus hábitos políticos, seus chefes, seus militares, seus serviços secretos. A minha seção era pequena, mas de elite.

— Quantas pessoas?

— Em Moscou, de setenta a cem homens.

— E nos países da OTAN?

Boris abanou a cabeça.

— Só nos servimos dos enviados soviéticos em cada uma das capitais da OTAN e dos seus sistemas de espionagem já existentes.

— Então não sabe quem eram os agentes anti-OTAN fora de Moscou?

— Exatamente, não sei.

— Não conhece ninguém de Topázio?

— Ninguém.

— Não faz a mínima idéia de quem seja esse número 1, esse Columbina?

— Não. É uma coisa habitual no Serviço Secreto. Um chefe de divisão não conhece os seus agentes, não é verdade? No KGB somos ainda mais rigorosos neste ponto do que no Ocidente.

— Continue.

— Nos primeiros anos da década de 50, a União Soviética perdeu dois dos seus objetivos mais importantes do pós-guerra. Primeiro, não conseguiu impedir a reunificação da Alemanha Ocidental. Segundo, não conseguiu obrigar o Ocidente a sair de Berlim.

Fez uma pausa para beber a sua Pepsi-Cola e teve consciência de que se sentiria feliz no dia em que o médico lhe permitisse beber vodca.

— A OTAN é possivelmente a aliança militar mais eficiente já realizada. Quebrar o escudo da OTAN tem prioridade na maneira de pensar soviética, porque, enquanto ela se mantiver intata, a União Soviética não poderá avançar mais pela Europa Ocidental. Com os meus trabalhos, tenho de encontrar o elo fraco da OTAN. E este elo é a França.

Boris lançou um olhar ao rosto ardente de Devereaux e continuou: — Lamento por você, Devereaux, mas a OTAN será quebrada pela França, e é lá que nós concentramos os nossos esforços, através de Topázio.

André continuava evitando olhar para os americanos. Fez uma cara severa, pois sabia o que o russo ia dizer, e sabia que o homem ia dizer a verdade.

— O meu estudo revelou-me que a França é tradicionalmente instável em política, e que os franceses só são leais para consigo próprios. A sua arrogância é infinita. O sonho que eles têm de superioridade e de uma volta à grandeza é para eles como uma droga alucinatória. Entra em cena Pierre La Croix. Ele é um homem eternamente amargurado pela humilhação da derrota da França na guerra. A mortificação da França pelos Estados Unidos tornou-a vulnerável para

aqueles que queiram utilizar essa amargura. A fraqueza de La Croix é uma arma nas mãos russas. É claro que não é comunista, mas faz o jogo de Moscou.

A humilhação da França era um fato que André Devereaux conhecia demasiado bem, pois tomara parte, desde o início, na Resistência. Nessa época tinha realmente considerado La Croix um salvador. Sim, Boris Kuznetov estudara bem o assunto.

— A França é derrotada no Vietnam, no Marrocos, na Tunísia e, pior do que tudo, na Argélia. La Croix herdou um tigre de papel e um povo cansado de carnificinas, além de cem anos de derrotas no campo de batalha. Mas La Croix conhece os seus franceses. Digam a palavra "honra" a um francês, e ela irá direto ao coração. Que palavra linda!

Kuznetov ergueu-se da cadeira de rodas, espreguiçou-se e passeou devagar ao longo da mesa.

— Mas a força dele é duvidosa — continuou. — São lançados milhões na força atômica francesa, como sabem, meus senhores, ninguém toma a sério a *force de frappe* [3].

La Croix tem de ganhar pontos por meio da chantagem diplomática. É um jogo em que não tem rival. O ponto central da política francesa é resistir ao domínio americano. Que mais pode querer Moscou?

O russo voltou para a sua cadeira e pegou um livro que estava sobre a mesa. A capa dizia apenas: *As memórias de guerra de Pierre La Croix.* Abriu o livro na primeira das muitas páginas marcadas.

— Vou ler as palavras dele. — Boris ajustou os óculos, passou os dedos pela página, olhou rapidamente para os homens da ININ e depois para a página: — "Para os russos não podia haver uma terceira potência opondo a França de Vichy à França Combatente. A América julgava-se em posição de dirigir a nação francesa após séculos de experiência francesa. A Rússia compreendeu perfeitamente a posição da França Combatente e honrou-a, reconhecendo a Comissão dos Franceses Livres".

Mais adiante, explicou Kuznetov, encontravam-se as queixas zangadas e magoadas de La Croix contra os anglo-americanos por não reconhecerem os Franceses Combatentes, por não os consultarem no planejamento da estratégia, por não lhes darem armas e por terem efetuado acordos internacionais a respeito da França sem o consentimento e a presença dos resistentes.

— "Existe certamente um parentesco espiritual entre os franceses e os russos" — leu Kuznetov outra vez —, "pois os russos estão, em muitos aspectos, mais de acordo com uma hegemonia européia e uma união de europeus do que

os anglo-americanos."

Kuznetov fechou o livro.

— Pierre La Croix tem uma longa associação com a Rússia, e em muitos aspectos sente que os franceses, como europeus, estão mais perto dos russos do que os anglo-americanos.

Boris tirou os óculos e esfregou os dedos nodosos. Depois continuou:

— Uma vez aceito o fato de que a França está sob o poder de La Croix, e uma vez que se compreenda o seu ódio básico para com os anglo-americanos, não é demasiado difícil prever o que vai acontecer. Ele experimentou com a *force de frappe* o absurdo de criar uma terceira força no mundo, formada por uma aliança entre europeus, que a França tenciona dominar. Obrigou seus vizinhos aliados a entrarem para o Mercado Comum, que a França conseguiu dominar. Tentará fazer da França o corretor de uma união pan-européia, que inclua os blocos oriental e ocidental. Mas ninguém pode jogar dessa maneira com a União Soviética. Tencionamos utilizar essas fraquezas em nosso benefício. Como a Alemanha se serviu de Pétain, nós pretendemos nos servir de La Croix. Digo que daqui a cinco anos ele pessoalmente fará a França abandonar a OTAN, pois o que o irrita é o americano, que, acha ele, rouba à França o seu verdadeiro destino. . . ou a triste ilusão de um velho. Topázio está corroendo a infra-estrutura da França. É uma brincadeira de crianças para o enviado soviético em Paris obter informações secretas. Na França ele encontrou três milhões de comunistas franceses leais a Moscou. La Croix negociou com os comunistas para se manter no poder, julgando erradamente que pôde evitar o acordo mais importante com eles. Mas a anarquia, uma anarquia monumental, está nos planos de Moscou. Com a França fora da OTAN e os comunistas franceses enraizados, quando Pierre La Croix morrer, uma onda de confusão varrerá a França. A ela se seguirá, meus senhores, uma tomada do poder pelos comunistas.

Capítulo 11

Querido papai,

Uma grande tristeza se apoderou de mamãe. Parece dominada por uma espécie de letargia. Saiu de Paris e está agora em Montrichard. Acho que aconteceu qualquer coisa que a amedrontou e a impede de procurar em si própria uma verdade que pode ser demasiado penosa.

Estou muito preocupada com ela. Mamãe é uma espécie de ave maravilhosa, que deve estar sempre no mesmo ponto do céu. Se tenta voar muito alto, as asas se quebram. Quer voar até o céu através de grandes vendavais, mas não pode. Ela vê você subir mais alto do que ela, apesar dos riscos e do sofrimento. Mas não consegue segui-lo, e o odeia e se odeia por sua falia de habilidade. Acha que estou errada ao pensar assim?

Sinto-me feliz por estudar na Sorbonne. Quando Tucker me seguiu até aqui para me fazer seu pedido idiota, vi como era vazia a vida que ele me oferecia. Deus me livre de ser uma funcionária indispensável, mecânica e bem vestida.

Com François quero tentar subir, voar, encontrar a coragem que você tem. Quero ser importante neste mundo.

Que dia triste faz hoje aqui na Normandia. François e eu voltamos para casa antes de começar a chover. Agora a lareira está acesa e há uma música de Brahms tocando em surdina. François está do outro lado da sala, emoldurado pela janela, terrivelmente belo, terrivelmente forte. Está inclinado sobre a máquina de escrever, faz uma correção, e resmunga enquanto escreve a sua coluna para o Moniteur. *Estou desesperadamente apaixonada.*

Sua

Michele.

Ela dobrou a carta, fechou-a e a endereçou. Depois de ter reavivado o fogo da lareira, dirigiu-se para a cadeira de François, abraçou-o pelas costas, colocou o rosto na cabeça dele e pôs uma das mãos sob a sua camisa.

François pegou a mão dela e a beijou. Michele leu o que estava na máquina.

COLUNA DE FRANÇOIS PICARD

E agora, Presidente La Croixl A nova exigência francesa de ouro americano no saldo de pagamentos dá outro golpe baixo na sua casta diplomacia.

Mas uma vez mais o nosso presidente feriu com uma tática insensata. Não se utiliza um batalhão de cavalaria contra uma divisão de tanques num ataque frontal. Este ataque imprudente ao dólar americano, uma medida de pura vingança, há de produzir efeitos contrários, pois a estabilidade do mundo depende do dólar.

Se o dólar americano for enfraquecido, a França pode cair no caos, de um dia para o outro. E quem é que vai gritar mais alto do que um público francês ganancioso, engordado pela boa vontade do aliado que estamos tentando destruir?

Por quanto tempo os franceses vão tolerar que Pierre La Croix faça o trabalho do Kremlin como um criado?. . .

Michele se desprendeu dele, olhou para a chuva batida pelo vento chicoteando a janela e suspirou.

— Que é, Michele? Você não gostou?

— É muito bom.

— Então?

— E muito perigoso também. Fico assustada por você.

— Não posso virar as costas, Michele. Não posso.

— Não peço uma coisa dessa. Nunca pedirei. Só não me peça para não ficar assustada.

Afastou-se da máquina e começou a passear diante da lareira.

— François, nunca pense na minha opinião. Estou ao seu lado em tudo o que você tentar fazer Querido. . .

— Sim?

— O que é que você tem tentado dizer-me durante todo este fim de semana?

— Sou assim tão transparente?

— Terrivelmente. Não creio que algum dia você possa mentir. Você é como um menininho.

François fez uma expressão amuada. Adorava esta garota que parecia falar com uma sensatez para além do seu rosto inocente, do sorriso de ninfa, da admiração completa.

— Michele, este é o nosso último fim de semana durante uns tempos.

— Ah!

— Os primeiros indícios de pressão da nossa televisão controlada pelo governo. O departamento de noticiário vai mandar-me numa reportagem especial sobre uns assuntos sem importância para o sul, e depois para Munique, para a *Oktoberfest.* Tenho o pressentimento de que vão me

manter afastado até eu me despedir ou até me dispor a obedecer.

Michele correu para os braços dele.

— Michele — murmurou ele —, Michele. . . Michele. . . minha querida!

Capítulo 12

Justine de Vore sentou-se na cadeira que lhe ofereceram, diante do Coronel Jasmin. O Inspetor Steinberger examinou-a do sofá de molas estragadas do outro lado da sala. Tinha os tornozelos finos e pernas bem-feitas, uma delas enfeitada com uma delgada pulseira de ouro. Com pouco mais de trinta anos, Justine de Vore era o protótipo da francesa. Cruzou as pernas sedutoramente, para ver se o Inspetor Steinberger e o Coronel Jasmin olhariam. Olharam.

— Mlle de Vore, permita-me apresentá-la ao Inspetor Steinberger, da Süreté.

Cumprimentaram-se com uma inclinação de cabeça.

— Temos umas perguntas a fazer sobre assuntos de segurança no seu departamento, e solicitamos a sua franca colaboração — disse Jasmin. — Isto é, evidentemente, se não tiver objeções a responder às nossas perguntas.. .

— Certamente que não — respondeu ela no tom de voz firme de uma profissional, não evidenciando nenhuma hesitação.

Marcel Steinberger ergueu-se de repente, cocou a cabeça e pôs-se a passear na sala.

— Mlle de Vore — disse ele —, há quanto tempo é secretária de Henri Jarré?

— Há mais de três anos — respondeu ela.

Steinberger pegou o dossiê dela, que estava sobre a secretária de Jasmin, examinou-o e, de acordo com o que lera, foi fazendo o seu interrogatório. Justine de Vore demonstrou ser uma mulher com habilitações especiais para servir de secretária a executivos de alto nível. Pertencia a uma família excelente de funcionários públicos da classe média superior, de Paris, e tinha freqüentado a Sorbonne. Era independente, tinha um bom ordenado, e seu cadastro nada revelava de natureza suspeita.

O Inspetor Steinberger suspendeu de repente o passeio pelo gabinete.

— Gosta de Henri Jarré? — perguntou ele.

A série de respostas dela, que tinham sido dadas com rapidez, sofreu uma alteração: — Que espécie de pergunta é essa?

— Gosta dele — repetiu Steinberger — como gente, como ser humano, como pessoa para quem trabalha? Acha-o agradável, simpático, ou difícil? Gosta dos seus hábitos pessoais?

Ela hesitou, recorrendo à lealdade profissional: — M. Jarré é meu superior. A minha posição não me permite responder a essa pergunta.

— Humm — resmungou Steinberger. — Humm!

O Coronel Jasmin acendeu, como de costume, seu charuto, muito devagar, soprando por cima da escrivaninha uma espiral de fumaça que subiu até o teto alto da sala.

— Mlle de Vore — disse ele deliberadamente —, no princípio afirmei que seria desejável que nos desse voluntariamente as informações de que precisamos. Se a qualquer altura deste interrogatório preferir não responder, ou se, por qualquer motivo, pensar em dar-nos uma resposta errada, então acho melhor lembrar-lhe os seus direitos legais e faremos tudo isto noutra oportunidade. Está entendendo?

— Muito bem — murmurou ela.

— Então, que tenciona fazer, senhorita?

— Colaborarei, é claro — respondeu ela. — Só desejava que não me tornasse isso desagradável ou que não me colocasse numa posição incômoda, mas colaborarei.

— Gosta de Henri Jarré? — repetiu Steinberger.

— Eu o desprezo — disse ela.

— Quer explicar melhor?

— É um homem cheio de ódio e violência. Não tem senso de humor. A mulher dele. . .

— Sim. . .

— Ele foi muito infeliz no casamento, é um indivíduo muito amargo.

Marcel Steinberger colocou uma cadeira diante dela e sentou-se.

— Viajou com Jarré muitas vezes?

— Para tratar de assuntos da OTAN.

— Sempre?

Ela olhou para o Coronel Jasmin, em busca de simpatia, que não obteve:

— Não — confessou ela —, nem sempre.

— Quantas vezes viajou com ele sem ser por causa de assuntos da OTAN?

— Meia dúzia, mais ou menos. Não estou certa.

— Foram a Cannes? _

— Sim.

— À Normandia?

— Sim.

— A Londres?

— Sim, para uma conferência da OTAN.

— E sempre o desprezou?

— Sim.

— Por que então foi com ele?

— Vivo a minha vida como me convém. M. Jarré explicou claramente, logo a princípio, que isto podia fazer parte das minhas funções. Tenho trinta e dois anos, fui casada uma vez, e não tenciono tornar a casar-me. Aprecio muito a minha independência. Até retomei o meu nome de solteira. Como o Coronel Jasmin pode lhe dizer, tenho uma situação excelente. Por isso, se a condição que M. Jarré impõe é essa, que mal faz?

— Apreciamos a sua franqueza — disse o Inspetor Steinberger. — Agora também gostaríamos de ser francos. Gostaríamos de vê-la colaborando com a Süreté.

— De que modo?

— Para vigiarmos Henri Jarré. É que, para sermos claros, suspeitamos de que ele envia documentos da OTAN para a União Soviética.

Durante um momento ela ficou atordoada, tentando compreender. Depois deu uma pequena risada gutural.

— É espantoso! — e a risadinha transformou-se em gargalhada.

— Então? Quer ajudar-nos?

— Será um prazer, Inspetor Steinberger

— Bom — disse Jasmin —, excelente

— Bem, Mlle de Vore, precisamos confirmar certos padrões, hábitos de trabalho, obrigações regulares etc., *etc.* Quero fazer-lhe algumas perguntas sobre a fotocopiadora que está no seu gabinete. É uma Repco, não é?

— É.

— Utiliza-a para completar os seus arquivos, fazer cópias necessárias para informar outras pessoas, ou enviar cópias com a correspondência habitual, sempre que é preciso? Noutras palavras, a máquina é utilizada no trabalho diário normal do escritório?

— Sim, exatamente.

— Quem opera essa máquina no seu escritório?

— Sou eu. Para o edifício todo. Como pode ver pela forma como a arrecadação está ligada ao meu escritório, a princípio aborrecia-me que as

pessoas entrassem e saíssem constantemente, por isso instalei um cesto para entrada de pedidos de cópias. De um modo geral, por volta das três da tarde tiro as cópias e as coloco num cesto de saída, onde podem ir buscá-las a tempo da última remessa do correio.

— Muito bem, senhorita. M. Jarré utiliza essa máquina? Sabe servir-se dela? Já o viu trabalhar com ela?

— Já, lembro-me muito bem. Até um ano e meio atrás tínhamos uma velha Thermo-Fax. Foi trocada pela Repco. Uns dias depois da chegada da máquina, ao voltar do almoço encontrei M. Jarré na sala de suprimento praguejando e tentando fazer a máquina funcionar. Tinha sujado tudo com o líquido e estava absolutamente atrapalhado com os papéis positivos e negativos. Pediu-me que lhe ensinasse a trabalhar com a máquina.

— Não achou isso estranho?

— Não. Eu podia um dia ficar doente ou por qualquer motivo não estar disponível quando precisassem de cópias de qualquer coisa. Não achei estranho.

— A senhorita deixa às vezes o escritório durante o dia por longos períodos de tempo?

— Que quer dizer?

— Meia hora, quarenta minutos, uma hora?

— Sem ser na hora do almoço?

— Sim.

— Sim, saio do meu gabinete muitas vezes ao dia.

— Jarré manda-a sair?

— Às vezes.

— Quer se explicar melhor?

— O edifício da imprensa está situado a dez minutos do nosso, se a gente for a pé. Muitas vezes levo lá despachos para entregar pessoalmente. Ou posso ser chamada a outro escritório, para tomar notas para a ata de uma reunião. Além disso, por uma série de motivos, podem mandar-me a quase todos os edifícios das instalações. E também venho aqui, Coronel Jasmin. Entrego dossiês secretos pelo menos uma vez por mês.

— Então podemos dizer, sem mentir, que sai do seu gabinete pelo menos uma vez por semana, durante meia hora ou mais.

— Exatamente.

— O tempo necessário para Jarré ir à sala ao lado do seu gabinete, e fazer, digamos, dez ou quinze cópias, dispor dos positivos e negativos utilizados, e

voltar ao seu próprio escritório?

— Sim, daria tempo bastante.

— Lembra-se de tê-lo visto alguma vez na sala de suprimento?

— Uma vez. Saí do edifício, mas voltei para buscar os meus cigarros. Ficou muito surpreendido, mas recompôs-se rapidamente. Às vezes eu me perguntava como é que o material da Repco se gastava tão depressa.

O Inspetor Steinberger e o Coronel Jasmin interrogaram-na alternadamente, para confirmar melhor os hábitos de trabalho de Jarré.

— Às nove e meia em ponto ele já está trabalhando em sua escrivaninha — disse Justine de Vore —, exceto às quintas-feiras.

— Por que não às quintas-feiras?

— Nesse dia ele vem de trem, de Paris.

— Todas as quintas-feiras?

— Todas. Às vezes chega atrasado.

— Nesses dias volta sempre para casa de trem?

— Volta.

— Disselhe por quê?

— Disse que deixava o carro com Mme Jarré às quintas-feiras, para ela fazer as compras.

— Sabia que ele é um funcionário de categoria bastante alta para ter um carro oficial e um motorista? — perguntou Jasmin.

— Sim. Já pedi carros oficiais várias vezes. Mas ele disse que gostava de andar de trem de vez em quando, e eu acreditei.

Justine de Vore foi incumbida da missão secreta de vigiar Jarré. No compartimento suspeito foi instalado um aparelho, de modo que a utilização da Repco acenderia automaticamente uma luz no escritório do Coronel Jasmin.

Num armário ao lado tinha sido instalado um posto de vigia. Era impossível detectar o buraquinho de vigia, do interior da sala de suprimento. Sempre que Justine de Vore saía do edifício, avisava primeiro Jasmin, e o armário era imediatamente ocupado pelo pessoal de segurança.

A vigilância era efetuada com, um extremo rigor às quintas-feiras, dia em que Jarré vinha de trem.

Na segunda quinta-feira depois de ter começado a vigilância, Henri Jarré copiou quatro documentos secretos durante a ausência da secretária. Marcel Steinberger em pessoa o seguiu de trem até Paris, no assento atrás de Jarré. Observou uma rápida troca de pastas com um contato. Mas, devido a ordens severas do seu chefe, Léon Roux, Steinberger não fez nenhuma prisão.

— Bom trabalho, inspetor — disse Léon Roux a Steinberger.

— Quando é que me deixa prender o patife? — perguntou Steinberger.

— Ah, ah! — respondeu Roux, com os olhos cintilando de malícia.

— Mas que jogo é esse? — O inspetor parecia mesmo nervoso.

O rosto avermelhado de Roux contorceu-se no que se poderia chamar de sorriso.

— O Coronel Jasmin e eu temos tido o cuidado de apresentar a Jarré só documentos falsos, e assim continuaremos durante as próximas semanas. Por isso estará entregando aos seus camaradas de Moscou informações falsas suficientes para atrapalhar os seus planos militares e a contra-espionagem durante um ano. Assim pelo menos Jarré poderá desfazer uma parte do mal que já fez. Quando julgarmos que os russos já têm uma boa quantidade de documentos falsos e estão começando a desconfiar de seu agente, então lhe entregaremos documentos verdadeiros... e fecharemos a ratoeira.

Marcel Steinberger deu uma das suas raras gargalhadas, enquanto Léon Roux dizia: — Vamos mostrar a esses idiotas do SDECE quem é melhor: eles ou a Süreté.

— Infelizmente — falou Steinberger —, temos de prender a mulher. As contas bancárias de Justine de Vore, os salários e os seus gastos não combinam. É evidente que está metida nisto com Jarré desde o princípio. É uma pena.

— Bem, ajudou-nos — disse Roux —, e traiu Jarré com classe para salvar a própria pele. Por isso temos de ver se ela pega uma sentença leve.

Capítulo 13

O Comandante Farrow, cardiologista da Marinha, encarregado de tratar de Boris Kuznetov, deixou o quarto do hospital do russo muito preocupado. Estava acompanhado por Sid Jaffe. Dirigiram-se para o gabinete do médico, onde o Dr. Billings, Devereaux, Kramer e W. Smith estavam esperando. O médico fechou a porta ao entrar.

— Está exausto, nervoso. Agüentou sessenta e tantos interrogatórios e precisa de repouso absoluto.

— É grave?

— Pode se tornar grave. Se insistirmos mais, estaremos jogando, desculpem-me a expressão, roleta russa.

— Mas, Dr. Farrow — disse Jaffe —, Kuznetov insiste em ser ouvido mais uma vez.

O comandante pôs-se a brincar com o estetoscópio: — Só mais uma vez, no quarto dele. E sejam breves. Estou falando sério.

— Obrigado, doutor. Podemos usar seu gabinete durante alguns minutos?

Quando o médico saiu, Jaffe voltou-se para os outros: — Kuznetov pediu que Nordstrom, Sanderson Hooper e o conselheiro de serviços secretos do presidente estivessem presentes hoje.

Acenaram todos rapidamente, exprimindo sua aprovação. Jaffe fez uma chamada para a ININ, em Foggy Bot-tom: — Mike, fala Sid Jaffe. O nosso amigo não se sente bem, mas o médico deu licença para que nós o visitássemos; ele insiste em que você esteja aqui com Sandy e com Marsh.

— Muito bem — respondeu Nordstrom.

O quarto estava cheio com a presença dos sete americanos, de Devereaux e de duas enfermeiras. Uma delas arranjou as almofadas por trás de Boris Kuznetov, permitindo que ele sentasse, e a outra repetiu as ordens do médico e disse que ninguém podia fumar.

Kuznetov estava cansado da prova por que passara. Há uma semana que estava piorando.

— Quis falar-lhes agora, pois tenho de lhes revelar um departamento secreto do KGB, responsável pela operação de espionagem mais engenhosa e bem sucedida jamais levada a cabo pela União Soviética. Refiro-me ao Departamento de Desinformação.

Estavam atentos, mas tensos, quando ele olhou de rosto para rosto, à espera de reação. Esta seção lhes era tão desconhecida quanto a própria Seção Anti-

OTAN.

— O Departamento de Desinformação está sob a direção de um funcionário do KGB chamado Serguei Mikeloff. O objetivo da Desinformação é inventar e distorcer dados, e passá-los para um governo inimigo através do próprio sistema de espionagem deste. Repito, através do sistema de espionagem deste. Topázio faz o nosso trabalho dentro do SDECE. Deixem-me insistir, meus senhores, isto é muito mais sofisticado e sinistro do que as operações de contra-espionagem habituais, de camuflagem. Os dados falsos são inventados em Moscou, entregues ao enviado em Paris e distribuídos aos agentes de Topázio no SDECE. Daí a informação é filtrada para os ministérios ou para onde quer que nós desejemos. Estas mentiras, firmadas com o selo da autenticidade do SDECE, são comunicadas ao Presidente La Croix pelo homem conhecido sob o nome de Columbina.

— Quantas vezes isso foi efetuado?

— Dezenas de vezes. Centenas. Em nenhum lugar com tão grande êxito como na França, o elo fraco da cadeia. Durante a crise argelina conseguimos introduzir relatórios no gabinete francês, afirmando que a CIA era a proprietária da concessão da Pepsi-Cola na Argélia, assim como de vários jornais, e utilizamos essas fachadas para fornecer dinheiro aos rebeldes argelinos. Como sabem, meus senhores, muitos franceses acreditam que a América é responsável pela Argélia. Isto é em grande parte produto do trabalho da Desinformação.

— O ano passado — continuou Kuznetov —, durante a revolta dos generais na Argélia, a Desinformação conseguiu estabelecer uma enorme confusão sobre a ameaça de os generais franceses argelinos aterrissarem em Paris com tropas aerotransportadas e ocuparem a França metropolitana. A reação do presidente dos Estados Unidos foi oferecer auxílio. Graças à Desinformação, esta oferta foi interpretada pelo, Presidente La Croix como uma tentativa americana de se imiscuir nos negócios internos franceses, até mesmo como um trampolim para introduzir na França metropolitana grande número de forças armadas americanas. E assim por diante. Quando o Presidente La Croix sai da França, muitas vezes a Desinformação o informa de que os americanos estão procurando minar as suas visitas e preparando demonstrações antifrancesas. Está convencido de que é obra da CIA. Como sabem, La Croix enxerga muito pouco e não pode ler documentos muito longos. Por isso depende de informações verbais. Isto o torna particularmente vulnerável. Temos o cuidado de lhe impingir o nosso quinhão através de Columbina.

— Quem é? — perguntou André.

— Quem sabe? — replicou Kuznetov. — Pode estar no SDECE, no gabinete, ser militar. Só sei que, se queremos que a Desinformação atinja La Croix, é ele quem se encarrega disso.

— Meu Deus! — exclamou Nordstrom sem querer.

— Kuznetov — disse Marshall McKittrick —, utilizaram a Desinformação contra nós no Canal de Suez?

Boris Kuznetov sorriu:

— Estão compreendendo? Foi um dos nossos maiores triunfos.

— Evidentemente! — exclamou André — Evidentemente! Era a única maneira, Marsh. . . Fomos enganados.

No vestíbulo, Marshall McKittrick chamou Nordstrom à parte: — Mandem-me a transcrição deste depoimento para a Casa Branca, imediatamente — disse ele bastante alarmado.

Capítulo 14

O presidente dos Estados Unidos releu a carta que escrevera ao presidente da França.

Casa Branca
20 de outubro de 1962
Caro Presidente La Croix:

Fontes de informação que consideramos de toda a confiança deram-nos a conhecer uma situação de tal gravidade que tomo a decisão excepcional de lhe dirigir esta carta sem cópia, que lhe será entregue por meu enviado especial, Marshall McKittrick.

Fomos informados da existência de uma vasta rede de espionagem de cidadãos franceses, empregados como agentes da União Soviética. Esta rede opera sob o nome em código de Topázio. Parece que conseguiu infiltrar-se profundamente em todos os ramos do governo, em especial no Serviço Secreto.

Utilizando um método invulgar denominado Desinformação, sob a direção de Serguei Mikeloff, do KGB soviético, e do enviado soviético em Paris, Gorin, conseguiu enviar informações falsas, de modo a causar confusão nos escalões mais elevados.

Foi-nos revelado, além disso, pelas mesmas fontes de informação, que um ou mais membros de Topázio se encontram entre os seus mais íntimos colaboradores.

Peço que envie um grupo de peritos aos Estados Unidos para estudarem todos os informes que colhemos e interrogarem a nossa principal fonte de informações.

Sabemos que a rede Topázio é capaz de fornecer ao KGB soviético documentos secretos, e esperamos que utilize toda a ação possível e se una a nós para descobrirmos e destruirmos essa operação.

Com a máxima consideração.

O presidente assinou a carta e a entregou a Marshall Mc Kittrick, que a dobrou e meteu no bolso do casaco.

— Fecho-a depois de Devereaux ter lido — disse McKittrick.

O presidente fez um gesto de assentimento:

— Mandarei chamar o embaixador da França logo mais — disse ele. — E você parte para Paris amanhã.

— Muito bem — respondeu McKittrick.

— Espero que La Croix não julgue que isto é outro jogo nosso — disse o presidente.

Capítulo 15

À medida que o frio do outono caía sobre Washington uma normalidade e uma calma exteriores encobriam a luta interior, explosiva.

Pombos e Falcões[4] entravam e saíam apressados da ala ocidental da Casa Branca no decurso ininterrupto de dias e dias. Com a evidência dos mísseis soviéticos em Cuba demonstrada sem sombra de dúvida, a crise aumentou.

Os Pombos e os Falcões debatiam os seus pontos de vista; os consultores, peritos, conselheiros e colecionadores de informações consultavam, avaliavam, aconselhavam e davam instruções.

E então o momento da terrível decisão caiu sobre um único homem, o presidente.

Num dia de chuva, nos fins de outubro, o embaixador da França, René d'Arcy, foi convidado a comparecer à Casa Branca. Atravessou o baluarte dos agentes de segurança e recepcionistas, e foi conduzido diretamente ao gabinete do presidente.

O presidente saudou D'Arcy calorosamente, erguendo-se da escrivaninha e conduzindo-o para o grupo confortável de cadeiras e sofás perto da lareira. No momento em que começavam a conversar, Marshall McKittrick apareceu no gabinete.

— Durante os últimos meses — disse o presidente ao embaixador — suspeitamos, e disso agora temos provas irrefutáveis, da introdução de mísseis soviéticos de alcance intermediário em Cuba. Sem dúvida você conhece esta situação através do trabalho de André Devereaux e do Serviço Secreto francês.

— Sim, estou informado — disse D'Arcy, esperando que o presidente não descobrisse que seu charuto era um Havana.

McKittrick fez uma descrição pormenorizada dos locais de lançamento, do alcance, dos cálculos das forças soviéticas agora instaladas no hemisfério. Quando acabou a sua dissertação, o presidente continuou: — Examinamos a situação sob todos os ângulos possíveis. Chegamos a uma decisão. Notifiquei o embaixador da Grã-Bretanha, e dentro de trinta e seis horas teremos informado todos os nossos aliados da OTAN. Depois informaremos o público americano.

D'Arcy sentiu medo, pois o homem que tinha à sua frente podia estar anunciando uma guerra.

— Eu tenho a impressão de que a medida mais justa no momento é colocarmos Cuba de quarentena.

— Quer dizer um bloqueio?

— Uma quarentena. . . e não um bloqueio de carregamentos pacíficos. Fazer parar, revistar e impedir novas introduções de armas ofensivas.

Talvez fosse o método mais moderado. No entanto, o rastilho seria aceso e, a não ser que os homens rapidamente se tornassem razoáveis, uma confrontação hostil no mar ou um ataque aéreo a uma instalação cubana de mísseis poderia levar a ameaça a uma invasão de Cuba, e a um prelúdio de holocausto mundial.

D'Arcy sabia que o General La Croix espumaria de raiva com a ação unilateral dos americanos, pois estes estariam impondo uma política de vida ou morte sem consultar seus aliados.

— Que espera da França? — perguntou ele.

— Que olhe a nossa posição com simpatia, que respeite a quarentena e compartilhe do nosso ponto de vista. Estamos em perigo.

"É arrastar a França para uma guerra contra a sua vontade", pensou D'Arcy sem o dizer.

— Vou enviar Mr. McKittrick como meu representante pessoal para informar o Presidente La Croix e o primeiro-ministro britânico. Pedimos o favor de guardar segredo sobre o assunto até ele chegar a Paris.

D'Arcy disse que obedeceria.

— Mais uma coisa — disse McKittrick. — Devido ao fato de André Devereaux estar intimamente ligado com *o* caso dos mísseis, gostaria que ele estivesse presente em Paris. Há mais uma questão sobre os serviços secretos que exige a presença dele.

— Sim, pode levar Devereaux.

— Muito obrigado, embaixador. Parto daqui a algumas horas, num jato da Força Aérea, de Andrews — disse McKittrick.

Enquanto Marshall McKittrick e André Devereaux entravam no avião, um grande efetivo das Forças Armadas tomava posição ao longo da costa oriental dos Estados Unidos. A esquadra saiu para o Atlântico, para cortar os caminhos para Cuba. No ar, os bombardeiros do Comando Aéreo Estratégico voavam em círculo, prontos para soltar suas ogivas atômicas, e nos seus abrigos o aterrorizante arsenal de mísseis foi alertado, dirigido a objetivos pré-escolhidos na União Soviética, tudo preparado para desencadear a mais terrível catástrofe jamais conhecida pelo homem.

Capítulo 16

O jato da Força Aérea sobrevoou veloz a extremidade do continente. Marshall mostrou a André a carta que devia entregar a Pierre La Croix. André leu-a e devolveu-a sem comentários.

Foram servidas bebidas e uma refeição ligeira, depois abriram uma mesa de jogo. Tendo por parceiro um membro da tripulação, André venceu estrondosamente McKittrick e o comissário de bordo numa partida de bridge.

— Onde é que você aprendeu a jogar assim? — perguntou McKittrick.

— Outrora jogava para ganhar a vida, ou pelo menos para sobreviver. Numa noite boa geralmente ganhávamos o suficiente para comprar pão e vinho para uma dúzia de camaradas. Às vezes até conseguíamos comprar ainda um par de sapatos — respondeu André.

— Onde foi isso?

— Quando estive preso na Espanha. Foi lá que conheci Nicole — disse ele, lembrando-se de que estava se aproximando dela. — É uma história muito comprida, Marsh.

Ficaram pensativos durante algum tempo, sem que nenhum dos dois tocasse nos assuntos que os preocupavam, nas implicações do que tinha sido descoberto através da história contada por Kuznetov.

— Nunca executei o meu trabalho com espírito de vingança — disse André por fim —, mas alguém vai pagar por isso. Hei de encontrá-lo e denunciá-lo, nem que seja o meu último gesto neste mundo.

— Então, tenha cuidado — respondeu McKittrick, e atravessou para o outro lado do avião, sentando-se numa poltrona.

Abriu a pasta, fechou a carta para Pierre La Croix e colocou-a entre os seus papéis.

André aqueceu-se com conhaque e ficou observando o jato mergulhar na noite. Era aquele momento de transformação num avião em que o álcool, a altitude e uma sensação de indiferença embotam c suavizam as pessoas o bastante para as lançarem numa impressão de eternidade.

Desde que soubera da conspiração Topázio, as noites de André Devereaux tinham sido passadas em períodos de meia sonolência e passeios furiosos no quarto, atormentado pela traição dos seus próprios compatriotas, seus anos de dedicação e sofrimento, gerados pelo amor a França tinham sido maculados por homens que a queriam destruir por ignorância ou por uma escolha sinistra.

Contra que ninho de víboras teria agora de combater em Paris? Em breve se fecharia a armadilha sobre Henri Jarré mas havia outro acima dele. . .

Columbina. Acontecesse o que acontecesse, estava resolvido a desmascarar o supremo traidor.

O nome de um homem não lhe saia da mente: Coronel Gabriel Brune, vice-administrador do SDECE. Com a revelação da Desinformação e de como fora utilizada em Suez, o comportamento do Coronel Brune tomava-o o principal suspeito.

André olhou para Marsh McKittrick, que dormitava. "Que estranho", pensou ele. Fora há sete anos, ou quase isso, que ele e McKittrick tinham representado um drama quase idêntico durante a crise de Suez.

Os israelenses haviam penetrado na península do Sinai em direção ao canal. André estava em Paris a essa altura, tratando de outros assuntos. Por causa das suas relações de amizade com os americanos, fizeram-no entrar em cena. Depois de lhe contarem o que se passava, pediram seu conselho. André sabia que Marshall McKittrick estava em Roma tratando de problemas do presidente, e pediu-lhe que viesse a Paris.

Outubro de 1956

André Devereaux e o Embaixador Rawlins, dos Estados Unidos, tinham ido esperar Marshall McKittrick no Aeroporto de Orly. O caso era tão urgente que os dois americanos foram postos a par do que se passava, dentro do automóvel, a caminho de Paris.

— Daqui a quatro horas — disse André — vamos enviar um ultimato, juntamente com os ingleses, para que o Egito e Israel cessem fogo e reconheçam a linha de demarcação a dez quilômetros de distância do canal.

— Uma ação unilateral?

— Sim.

— Estão coligados com os israelenses?

— Não sei — respondeu André. — Estou apenas informando que, se o cessar-fogo não for aceito, uma força expedicionária franco-britânica, que está agora se reunindo em Chipre, avançará e tomará o canal.

A reação dos americanos fora aceitar a notícia com uma calma estudada, e aceitá-la em relação à sua própria situação. A França e a Grã-Bretanha podiam estar em vias de arrastar a América para uma guerra, sem a consultar.

— Vocês podiam ter avisado os americanos com um dia de antecedência — disse McKittrick, por fim.

— Penso que não queríamos que nos convencessem a não agir — respondeu André.

— Bem, vamos ter uma tarde movimentada — disse o embaixador.

— O que é que vocês querem dos Estados Unidos? — perguntou McKittrick.

— Como aliados, que reconheçam a nossa posição e compreendam que agimos assim pelo interesse internacional.

Como o Embaixador Rawlins e Marshall McKittrick tivessem mergulhado no trabalho de comunicar-se com Washington e esperar instruções, André participou ao vice-administrador do SDECE, Coronel Gabriel Brune, que os Estados Unidos tinham sido informados da ação iminente.

Como uma das últimas demonstrações de imperialismo descarado e antiquado, a informação chegou ao presidente dos Estados Unidos, que imediatamente convocou seus conselheiros.

A posição parecia clara. A França e a Grã-Bretanha eram aliados tradicionais que precisavam de controles internacionais restituídos ao Canal de Suez, senão continuariam à mercê do ditador egípcio, Gamal Abdel Nasser. A França tinha razão em querer derrubar Nasser, por causa de sua simpatia declarada e auxílio aos rebeldes argelinos. O Ocidente em geral estava profundamente preocupado com o namoro de Nasser com a União Soviética, a importação em massa de armas soviéticas para o Egito e o espectro assustador da União Soviética penetrando até o Mediterrâneo.

Quanto a Israel, a invasão do Sinai tornou-se uma necessidade para a sobrevivência nacional, para fazer parar os ataques do Egito e controlar o fornecimento de armas pelos soviéticos. E, finalmente, Israel precisava furar o bloqueio do mar Vermelho para utilizá-lo como um caminho marítimo para a Ásia.

Toda a operação cheirava a uma combinação de interesses franceses e britânicos, e de Israel. Mas isto, é claro, devia ser mantido em segredo e constituir mistério durante dez anos.

Três horas e meia depois de sua chegada a Paris e meia hora antes do ultimato de cessar fogo, André Devereaux entrou no gabinete do embaixador americano.

— A posição dos Estados Unidos — disse o embaixador — é agir como se não tivéssemos sido informados da intenção de vocês de se apoderarem do

canal. Depois do ultimato e da invasão, oficialmente vamo-nos mostrar surpresos e indignados. De qualquer modo, não deveremos parecer sócios nessa aventura. Isso nos permitirá ter a liberdade de manter a União Soviética a distância, como companheiros na neutralidade.

— Agora, pelo amor de Deus — acrescentou McKittrick —, tomem esse maldito canal nas próximas setenta e duas horas. Deve ser um fato consumado, porque depois disso teremos de apoiar qualquer acusação de agressão por parte das Nações Unidas contra vocês. Ocupem primeiro o canal, e depois falaremos sobre ele.

A posição americana foi comunicada a Brune praticamente ao mesmo tempo que o ultimato para cessar fogo era entregue a Nasser e a Ben Gurion.

Nasser o rejeitou, e uma febre de guerra apoderou-se de Londres e Paris, enquanto os aviões franceses e britânicos bombardeavam os aeroportos egípcios, num prenúncio da invasão, e as forças expedicionárias dos dois países partiam para Chipre.

O conhecimento pessoal de André sobre estes acontecimentos terminava com a entrega da mensagem dos americanos.

Isso tudo se passara antes do acesso formal de La Croix ao poder. Embora o centro oficial do executivo estivesse situado no gabinete do primeiro-ministro, La Croix manobrava por trás de tudo. No seu cargo estava rodeado por um exército pessoal de chefes militares, agentes secretos e subordinados ambiciosos que previam o futuro e aderiam ao grupo, preparando-se para a subida de La Croix ao poder.

Seus conselheiros lhe eram fiéis antes de ele assumir o governo, e muitas vezes La Croix era consultado antes mesmo do primeiro-ministro.

Quando as Forças Armadas anglo-francesas se aproximaram do canal, o Coronel Gabriel Brune pediu uma entrevista urgente a La Croix. Brune, membro da facção do general, era a principal fonte de poder e informação de La Croix dentro do SDECE.

Jacques Granville, assessor pessoal de Pierre La Croix, conduziu Brune ao gabinete do general no momento da invasão.

— Estamos vivendo uma situação desesperada há várias horas — disse Brune. — Tenho estado à espera de confirmação. E agora a temos. Começaram a chegar ao SDECE mensagens dos nossos serviços secretos navais e militares,

pouco depois da meia-noite, dizendo que os barcos de guerra americanos da Sétima Frota descobriram nossas forças expedicionárias. Durante toda a noite os destróieres nos seguiram e os seus aviões nos têm vigiado constantemente. Esta manhã, quando nossos barcos entraram em águas egípcias, os americanos dispararam alguns tiros de aviso por cima das proas dos nossos navios.

Sem se alterar, Pierre La Croix pegou os despachos, todos com o selo de autenticidade do SDECE, e os folheou.

— Informaram o primeiro-ministro? — perguntou ele.

— Não — respondeu Brune.

La Croix acenou com a cabeça:

— O primeiro-ministro é tão a favor de Israel que teremos de agir diante das informações recebidas sem o conhecimento dele.

— Sim, mas custa-me acreditar. Os americanos deram a sua palavra — disse Granville.

— É evidente que houve uma traição à palavra dada — disse o Coronel Brune.

— Não posso acreditar — repetiu Granville.

O Embaixador Rawlins foi convocado para comparecer à residência do primeiro-ministro, depois de ter sido finalmente informado do que se passava. As mensagens da traição americana foram postas sem cerimônia debaixo do nariz do embaixador, acompanhadas de uma exclamação do primeiro-ministro.

Rawlins estava absolutamente atrapalhado. Com as comunicações normais para Suez deliberadamente cortadas, Marshall McKittrick foi despachado para Washington para obter uma explicação. Passaram-se vários dias antes de terem certeza de que não tinha havido nenhuma ação americana contra as forças expedicionárias e que os comunicados recebidos pelo SDECE eram falsos.

Tinha sido obra da rede Topázio, e as informações impingidas a Pierre La Croix e, depois, ao primeiro-ministro e ao gabinete eram produto da Desinformação soviética.

Moscou tirava proveito rapidamente de uma situação histérica, por meio de uma ruidosa ameaça de lançar seus mísseis contra Paris, a não ser que os franceses desistissem.

A tomada do Canal de Suez nunca se realizou, e só os israelenses alcançaram os seus objetivos.

Em seguida ao golpe da Desinformação, os soviéticos convenceram Nasser de que os Estados Unidos estavam realmente por trás da conspiração para tomar

o canal. E uma carga final de propaganda lançou a culpa para cima dos americanos, nos espíritos dos franceses, para sempre

Escureceu. Marshall McKittrick havia adormecido.

Mas André não podia dormir. Quem levara a Desinformação soviética a La Croix e ao primeiro-ministro durante a crise de Suez?

Os despachos falsos tinham vindo do SDECE. Quem é que no SDECE estava em comunicação constante com La Croix e Matignon? Quem é que dava informações em nome do Serviço Secreto?

Os chefes do SDECE geralmente obtinham seus postos através de nomeações políticas. Muitos eram a favor dos americanos. Eram em grande parte funcionários totalmente dependentes do seu pessoal. A sede real do poder pertencia aos vice-administradores, aos profissionais de carreira como Gabriel Brune.

Isto estava de acordo com uma conhecida tática comunista de entregar o verdadeiro poder a um delegado que agia atrás de uma imagem de figurão inofensivo.

E quanto à natureza e ao passado de Brune? Tinha-se mantido indefinido e fora das luzes da ribalta. Ocupara um lugar importante na rede de serviços secretos da OTAN e da ININ, e era amigo de Henri Jarré. Além disso, era um antiamericano hostil, que deliberadamente distorcia comunicados e opiniões contra eles.

Quando os americanos hesitaram fortemente em compartilhar informações secretas com os franceses, devido aos desvios dentro da OTAN, Brune foi sigilosamente mudado da ININ para o governo francês, como vice-administrador do SDECE, onde se perdeu no anonimato., Tinha acesso a documentos altamente secretos e uma posição que lhe permitia causar prejuízos inacreditáveis, se na verdade fosse agente soviético.

Quando Pierre La Croix subiu ao poder, o papel e a força de Brune aumentaram. Estava constantemente ao lado de La Croix, e este sempre escutava suas opiniões.

O avião prosseguia a caminho de Paris. André sabia que, se entrasse nessa luta, ela talvez lhe custasse a vida. Seus inimigos eram traiçoeiros e hábeis, e o chefe do governo era um ditador envelhecido, arrogante e cheio de manias.

Mas, apesar de tudo, sabia que iria travar a luta.

Quando a terra surgiu lá embaixo, André sentiu um momento de terror. Já seria muito tarde?

Capítulo 17

Gorin encontrou um lugar para estacionar o seu Peugeot na Place d'Armes, em frente ao Palácio de Versalhes, e dirigiu-se a pé pelas largas avenidas com jardins, fontes e árvores em direção ao grande canal, nesse monumento de extravagância inigualável. Como diplomata soviético e chefe do Serviço Secreto russo na França, era o principal agente de Topázio. A sua verdadeira posição estava disfarçada pelo título de adido cultural adjunto.

Junto à base do canal artificial em forma de cruz, com uma milha de comprimento, parou e olhou em volta para certificar-se de que era apenas mais um visitante respeitável. Satisfeito, dirigiu-se para o encontro.

Atrás do Petit Trianon havia sebes aparadas e jardins à inglesa, depois um labirinto de atalhos rodeados de árvores, que asseguravam o isolamento. Os dedos grossos de Gorin levantaram o punho da camisa. Ainda faltavam cinco minutos. O ar estava fresco, as árvores quase nuas. Uma brisa forte fazia as folhas rodopiarem em torno dos galhos das árvores. Ao longe ouvia o ruído das crianças que brincavam, correndo e gritando. Gorin tinha um rosto maciço e olhos cintilantes. Era um indivíduo sociável e extrovertido. Um tipo raro entre os seus sombrios colegas. Bateu as mãos frias uma na outra, depois meteu-as nos bolsos e olhou para o atalho.

Uma figura indistinta surgiu no caminho ladeado de arvores, avançando em sua direção. Era a figura familiar de Columbina. Era mais alto do que a maioria dos franceses, a gola do sobretudo estava abotoada e voltada para cima, protegendo-o do frio do outono. Trazia um chapéu escuro enterrado na testa, e a mão enluvada segurava o eterno cigarro. Columbina parou em frente a Gorin e cumprimentou-o com um aceno de cabeça. Os dois homens continuaram ao longo do atalho, lado a lado, falando num murmúrio estudado

— Havia qualquer coisa que não estava certa nos quatro últimos documentos da OTAN — comentou o russo. — Provocaram grande confusão em Moscou.

— Mas o que era?

— O KGB pensa que podem ser documentos falsos. O Serviço Secreto da OTAN pode estar na pista de Jarré. Se assim for, a utilidade dele para nós estaria chegando ao fim.

— Jarré é um malandro desprezível — disse Columbina. — Jamais gostei

dele.

Gorin tirou do bolso o primeiro de dois envelopes sobrescritos e o estendeu a Columbina.

— Aqui estão indicados três documentos da série 1 500 da OTAN. Entre em contato com Jarré e peça a ele para tirar cópias. O KGB viu cópias autênticas que lhe chegaram às mãos por outras vias. Se Jarré nos passar coisa diferente, teremos de fazer alguma coisa.

Pararam num lugar em que o atalho se bifurcava e ficaram em silêncio enquanto um casal de velhos passava por eles. Depois continuaram a andar em outra direção.

— Os vôos dos U-2 americanos sobre Cuba têm-se concentrado sobre as zonas onde estão sendo estabelecidas as nossas bases de mísseis — disse Gorin. — Pode ser que eles saibam.

— O que é que você acha que eles vão fazer?

— Nada, provavelmente. — Gorin entregou a Columbina o segundo envelope. — No caso pouco provável de os americanos fazerem barulho e provocarem uma crise, as suas instruções estão aqui neste envelope. Tem de ser fornecida alguma informação falsa a La Croix para embaralhar os problemas e causar desconfiança quanto aos motivos americanos. O resultado deve ser neutralizar a França. A França não deve se colocar ao lado dos americanos.

Columbina, mestre consumado neste gênero de operações, recebeu as instruções e acenou que sim.

— Uma última coisa — disse Gorin. — O desertor do KGB deve ter revelado aos americanos a existência de Topázio.

— Estava pensando justamente nisso — salientou Columbina. — Antes de vir hoje para cá soube que André Devereaux está vindo para Paris... a bordo de um jato da Força Aérea americana.

— Isso pode significar Topázio, o caso dos mísseis. . . ou as duas coisas. E quanto a Devereaux? — perguntou Gorin?

— Consegui descobrir — disse Columbina — que há vários meses saiu de Washington diversas vezes, por uma noite ou fins de semana. Aparentemente não foi longe. Foi de automóvel, muitas vezes com Michael Nordstrom. Uma conversa revelou as palavras: "a paisagem campestre de Maryland". Recentemente os passeios têm sido mais perto, viagens de automóvel mais curtas, de novo em companhia de Nordstrom. O único lugar possível é o Hospital Naval de Bethesda.

Gorin parou, pensativo.

— O Hospital Naval de Bethesda — resmungou ele.

— É perto de Washington e é utilizado por muitos membros do Parlamento e militares de alta patente. Às vezes os presidentes americanos têm sido internados lá. Assim sendo, as medidas de segurança reforçadas são coisa comum para eles.

— Isso está de acordo com o que sabemos — afirmou Gorin. — Kuznetov tem uma lesão cardíaca. É bem possível que esteja nesse hospital. O objetivo principal para você, e isso é imperativo, é desacreditar Devereaux totalmente.

— Bem sabe que isso não é fácil — replicou Columbina. — Tem uma reputação imaculada, amigos e um cérebro rápido. Inúmeras vezes tentamos difamá-lo. La Croix não se deixa enganar com facilidade. Embora ele e Devereaux tenham idéias políticas diferentes, La Croix o respeita muito.

— Bem — disse Gorin —, fazemos um negócio com ele. Devereaux terá de aderir.

— Nunca o fará. É demasiado honesto.

— Os grandes homens têm grandes pontos vulneráveis — respondeu Gorin. — Devereaux tem o seu, e sabemos qual é. Ele vai aderir.

Columbina parou, apagou com o pé a ponta do cigarro, tirou outro do maço, acendeu o isqueiro e protegeu a chama com as mãos. Ergueu os olhos, olhando cheio de curiosidade com os seus olhos cinzentos para o russo.

— Devereaux tem uma amante em Cuba — continuou Gorin. — Juanita de Córdoba. Provavelmente ela tomou parte na operação.

— Você é tolo, Gorin. Ele é muito esperto para se deixar comprometer numa ligação que não seja casual.

— Os grandes homens têm grandes pontos vulneráveis — repetiu o russo. — Está loucamente apaixonado por ela. Por que outro motivo o chefe de uma seção do Serviço Secreto tentaria pessoalmente tomar uma barco para Cuba, para trazer a amante?

Columbina fumava o cigarro sem fazer comentários.

— Quando o momento chegar, ele fará o acordo conosco para salvar a vida dela. Marquemos um novo encontro aqui na próxima sexta-feira.

Columbina ficou vendo o russo desaparecer na aléia, à luz do crepúsculo. Perguntou a si próprio se finalmente teria encontrado a chave certa para destruir seu grande inimigo, André Devereaux.

Quarta parte

O GRANDE PIERRE

Capítulo 1

O ANO DE 1940

A França tinha caído!

O começo para André Devereaux fora a sua cidade de Montrichard, no vale do Loire.

O vale do Loire, magnífico com os seus cem grandes castelos, lagos, jardins, bosques. O centro de diversão de reis e uma história com mais de mil anos.

A cidade de Joana d'Arc, Orléans.

Carlos Magno e sua Abadia de Pont-Levoy, a mais antiga escola de toda a Europa.

O lugar de descanso final de Leonardo da Vinci e o Castelo de Chambord, enriquecido pela mão do seu gênio.

Ah! Os castelos do Loir-et-Cher! Chaumont, Montré-sor e Amboise, onde Da Vinci morrera, e o Castelo de Chenonceaux, com os seus cinco arcos construídos sobre o próprio rio Cher.

O rochedo oscilante em Le Puy, coroado pela estátua da Virgem Negra.

A caça. A caça ao javali e à raposa, corridas de cavalo atrás dos magníficos cães de Creverny.

As uvas de Tours, as pequenas quintas, o queijo de cabra de Sancerre.

Montrichard, a terra natal de André Devereaux, estava situada no coração desta França. Ruas calçadas de pedras e rochedos íngremes desciam até as praias de areia branca do Cher. Os produtores de vinho de Montmousseau, na orla da cidade, conservavam seus tonéis profundamente enterrados nas falésias, em nichos construídos durante a ocupação romana. Ao redor estendiam-se campos de framboesas e morangos.

Casas primitivas de antigos trogloditas, construídas nas encostas das falésias, eram ainda utilizadas pelos camponeses durante a época das vindimas.

Montrichard! A colina de Ricardo Coração de Leão, recebera esse nome em

honra do rei da Inglaterra que ali parara ao voltar das Cruzadas.

Agora Montrichard estava triste, pois a França tinha caído.

A nação estava dividida ao meio. Alguns quilômetros ao sul de Montrichard, onde o Cher corre docemente para Chenonceaux, havia agora uma fronteira. Montrichard encontrava-se na França ocupada. Para lá da fronteira, um governo fictício de colaboradores dos alemães tinha estabelecido a sua capital em Vichy e era dirigido pelo outrora honrado Marechal Pétain.

Quando a França caiu, André Devereaux tinha vinte anos de idade e estava fazendo o seu aprendizado como advogado no escritório do pai. O velho Devereaux, proprietário de considerável fortuna, era então chefe de uma família respeitada na região.

O Castelo Devereaux estava situado na extremidade ocidental da cidade, na estrada para o Castelo de Chenonceaux, e era composto por vinte e oito divisões; era modesto em comparação aos castelos daquela região.

A vida era regrada. Como filho único, André vivia preparando-se para assumir as responsabilidades da família numa região onde já não havia tumultos.

A única coisa que obscurecera essa existência pastoril fora a morte trágica e repentina de sua mãe num desastre de automóvel de que o pai tinha sido o causador, o que lhe dera um tremendo sentimento de culpa. André ficara órfão ainda muito pequeno.

Rapazinho sensível, as saudades da mãe, complicadas pelos castigos que o pai se infligia a si próprio, deram origem a um conflito emocional.

Uns dois meses depois da queda da França, André ergueu a cabeça de sua mesa de trabalho, ao fim da manhã, e viu o seu melhor amigo, Robert Proust.

O comportamento de Robert parecia estranho e nervoso.

— Que se passa? — perguntou André.

— Pode vir almoçar comigo no La Tête Noire?

— Certamente.

— Há uma pessoa que desejo apresentar a você.

— Que mistério é esse?

— Você vai ver.

Mais tarde, no restaurante La Tête Noire, Robert levou André para uma mesa afastada das outras. Lá encontraram um rapaz magro e bonito, de vinte e poucos anos. Foi apresentado como sendo Jacques Granville, da cidade vizinha de Blois. Jacques era oficial, mas tinha conseguido escapar e voltara para casa.

— Robert diz que você é um velho amigo — disse Jacques, tirando a rolha de uma garrafa de vinho.

— Sou — respondeu André. — Fomos colegas na escola da Abadia de Pont-Levoy.

Jacques encheu os copos de vinho.

—_ Então somos todos antigos companheiros de escola. Eu também estudei lá.

Robert Proust, um rapaz tímido, feio e baixo, bebia o vinho em pequenos goles nervosos. Disse: — Jacques Granville tem muitas ligações em Blois para. . . ajudar as pessoas.

— Não compreendo.

—_Robert disse que eu podia falar com você francamente — disse Granville.

— Mas é lógico!

— Estamos ajudando os judeus — disse Robert.

— Que quer dizer "ajudando"?

— Sou meio judeu, como sabe.

— Nunca pensei nisso — respondeu André.

— As coisas estão difíceis, muito difíceis para os judeus na França ocupada. Os alemães são uns patifes. Primeiro, humilhação pública. Agora, os bens deles, espancamentos. Deus sabe o que se seguirá. Muitos dos judeus da França ocupada estão tentando atravessar a fronteira para a França de Vichy. Estamos organizando uma forma para fazê-los sair secretamente.

— Por quê?

— São franceses — disse Jacques Granville com entusiasmo —, e estão numa situação difícil. Outros franceses têm-se voltado contra eles à medida que as coisas se tornam mais complicadas.

— Isso é uma vergonha — exclamou André.

— Robert sugeriu que o procurasse, porque sei que o seu pai tem várias propriedades ao longo do Cher.

— Tem.

— Estaria disposto a auxiliar os judeus?

— Claro — respondeu André sem hesitar.

Proust e Granville respiraram fundo, trocaram um olhar. Jacques pôs os cotovelos sobre a mesa e se inclinou para a frente: — Pode ser perigoso.

— Os alemães que vão para o diabo. Eu os odeio — disse André. — Que querem de mim?

— Os arrendatários das propriedades de seu pai são pessoas de confiança?

André pensou um bocado:

— Temos quatro pequenas propriedades ao longo do Cher. Eu respondo por dois dos arrendatários.

— Bem — disse Granville. — Como sabe, o canal de Berry é paralelo ao rio Cher. A zona intermediária é onde os alemães têm as suas patrulhas de fronteira. Se pudermos observar as patrulhas alemãs de uma das suas propriedades e organizar um horário, podemos passar os judeus para a França de Vichy atravessando o rio.

A idéia era ao mesmo tempo fascinante e assustadora para o jovem André. Sentia uma culpa profunda porque, diferentemente de Robert, que era um ano mais velho, não tinha lutado contra os alemães.

— Eu os ajudo — afirmou ele —, se prometerem não contar nada ao meu pai.

O brilhante Jacques Granville abriu um largo sorriso. O branco Robert Proust apenas abanou a cabeça.

— Bem-vindo, camarada — disse Jacques, e os três apertaram-se as mãos.

Capítulo 2

O Cher era um rio preguiçoso, com um movimento calmo, imperturbável. Em muitos lugares, séculos de areia haviam edificado uma rede de bancos e ilhéus submersos.

André e seu amigo Robert Proust tinham nadado no rio, pescado e andado de barco desde muito pequenos. Era uma coisa simples para eles saber em que locais se podia passar a vau de um lado para o outro.

Dizendo ao pai que arranjara uma namorada em Blois, André inventou uma razão para passar várias noites por semana fora de casa estudando o movimento das patrulhas alemãs entre o canal de Berry e o rio. Os alemães eram incrivelmente metódicos. Podia-se acertar um relógio quando eles apareciam.

Em Blois, Jacques Granville adquiriu meia dúzia de bicicletas, que escondeu num celeiro. Tendo descoberto o horário das patrulhas alemãs, André ia alternadamente com Jacques e Robert ao celeiro, onde cinco judeus de Blois esperavam todas as noites. Percorriam catorze quilômetros até o local da travessia e eram conduzidos para a França de Vichy. Uma carroça recolhia as bicicletas e as recolocava no celeiro.

Algumas noites os três trabalhavam com outros membros do grupo de Blois, e eram feitas duas ou três travessias pelo rio. A operação teve tanto êxito que foram adquiridas mais dez bicicletas.

Nos seis meses que se seguiram perto de três mil judeus e outros procurados pelos nazistas foram passados pelo Cher, da França ocupada para a França de Vichy.

— André — dizia-lhe o pai, furioso —, que brincadeira é essa? Passa a noite toda com essa garota de Blois e dorme durante o dia! Case com ela ou arranje uma mulher mais perto de casa.

André se desculpava com um bocejo e mudava de conversa.

Quando ficou esgotado demais para poder fazer o trabalho convenientemente, teve um momento de fraqueza e confessou ao pai, que aprovou a atividade com muito orgulho. Daí em diante André trabalhou constantemente com as pessoas de Blois. Foi esse o verdadeiro começo da sua carreira de espionagem.

Uma noite, quando chegou ao celeiro não havia nenhum judeu. Daí a pouco chegaram Robert Proust e Jacques Granville, assustados e aflitos.

— Recebi um aviso — contou Jacques — de que os alemães nos têm

vigiado há dois dias.

— Essa não!

— Tenho certeza de que estão esperando descobrir o nosso sistema e todos os demais postos da Resistência antes de nos prender. Isso nos dá a possibilidade de fugir.

— Fugir?

— Sim — disse Robert com voz trêmula. — Temos de fugir agora. Em Blois todos já fugiram. Trouxe umas roupas para você.

— Meu pai! Tenho de lhe dizer adeus.

Jacques segurou-o e abanou a cabeça: — Não.

— Tenho, sim.

— Poderia complicar seu pai se o procurasse agora. Quando pudermos, nós lhe enviamos uma mensagem.

— Quem nos denunciou?

— Os franceses — disse Jacques Granville com desprezo. — Franceses tentando lamber as botas dos alemães. E a polícia francesa anda à nossa procura com os alemães.

— Os filhos da puta!

— Vamos embora, André.

Nessa noite fugiram para Tours e ficaram escondidos num sótão que tinha sido um posto da Resistência. De manhã souberam que eles e o resto do grupo de Blois estavam sendo alvo de uma intensa caçada humana.

Todas as noites se mudavam de um lugar para outro em Tours, esperando auxílio da Resistência. Passada uma semana, um homem velho e grisalho, chamado Duval, foi procurá-los.

— Conseguimos vistos até Bordéus. A organização vai dar a vocês documentos e certificados falsos, declarando que são tuberculosos. Com esses papéis poderão ir para os centros de reabilitação no sopé dos Pireneus.

Estendeu um mapa sobre a mesa de madeira tosca e indicou com o dedo a fronteira franco-espanhola.

—_Aqui está a cidade de Cambo. Conseguirão entrar em contato com um guia que os fará atravessar os Pireneus até a Espanha.

— E depois?

Duval encolheu os ombros:

— Só posso indicar-lhes um nome, o de Florence Smith, na Embaixada britânica em Madri. Achamos que ela é do MI-5, Serviço Secreto britânico.

Ajudou alguns dos nossos a alcançarem a África do Norte.

Duval lhes deu dinheiro. Continuou:

— Sinto muito, mas não lhes posso dar os documentos aqui. Têm de arranjá-los em Bordéus. Vai ser uma viagem difícil. Terão de percorrer o caminho durante a noite e viver do que puderem roubar nos campos. E lembrem-se de que os filhos da puta de Vichy são tão maus quanto os da França ocupada.

— Nós nos arranjaremos — disse Jacques, com dúvida na voz.

— Esta noite voltarei para lhes ensinar o caminho. E, meus rapazes, quero-lhes agradecer o que fizeram. Sou judeu. Passaram a minha família toda pelo Cher. Deus sabe o que teria acontecido se eles ficassem.

Dois meses depois André Devereaux, Robert Proust e Jacques Granville chegaram a Cambo, perto da fronteira franco-espanhola. Estavam miseravelmente vestidos, quase mortos de fome e praticamente sem um tostão.

Diante deles erguia-se a assombrosa cadeia de montanhas chamada Pireneus.

Capítulo 3

André Devereaux passou o seu vigésimo primeiro aniversário em Cambo. Tinha deixado crescer uma barba bastante bonita, que o fazia parecer mais velho.

Durante a viagem, Robert Proust demonstrara ser o mais fraco dos três, cansando-se, desanimando-se, queixando-se constantemente de fome.

Jacques Granville, o mais velho, mantinha-se bem disposto. Era um *bon vivant*, mesmo nas circunstâncias miseráveis em que se encontravam, procurando sempre uma companheira de cama onde quer que se escondessem, nos palheiros, nos campos, ou nos porões das casas dos camponeses.

Se havia uma mulher disponível pelas redondezas, Jacques fatalmente a encontraria.

Para lá dos Pireneus estava a Espanha, e talvez um caminho até as Forças Armadas da França de Vichy do Almirante de St. Amertin, com base em Casablanca. Tinham certeza de que um dia essas forças francesas abandonariam Vichy e lutariam contra os alemães.

Havia outro grupo com base em Londres. O General Pierre La Croix, que tinham escutado na rádio clandestina, havia denunciado Vichy e o regime de Pétain como traidores, e tinha de fato obtido a adesão de algumas das possessões francesas ao seu Comitê para a Defesa do Império Francês. O grupo denominava-se a si próprio Franceses Livres ou França Combatente.

Claro que era Pierre La Croix quem mais atraía os três companheiros, mas parecia impossível alcançá-lo; por isso o objetivo deles era Casablanca e o Almirante de St. Amertin.

Cambo estava cheia de tuberculosos de toda a Europa. Embora os três possuíssem certificados médicos falsos, declarando que sofriam de tuberculose, já muitos fugitivos tinham passado no mesmo lugar, com a mesma história. Era certo que seriam descobertos.

Durante uma semana não conseguiram estabelecer nenhum contato. O dinheiro tinha acabado e era impossível atravessar as montanhas sem guia.

Desesperado, André foi a uma igreja, e no segredo do confessionário falou com o padre.

—_ Padre — falou ele —, estou em Cambo com dois amigos, tentando fugir para a Espanha.

— Com que fim?

— Lutar pela França.

— Por que fogem? Diga a verdade.

—_ Somos procurados pelos alemães por termos ajudado judeus a fugirem para a França de Vichy.

—_ Sim. Sabemos da vinda de vocês. Será apenas um dia ou dois até a polícia vir procurá-los. Têm de sair de Cambo.

— Peço que nos ajude. Não temos dinheiro.

— O problema é de vocês. . .

— Mas. . . padre. . . — disse André com dureza, não querendo acreditar.

— Estou cheio dessa onda de criminosos e foragidos que se abateu sobre Cambo.

— Padre, não somos criminosos!

— Se a lei os procura, são criminosos. Saiam de Cambo antes que amanheça, senão eu os entrego à polícia.

— Padre! Somos franceses!

— Saiam!

André saiu correndo da igreja, foi para a pensão. Subiu as escadas ofegante e abriu a porta: — O padre ameaça nos entregar à polícia!

Robert Proust tremeu, depois começou a chorar.

— Cale a boca, Robert! — ordenou Jacques. — Deixem-me pensar. . . aquele filho da puta. . . miserável!

Bateram à porta com força. Olharam todos para ela, aterrorizados.

Capítulo 4

André abriu a porta. Viram um homem pequeno e gordo.

— Sou o Dr. Aumont — apresentou-se —, diretor de de um dos sanatórios. Posso entrar?

O curioso visitante olhava de um para outro.

— Vocês são fugitivos, não é verdade?

Ninguém respondeu.

— Ora, vamos — insistiu o Dr. Aumont —, eu não vou entregá-los à polícia!

André não se importou quando Jacques abanou a cabeça: — Que importância tem, Jacques? Sim, somos fugitivos.

— Por que motivo?

— Somos de perto do rio Cher. Ajudamos a Resistência a levar judeus para Vichy.

— Muito bem, rapazes, podem ficar sossegados. Sou chefe do grupo aqui de Cambo que ajuda os refugiados da Resistência. Estabelecemos um fundo para ajudar os nossos rapazes a se juntarem às forças combatentes.

André encostou o rosto à janela e a cortina de renda barata tocou-lhe na barba; seus olhos se encheram de lágrimas.

— Graças a Deus ainda há franceses honestos.

— Bem, rapazes, têm de partir. . . imediatamente. Dirijam-se à aldeia de Espelette. Levarão algumas horas. Procurem uma estalagem chamada Berhard. Uma moça que trabalha lá, Geneviève, pode arranjar um esconderijo e um guia basco para atravessar as montanhas com vocês.

— Dr. Aumont, não sei como lhe agradecer. . .

— Não têm tempo para agradecer nada. Quem é o chefe?

Os outros dois fizeram um gesto na direção de Jacques Granville. O médico entregou a Jacques um maço de notas, cento e cinqüenta dólares em dinheiro americano, e explicou-lhes o valor em francos.

— Discutam bem o preço com o guia — ordenou o Dr Aumont. — Deve cobrar trinta dólares por cabeça, mas no meio do caminho tentará extorquir-lhes mais dinheiro sob a ameaça de deixá-los sozinhos nas montanhas. Dêem-lhe uns dólares a mais, e prometam mais quando chegarem à Espanha. Mas escondam parte do dinheiro. Sugiro que o prendam em volta da cintura. Boa sorte!

Encontraram Geneviève na Estalagem Berhard; ela lhes deu comida e os

escondeu no palheiro. Todos menos Jacques, por quem sentiu uma atração imediata. Ele teve outra cama essa noite.

Aos primeiros sinais da madrugada, um homem rude, maciço e com uma pele que parecia couro, trajando peles de carneiro e botas de pele, apareceu no palheiro.

— Sou Ezkanazi, o guia basco. Eu os levo para a Espanha. Três mil francos cada um antes de partirmos.

Como bons franceses, discutiram e regatearam antes de fazer o negócio. Geneviève arranjou, para cada um, um pequeno saco com queijo, pão e uma garrafa de vinho. O grupo então dirigiu-se para as montanhas geladas e agourentas.

Os atalhos de contrabandistas conhecidos pelos bascos há muitos séculos eram mais indicados para cabras do que para homens. Treparam pelos pedregulhos com o vento uivante a arrancar-lhes o calor dos corpos. Respirar tornou-se um esforço à medida que subiam cada vez mais alto ate as orlas dos eternos campos de neve.

O basco praguejava contra a lentidão deles, o que não adiantava nada. Ao fim da tarde Robert Proust caiu no chão, um homem derrotado. O coração disparado, a garganta seca, murmurou que não podia continuar.

Jacques e André puseram-no de pé a força. Então Jacques aplicou-lhe uma injeção que o Dr. Aumont lhe tinha dado, com cafeína, para manter a energia.

A escuridão avançava sobre o topo das montanhas. Ezkanazi parou.

— Mais dinheiro! — gritou ele.

Discutiram freneticamente.

— Mais dólares ou os deixo aqui, e terão de encontrar o caminho sozinhos!

Jacques dominou a situação com mão de mestre, pagou algum dinheiro e prometeu mais,. O basco agarrou o dinheiro e resmungou, depois fê-los sair do atalho para umas terras de pastagem de grande altitude, onde chegaram a uma cabana de pastor abandonada.

Fizeram uma fogueira e morderam sem interesse a comida. Robert tremia de frio e gemia, até que adormeceu num sono entrecortado de alucinações provocadas pela altitude.

André e Jacques dormiram por turnos, sentados de costas contra a porta, para que o basco não fugisse.

No dia seguinte, quando chegaram a uma pequena quinta e foram levados

para o palheiro, Robert estava em mau estado, febril, respirando com dificuldade. André e Jacques fizeram turnos para colocar-lhe na testa trapos molhados, pedindo-lhe que agüentasse mais um dia. A noite pareceu interminável. O palheiro pouco os protegia dos elementos. Amanheceram num estado de terrível depressão.

Ezkanazi apareceu e disselhes que viessem à casa da quinta. Um caixão de madeira de pinho estava no centro da casa, cheio de contrabando. Foi fechado e pregado, e colocado sobre duas varas.

— Estamos na Espanha — disse o basco. — Nós quatro levamos o caixão para o cemitério da cidade de Elizondo. Os guardas da fronteira e a polícia julgarão que são a família do morto.

Jacques reuniu os documentos de identificação dos seus dois amigos e os queimou juntamente com os seus no fogão, obedecendo às ordens dadas, parecia que há séculos, em Bordéus.

Desceram até Elizondo com o caixão às costas, fingindo tratar-se de um funeral. Robert tropeçava atrás deles. Pouco depois de terem entrado no cemitério, disseram-lhes que fugissem pelo portão de trás.

Encaminharam-se para a estrada. A meia milha de Elizondo, quatro automóveis cheios de guardas da fronteira espanhola caíram sobre eles de metralhadoras na mão. Foram presos e levados nos automóveis.

Capítulo 5

Foram atirados nas masmorras de uma prisão medieval davam-lhes para comer, uma vez por dia, apenas água [6] uma papa de farinha. Os espanhóis recusaram-se a atender ao pedido de um médico para Robert.

Ao final de uma semana foram transferidos, em estado deplorável, para a penitenciária de Pamplona, onde, finalmente, Robert foi levado para a enfermaria. Cada um deles havia emagrecido uns vinte e cinco quilos. Estavam irreconhecíveis.

O interrogatório que lhes fizeram foi pró-forma, pois muitos outros tinham seguido aquele mesmo caminho. Afirmaram, como todos os outros, que eram canadenses de língua francesa, e foram instalados num edifício que continha mais de cem refugiados franceses que também protestavam que eram canadenses.

A penitenciária era um grande edifício cheio de prisioneiros leais ao governo eleito, da Guerra Civil. Os sentimentos espanhóis eram abertamente pró-Alemanha, e a Divisão Azul espanhola lutava na frente oriental contra os russos. As autoridades da prisão davam péssimo tratamento aos franceses, mal lhes permitindo sobreviver.

À medida que as semanas passavam Robert ganhava pouco a pouco algumas forças, mas debatiam-se todos na futilidade da vida que levavam. O único raio de esperança foi quando Jacques teve licença para escrever uma carta à misteriosa Miss Florence Smith, da Embaixada britânica em Madri.

Quando toda esperança parecia ter desaparecido, um boato repentino varreu as células dos presos. Era verdade! Aparecera em Pamplona uma delegação anglo-americana para cumprir um acordo feito com o governo espanhol. A libertação dos prisioneiros em troca de um carregamento de trigo e farinha.

Deviam partir em grupos. Jacques e André dirigiram-se aos americanos e pediram que Robert fosse primeiro, pois necessitava de tratamento. E assim os camaradas se separaram. Duas semanas depois de Robert ter partido, receberam uma breve carta dele.

Caros Jacques e André,

Estou num enorme campo em Miranda do Ebro. Aqui não há somente refugiados militares, mas também milhares de judeus que fugiram da Holanda, Polônia, Bélgica e até da França. Por uma maravilhosa coincidência, encontrei alguns dos que ajudamos a atravessar o Cher.

Há uma comissão permanente de ingleses e americanos que discute a nossa libertação, e achamos que existe a possibilidade de irmos para a África do Norte.

Espero ansiosamente a vinda de vocês. Peço-lhes que me escrevam através da Cruz Vermelha.

Desculpem não escrever mais, só podemos enviar cartas de uma página.

Aqui não se faz nada o dia inteiro, mas sinto-me muito melhor.

O amigo

Robert.

André e Jacques não deveriam seguir para Miranda do Ebro. Os comboio que tomaram seguia apenas até Arnedillo, umas termas onde vários pequenos hotéis e pensões tinham sido alugados pelos ingleses e americanos, que continuavam pagando resgates ao governo espanhol.

Em Arnedillo receberam ordens para não tentar fugir, pois se o fizessem poriam em perigo todo o programa. Sob palavra de honra, tinham licença para se misturar aos turistas de toda a Espanha que tinham vindo às termas receber a terapêutica dos afamados banhos de lama.

Um dia André passava junto ao ultra-elegante Hotel Balneário.

"Psiu!", ouviu chamarem.

Ergueu os olhos para uma varanda onde um homem de meia-idade e pesado se encontrava, vestido com um magnífico *smoking* de veludo.

— Eu?

— Sim, você. É um dos refugiados? — perguntou ele num francês perfeito.

— Sou.

— Por acaso você ou um dos seus camaradas jogam bridge?

— Sim, jogo.

— Estamos precisando de um parceiro. Quer jogar?

— Por que não?

André sentia-se desastrado e mal vestido no esplendor do Hotel Balneário, ao dirigir-se para a suíte do homem. O desconhecido apresentou-se como sendo Victor Thibaud, um francês cujos negócios tinham por base a Espanha havia dez anos. André calculou pelo tamanho da suíte e pelas pedras dos anéis de M. Thibaud que os negócios dele eram consideráveis.

Mme Thibaud, explicou ele, passava nos banhos de lama uma grande parte do tempo, e ele andava constantemente à procura de um parceiro para o bridge.

Uma garota muito bonita, mas de aspecto esnobe, aparentando uns vinte anos, entrou na sala com roupa de montar.

— Minha filha, Nicole.

Ela fez um aceno seco com a cabeça.

— Vou para o Rancho Valdez, papai. Têm touros novos. Dizem que são magníficos.

Como André a seguisse com o olhar, M. Thibaud anunciou que a filha estava noiva de um rapaz de uma importante família de banqueiros espanhóis.

— Muito bem, meu rapaz. Como é o seu jogo?

— Razoável — respondeu André. — Apenas razoável.

— Seremos parceiros. Não me obrigue a perder muito dinheiro.

Nessa noite, no Café El Torito, ponto de reunião dos prisioneiros franceses, André conversava com Jacques. muito animado. "

— É canja — disse ele —, uma autêntica canja! Meu pai me ensinou a jogar bridge quando eu ainda nem sabia andar. Fomos campeões regionais durante cinco anos seguidos. Estes idiotas espanhóis, e Thibaud também, não entendem nada do jogo.

— Não sei — disse Jacques. — Eu não jogo lá muito bem.

— Ensino tudo o que é preciso, e mais uns sinais a serem feitos em certas ocasiões.

— Deus do céu, André, essa gente é terrivelmente rica. Jogam a uma peseta por ponto. Não temos dinheiro para uma coisa dessas.

— Que diabo, depois do primeiro róber jogamos com o dinheiro deles! Nós precisamos do dinheiro, e eles não. Quem me dera comer uma refeição decente. Comer carne uma vez antes de morrer. Ande, vamos pedir dinheiro emprestado para podermos jogar.

— É uma loucura, mas você é quem manda.

E então os dois encantadores franceses começaram a tirar a pele dos ricos hóspedes do Hotel Balneário, para arranjar dinheiro para comida, vinho melhor e roupa para os vinte e cinco companheiros de pensão.

Jacques Granville teve além disso o prazer de prestar seus serviços a um certo número de senhoras, desde criadas de quarto a algumas esposas de hóspedes.

Mas, apesar das palavras de animação de Jacques, André não parecia interessado nessa diversão. Jogava com um olho na porta, esperando que a altiva Nicole aparecesse. A princípio trocavam algumas poucas palavras, mas depois ela começou a mostrar-se mais doce.

Gostava realmente dele ou estava apenas cheia das férias dos pais? No fim de contas o hotel estava abarrotado de pessoas mais velhas. Não era um lugar muito divertido para uma garota nova, e havia um ar romântico e sonhador no francês mal vestido que vivia na outra extremidade da cidade.

Fossem quais fossem os seus motivos, se André aparecia cedo para o jogo de bridge, Nicole lá estava. Às vezes passeavam um bocado pelos jardins. Nicole era perita em flertar e o fazia em toda a linha.

Jacques soltou um assobio ao dividir os lucros do dia em cima da mesa. André estava sentado na beira da cama, com um ar melancólico.

— Que azar que eu tive essa noite! O patife do marido voltou uma hora mais cedo do que devia. Quase me apanhou. Olhe para isto: rasguei as calças numa roseira do lado de fora da janela.

— E teve sorte de o quarto dela não ser no terceiro andar. Um dia destes você morre. Sabe como os maridos espanhóis são ciumentos.

— Ora! Posso tirar umas pesetas desse dinheiro, antes de entregá-lo ao pessoal? Preciso de umas calças novas. Estas já não agüentam mais remendos.

— Pode, mas só para as calças! Tem de deixar de comprar tantos presentes para essas mulheres todas.

— Mas eu gosto de todas! Então, André! Por que você está tão triste?

— Acho que estou apaixonado.

—_ Então por que está triste? As pessoas devem sentir-se felizes quando estão apaixonadas. Você torna tudo tão lúgubre! Por quem é que você está apaixonado?

— Por Nicole Thibaud.

— Deus do céu! Há por aí mulheres em todos os cantos e você se apaixona logo por aquela fedelha!

— Não é fedelha coisa nenhuma! Pode ser um pouco mimada, mas. . .

Jacques meteu a cara na bacia cheia de água, esfregou e limpou o rosto vigorosamente, depois admirou-se no espelho pregado na parede.

— Não vale nada, André. Conheço o tipo dela. Todas as mulheres são dominadoras, mas essa é daquelas que devoram.

— Parece o meu pai. Mas o que importa? Ela está noiva.

— Então você está com sorte. O amor se apresenta sob várias formas, meu amigo. Umas coisas a que chamam amor não são nada, afinal. O que uma garota como Nicole Thibaud pensa que é amor é propriedade total. Isso é destruidor.

André já não estava na fase de escutar o amigo, mais velho e mais sensato. Descalçou as botas, deixando-as cair no chão com estrondo.

— Amanhã é melhor deixá-los ganhar. Acho que estamos ficando gananciosos.

Esse amanhã nunca chegou para Jacques Granville. A sua liberdade foi negociada, e, com uma estrondosa despedida dos camaradas, partiu para se reunir às forças dos Franceses Livres da General La Croix.

Dos três companheiros só restou André, que caiu numa profunda depressão.

André abriu a porta do quarto quando bateram. À sua frente estava Nicole Thibaud.

— Salve, André!

— Que diabo veio fazer aqui?

— Procurá-lo. Não me convida a entrar?

— Isto não é o Balneário. . . bem, entre.

Nicole começou a examinar o quarto, que parecia uma prisão, com os seus poucos móveis baratos. As paredes havia muito precisavam ser pintadas, as janelas não tinham cortinas, e um candeeiro de petróleo sobre a mesa era a única luz do aposento.

— Não tem aparecido lá no hotel — disse ela.

— Tenho estado muito aborrecido desde que Jacques foi embora.

— Não sabia que ele havia partido. Papai queria que você fosse jogar

bridge esta noite. E como aqui não há telefone. . .

— Estava mesmo pensando em ir lá. Estamos ficando sem dinheiro.

— Você não gosta de mim, André?

— Pelo contrário.

— Mas há coisas que lhe desagradam em mim.

— Não estou em situação de gostar ou não gostar. Não tenho um tostão, nem casa. Além disso, você está noiva.

— Ora! De qualquer modo eu ia acabar!

— O seu noivo pode não gostar.

— Que pena. Os espanhóis têm a mania de mandar. Foi tudo arranjado para conveniência dos negócios do pai. Tencionava me revoltar dentro em breve.

Nicole aproximou-se para que ele pudesse sentir seu perfume durante um instante. Depois voltou-lhe as costas.

— Venha ao hotel, tenho sentido a sua falta — falou Nicole, abrindo a porta.

— Sentiu a minha falta ou está apenas entediada?

— Humm! As duas coisas.

André estendeu o braço por cima do ombro dela e fechou a porta.

— Você gosta de brincar comigo — disse ele, segurando-lhe as mãos e prendendo-as.

Nicole procurou libertar-se, dando pontapés e mordendo. André facilmente evitou os golpes da moça. __

— Olhe que eu grito!

Com a mão livre André deu-lhe uma bofetada, depois soltou-a.

— Há muito tempo que lhe deviam ter feito isto.

Nicole se encostou na parede, ofegando de raiva. Olhou em volta, pegou umas canecas de lata e uns pratos e os atirou nele, sem acertar. Seus olhos se enchiam de lágrimas. Chorava de ódio.

— Saia daqui — disse André baixinho.

Então, subitamente, a fúria dela desapareceu, e deixou-se cair numa cadeira, a cabeça inclinada para a frente. Começou a chorar silenciosamente.

— Não quero ir embora, André. Tranque a porta.

Estava nos braços dele. Amaram-se violentamente.

— Nunca tive um homem. Por favor, tenha cuidado... por favor...

— Eu a amo, Nicole.

— Eu o amo...

— Bem, é ótimo vê-lo de volta, Devereaux. Desde que me abandonou, nunca mais ganhei nenhum róber. Mas logo daremos uma lição nos Valencias, hein? Tome um drinque.

— Obrigado, M. Thibaud.

— Montrichard, hein? Região magnífica. O que é que você fazia antes da guerra?

— Era aprendiz no escritório de advocacia do meu pai.

— Família antiga? Trabalhadora?

— O meu pai, o meu avô e o meu bisavô foram todos presidentes da Câmara de Montrichard. Uma responsabilidade de família que, suponho, terei de herdar.

— Ah, sim? Que interessante. Então a sua família tem grandes interesses em Montrichard.

— Temos.

— Terras? Dinheiro?

— Sim.

— E os seus estudos?

— Estou tirando uma conclusão desse interrogatório M. Thibaud. Talvez o senhor queira dizer logo se sirvo ou não.

— Falamos de homem para homem?

— Sim.

— Devereaux, a minha filha gosta muito de você. Ela tem um temperamento turbulento. . . turbulento! Senhora do seu nariz. Meu rapaz, está interessado em Nicole?

— Sim, estou.

— Então vou ser franco. Nicole corresponde aos seus sentimentos. Posso tirá-lo daqui, arranjar-lhe documentos falsos. Os meus negócios em Madri precisam de um rapaz como você, com uma preparação como a sua, e o seu conhecimento de várias línguas. Como sabe, estamos metidos em negócios internacionais e. . .

— M. Thibaud, creio que o senhor está me propondo um casamento.

— Bem, você quer sair daqui, não quer? Ou pretende apodrecer nesta terra?

— Pretendo combater pela França. Adeus, M. Thibaud.

— Devereaux!

— Sim?

— Não deve procurar Nicole outra vez.

— Isso é com ela. Sabe onde eu moro.

Nicole estava parada junto à porta do pátio externo do Café El Torito, onde os homens bebiam vinho barato e discutiam as notícias e boatos com um entusiasmo que: só podia vir de franceses.

— No fim do ano toda a África do Norte estará nas mãos de La Croix!

— Não se esqueçam do que eu digo. La Croix vai mudar o quartel-general para a Argélia e só depois veremos o que é que o Almirante de St. Amertin pretende fazer.

— Não sei...

— Você sabe muito bem que aquele filho da puta prefere afundar a frota inteira a entregá-la aos Aliados.

Nicole avistou André. Vinte e um anos, exuberante, bonito à sua maneira. Seus olhos se encontraram. André desculpou-se por ter de deixar os amigos e os dois caminharam em silêncio até o fim de uma rua que levava a uma estrada e campos lavrados.

— Vim despedir-me — disse ela. — Meu pai vai levar-nos amanhã para Madri.

— Sinto muito.

Ela começou a chorar:

— Julguei ter ouvido você dizer que gostava de mim!

— Gosto, Nicole!

— E depois do que fizemos você recusou a oferta do meu pai!

— O que fizemos é uma expressão natural entre um homem e uma mulher que se desejam. Quanto à oferta do seu pai, não posso deixar que me escolham como se fosse uma garrafa de vinho!

— Depois que eu me entreguei a você, é capaz de me deixar?

— Só até meu trabalho ter terminado.

— Que trabalho? Você não tem trabalho nenhum!

— Nicole, na África há franceses que vestem o uniforme francês, que lutam pela França. Jacques e Robert estão entre eles. Esta guerra está acontecendo sem mim. Você viu aqueles homens no El Torito? Todos existimos, mas apenas com uma única finalidade: lavar a honra da França.

— Não consigo entender toda essa besteira de honra, esse fanatismo pela guerra.

— Você morou na Espanha quase toda a vida. Nem sequer fala francês com os seus pais a maior parte do tempo!

— Mas eu o amo, André.

— A maneira de amar é dar, não receber. Se realmente gosta de mim, consiga a minha liberdade e me deixe cumprir o meu dever.

— Ah, meu Deus! Eu não quero que você vá embora!

— Mas é o que eu vou fazer, Nicole.

— Então não há outra alternativa, não é?

— Para mim, não.

— Você volta um dia para me buscar?

— Sim, pretendo voltar para buscar você.

— Vou. . . vou ver se papai compra à sua liberdade — Nicole, tente compreender.

— Não, não quero. Mas vamos para o seu quarto. . . agora!

André chegou a Málaga, onde um grande número de presos libertados de Miranda do Ebro dormia numa arena, à espera de transporte.

Tomou o barco com uma mistura de alegria e tristeza, pois seu coração estava cheio de amor por Nicole.

A Operação Tocha, os desembarques anglo-ameri-canos na África do Norte, tinha varrido a costa, e estava no auge a luta entre as duas forças armadas francesas, divididas.

A chegada a Casablanca deu origem a uma grandiosa recepção. Havia bandas e tropas vestindo o uniforme da Cavalaria Spahi e da Legião Estrangeira.

Lágrimas de alegria corriam pelas faces dos homens ao verem de novo a bem-amada bandeira tricolor e ao ouvirem outra vez o hino nacional.

André Devereaux tinha chegado à fortaleza do Almirante de St. Amertin.

Capítulo 6

Casablanca, criação do imperialismo francês desde o fim do século passado, subitamente ganhara destaque perante a atenção mundial, como ponto de invasão, pela Operação Tocha, em novembro de 1942, e mais tarde como local de reunião de alto nível dos comandantes aliados.

Os comerciantes europeus das classes superiores viviam luxuosamente ao longo de avenidas largas e intermináveis que rodeavam o agora importantíssimo porto. Muçulmanos e judeus empobrecidos continuavam a viver nas suas miseráveis medinas [5] e melás [6] .

Casablanca fervilhava de tropas americanas, recém-chegadas e que não tinham ainda entrado em ação, formando uma mistura com os fuzileiros franceses, com a infantaria colonial e com a Cavalaria Spahi.

Dentro da cidade murada de Bous Bir, cinco mil prostitutas e soberbas bailarinas da dança do ventre disputavam o dinheiro dos soldados da forma mais antiga que existe.

Mas um conflito interno grassava em todas as colônias francesas na África do Norte e no Oriente Próximo. As guarnições de mais de cem mil soldados franceses e coloniais pertenciam em sua maior parte ao Governo de Vichy, colaboracionista da Alemanha nazista.

Pierre La Croix e os Franceses Livres tinham travado lutas numa série de invasões e expedições bastante fáceis sob o comando do General Leclerc, reclamando as possessões francesas a Vichy.

Começando com um desembarque em Camarões em 1940, La Croix havia conquistado território após território para a causa da França Combatente: o Gabão, a África Equatorial Francesa, o Chade, o Ubangui-Chari. Depois, no Pacífico e no Extremo Oriente, o Taiti e a Nova Caledônia declararam-se a favor de La Croix, seguidas de Pondichérry e das possessões francesas na Índia.

Temendo uma invasão dos japoneses, os britânicos desembarcaram em Madagascar, e também esta aderiu às fileiras da França Livre.

Agora o Senegal, a Guiné Francesa, a Costa do Marfim, o Daomé, a Nigéria, a África Ocidental Francesa c, nas Antilhas, Guadalupe e Martinica declaravam-se a favor da França Livre.

A França Livre entrou em campo com os ingleses na campanha da Abissínia, e provou a taça da amargura era Bir Hakeim, na Líbia, escrevendo um

capítulo glorioso contra os ataques de Rommel.

Num dos grandes paradoxos da guerra, a França de Vichy continuava a ser reconhecida pelos Estados Unidos, a despeito da sua colaboração com a Alemanha, e as guarnições de Vichy continuavam firmes no Marrocos, na Tunísia e na Argélia.

Quando a Operação Tocha iniciou a invasão da África do Norte, os alemães foram obrigados a se vingar, ocupando toda a França metropolitana e reduzindo o Governo de Vichy a um mero fantoche. Vichy ficou praticamente sem voz de comando.

Agora era a questão das guarnições de Vichy. O paradoxo americano tornou-se ainda mais incompreensível quando o Almirante de Vichy, De St. Amertin, foi nomeado pelos americanos comandante das antigas guarnições de Vichy.

Pierre La Croix e a França Combatente responderam a esta medida instalando o seu quartel-general e um quase governo na Argélia, nos fins da primavera de 1943. De lá continuaram a insistir em seus pedidos de reconhecimento, no direito da França de lutar, de juntar suas tropas às forças armadas das guarnições e na constituição de uma comissão nacional comum.

A França Livre era muito pouco popular, pois a maior parte dos árabes era a favor da Alemanha e do Eixo. Os colonos franceses queriam manter um *status quo* e continuar no espírito de Vichy e não serem arrastados para uma guerra através da adesão à França Livre. A exceção mais importante eram as populações judaicas francesas, que apoiavam a França Livre no seu desejo pessoal de luta contra os alemães.

Camp Boulhot estava situado a meio caminho entre Casablanca e Rabat, a trinta milhas do mar, e estava repleta de soldados franceses e marroquinos de unidades coloniais tradicionais.

André Devereaux montava a cavalo desde criança e pediu que o incorporassem a um regimento da Cavalaria Spahi. Os Spahi eram um grupo pitoresco, com as suas capas vermelhas flamejantes e botas muito brilhantes, quepes azul-claros, ostentando a estrela de Marrocos.

Mas eram as tropas do Almirante de St. Amertin, antigamente de Vichy, e deviam ser mantidas pelos americanos como soldados de desfile, longe do troar

dos canhões.

Nas semanas que se seguiram, André recebeu cartas de Jacques Granville e de Robert Proust, que estavam com La Croix em Argel. Com essa imagem terrivelmente clara na sua mente, André procurou os homens de La Croix que se haviam infiltrado nas fileiras de St. Amertin, para ser recrutado para a França Combatente.

O Albergue da Floresta estava situado para além dos portões do acampamento, num cenário colorido pelos jasmineiros e pela cor flamejante dos uniformes coloniais franceses.

O Capitão Dupont ofereceu a André um lugar sossegado e mandou vir café doce e forte. O recrutador de La Croix fez uma série de perguntas a André.

— Isto aqui fede a Vichy, capitão — disse André. — Durante todo o tempo em que nos esforçamos para chegar, nunca pensei que isto fosse assim. São franceses. Têm de combater pela França.

O capitão abanou a cabeça:

— As coisas não são assim.

— Não compreendo — continuou André — é por que os americanos puseram um oficial de Vichy comandando as guarnições, ou por que estão assim tão resolvidos a manter-nos longe da frente, ou ainda por que não reconhecem a França Livre.

— Não querem que nós combatamos — disse Dupont —, nem as colônias reunificadas, para não termos voz ativa na conferência de paz.

— Por que os americanos nos odeiam?

— Roosevelt nunca perdoou à França ter estragado o primeiro ano da guerra, nada fazendo quando a Polônia foi atacada e depois deixando a Alemanha nos esmagar. Acha que a França é incapaz de liderar a Europa e tenciona reduzir-nos a uma potência de segunda categoria. Só Pierre La Croix e meia dúzia de franceses se erguem entre os Estados Unidos e suas ambições.

— Tenho de me juntar à França Livre — exclamou André. — Tenho de ir para a Argélia. Quer ajudar-me?

— Espere até obter uma licença, e fuja. Eu enviarei para Argel informações a seu respeito.

Os velhos soldados coloniais, duros e orgulhosos, detestavam os jovens de suas fileiras que ansiavam por lutar pela França Livre. André Devereaux foi escolhido para ser vítima de castigos e humilhações especiais. Obrigavam-no a realizar todas as tarefas desagradáveis e usavam de todos os meios para lhe

quebrar o moral. Estava num estado de fadiga constante, imposto pela brutalidade. Mas ia agüentando.

Finalmente, por um pretexto insignificante, o seu comandante lhe aplicou o mais desumano dos castigos — o *tombeau!* André foi obrigado a cavar um buraco pouco fundo, sob o ardor do sol do deserto, e depois deitar-se lá dentro. O buraco foi coberto com uma lona. Não lhe dariam comida nem água, nem sairia de lá enquanto não pedisse misericórdia.

André assou no *tombeau* por treze horas durante o dia, e à noite quase gelou de frio. A prova de coragem física continuou no segundo dia, escaldante. Durante todo o sofrimento os seus lábios não se abriram. Não fez nenhum pedido de clemência, até que uma inconsciência piedosa o prostrou no terceiro dia.

Quando a lona foi retirada, levaram-no para o hospital. Todos os anos anteriores de fuga, prisão e quase morte de fome tinham deixado a sua marca. Estava muito doente e necessitava permanecer hospitalizado muito tempo.

Ao término da estada teve uma curta licença. Com os documentos de licença na mão, André tomou um trem e fugiu para a Argélia.

Capítulo 7

Argel se erguia do mar, abraçando a baía numa extensão de várias milhas, ao mesmo tempo que trepava pelas colinas íngremes, em terraços de um branco deslumbrante. Erguia-se da *cashah* com as suas famosas vielas tortuosas e cheias de vício, das largas avenidas que contornavam o cais, ladeadas de edifícios do governo, praças públicas e hotéis, e subia de novo para a universidade, que era agora a sede da França Combatente no exílio.

André dirigiu-se imediatamente para o Arabian Bruce Palace, que alojava o Departamento Central do Serviço Secreto.

— Temos estado à sua espera — foi a saudação que recebeu.

O departamento, dirigido por alguns membros do antigo pessoal militar do Serviço Secreto, interrogou-o com todo cuidado antes de fornecer-lhe documentos provisórios, dizendo que era agora membro dos Franceses Livres.

André saiu dali ainda sem poder acreditar.

— André! André!

— Robert!

Os amigos se abraçaram e deram palmadas nas costas um do outro.

— Telefonei a Jacques. Está à nossa espera no Hotel Aletti.

André deu uma palmadinha no jipe que ostentava a bandeira tricolor e a Cruz de Lorena. Robert o conduziu colina abaixo, tagarelando todo o tempo, tentando dizer de uma vez tudo o que tinha para dizer.

Tinha sido nomeado chefe do Serviço Secreto para o hemisfério ocidental, numa organização que estava sendo edificada de cima a baixo. Quanto a Jacques Granville, as noticias eram ainda melhores. Tinha sido nomeado um dos principais oficiais de ligação de Pierre La Croix.

Ao descerem a grande velocidade para o porto, André respirou varias vezes profundamente: — Ah! Isto é maravilhoso!

— Não sonhe muito. Há adeptos de Vichy por aqui e não nos entendemos muito bem com os americanos, o único apoio autêntico que temos é o dos judeus.

Jacques Granville, de uniforme, tinha um aspecto magnífico. Saudaram-se afetuosamente, e os três dirigiram-se para o Oásis, um grande restaurante num terraço ao ar livre no primeiro andar do Hotel Aletti. Durante longo tempo falaram todos ao mesmo tempo, mas depois a voz de Jacques prevaleceu.

— E agora, estão prontos para algumas novidades? — perguntou ele. — São para você, André. Amanhã você tem uma entrevista com o general.

— La Croix?

— Sim!

— Mas. . . mas. . .

— Mas nada. Disselhe que você era um dos rapazes mais espertos de todo o Loire, que era o eixo do movimento da Resistência na região. É uma grande oportunidade para você. Temos muita falta de pessoal e você pode atingir uma das mais altas posições.

— Digam-me que não estou sonhando.

— Isto exige champanha — disse Robert.

— Há outra surpresa.

— Não agüento outra.

— Essa agüenta bem.

O champanha chegou quando André estava contando sua vida como membro dos Spahi. Ergueram os copos. André olhou para o terraço e se levantou.

— Nicole — murmurou ele —, Nicole!
— André!

Capítulo 8

André estava tão apaixonado que não dava atenção à conversa de Jacques e Robert, quando subiram a colina até a Villa Capucines, residência e gabinete de trabalho do General Pierre La Croix. O monte Fromentin, ali perto, guardava uma escola de meninas, e agora a sede do governo da França Livre.

Quando entraram na modesta vivenda, notaram o ar de quase consagração das pessoas que andavam de um lado para outro numa pressa silenciosa.

Jacques e Robert andavam de um lado para outro na ante-sala, e se aproximavam, alternadamente, de André para lhe sussurrarem sugestões, enquanto o cortejo nervoso continuava a entrar e sair do gabinete do general. Então, através das paredes finas, ouviu-se a voz de Pierre La Croix!

— Os filhos da puta! Digam a esses sacanas que têm de fazer o que eu quero, senão eu os capo!

E assim, sem apresentação formal, André ia conhecer Pierre La Croix.

A voz lá dentro continuava a falar a mesma linguagem de quartel, tão obscena que até Jacques Granville corou.

— Ele até que se expressa de maneira bastante clara — disse Robert.

Dois rapazes, a quem era dirigida a explosão de La Croix, saíram correndo do gabinete. Um vinha pálido, o outro muito vermelho.

As palmas das mãos de André estavam úmidas, a boca seca quando os mandaram entrar.

Pierre La Croix, o mais fogoso dos militares franceses, estava sentado, hirto como uma vassoura, numa cadeira de mogno trabalhado, diante de uma escrivaninha barroca, coberta de papéis. A Cruz de Lorena, sobre uma bandeira tricolor, pendia da parede atrás dele. Nem se levantou, nem sorriu, nem cumprimentou, quando os três se aproximaram da escrivaninha e fizeram continência.

La Croix olhou para André com seus olhos míopes.

— Sentem-se, meus senhores — disse ele no tom de um rei que dá audiência.

Um secretário pôs rapidamente diante dele o dossiê de André. Folheou-o durante uns breves instantes e ergueu os olhos.

— Que tem a dizer, Devereaux?

— Sou dedicado à causa da França. Venho de muito longe e tenciono demonstrar a minha dedicação.

— A França só espera dedicação — replicou ele. — Vou enquadrá-lo no

Serviço Secreto. Proust vai lhe dar as indicações necessárias quanto ao seu trabalho.

— Muito obrigado, meu general.

— A França lhe dá as boas-vindas. É tudo, meus senhores.

Já fora do edifício começaram a se refazer, enquanto Robert apertava a mão de André com muita força.

— Então? Que achou dele? — perguntou Jacques.

— Nunca vi um homem assim.

— Ele é a França — disse Jacques simplesmente.

André compartilhava um gabinete com Robert Proust numa casa da Rue Edouard Cat, mergulhando na sua missão e cumprindo as exigências do general. Mostrou-se tão à vontade no Serviço Secreto, que adquiriu rapidamente o título especial de Chargé de Mission, e se tornou um dos conselheiros pessoais do general.

Com pouco mais de vinte anos, André Devereaux estava imerso na luta da França, nunca deixando de se maravilhar com Pierre La Croix, que era capaz de irritar os seus aliados principais como se tivesse cinqüenta divisões de soldados sob o seu comando, em vez de meia dúzia de regimentos.

Mas a admiração de André não era total como a de Robert e a de Jacques. Era temperada pelo receio de que, se um dia La Croix chegasse a governar, os seus traços de homem forte se tornassem não democráticos. Além disso, sua ambição do poder era uma mania que podia ser canalizada com eficiência por membros menos escrupulosos do seu pessoal.

Tendo acesso a documentos altamente secretos, André conseguira descobrir a luta e a perícia que La Croix tinha exercido em nome da França.

A França Livre tinha sido excluída de todas as decisões de alto nível, nos planos militar e político, por ingleses e americanos. Documentos sem conta pareciam apoiar o receio de La Croix de que os ingleses pensavam em substituir França como potência dominante em várias zonas do Oriente Médio que eram tradicionalmente de influência francesa.

No começo da guerra, Çhurchill continuava a se curvar sob a pressão de Roosevelt, não dando armas nem consentindo que os Franceses Livres lutassem nas campanhas dos Aliados. Finalmente, La Croix fez a ameaça de enviar uma divisão de franceses para lutar ao lado dos russos contra a Alemanha na frente oriental. Só então é que La Croix conseguiu aumentar sua influência militar.

A afronta mais dolorosa foi quando o orgulhoso francês foi convidado pelo

presidente americano a ir a Casablanca. La Croix e o seu Estado-Maior foram recebidos friamente, sem honras militares. Nessa possessão francesa foram instalados num lugar rodeado de arame farpado, sob a guarda de soldados americanos armados. O presidente americano avisou La Croix, sem cerimônia, de que deveria colocar suas Forças Armadas sob o comando supremo do Almirante de St. Amertin.

Mas, mesmo com o apoio dos americanos, o Almirante de St. Amertin não era adversário digno de Pierre La Croix, que o vencia pela habilidade a todo instante. La Croix roubava-lhe as Forças Armadas, chamando os territórios para a sua causa. E, quando se iniciaram as negociações para uma unificação e um Conselho nacional, estava escrito que La Croix havia de surgir como chefe supremo. A vantagem de La Croix era devida em grande parte à fantástica rede de espionagem que formara, e o jovem Devereaux era uma das suas forças mais ativas. Os homens de La Croix pareciam ter a vantagem tática e a resposta para todas as medidas anglo-americanas contra ele.

Apesar do aumento territorial da França Livre, a América continuava a não reconhecê-la. Pierre La Croix não tinha embaixada em Washington, apenas uma missão.

Então, André Devereaux obteve provas das intenções dos americanos de ocuparem a França. Com as provas na mão, pediu uma entrevista urgente e imediata ao general e correu para a Villa Capucines.

— Meu general — disse André —, tenho aqui provas de que os Estados Unidos tencionam instalar um governo militar americano na França, mais ou menos da mesma maneira que na Alemanha conquistada.

Capítulo 9

Nicole pegou a mão de André e a colocou sobre sua barriga.

— Está sentindo? — perguntou ela. — Hoje está uma verdadeira tempestade de pontapés.

André beijou-a enquanto se dirigiam para a pequena varanda para ver o pôr do sol. Nicole começava a ter um andar um pouco bamboleado à medida que se tornava mais pesada. André adorava a maravilha de tudo aquilo, e esperava ter muitos filhos.

De repente, ficou pensativo.

— Arranjei um pedaço de carneiro. Uma quantidade enorme. Está cozinhando. Vai ficar como você gosta.

André não a ouviu.

— É quase uma festa quando você vem jantar em casa.

— O general hoje estava furioso. Nunca o vi tão mal disposto.

Nicole não respondeu imediatamente, mas o seu desconforto era evidente: — Querido, é a primeira noite que temos, há muito tempo, para contemplar o pôr do sol. Não vamos falar dele, ou da França Livre, ou da guerra, ou de outra coisa que não sejamos nós. Fui ontem ao médico. Ele disse que ainda podemos ter relações.

— Não imagina como as coisas se têm agravado. Se os americanos põem em prática os planos que têm em mente, de nos tratarem como a um inimigo derrotado. . .

— La Croix — interrompeu ela. — La Croix! De manhã, à tarde e à noite, La Croix!

— Nicole, sem o general a França ficará reduzida à situação de Estado-fantoche depois da guerra. A invasão ao continente aproxima-se rapidamente. Vai ser feita na primavera ou no verão deste ano. Só temos alguns meses.

— Pelo amor de Deus, André! Querido, tenho sido há paciente, tenho tentado compreender. Mas estamos casados há sete meses. Já pensou quantas noites passou em casa, além de umas horas que veio para dormir? A maior parte do tempo está tão cansado que tenho de tirar sua roupa e colocá-lo na cama.

— Nicole, prometemos não ter mais discussões por causa disso.

Ela voltou-lhe as costas e dirigiu-se no seu passo bamboleado para a

pequena divisão onde ficava a cama deles que era, além disso, cozinha e sala. Ficou parada, de costas para ele, olhando, perdida, para o painel de ponto de cruz que estava pendurado na parede e que ela havia comprado num bazar árabe.

— Às vezes sinto-me como se fosse uma estranha. E penso, durante todas as horas em que estou sozinha, isto é, a maior parte do tempo, que você não está contente por eu ter fugido da Espanha para vir ficar ao seu lado.

— Nicole, sabe que eu adoro você. Como pode dizer isso?

— Você nunca parece ter tempo para mim.

— Estamos em guerra.

— Guerra! Não repita essa palavra.

— Nicole. . . Nicole. . . Não pedi aos alemães que invadissem a França. — André aproximou-se dela, temendo o resultado do que ia dizer: — Vim para casa cedo esta noite para fazer a mala. Vou amanhã para Londres com o general.

Nicole voltou-se e ficou de frente para ele, com o olhar vidrado: — Você é capaz de me deixar agora?

— Não posso dar ordens ao general. É ele que ordena.

— Vai deixar-me sozinha!

— Você não vai ficar sozinha, querida. Temos centenas de amigos em Argel. O médico e o hospital são excelentes.

Nicole pegou um espanador e começou a andar pela sala nervosamente, sacudindo o pó das molduras dos quadros, arrumando uma sala mais que arrumada. André ficou parado, sem dizer nada, num silêncio embaraçado.

— Você quer me abandonar — disse ela.

— Não é isso.

— Então veja se faz qualquer coisa para modificar este detestável emprego. Você disse que tem amigos. Muito bem, utilize esses amigos. Arranje um posto em qualquer lugar onde possamos estar juntos uns momentos. Em Argel isso não é nenhum crime. Quase todo mundo detesta Pierre La Croix por tê-los empurrado para uma guerra contra a vontade deles.

— Na verdade — disse André, num tom monótono de resignação —, já pedi transferência.

Nicole deixou de limpar o pó:

— Não sabia.

— Mas recusaram. Pedi que me enviassem para uma unidade de combate.

Nicole pegou um prato que estava sobre a mesa. A carne que estava no fogão começava a queimar. Nicole ia atirar o prato em André, mas deixou-o cair no chão e ele se quebrou.

— Quanto tempo você vai ficar fora, André?

— Não sei. É melhor fazer a mala.

O avião do General Pierre La Croix levantou vôo do Aeroporto Maison Blanche contra o vento. A costa da África do Norte desapareceu na neblina matinal. La Croix trabalhava sobre uma mesa de jogo, folheando documentos, tomando notas para o seu próximo discurso. O Capitão Robert Proust aproximou-se, parou junto à mesa do general e falou-lhe respeitosamente, dando-lhe o plano de vôo e a distância percorrida. Pierre La Croix ergueu os olhos um instante e acenou sem fazer comentários.

Jacques pôs os papéis de lado.

— Discussão com Nicole?

— Como sabe?

— Para um agente do Serviço Secreto você não conserva uma expressão muito impenetrável. Além disso, conhecendo você e Nicole não podia acontecer outra coisa. Tinha de haver discussão ontem à noite.

— Que diabo, Jacques! Ela está grávida e numa terra estranha. Como posso censurá-la?

— Censurar? Ela devia beijar o lugar onde você põe os pés, por ter o privilégio de vê-lo umas horas todas as noites. Estamos em plena guerra. Quantos milhões de mulheres viram partir os seus homens? Nicole não é nada razoável.

— Não sei — respondeu André —, mas ela não consegue adaptar-se à guerra. Quando tudo acabar e nós tivermos tempo para ficarmos juntos, ela mudará.

Jacques sorriu e bateu no ombro do amigo:

— Você é um autêntico oficial de La Croix. Estranho como um homem pode ser tão sensato em tantas coisas e, no entanto, ser cego em relação a outras.

— Cego?!

— A ilusão de que Nicole mudará. E a ilusão de que você a modificará. Agora, todas as horas que passa trabalhando são justificadas. Há guerra e você é soldado. Mais tarde, porém, você vai gastar as mesmas horas, por querer ou por

causa de um sentido inato do dever.

Ouviu-se um barulho enorme de vozes, mais forte que o ruído dos motores. O General La Croix tinha, evidentemente, encontrado qualquer coisa que o incomodava, e meia dúzia de oficiais pôs-se de pé e rodeou-o.

— O nosso chefe está chamando — disse Jacques. — Olhe, não se preocupe com Nicole, pelo menos por enquanto. Quando voltarmos estará em Argel, mais gorda do que nunca.

— Não, não estará — replicou André, levantando-se para atender à chamada de La Croix. — Terá partido para a Espanha, para ficar com os pais até o fim da guerra.

Capítulo 10

ALBERT HALL, LONDRES, FEVEREIRO DE 1944

Uma grande multidão de franceses no exílio enchia todos os lugares. Na rua, milhares apertavam-se em volta dos alto-falantes. No palanque, bandeiras vermelhas, brans e azuis cobriam os balcões. No fundo do palco erguia-se uma enorme Cruz de Lorena, e duas palavras ardentes, FRANÇA LIVRE. A multidão reunida zumbia numa antecipação nervosa.

Agora uma fila de automóveis oficiais avançava devagar através da multidão. Dentro do Albert Hall ouvia-se a gritaria crescente; lá fora, o público pusera-se de pé.

Pierre La Croix, cujo objetivo era ser sempre reconhecido, caminhava devagar, ereto, um gigante pairando acima dos seus compatriotas. Aceitou a adulação com um aceno de mão à moda papal. Atrás dele um enxame de oficiais Franceses Livres seguia-o a respeitável distância.

Quando La Croix terminou seu passeio lento e calculado até o palanque, a multidão estava pendurada nas grades dos balcões e de pé nos seus lugares esticando o pescoço para vê-lo. Percorrera a passagem central devagar, parando para apertar mãos estendidas, fazendo com que os vivas atingissem um crescendo que fazia a sala tremer.

No palco, seus conselheiros militares e políticos, alguns franceses e algumas celebridades estrangeiras rodearam-no quando ele subiu as escadas.

Fez-se silêncio.

Houve discursos.

E depois, o momento. Foi apresentado através de uma sonora oratória e, quando se aproximou da beira do palco, estavam todos de pé. A ovação continuou enquanto o grane Pierre La Croix olhava para eles, e, finalmente, a sua assombrosa estatura exigiu o silêncio da multidão.

André Devereaux contemplava o espetáculo dado por La Croix com uma mistura de admiração e de medo, pois um desencantamento grave já começara dentro dele. Sim, sabia que Pierre La Croix agora era a França e que, sem ele, as possibilidades de autodeterminação e de um retorno à grandeza passada seriam mínimas. Mas, afinal, a França era a França. O fim de tudo aquilo é que

preocupava André. A fome de glória enchia todas as fibras de Pierre La Croix.

— Filhos e filhas da França! — começou La Croix. — Estamos aqui reunidos para proclamar ao mundo a missão da França Livre e a missão de Pierre La Croix. La Croix — gritou ele — aceitou a autoridade da França para a defesa da honra nacional. Abandonou a mãe-pátria derrotada e subiu do atoleiro da derrota ao cume da montanha. La Croix não descerá enquanto a nossa amada França não for livre!

Estavam hipnotizados pela auréola fenomenal da autoridade. La Croix os dominava como um homem a praticar hipnose coletiva. Havia alguns, como André Devereaux, que gelavam com o som da rude demagogia. O que soava da ameaça de Pierre La Croix eram as palavras de um homem que queria ser ditador.

"A França tem sido mortificada. . . vilipendiada. . , tem sofrido conspirações. . . tem sido ignorada. . . traída por aqueles mesmos que dizem ser nossos aliados. Mas, enquanto Pierre La Croix viver, enquanto Pierre La Croix puder sustentar o fardo da França caída. . . não sucumbiremos . . . Esta é a minha missão!"

Nas ruas lá fora e nos aparelhos de rádio clandestinos da França metropolitana, outros milhões de pessoas ouviram as suas palavras. Em nome da redenção nacional parecia que todos estavam prontos a se entregar a este homem único e audacioso.

"Quem é Pierre La Croix? É o homem que luta em nome da França, infatigavelmente. Unificou os franceses fora da pátria derrotada. Agora, ouçam isso claramente. Nenhuma potência da Terra decidirá o destino da França sem o conhecimento desta. Nenhuma potência da Terra tomará decisões que se relacionem com o futuro da França sem o consentimento da França! A França continuará a ser senhora do seu próprio destino!"

As pessoas punham-se em pé uma vez mais.

"Viva a França!"

"Viva La Croix!"

La Croix não fazia caso da onda emotiva que varria a multidão, aceitando a adoração como normal e de direito. "Bebeu alguns goles de água e continuou.

"Digo ao nosso mais poderoso aliado que deploro a sua ambição de governar o mundo depois desta guerra. Deploro as suas péssimas maneiras, o seu descaramento e os seus ambiciosos desejos de impor a sua vontade às

civilizações antigas da Europa. Antes de terminar esta guerra, o sangue dos franceses na frente de batalha terá provado os direitos soberanos da França."

A voz dele baixou de tom, para um murmúrio trêmulo. . .

"Choro pelos homens que morrem pela França. Mas o meu coração também estala de orgulho. E nunca me calarei perante homens que conspiram contra a minha pátria derrotada."

Houve lágrimas e gritos e bater de pés! La Croix estendeu as mãos pedindo silêncio como um Cristo exigindo que as águas se abrissem.

"Abro os meus braços ao Almirante de St. Amertin! Apesar do pecado de Vichy, eu o perdôo! Mas só há uma França! A França Livre! Juntem-se a nós!"

— Pela França! — gritou ele por cima do histerismo no Albert Hall. — Nós a libertaremos! Castigaremos os traidores! Retomaremos a nossa grande marcha indiscutível para o destino!

"La Croix!"

"La Croix!"

"La Croix!"

André Devereaux estava aturdido, dominado pelo terror.

Capítulo 11

Depois do seu devastador discurso no Albert Hall, Pierre La Croix e o seu Estado-Maior se encerraram no seu quartel-general de Londres, em Carlton Garden, para deixar que os anglo-americanos o observassem e não esquecessem o que ele dissera.

Dois dias depois o embaixador soviético em Londres, Igor Luvetka, pediu uma entrevista. Chegou a Carlton Garden com Villard, um membro de alta patente do Partido Comunista francês, que tinha sido trazido para a Inglaterra. Além disso, Villard era um dos chefes do FFI, as Forças Francesas do Interior, da Resistência. A ala comunista do FFI era grande e poderosa, e estava na vanguarda da Resistência na França metropolitana.

Pierre La Croix convocou alguns membros do seu pessoal mais íntimo, que incluía Robert Proust e André Devereaux, durante a audiência ao Embaixador Luvetka e a Villard.

Trocaram-se os primeiros cumprimentos e amabilidades. Houve umas perguntas pró-forma sobre as condições da França, e sobre o modo como a Resistência estava trabalhando. Depois entrou-se no âmago da questão.

— Vim da França — disse o brilhante e esperto Villard — com certas instruções e resoluções do Comitê Central do Partido Comunista. Também estou autorizado a falar em nome de todos os ramos do FFI. Trata-se da sua questão com o Almirante de St. Amertin e os anglo-americanos.

La Croix ouviu a afirmação com um ar impávido, e fez um gesto para Villard prosseguir.

— Tanto o Partido Comunista quanto o FFI estão dispostos a declarar que aceitam a sua autoridade.

As palavras de Villard tiveram um efeito eletrizante. Num instante Pierre La Croix podia obter uma tremenda amplitude de poder, fazendo pender o prato da balança. Com o FFI preparando-lhe o caminho, a ocupação física da França podia ser planejada. O Estado-Maior olhou para ele com expectativa. La Croix não deu mostras de estar comovido ou sensibilizado, e continuou a jogar com frieza.

— Tenho a certeza de que têm condições que devem consideradas para o caso desse reconhecimento — disse ele.

Então foi o russo, Luvetka, quem falou.

— O Camarada Thorez e alguns comunistas franceses foram obrigados a fugir para a União Soviética, por causa das perseguições políticas, antes da guerra. Queremos que sejam totalmente perdoados, e que regressem à França honrosamente. _

— Por este apoio — continuou Villard —, também esperamos a representação dos comunistas em todas as comissões nacionais, e que todos os comunistas franceses das Forças Armadas dos Franceses Livres sejam tratados com igualdade.

— É tudo, senhores?

— São as condições gerais. Os pormenores, números e colaboração com o FFI podem ser estudados mais tarde.

— Vou pensar no assunto. Entrarei em contato com os senhores antes de seu regresso à França.

E com estas palavras o Embaixador Luvetka e Villard foram despedidos. A meia dúzia de oficiais presentes pôs-se em pé, sem pronunciar uma palavra. André olhou para Robert Proust, que evidentemente não ia dizer nada sobre o assunto. Os outros presentes também evitaram os olhos de André.

— Acho que tenho de dizer algumas palavras sobre este assunto — disse André, ousando despertar a ira do general.

Ficaram todos gelados.

— Fale — ordenou La Croix.

— O reconhecimento dos comunistas pode comprar um objetivo imediato, mas convidá-los para sócios pode semear vendavais futuros.

— O senhor é meu conselheiro de Serviço Secreto, Devereaux, e não meu conselheiro político.

— Então, falando do ponto de vista do Serviço Secreto — persistiu ele —, o general conhece as tentativas comunistas de infiltração nas nossas forças de combate, apenas para lucro deles. Quanto ao FFI, os comunistas que dele fazem parte são tão poderosos que, se não os desarmarmos assim que a França for libertada, creio que tentarão apoderar-se do governo. Meu general, uma coisa é colaborar com o FFI enquanto combatemos um inimigo comum. Mas permitir aos comunistas que tomem parte nos nossos conselhos, com acesso aos nossos

segredos, é perigoso. Não são bastante fortes para o fazerem sozinhos, por isso estão tentando utilizar-nos.

— Então vamos nos utilizar uns dos outros — respondeu La Croix.

A sala estava agora pronta para uma explosão, mas André não cedia:

— Villard não nos procurou como francês, mas sim na companhia e com instruções da União Soviética.

— Basta! Os russos reconheceram La Croix!

No dia seguinte Pierre La Croix fez o acordo com Villard, que regressou à França.

La Croix dirigiu-se à estação de rádio de, Londres e fez um discurso longo e caloroso em louvor do aliado soviético, das suas associações históricas com a França, reafirmou a aliança do presente e falou de alianças futuras.

Vinte e quatro horas depois, pela rádio clandestina do FFI veio o comunicado de que o Partido Comunista Francês e o FFI tinham aceitado a autoridade da França Combatente.

Para André isto foi um golpe terrível. Significava que La Croix era capaz de confundir as suas próprias ambições com os legítimos objetivos nacionais.

Depois de ser efetuada a união política e militar com as antigas guarnições de Vichy, La Croix e De St. Amertin foram colocados na comissão nacional, em pé de igualdade. Mas La Croix não deixou em paz o almirante, e finalmente obrigou-o a demitir-se.

Com De St. Amertin fora de seu caminho, La Croix instituiu um gabinete de comissários da República. Foram nomeados trinta e cinco homens que deviam tomar conta do poder civil, em todas as províncias, depois da libertação. Seis eram comunistas. Os comunistas deviam ter a seu cargo a Assistência Social e a Saúde Pública.

Pierre La Croix tinha conseguido dominar pela habilite todos os que se tinham erguido contra ele.

Ã medida que os exércitos aliados avançavam sobre Paris, importunou o alto comando para que ordenasse que uma divisão dos Franceses Livres fosse a primeira a entrar, apesar da possibilidade de dar origem a uma batalha que podia destruir a cidade.

Avançando na retaguarda das suas tropas, Pierre La Croix arriscou tudo, jogando um dos momentos mais emocionantes da história humana, para atingir os seus objetivos A libertação de Paris havia de se tornar um palco para Pierre La Croix. Utilizando a sua arrogância e embriagado pela sensação sagrada da

predestinação, ele aplicou magistralmente o golpe de misericórdia às forças políticas divergentes da Resistência.

Primeiramente, negou-se a receber os chefes e funcionários da Resistência, fazendo-os saber que não aceitava a autoridade deles.

Pierre La Croix marchou à frente de uma multidão de compatriotas histéricos, pelos Champs Élysées acima, até o Arco do Triunfo.

A *Marseillaise* foi cantada entre lágrimas por um milhão de parisienses, e La Croix foi aclamado pelo povo. Com o "mandato do povo" e flanqueado pelas armas das suas forças, declarou-se então presidente da França.

Capítulo 12

Os pais de Nicole morreram num desastre de automóvel na Espanha, antes do fim da guerra. Quando os bens de Victor Thibaud foram inventariados, verificou-se que a maior parte de suas ações era especulativa, e sua fortuna em papel. Depois de tudo liquidado, Nicole recebeu apenas uma pequena herança.

Voltou para a França já com Michele, para se encontrar com André em Montrichard, quando ele se lançou à tarefa de defender a fortuna de sua família.

O fim da guerra deixara o povo francês apático, perdida grande parte de seu orgulho e ambição. Estavam letárgicos e exaustos pelas guerras e derrotas. A terra estava abandonada e as máquinas obsoletas.

As vinhas dos Devereaux eram pequenas, mas de ótima qualidade. Vários recursos dispersos também eram sólidos, mas outros tinham-se transformado em dívidas. André e o pai consolidaram e reorganizaram tudo da melhor forma possível, conseguindo manter a magnífica casa da família e rendimentos bastantes para sustentá-la.

Mas, depois de suas aventuras durante a guerra, Montrichard parecia-lhe muito monótona. No entanto, como herdeiro e filho obediente, estava decidido a adaptar-se e continuar.

Nicole não nascera para viver na província, e passado algum tempo começou a proclamar o seu descontentamento, que aumentou quando ficou grávida pela segunda vez. Com as náuseas matinais vinham também questões mesquinhas, e em breve começaram autênticas discussões.

Como se o destino assim o determinasse, Jacques Granville lhes fez uma visita agradável e calorosa durante um fim de semana, com a segunda mulher, herdeira de uma fortuna de banqueiros. O primeiro casamento, que ele afirmava não valer, acontecera na Argélia durante a guerra. Mal tinha sido consumado, entre as missões de ligação de Jacques para o General La Croix, e fora dissolvido, ao mesmo tempo que outros tratados de paz da época.

— Que diabo, André, você está apodrecendo aqui! — disse Jacques, quando os dois ficaram sós.

— Você tem razão — respondeu André. — É estranho que durante a guerra eu só sonhasse em voltar para Montrichard e para uma vida sossegada. Mas para que mentir a mim próprio? Tudo aqui se tornou insignificante. E ainda por cima Nicole detesta esta vida.

— Sim, todos nós idealizamos as nossas recordações da casa paterna. Depois, quando regressamos, tudo é pequeno.

— De qualquer modo — disse André —, as coisas estão estabilizadas aqui. Se o Plano Marshall tiver êxito, talvez a França desperte de sua letargia. Quero recomeçar a construir.

— Para quê?

— Gerações de Devereaux construíram sempre em Montrichard. . . para as futuras gerações de Devereaux, suponho eu.

— Sei que veneramos a tradição — concordou Jacques —, mas não chegou ainda a hora de um Devereaux sair de casa?

— Isso é uma coisa que não se faz — respondeu André.

— André, as oportunidades nos chamam. . . reclamam por nós. Pierre La Croix colocou-se acima de políticas partidárias. Espera nos bastidores que o povo o chame, e acredita, pela maneira como a França continua se debatendo, que será chamado. La Croix vai dirigir o despertar. Aqueles de nós que tivermos a esperteza de nos colocarmos ao lado dele estaremos entre os que vão mandar mais tarde.

— Você sabe muito bem, Jacques, que sempre desconfiei das ambições pessoais do general.

— É a realidade, André, é a realidade! Só La Croix pode consertar a França.

— Infelizmente você tem razão — resmungou André.

— Então trate de dar um passo em frente. Você é agente do Serviço Secreto. O Serviço Secreto está desfeito e tem de ser totalmente reconstruído. Por sua lealdade agora, você pode se tornar um dos franceses mais importantes quando o general assumir o poder. O que é mais importante é a felicidade de Nicole. Você tem família, e neste caso Nicole é que tem razão. Ela pertence a Paris, assim como você.

— Jacques, se eu for é porque quero voltar ao serviço. Não me declaro a favor de La Croix.

— Então venha. Mais tarde você resolve o resto.

O pai de Devereaux aceitou bem a partida do filho.

André entrou para o Serviço Secreto já como um de seus chefes jovens e

brilhantes. Ajudando na reorganização fez com que seção após seção readquirisse respeitabilidade profissional em poucos meses.

Mas então, de acordo com a tradição do funcionalismo público francês, as diversas outras categorias foram preenchidas por mediocridades, burocratas e oportunistas.

André detestava as pequenas intrigas constantes da política do serviço interno, que enfraqueciam a eficiência de toda a organização. Permanecia indiferente aos conluios. Nem Jacques conseguiu que ele se declarasse a favor desse grupo mais poderoso que todos — os militares dentro do SDECE leais a Pierre La Croix.

Pelo contrário, André continuava a lutar como purista, elevando a voz francamente sem se importar com quem ofendia. Tornou-se uma espinha em muitas gargantas. Hábil e valioso demais para ser despedido, foi castigado com o exílio para o Extremo Oriente, numa tentativa de se fazer qualquer coisa quanto ao declínio da França no Vietnam.

E de novo se despediu de Nicole, que voltou para Montrichard, no sétimo mês de gravidez, à espera do nascimento do filho.

Da sua base em Saigon, André andou num constante vaivém entre Calcutá, Hanói, Cingapura e outros centros orientais de intensa atividade.

Em breve tornou-se evidente que Nicole nunca poderia ficar com ele em Saigon. Essa região, depois da guerra, era um verdadeiro poço de privações, e a missão dele de tal ordem que Nicole teria de ficar sozinha a maior parte do tempo.

Mas o destino estava escrito. Tomava forma, no Vietnam, uma situação desastrosa para a França, e o trabalho de André tornava-se uma frustração total. Não podia agüentar aquilo sozinho por muito tempo.

O nome da mulher era Yvette Chang. Era uma eurasiana, de ascendência francesa e chinesa, terceira filha de um rico comerciante de Saigon. Sua beleza era excepcional. Yvette Chang quebrava a solidão de André e lhe tornava mais fácil aceitar os terríveis desapontamentos da sua missão.

Yvette Chang também se tornaria um instrumento inocente na terrível sensação de culpa de André. Pouco depois de se tornarem amantes, ele recebeu um telegrama do pai:

LAMENTO COMUNICAR INSUCESSO NICOLE PT SEU FILHO NASCEU MORTO PT NICOLE SE

RESTABELECE PT
E então, tão subitamente como fora exilado, chamaram-no a Paris.

Capítulo 13

— André — exclamou Nicole —, você não matou nosso filho! Tem de parar de se afligir com isso.

— Talvez não tivesse morrido se eu estivesse aqui. Agora não podemos ter mais nenhum.

André tinha o mesmo sentimento de culpa que seu pai sentira com a morte da esposa.

— Temos Michele, temos um ao outro. E, pela primeira vez, temos a possibilidade de nos instalarmos num lugar. Jacques disse que esse seu novo cargo na América tem toda a probabilidade de ser permanente. André, por favor, estou perfeitamente bem agora.

— Eu vou arranjar as coisas para você, Nicole. Juro como vou.

— Oh, querido! Não há nada a ser arranjado. Vamos apenas começar tudo de novo, realmente pela primeira vez.

— Nicole, eu sei que você sabe sobre ela. . . aquela moça de Saigon. Tem de acreditar que ela não significava nada para mim. Estava doente e sozinho. A vida era um inferno. Sentia-me. . . muito só.

— Não falemos mais nisso, André. . . nunca mais.

A nova missão de André era em Washington, junto à Embaixada da França. Ele deveria ajudar na formação de uma seção do Serviço Secreto da nova organização, a OTAN. Antes de partir da França, Jacques lhe telefonara para dizer que Pierre La Croix pedia que ele o procurasse na sua casa de campo.

O general estava ainda à espera de que os compatriotas o chamassem. Agora, enquanto escrevia as suas memórias de guerra, sua vista enfraquecia. André foi recebido com uma hospitalidade invulgar, e ele e La Croix instalaram-se na biblioteca, em frente a uma lareira onde ardiam toras de bétula.

— Pedi-lhe que viesse aqui hoje, Devereaux, porque o senhor foi escolhido para uma missão muito importante. Quando tiver acabado de instalar seus serviços em Washington, a França já me terá, sem dúvida, chamado para a liderança. O senhor nunca esteve entre os meus colaboradores íntimos, no entanto eu o respeito como francês. Sabe muito bem a direção filosófica que a França tem de tomar em seu retorno à grandeza.

O general ofereceu a André um conhaque e um charuto. Depois olhou para a lareira com os olhos semicerrados e falou como se estivesse pensando em voz alta: — A nossa política externa vai manter-se flexível. Se nos prendermos ao bloco ocidental, seremos afogados e dominados pelos americanos. Temos de mascarar sempre os nossos preparativos com um espesso véu de disfarce. Temos, deliberadamente, de enganar os próprios homens de que tencionamos servir-nos, como agora o fazemos, aderindo à OTAN. Depois. . . muitos tratados têm de ser feitos para colocar um partido contra o outro. É que, Devereaux, um homem pode ter muitas amizades, mas uma nação, nunca, — Calou-se e olhou para André durante algum tempo. — Vejo por essa sua expressão de dor, minha conhecida, que discorda de mim.

— Sim, general, eu penso de maneira diferente.

— O quê?

— General, sei o que os americanos nos fizeram. Conheço os seus sentimentos. Na sua maioria são justificados. Mas a América é um país muito jovem, novo no panorama internacional, e, no nosso caso, cometeu um erro grave. No entanto, a América também herdou um mundo de cinzas e desespero. A única força estabilizadora do mundo de hoje, a única coisa que impede o colapso e o caos, é a força e a boa vontade dos Estados Unidos. Não é verdade que a América corrigiu o mal que fez à França através de uma generosidade sem precedentes, de que nós nos esquecemos? General, não creio que um país pequeno como o nosso possa de novo prosseguir sozinho. Foi a lição que eu aprendi no Vietnam. Precisamos da segurança coletiva da OTAN.

Pierre La Croix estava particularmente indulgente aquele dia. Chegou mesmo a sorrir levemente para André quando se levantou da cadeira e se encostou na lareira de mármore:

— Bonito discurso, Devereaux, mas o senhor é ingênuo. Porque o fato é que um dia vai haver uma guerra entre a União Soviética e a América. A minha missão é impedir que a França seja apanhada no meio e destruída. Não seremos destruídos num holocausto por de uma aliança que não podemos controlar. A França se libertará da OTAN no momento que quisermos, quando tivermos reconstruído a nossa força econômica e militar e nos encontrarmos protegidos com um manto de tratados.

— General — continuou André —, se olhar com honestidade e bem no fundo, talvez concorde que os seus sentimentos quanto à América são sentimentos de ódio e extrema inveja. Podem ser utilizados por homens que compreendam isso. Peço-lhe, general, que não consinta que aqueles que o rodeiam torçam ou deformem os seus sentimentos numa conspiração contra as democracias.

André tocara num nervo sensível. O rosto de Pierre La Croix tomou uma expressão irada:

— Ninguém se serve de La Croix! — disse o general. — La Croix é que se serve de quem quer!

Não houve aperto de mão quando André se levantou. O general permaneceu rígido, despedindo-se friamente. André fez uma pequena mesura e dirigiu-se para a porta, mas voltou-se no último instante.

— A França precisa de ordem — disse André. — Só o senhor pode dá-la. Restitua-nos a estabilidade e a honra... e depois...

— E depois o quê? — gritou La Croix.

— E depois, general, lembre-se das palavras do General de Gaulle quando falou do Marechal Pétain: "A velhice é um naufrágio!"

Uma revolta militar nos fins da década de 50 restituiu Pierre La Croix ao poder. Jacques Granville foi o espírito de comando por trás da conspiração. Como recompensa, o sedutor estróina muitas vezes casado foi nomeado adjunto do secretário-geral. Este cargo influente pôs sob sua direção uma grande parte do império político de La Croix dentro do governo.

Dos três companheiros, Robert Proust foi o que ficou pior. Não tinha nem habilidade nem ambição para se manter por cima. Alistando-se também na reconstrução do SDECE, tornou-se chefe do FFF, que se ocupava da tarefa desagradável de raptos e operações especiais clandestinas. O seu viscoso assistente, Ferdinand Fauchet, possuía um poder enorme, pelas suas relações com o mundo do crime. Robert Proust detestava o seu trabalho, mas era laborioso, embora sem iniciativa.

Desde o principio Devereaux conquistou o respeito dos americanos. De início manteve-se à parte, mas, à medida que trabalhava intimamente com eles,

na formação da ININ, conquistou-lhes a amizade.

No fim tornou-se um dedicado servidor da OTAN, mesmo a despeito das manobras políticas de La Croix.

Quando o jato se aproximava do continente europeu, Marshall MçKittrick, de olhos fatigados, deu um bom dia bocejado a André e foi aos tropeções para o banheiro.

Daí a algumas horas André estaria diante do Presidente La Croix com a notícia dos mísseis soviéticos, em Cuba, mas, o que era mais importante, com a carta do presidente dos Estados Unidos sobre a rede Topázio.

Topázio, o preço terrível das primitivas alianças com os comunistas franceses e com a União Soviética. Topázio, nascido do ponto fraco de La Croix, o seu medonho ódio pelos americanos. Talvez agora acabasse o mal de Gabriel Brune, se e quando fosse denunciado como sendo o supremo traidor, Columbina.

O sinal APERTAR os CINTOS — PROIBIDO FUMAR acendeu-se quando o avião se aproximava do Aeroporto de Orly. O trem de aterragem desceu e fixou-se no seu lugar. O avião diminuiu de velocidade e baixou de altitude.

André Devereaux tinha a impressão de que estava sendo estrangulado.

Quinta parte

COLUMBINA

Prólogo

O presidente começou seu dia oficial posando para fotógrafos, no jardim, com os vencedores regionais do Concurso Nacional de Ortografia. Com disposição jovial, assinou um projeto de lei de auxílio à educação, na presença dos meninos e meninas, e distribuiu-lhes canetas como lembranças.

Lowenstein veio de seu gabinete e leu o primeiro rascunho do discurso à nação sobre Cuba. Discutiram, revisaram e tomaram numerosas notas à margem.

— Releia os discursos de declaração de guerra de Wilson e de Roosevelt, feitos no Congresso, e prepare um rascunho. . . para o caso de ser preciso — disse o presidente.

Houve uma reunião com o pessoal do programa espacial. O presidente escava preocupado, receando que a defesa de um orçamento gigantesco pudesse transformar-se num problema de campanha eleitoral, nas eleições preliminares do mês seguinte. O chefe da NASA comunicou-lhe que seria feita no próximo mês de maio uma tentativa de lançamento de um satélite destinado a fazer mais de vinte órbitas em torno da Terra.

Antes do meio-dia o conselho executivo do presidente reuniu-se para a primeira das duas reuniões diárias. Durante a maior parte desta, o presidente escutou os relatórios e pontos de vista, tomou notas e fez algumas perguntas, mas, principalmente, absteve-se das discussões.

Stu Taylor, chefe da secretaria latino-americana, vinha a seguir, no programa. Comunicou ao presidente que os delegados da Organização dos Estados Americanos se reuniriam simultaneamente para comunicar à nação o que estava ocorrendo. Taylor tinha a certeza de que o presidente receberia um apoio quase unânime da OEA.

Durante a noite anterior, duas unidades americanas, uma blindada e outra de infantaria, levantaram acampamento em suas bases, a sudoeste e no extremo ocidente.

Nos desvios das estradas de ferro muitos vagões foram carregados com tanques, artilharia e equipamento móvel. Os comboios puseram-se em movimento para leste. Grandes filas de caminhões transportando tropas de combate avançaram para aeródromos militares, a fim de serem aerotransportados para a costa oriental.

Antes do almoço, o presidente e seus filhos deram um mergulho na piscina da Casa Branca.

Depois do almoço, ele recebeu o embaixador da Índia e concordou em apressar o envio de um carregamento suplementar de trigo.

O General St. James comunicou que os oficiais responsáveis pelo Estado-Maior tinham cancelado todas as viagens e se mantinham prontos para "reuniões especiais de planejamento do orçamento" no Pentágono.

Em Hampton Roads, Virgínia, uma esquadra passou pelo farol flutuante e seguiu a toda velocidade para o sul. As ordens, lacradas em envelopes, foram abertas. Dispuseram-se em posição de bloqueio nas rotas de Cuba, no mar das Antilhas. As munições foram preparadas para uso imediato.

Ao fim da tarde, McKittrick, o secretário de imprensa e o General St. James exprimiram a sua preocupação acerca das perguntas da imprensa sobre os movimentos das tropas em direção à Flórida.

Concordaram com o presidente em que deviam continuar a adotar a versão oficial de manobras especiais.

Mostraram ao presidente mais provas fotográficas. Navios de tonelagem excepcionalmente elevada dispostos em fila, no Atlântico, dirigiam-se para Cuba, vindos de portos soviéticos.

Às cinco e trinta o presidente recebeu instruções da sua conferência com Vassíli Leonov, ministro soviético das Relações Exteriores. Leonov devia chegar à Casa Branca às seis horas, para uma hora de discussões não oficiais.

Leonov era um dos poucos antigos sobreviventes na política soviética, e de longe o maior conhecedor dos assuntos americanos, tendo servido nos Estados Unidos não como embaixador, mas como chefe da delegação nas Nações Unidas.

O presidente cumprimentou o russo, mais velho do que ele vinte anos, com

simpatia. Depois de sentar-se comodamente, os dois homens ficaram sozinhos e conversaram em inglês.

Tocaram num pequeno número de assuntos, e a conversa foi parar na situação de Berlim. Vassíli Leonov assegurou que nenhuma pressão seria exercida sobre Berlim antes das eleições americanas, no mês seguinte.

Ambos exprimiram suas opiniões sobre Berlim. Os russos continuavam a fazer pressão para uma "situação de cidade aberta", e consideravam a presença das tropas aliadas como uma base avançada da OTAN.

O presidente americano repetiu a posição do seu país, de que o número de soldados era simbólico, e que nunca poderia abandonar Berlim a uma ocupação pela Alemanha Oriental.

Leonov esperava que se pudesse estabelecer um acordo permanente "antes de o regime de Berlim Oriental ser reconhecido pela União Soviética", e sugeriu a possibilidade de uma entrevista com Khruchov. Desde as conversas de Helsinque o presidente achava que seria uma boa idéia reiniciar as conversações.

O ambiente era descontraído. Começaram a falar de Cuba.

— Enquanto o seu governo continuar a apoiar abertamente esses comandos de refugiados, Castro pensa que há uma ameaça de outra invasão, no estilo da baía dos Porcos. . . talvez com maior apoio americano. Nestas circunstâncias, temos de olhar favoravelmente os pedidos de armas de defesa que Castro nos faz — disse Leonov.

— Mas o número de técnicos e militares soviéticos parece desproporcionado para a situação — retorquiu o presidente.

— Falando com a maior franqueza, senhor presidente, Castro teme uma invasão americana. Estas armas defensivas são principalmente para lhe debelar o medo. Afinal, o que é que a pequena Cuba pode fazer contra os Estados Unidos?

— Falei deste assunto com Khruchov em Helsinque e dei-lhe a minha palavra de que não haverá nenhuma invasão americana a Cuba. Se nos encontrarmos no próximo ano, este assunto terá de ser discutido novamente.

Leonov deu-se ao trabalho de assegurar ao presidente que as intenções

russas em Cuba eram totalmente pacíficas.

A reunião terminou e Leonov voltou à Embaixada soviética para falar com seus auxiliares antes de uma recepção, à noite, dada pelo secretário de Estado americano.

A sua missão principal era descobrir o que é que os americanos iam fazer em relação a Cuba. Falou longamente com o embaixador e com outro emissário. Washington parecia calma e normal. Os movimentos de tropas americanas? Um bocado de barulho para assustar, nada mais. Com os seus anos de argúcia e sensatez, Leonov não conseguia descobrir alarma americano ou desejo de ação. Se sabiam dos mísseis, tinha de concluir que não queriam uma confrontação com a União Soviética.

O ministro russo das Relações Exteriores estava um bocado surpreso. Comparava os americanos e seu presidente aos tradicionais *cowboys* altos e calados que, em períodos de tensão, falavam pouco e faziam poucas ameaças, mas que apontavam as pistolas ao coração. Tinha discutido com Khruchov, mas este insistia em que se podia assustar o presidente. Talvez a nova geração de americanos já não tivesse a velha têmpera.

Antes de partir para a recepção mandou um telegrama para o Kremlin.

CONVERSAÇÕES CONTINUARÃO COM PRESIDENTE AMERICANO DAQUI TRÊS DIAS PT TUDO PARECE NORMAL PT AMERICANOS NÃO SABEM OU TENCIONAM TOMAR POSIÇÃO PASSIVA PT ACONSELHO PROSSEGUIR RAPIDAMENTE OPERAÇÃO CUBA PT

Depois da segunda conferência diária com o Conselho Executivo, o presidente iniciou uma reunião com Lowenstein, à meia-noite, sobre o seu discurso, e para tratar da situação política da próxima eleição e como poderia ser obtida a aprovação do Congresso para o programa legislativo.

Sua última visita do dia entrou em seu quarto à uma e meia da manhã. Aprovou uma nota para a imprensa que justificava o cancelamento de um discurso seu fora de Washington.

O PRESIDENTE ESTÁ LEVEMENTE RESFRIADO E COM UM POUCO DE FEBRE. DIANTE DO MAU TEMPO, O MÉDICO DA CASA BRANCA INSISTE EM QUE O PRESIDENTE PERMANEÇA EM WASHINGTON E CANCELE SEU DISCURSO EM CLEVELAND.

Vassíli Leonov ficou um tanto surpreso quando leu nos jornais da tarde de domingo que o presidente e família tinham assistido à missa umas horas depois de cancelar um discurso de campanha eleitoral. "Bem, afinal o presidente é um homem religioso e os americanos gostam de saber que ele está na igreja. Uma prova de coragem", pensou.

O pobre rapaz tinha de mostrar sua coragem de qualquer maneira.

Capítulo 1

OUTUBRO DE 1962

Os motores do jato pararam com um uivo final, e dois automóveis percorreram a pista enquanto a escada era empurrada para a porta do avião. Um carro era o Cadillac do embaixador americano, Wilbur Davis; o outro, um Citroen do governo francês.

Quando a porta do avião se abriu, André sorriu e acenou para Jacques Granville, que estava junto à escada. Jacques ainda era bonito e tinha um aspecto diabólico, aproveitando muito bem os novos cabelos grisalhos das têmporas.

Cumprimentaram-se. Um funcionário especial da Alfândega liberou a bagagem e um outro carimbou os passaportes.

— La Croix vai recebê-los daqui a duas horas — disse Jacques.

— Ótimo. Preciso de tempo para informar o embaixador.

— Então, nós nos encontraremos no Palais de 1'Elyseé às dez.

Os carros partiram velozmente para Paris.

— Quais são as novidades? — perguntou Jacques.

— Os americanos têm provas completas da existência de mísseis ofensivos soviéticos em Cuba. Vão anunciar um bloqueio.

— Deus do céu! Vão pedir a ação da OTAN?

— Não, ainda não.

— La Croix tem a fobia de ser arrastado para complicações que não lhe dizem respeito.

— Bem, os americanos podiam dizer o mesmo sobre as duas últimas guerras mundiais... e por terem sido arrastados para a questão do Canal de Suez.

— André, como meu amigo mais antigo e mais caro, não se exceda diante de La Croix. Está pior do que nunca.

— Nunca me excedo nestes assuntos. . . a não ser que seja para interesse da França.

Uma nova Paris, ofuscantemente branca, surgiu diante dels. André observou que Paris estava ficando parecida com Argel e Casablanca. La Croix

tinha a mania de limpar os século de sujeira e fuligem dos edifícios de sua capital. Os parisienses não compartilhavam deste desejo de brancura, mas, apesar disso, viram-se lançando jatos de vapor e areia contra os edifícios, sob a ameaça de pesadas multas. Como de costume, o presidente fazia a sua vontade.

Atravessaram para a margem esquerda do Sena, parando no apartamento de André, o número 176 da Rue de Rennes, onde o elevador hidráulico muito velho os içou com uma lentidão que dava náuseas.

O motorista deixou as malas de André. Pediram que ele esperasse lá embaixo.

Havia um envelope bem à vista.

Papai,

Jacques Granville disseme que você viria. Disse também que será impossível passarmos algum tempo sozinhos, durante os primeiros dias. Estou de férias e por isso fico em Montrichard com mamãe. Telefone-me assim que tenha um momento livre e eu irei imediatamente a Paris.

François chega no começo da próxima semana. Estou morrendo de vontade de me encontrar com você. Foi ótimo você ter vindo. Temos tanta coisa a conversar!

Michele.

— Ela já lhe apresentou o rapaz?

— François Picard? Já. Michele trouxe-o à força para obter a aprovação do velho tio Jacques.

— E obteve?

— É esperto. Trabalha para a Télévision Nationale, e creio que escreve num jornal, mas. . . bem, não tem qualquer posição de família, nem dinheiro.

— Enfim, qualquer coisa é melhor que Tucker Brown.

— Quem?

— O último idiota de Michele.

André pôs a mala em cima da cama e a abriu. De repente sentiu-se exausto e com uma sensação de vazio.

— Está sentindo alguma coisa, André?

— Apesar de tudo, esperava. . deixe pra lá.

— Nicole?

— Sim.

— Ela ficou por uns tempos em Paris, depois, por qualquer motivo, desapareceu. Foi para Montrichard.

Capítulo 2

Os automóveis que conduziam os americanos, Granville e Devereaux chegaram ao Palais de 1'Élysée quase ao mesmo tempo. Imponentes guardas republicanos, trajando uniformes do período napoleônico, abriram os grandes portões de ferro e eles entraram. Dirigiram-se para o pátio de pedra do magnífico edifício, uma extravagância final de Luís XV, comprado para a amante, Madame Pompadour.

Os encarregados de receber os visitantes do presidente, ostentando as insígnias de seu cargo, levaram-nos rapidamente através de salões cheios de objetos de estilo Luís XV, sobre tapetes de Aubusson, e ao longo de tapeçarias Gobelin, que se erguiam até os tetos de dez metros de altura.

O grupo reunira-se na antecâmara. André olhou para o lado da sala, para Gabriel Brune. Um homem alto e magro, de olhos cinzentos. André acreditara sempre, até agora, que os olhos escondiam um burocrata insípido. Dirigiu-se para Brune e apertou-lhe a mão.

— Como foi de viagem, Devereaux?

— Muito bem.

Depois de olhá-lo fixamente, em silêncio, André voltou-se e apertou a mão de alguns dos seus outros amigos. O chefe do Estado-Maior pessoal do Presidente La Croix apareceu à porta e viu que todos estavam presentes, incluindo um representante da Süreté que André mandara chamar; depois entrou para o gabinete e voltou logo a seguir.

— O presidente está pronto — disse ele.

Pierre La Croix ergueu-se majestosamente por trás de sua mesa trabalhada em ouro maciço, saudando os americanos com o mínimo de calor possível. Para André Devereaux, que ele não via há mais de um ano, houve um leve aceno de cabeça.

Adjuntos militares e do Serviço Secreto, o diretor do executivo Presidencial e Granville colocaram-se em frente a ele.

— O presidente americano — disse La Croix_— muito me honra ao enviar um personagem tão distinto. Estou certo de que as circunstâncias o exigem. Mas esclareçamos um ponto. Veio aqui para consultar ou para informar?

— Para informar — respondeu o Embaixador Dav'

— Então devo dizer-lhe que La Croix e a França gostam de tomar as suas próprias decisões.

— Já o sabemos.

— Pode começar.

— Temos provas completas da introdução de mísseis soviéticos de alcance intermédio em Cuba, e o nosso presidente vai anunciar uma quarentena contra novos envios de armas soviéticas — disse o embaixador.

— Um bloqueio no mar?

— Uma quarentena. Carregamentos pacíficos não serão impedidos de passar.

Marshall McKittrick, falando num francês com pronúncia ianque, deu uma completa informação, explicando as fotografias que apresentou, o significado dos outros comunicados do Serviço Secreto e a causa da decisão. Favorecendo a vaidade do presidente, McKittrick pediu-lhe que identificasse os conjuntos de aviões de combate russos e torres de mísseis, o que ele fez, com uma lente, olhando as fotografias.

— É claro — disse La Croix — que foi o Serviço Secreto francês que os identificou.

— A contribuição de M. Devereaux foi enorme — concordou McKittrick.

La Croix pousou a lente, juntou as mãos e pôs-se a pensar. Lá fora, pelas quatro janelas altas que davam para o jardim, viam-se os guardas republicanos, de polainas brancas, atravessar o pátio em patrulha.

— Por que pensam que foram os russos que fizeram isto? — perguntou ele.

— Acharam que não seriam apanhados — respondeu McKittrick. — Mas vão ser — acrescentou.

Olhando para o presidente, André lembrou-se do que ele uma vez dissera a respeito de um confronto russo—americano. Teria chegado o momento?

— Tenho a certeza de que uma grande potência como os Estados Unidos não agiria sem provas suficientes — disse La Croix. — O presidente americano está se utilizando de sua prerrogativa nacional. Pode dizer-lhe que a França compreende a sua posição. De outro modo, até que nos peçam para nos comprometermos a tomar uma posição, não o faremos.

La Croix empurrou as fotografias e os documentos na direção de Brune: — Quero que isto seja estudado e avaliado. Devereaux ficará em Paris para dar a sua opinião e ajudar. Granville, convoque uma reunião do gabinete para daqui a uma hora. Os senhores estarão presentes, e até então não deve ser feita nenhuma menção a esta crise. — Voltou-se para os americanos. — Daremos em breve a nossa opinião sobre o assunto._

— O embaixador estará a seu dispor — disse McKittrick. — Eu tenho de partir para Londres imediatamente, para informar o primeiro-ministro britânico.

— Os ingleses ainda não foram informados?

— Só seu embaixador em Washington.

La Croix digeriu essa informação com ceticismo evidente, pois procurava e suspeitava sempre de uma conspiração anglo-americana.

— Há outro problema — disse McKittrick. — O presidente pediu-me que lhe entregasse esta carta.

La Croix abriu o envelope e pôs os óculos grossos. Acabou de ler a carta e a dobrou.

— Boa viagem para Londres — disse ele.

Houve um arrastar de cadeiras quando todos se puseram em pé.

— Coronel Brune, o senhor e Devereaux não saiam.

Quando a sala ficou vazia, La Croix entregou a carta ao coronel. André procurou nos seus olhos cinzentos algum sinal revelador. O papel estalou um pouco nas mãos nervosas de Brune. Ergueu os olhos de um modo estranho para Devereaux e depois para La Croix.

— Então?

— Não faço comentários sobre esta carta enquanto não conhecer melhor os fatos — respondeu Brune.

— Há quanto tempo conhece este caso Topázio, Devereaux?

— Só foi revelado recentemente.

— Por que não fomos informados logo?

— Utilizei a minha prerrogativa ao acreditar que seria mais eficaz não dar

um alarma prematuro.

— Qual é a origem?

— Um soviético chamado Boris Kuznetov. É um oficial de alta patente no KGB, que tinha a seu cargo a Seção Anti-OTAN.

— Não existe nenhuma Seção Anti-OTAN — disse Brune, abruptamente.

— Existe, sim — respondeu André. — O interrogatório desse homem vem sendo realizado há muitas semanas. Mas só nos últimos dias é que nos disse qualquer coisa de algum valor.

— Você o viu? Falou com ele?

— Sim.

— Qual é a sua opinião?

— Aposto a minha reputação profissional como Kuznetov é autêntico e verdadeiro, e como a União Soviética fez o maior golpe de espionagem de todos os tempos.

— Você está sempre vendo comunistas em toda parte, Devereaux — disse o presidente. — Se isto é verdade... se isto é verdade. . . Brune, envie uma equipe de investigadores para Washington, imediatamente. E quero que me apresentem o relatório pessoalmente — acentuou ele, dando um murro na mesa.

— Sim, senhor presidente.

— Sugiro — disse André, muito depressa — que envie também uma pessoa da Süreté.

— Isto é uma questão apenas do SDECE — respondeu o coronel.

— Garanto que uma grande parte das revelações diz respeito à segurança interna — retorquiu André.

Brune trocou um olhar furioso com André, que exigia que um agente dos detestados serviços rivais estivesse presente.

— Não vejo nada de mais na sugestão de Devereaux — disse La Croix. — Entre em contato com o Departamento de Segurança Interna. Que Léon Roux envie um de seus homens.

— Sim, senhor presidente — disse Brune.

Uma equipe do SDECE partiu nessa mesma noite para Washington, de avião. Dela fazia parte um desconhecido, o Inspetor Marcel Steinberger, da Segurança Interna da Süreté.

Capítulo 3

André e Michele dirigiram-se pára o Café de Flore, pelo Boulevard Saint-Germain.

— Espero que goste de François — disse Michele

— É lógico que eu não vou gostar dele. É uma prerrogativa de pai.

— Nunca conheci um homem como ele.

— E você já viveu vinte anos!

— É bonito e generoso.

— Michele, poupe-me desses elogios.

A varanda do Café de Flore continha o seu habitual contingente de estudantes e jornalistas de esquerda, e de excêntricos, sentados em volta das mesas de tampo de mármore, acusando o mundo em geral e a América em particular.

André teve de parar para cumprimentar meia dúzia de velhos amigos, enquanto Michele procurava François. Então deu com os olhos em Ferdinand Fauchet, o temível agente da FFF. Era pesado e tinha uma cicatriz por cima de um olho, resultado da navalhada de um vagabundo. Fauchet aproximou-se de Devereaux.

— Ouvi dizer que está em Paris por causa do caso dos mísseis — disse ele com voz áspera.

— Olá, Fauchet. Há quanto tempo você deixou de trabalhar nos esgotos?

Fauchet inspirou fundo, riu e limpou os dentes com a unha do dedo mínimo.

— Como sabe, não tenho nenhuma simpatia por você, Devereaux. E, pelo visto, você também não gosta de mim. Mas como colega, com muitos anos de serviço, gostaria de lhe dar um conselho.

— Sim?

— Aconselhe sua filha sobre os amigos que arranja. O amiguinho dela está fazendo muito barulho com as porcarias que escreve nos jornais.

Fauchet afastou-se. André ficou irritado com as palavras dele. Tinha lido Picard no *Moniteur,* com admiração. Era uma daquelas batalhas em que ele próprio nunca saberia como recuar, mas quanto a Michele. . .

Ela acenou com a mão. André aproximou-se deles, e depois das apresentações sentaram-se no interior do café e pediram um Pernod. A bebida

desagradava o paladar americano de André, mas os prazeres do *bourbon* ainda não tinham alcançado a margem esquerda do Sena.

Michele apertava a mão de François. Os dois tinham um ar de desespero. "Meu Deus", pensou André, "por que é que os jovens apaixonados adoram sentir-se infelizes? Como é agradável ser um amante que está envelhecendo, entrar numa sala e ver alguém que é feliz e ama de uma forma simples. Os jovens exigem tragédia." Tinha sido assim mesmo com Nicole. Nos jovens o amor é um desperdício e uma complicação.

Como Michele tinha dito, o rapaz era muito inteligente, bonito e extremamente idealista.

— Sou redator de notícias e crítico no Canal Um.

— Sim, Michele já me disse.

— M. Devereaux, tenho de lhe dizer com toda a franqueza que gosto muito de sua filha.

— Sim, ela também me informou sobre esse aspecto. Bem, o que é que vocês pretendem fazer?

Michele e François olharam um para o outro como dois animaizinhos machucados: — Vamos casar assim que seja possível.

— Muito bem, Picard, Michele com certeza já lhe disse que ela e eu somos grandes amigos.

— Disse.

— Então posso ser franco?

— Certamente.

— A frescura da rosa desaparece quando duas pessoas se enfurnam nesses vistosos apartamentos de Paris, com um só cômodo, no quarto andar e sem elevador.

— Papai. . .

— Michele é preguiçosa e estragada pelo mimo. Não sabe lidar com dinheiro. E você lhe pede que lave as suas meias e a roupa de baixo, que lhe prepare as refeições, trate da casa, seja sua amante, e que continue os estudos ainda por cima.

— Papai, por favor. . .

— E você, meu rapaz? O que é que acontece quando as suas instalações de solteirão são de repente invadidas por uma mulher permanente que pendura meias, sutiã e calcinhas no chuveiro? Um homem se modifica com o peso do casamento. E então, daí a pouco, vocês começam a ver defeitos um no outro, defeitos que simplesmente se recusam a ver agora.

François encolheu os ombros.

— Bem, querida, você vinha me prevenindo de que ele era assim. Está me aconselhando, M. Devereaux, a não me casar?

— Claro que não. Michele sente-se feliz estudando na Sorbonne. Tem um apartamento bonito e uma boa mesada. Sugiro que vocês dois aluguem um apartamento, que não seja de um ou do outro, mas neutro, pertencente aos dois. Experimentem durante seis meses e, se a essa altura sentirem o que sentem agora, então casem-se. De outro modo, separem-se como amigos. Assim ninguém sofre.

— Eu sabia que papai ia sugerir uma coisa assim — disse Michele.

— Bem, vocês já dormem juntos, não?

O silêncio atrapalhado dos dois foi o suficiente.

— E pelo amor de Deus, não fique grávida — disse André.

Capítulo 4

O apartamento de Robert Proust, na Rue Poussin, era o lar de um burocrata medianamente próspero. Proust não tinha feito uma carreira tão brilhante. Estava ficando careca, insípido e cansado.

André espreitou pela janela do escritório de Robert para o Bois de Boulogne, e depois deixou cair os cortinados, voltando para dentro.

— Tenho sido seguido desde que cheguei a Paris. O seu serviço é que é o responsável, Robert?

Robert suspirou.

— Bem sabe que não tive oportunidade de vê-lo uma única vez desde que você regressou. Eu o teria prevenido...

— Quem é que ordenou que eu fosse vigiado?

Robert hesitou:

— As ordens partiram de Brune.

— Esta noite vi Ferdinand Fauchet.

— O que é que você quer, André? Julga que é uma delícia dirigir esta porcaria de seção? A minha vida está cheia de pessoas como Fauchet. Você acha que eu gosto disso?

— Mas o que há? O que é que o Coronel Brune disse?

— Dizem em toda parte que você está demasiadamente ligado aos americanos. Que talvez. . .

— Talvez eu trabalhe para eles?

— Sim — murmurou Robert. — Olhe, André, está tudo doido. Jacques deu-me ordem, que afirmou partir de La Croix, para vigiar o Coronel Brune. Este caso Topázio irritou o presidente. Se se prova que um dos chefes do Serviço Secreto é agente soviético, temos o pior escândalo desde a guerra. Isso é verdade mesmo?

— É.

— Sei o que vai acontecer. Virão ordens e haverá mortes. Ferdinand Fauchet vai estar muito "ocupado. Céus! Odeio esse trabalho — gemeu ele —, mas que posso fazer com tantos anos de serviço? Que remédio? E se vou embora brigado com La Croix, ele consegue que eu não arranje nenhum emprego decente na França.

Não servia de nada intimidar Robert Proust. Desde o princípio precisaram ampará-lo. Agora afundava num sentimento de pena de si próprio, aterrorizado com os problemas que borbulhavam a sua volta.

— E o que há sobre esse rapaz com quem Michele anda, François Picard?

Robert deixou-se cair numa poltrona funda e esfregou os olhos, fatigado.

— Preferia não. . .

— Michele quer se casar com ele.

— Há um grupo de jornalistas, escritores da televisão, repórteres, que é violentamente contra La Croix. Estão sendo atrevidos demais. Temos ordens de um membro do governo para interromper as atividades deles.

— Interromper as atividades? Deus do céu, Robert! Sei que Pierre La Croix estabeleceu um regime pessoa! na França, mas destruir a oposição política pela utilização do Serviço Secreto? Robert, ainda somos uma democracia.

Robert Proust levantou os olhos e abanou a cabeça, vagarosamente: — Não, André. Na França a democracia morreu.

Capítulo 5

— Na França a democracia morreu — disse François Picard, excitado. Passeava de um lado para outro, diante de André, com o cabelo negro a lhe cair pela testa, as palavras cheias de animação.

Michele estava sentada no sofá, ouvindo com admiração evidente.

— Nos últimos meses, M. Devereaux, meia dúzia de colegas meus foram espancados. Dois desapareceram. Sabemos que é obra de Ferdinand Fauchet e do seu querido amigo Robert Proust.

— E o que você vai fazer, François?

— Continuar a luta. Michele falou-me do senhor, da sua fuga para a Espanha para combater pela França. Amo a França do mesmo modo.

— Não estou lhe dizendo para não lutar, mas use a cabeça e o coração. Há tempo e lugar para agir. Você é demasiado teimoso. Está pedindo que eles se vinguem. E eles se vingam, acredite.

— Tentei agir com brandura. Não deu resultado. Há um ano fui nomeado para escrever os comunicados políticos no Canal Um. Mas tudo o que eu escrevia era cortado pela censura e escrito de novo. Toda agência de notícias tem ordens para distorcer as notícias sobre os americanos. Se os americanos põem um astronauta em órbita, ou lhe damos apenas uma linha ou duas, ou dizemos piadas sobre as dificuldades. Por outro lado, todas as realizações da União Soviética são aumentadas. M. Devereaux, a imprensa está fervilhando de comunistas. Instalaram-se em cargos importantes. Alguns jornais e revistas opõem-se a La Croix, mas os franceses não lêem; vêem televisão. E os homens ambiciosos que os rodeiam estão se servindo do poder dele para controlar a única rede de televisão. E não é tudo: estão infiltrando-se na polícia, que desde a guerra tem estado totalmente sob ordens do Ministério do Interior. Então, o que devemos fazer? Esperar que ele morra?

— E eu suponho que você está disposto a morrer pelas suas palavras — disse André.

— Estou.

— E você, Michele? É o que você quer? Um marido morto?

—_ Não faço perguntas a François. Tem de fazer o seu trabalho como bem entender. Nunca serei como mamãe.

André olhou para ela com uma expressão estranha.

— Que é, papai?

— De repente, você está tentando ser mulher.

Capitulo 6

O automóvel deslizou para fora da sede do SDECE, seguiu pela Avenue Gambetta e derrapou levemente ao virar na rua escorregadia da chuva para a Avenue de la Republique, numa corrida noturna para o Palais de 1'Êlysée. Charles Rochefort, um dos chefes do Serviço Secreto, guiava. Brune, sentado ao lado dele, ligou o descongelador, a fim de limpar o pára-brisa embaciado.

Uma vez dentro do palácio, tiraram as capas e foram conduzidos ao apartamento pessoal do Presidente Pierre La Croix.

O presidente estava trabalhando à sua escrivaninha, emoldurado pela luz da lareira da sala.

Charles Rochefort era um funcionário político vulgar, um chefe nominal sob o domínio do Coronel Brune. Falou primeiro para papaguear as formalidades necessárias: — Agradecemos a entrevista a esta hora, senhor presidente, e lamentamos incomodá-lo, mas achamos que essa informação sobre a situação da crise dos mísseis soviéticos em Cuba devia ser trazida ao seu conhecimento imediatamente.

La Croix indicou-lhes com um gesto que deviam sentar-se diante dele, a escrivaninha a separá-los. Gabriel Brune abriu a pasta e tirou um relatório no qual estava escrita a palavra SECRETO.

— Senhor presidente — disse Brune, num tom de voz que denotava urgência —, descobrimos uma conspiração fantástica. Somos de opinião de que toda a crise dos mísseis é uma mentira gigantesca inventada pelos Estados Unidos e pela União Soviética.

La Croix aceitou a notícia com uma expressão impassiva, enquanto os dedos compridos do Coronel Brune folheavam o relatório para encontrar uma determinada página.

— Depois de um exame minucioso — continuou Brune —, a nossa comissão de investigações científicas está firmemente convencida de que, tecnicamente, era impossível transportar mísseis dessa natureza. — Seu dedo percorreu uma página e parou. — Por exemplo, os sistemas eletrônicos são tão delicados que não seria possível amortecer os choques de uma longa viagem por

mar. Mais adiante, aqui. . . humm. . . sim, a umidade c o calor de Cuba tornariam o maquinismo inoperante. Há muito mais provas científicas que apóiam esta opinião.

Os olhos quase fechados de La Croix recusavam-se a dar mostras da mente rápida que trabalhava por trás deles.

— E a identificação dos mísseis? — perguntou ele.

— As fotografias tiradas por aviões U-2 são de altitudes extremamente elevadas. Os nossos peritos concluem que essas fotografias são muito duvidosas. Podem ter sido fotografias de locais americanos, ou falsificações hábeis ou mesmo as velhas torres de lançamento dos SAM.

— Mas os mísseis também foram identificados por observadores pessoais.

— Ninguém viu um desses mísseis, realmente, senhor presidente. O que viram foram marcas de pneus, torres, comboios. De qualquer modo, o tubo propriamente dito estava coberto por lonas. Mesmo quando os aviões americanos os fotografaram, só mostravam tubos cobertos por lonas, amarrados ao convés dos navios. Ninguém os inspecionou de perto. Segundo a nossa opinião podiam ser de papelão ou de qualquer outro material. A razão por que conseguiram fazer uns sulcos tão profundos com os pneus foi porque os atrelados tinham sido providos de lastro na parte inferior.

— Isso não implicaria que Devereaux estivesse fazendo o jogo dos americanos?

— Pensamos — disse Rochefort — que ele foi enganado, ludibriado e utilizado como joguete.

Os dedos de La Croix tremeram levemente, e pela primeira vez mostrou emoção, com um leve rubor das faces.

— O que é que vocês acham de Devereaux? — Perguntou ele.

— No começo — disse Brune —, os americanos não procuraram Devereaux, embora confiassem muito nele, para obterem informações de Cuba. Em vez disso, cozinharam e executaram um plano brilhante, com Devereaux como arma. Por que é que o traidor da delegação cubana nas Nações Unidas escolheu os franceses? Porque estava a soldo dos americanos e tinha ordens de meter papéis falsos entre documentos autênticos, e deixou que os franceses os roubassem. O próprio agente de Devereaux em Nova York, Gustave Prévost, suspeitava de uma coisa deste gênero e avisou que estávamos sendo enganados.

No entanto, Devereaux planejou e executou uma operação para roubar cópias dos papéis de Parra do hotel em Nova York. Documentos falsos tinham sido misturados com os autênticos. Os falsos despertaram em Devereaux a suspeita dos mísseis. Levou nessa altura aos americanos a informação que os próprios americanos tinham forjado. Ora, Devereaux foi obrigado, por sua própria culpa, a ir a Cuba, embora o Embaixador d'Arcy se opusesse. Viu o que russos e americanos queriam que ele visse, nem mais, nem menos. Ninguém, senhor presidente, sabe dizer por que os mísseis foram transportados através de Havana. Devereaux diz que houve um erro de cálculo quanto à largura do túnel sob o porto. Nós afirmamos que, se eles quisessem agir em segredo, teriam descarregado num porto do sul. Os pseudo-mísseis foram levados através de Havana porque desejavam que Devereaux os descobrisse.

"Além disso", continuou Brune, "os russos sabiam por que motivo Devereaux estava em Cuba. Pertence ao Serviço Secreto francês, e, como se sabe, é amigo dos americanos. Quem é que pode acreditar que teriam permitido que ele saísse de Cuba com essas informações, a não ser que quisessem que ele as levasse? Bem, com Devereaux enganado por completo, os americanos pedem-lhe habilmente que venha à França autenticar o que sabe. Como funcionário digno de confiança, as suas palavras teriam uma enorme repercussão."

— Tenho a certeza de que Devereaux não aceitaria esse relatório — disse La Croix.

— Claro que não. Nenhum funcionário como ele confessaria tal erro. No entanto, não fazendo acusações, temos sentido muito ceticismo quanto às informações sobre Cuba, há muito tempo.

— Podemos estar sendo enganados há meses — acrescentou Rochefort.

— E a conclusão de vocês é que nunca houve mísseis ofensivos em Cuba?

— Exato, senhor presidente

— Obrigado, meus senhores, e boa noite — disse o Presidente La Croix, friamente.

Levantaram-se os dois, fizeram uma ligeira mesura e dirigiram-se para a porta.

— A propósito — chamou La Croix — que outras informações têm sobre

Topázio?

— Os nossos investigadores estão em Washington — respondeu Brune —, mas começo a suspeitar de que tudo faz parte do mesmo complô soviético-americano.

Quando fecharam a porta, Pierre La Croix pôs os óculos e leu o relatório com esforço. Não era pessoa para ser convencida com aquela facilidade. Havia animosidade entre Brune e Devereaux. Talvez Brune estivesse tentando desacreditar Devereaux logo de princípio, para abafar o escândalo de Topázio. O presidente sabia que Devereaux não seria facilmente enganado. Era um insubmisso, mas era francês.

No entanto, Devereaux podia ter sido vítima de uma conspiração de mestre. A lógica de Brune era sólida. Além disso, tinha as características das negociações americanas suspeitas, de que a França desconfiava desde a Segunda Guerra Mundial.

Depois que a crise dos mísseis desaparecesse, Washington e Moscou estabeleceriam uma linha de comunicação e esta comunicação direta e invulgar seria certamente interpretada como um entendimento entre soviéticos e americanos sobre as suas respectivas esferas de domínio, relegando a França a uma posição secundária.

Coincidindo com a crise dos mísseis, os dois países podiam aumentar suas despesas militares. Ficariam então em situação de aumentar seus domínios sobre os seus aliados.

Implicando deliberadamente no caso um funcionário francês da envergadura de Devereaux, a França poderia ser forçada a seguir a política americana sem protestos ou consultas.

E ele podia ter certeza de que os ingleses não estariam conspirando com os americanos para que a França ficasse desprestigiada?

A França tinha sido excluída das conversações germano americanas. E agora seria totalmente ignorada pela linha de entendimento Moscou-Washington.

Como resultado da crise dos mísseis, os americanos podiam alcançar um maior domínio dentro da OTAN.

Assim, as grandes potências tinham representado uma farsa para subtrair à França o seu verdadeiro destino de líder da Europa.

Mas, mesmo que o relatório do SDECE estivesse errado, o resultado final era

idêntico. A América surgiria mais poderosa do que nunca. No espírito de Pierre La Croix só aumentava a obsessão de destruir o domínio anglo-americano da Europa.

Capítulo 7

Brune passeava em seu gabinete de teto alto, no no quartel do Boulevard Mortier, que alojava o SDECE. Parou um momento junto à janela e olhou furioso para o pátio. Depois voltou para a secretária.

Apanhou o último exemplar do *Moniteur.* Estava cheio das habituais baboseiras contra La Croix. Mas o artigo de François Picard tinha sido assinalado com um círculo vermelho.

> *Há um cheiro estranho no Boulevard Mortier. Boatos, que serão em breve confirmados, falam sobre um escândalo que está fermentando dentro do SDECE. Há muito que se sabe que o Serviço Secreto está apodrecido interiormente. Tão terríveis são as fugas de informações que são poucos os aliados da França que ousam compartilhar com ela os seus segredos. Mas, é claro, o nosso presidente não quer aliados. . .*

Brune atirou o jornal para o lado, furioso. Era evidente. A informação chegara a Picard através de Devereaux, numa tentativa de desacreditá-lo. Desde que La Croix recebera a carta do presidente americano sobre Topázio, ele, Brune, um chefe de serviço, tinha sido mantido sob vigilância, como um espião vulgar.

Sentou-se, olhou mais uma vez para o artigo, depois pegou o telefone de intercomunicação e ordenou: — Ligue-me imediatamente com Ferdinand Faucher.

François e Michele dormiam nos braços um do outro. O telefone tocou. François acordou com um bocejo e procurou o aparelho com a mão.

— Alô — disse, sonolento.

— Falo da parte de M. Devereaux. Ele ficou trabalhando até tarde, saiu agora mesmo do escritório e disse que Michele talvez estivesse nesse número.

— Sim, está. Quer falar com ela?

— Não, não é necessário. M. Devereaux pediu-me que telefonasse e dissesse para ela ir para casa imediatamente.

— Aconteceu alguma coisa?

— Não disse nada, mas me pareceu que era urgente.

— Está bem, eu a mando para casa.

Michele insistiu em que François ficasse, que não era preciso acompanhá-la. Ele cedeu, e quando se despediram com um beijo já passava da meia-noite.

Ferdinand Fauchet, dentro de um automóvel, do outro lado da rua, viu-a sair do edifício, entrar no carro de Picard e partir. Quando desapareceu numa esquina, Fauchet acenou para quatro homens que esperavam. Entraram no prédio de Picard.

François ia apagar a luz, quando bateram à porta. Para lá se dirigiu, sem a mínima suspeita, pensando que Michele tivesse esquecido as chaves do carro.

Abriu a porta. Duas pancadas atingiram-no na boca e na têmpora.

Capítulo 8

Vassíli Leonov amarrou a calça do pijama, que estava caindo, e se examinou no espelho do banheiro. Estava levemente indisposto da festa da noite anterior. Os americanos eram bons tipos. Leonov tinha apreciado o debate ideológico, as piadas impublicáveis. Sim, os americanos eram uns tipos extremamente agradáveis.

Ele abriu o armário dos remédios e procurou aqueles maravilhosos produtos americanos. Primeiro um Bromo. Fez uma careta ao engolir aquela coisa com bolhinhas, depois deu uns estalidos com os lábios, estendeu a mão para a lata de espuma e ensaboou o rosto. Pôs uma lâmina nova de aço inoxidável no aparelho e barbeou-se.

Bateram.

— Entre!

O secretário de Leonov parou diante do banheiro e pigarreou.

— Sim?

— Camarada Leonov, acabo de receber um telefonema da Casa Branca. O presidente cancelou a entrevista que tinha hoje com o senhor.

— O que isso quer dizer?

— Anunciaram que ele vai falar hoje pela televisão.

Na eterna tristeza da Embaixada soviética, Leonov, o embaixador soviético, e meia dúzia de funcionários superiores reuniram-se diante da televisão e olharam com uma ansiedade de fazer disparar o coração.

No gabinete do presidente americano, uma das secretárias passou-lhe pelo cabelo rebelde uma escova e um pe te, um momento antes de serem focadas as câmaras.

— Senhoras e senhores, o presidente dos Estados Unidos.

— Boa noite, meus compatriotas. O governo, como prometeu, tem mantido a mais severa vigilância sobre o panorama militar soviético na ilha de Cuba. Durante a semana, provas irrefutáveis demonstraram que uma série de rampas de lançamento de mísseis ofensivos estão em preparação nessa ilha. O objetivo dessas bases não pode ser senão fornecer uma capacidade de ataque nuclear

contra o hemisfério ocidental. . .

". . .capaz de atacar Washington, o Canal do Panamá, Cabo Canaveral, a Cidade do México. . .

". . .Outros locais de lançamento, ainda não completados, parecem destinar-se a mísseis balísticos de alcance intermédio. . .

". . .tornando assim possível atacar as cidades mais importantes do hemisfério ocidental. . .

". . .Além disso, bombardeiros a jato, capazes de transportar armas nucleares, estão agora sendo desencaixotados e montados em Cuba, enquanto bases aéreas adequadas estão sendo construídas."

Vassíli Leonov agarrou-se com força aos braços da cadeira para esconder o nervosismo. Não ousava olhar para os lados, para os seus colegas assombrados e cheios de medo. O presidente americano falava agora com toda a integridade, sem ameaças. Sim, era o *cowboy* silencioso que tinha sido obrigado a ir muito longe e agora disparava um tiro certeiro. Continuou a denunciar as mentiras deliberadas da União Soviética e fez o desafio, dizendo que a coragem e as promessas americanas nunca deveriam ser postas em dúvida, nem pelos amigos, nem pelos inimigos.

— Todos os navios, de qualquer categoria, que se dirijam para Cuba, de qualquer nação ou de qualquer porto, se contiverem carregamentos de armas de agressão, serão obrigados a retroceder. . .

"Não estamos, contudo, recusando os abastecimentos de víveres, como os soviéticos tentaram fazer no seu bloqueio de Berlim em 1948.

". . .Dirijo-me ao Primeiro-Ministro Khruchov para que ponha termo a esta ameaça clandestina, insensata e provocadora da paz mundial. . . Peço-lhe ainda que abandone esta tentativa de dominar o mundo. . . Ele tem agora a oportunidade de afastar o mundo do abismo da destruição. . .

No mar das Antilhas uns duzentos barcos de guerra da Marinha dos Estados Unidos navegavam em direção a Cuba, enquanto aviões de patrulha varriam os mares.

De bastiões secretos eram expedidos alertas para bases militares

americanas, dispersas pelo mundo.

Aviões B-47 com bombas nucleares levantaram vôo de aeródromos militares para aeroportos civis, a fim de escapar à destruição, no caso de um ataque soviético com mísseis.

Quinze dúzias de mísseis balísticos intercontinentais o bastante para destruir as cidades, fábricas e bases militares da União Soviética, estavam prontas para serem disparadas dos seus abrigos.

O Comando Aéreo Estratégico ordenava a seus bombardeiros B-52 um alerta no ar. Enquanto uma parte deles, já em vôo, esperava a hora de atacar, os que se encontravam em terra estavam prontos para se dirigir para os alvos soviéticos, dentro de quinze minutos.

Divisões do Exército e da Marinha estavam prontas para combate, e preparadas para invadir Cuba por terra, ar e mar.

Outros aviões de combate e bombardeiros com uma capacidade quase total de destruição estavam prontos para se dirigir em linha reta e destruir completamente os locais cubanos de lançamento de mísseis.

Esta preparação militar, rapidíssima, muito calma e extremamente brilhante, tinha sido efetuada sem quase se dar por isso. Estava pronta, preparada para apoiar as palavras do homem que falava agora para um mundo alarmado.

Na Embaixada soviética todos continuavam sentados e imóveis depois do discurso do presidente. Até a pose tão estudada de Vassíli Leonov o tinha abandonado.

Sabia que havia cometido o antigo erro. O blefe tinha sido denunciado. Não só fora pelos ares o mito da falta de coragem do presidente. Ele tomara uma decisão astuciosa. Tinha-se servido do seu ponto mais forte, a sua Marinha, e o arremessara contra o ponto mais fraco da União Soviética, a sua Marinha. Tinha escolhido habilmente um campo de batalha que lhe desse todas as vantagens. . . um encontro em alto-mar.

A Organização dos Estados Americanos apoiou rapidamente e unanimemente a posição norte-americana. Nas Nações Unidas, o ultrajado representante dos Estados Unidos chamou à responsabilidade a União Soviética e exigiu a destruição das bases cubanas.

E, em alto-mar, barcos da União Soviética, com os seus carregamentos de

morte, avançavam lentamente para Cuba, para a confrontação com a Marinha dos Estados Unidos. Enquanto o povo americano se erguia, irado, eles e toda a raça humana perguntavam a si próprios se estavam vivendo os últimos momentos de sua loucura final.

Capítulo 9

André estacionou o carro a vários quarteirões de distância da Place de Ia Madeleine, e continuou a pé para escapar aos seus perseguidores. Eram um par desastrado. Conseguiu livrar-se deles facilmente.

Entrou no mundo de veludo vermelho do restaurante de Lucas Carton. Alex e meia dúzia de empregados cumprimentaram-no com grande entusiasmo, pois esse era o restaurante de gerações dos Devereaux.

— Como vai seu pai? — perguntou Alex.

— Ainda não pude ir a Montrichard desta vez, mas tem passado bem.

— Diga-lhe que perguntei por ele.

— Obrigado.

Alex acompanhou André, pessoalmente, a um dos reservados do primeiro andar. Daí a um instante apareceu uma garrafa de *bourbon* e Alex cumpriu o ritual de esmagar o gelo com um pequeno martelo, para o *manhattan* de André, enquanto este olhava o cardápio. Decidiu-se por linguado *à la Carton,* uma especialidade da casa.

— Mme Devereaux chegou.

— Queira pedir-lhe que suba.

Não se beijaram, não se tocaram, não pronunciaram uma palavra. Ela sentou-se. Pediu um aperitivo e acendeu um cigarro com nervosismo. Depois que a bebida chegou, a porta foi fechada e André pediu que não os incomodassem enquanto não tocasse a campainha.

Nicole tinha aquela facilidade de aparecer em circunstâncias críticas com um aspecto maravilhoso. André disse que ela estava muito bonita.

— Obrigada.

— Não tenho podido responder aos seus telefonemas — disse André — pelas razões habituais. As horas do dia não são suficientes.

— Eu sei que você deve ter estado muito ocupado durante esta crise.

— Sim. Nicole. . . pedi que você viesse a Paris por causa de Michele. O desaparecimento de François Picard foi um golpe extremamente rude para ela.

— Não descobriu nada?

— Não. Nem de Robert consigo qualquer informação.

—_O que é que você acha disso?

— Acho que ele não será encontrado e que nós nunca saberemos o que aconteceu. __

— Oh! Céus. . .

— Receio bem que seja o que se chama um golpe perfeito. Quiseram dar o exemplo com ele. Michele irá passar por um longo e difícil período de readaptação. O melhor seria começar já. O lugar dela é ao seu lado. Você pode lhe dar o tempo e o apoio de que precisa.

— Nem sequer respondeu aos meus telefonemas, André.

— Não a leve a mal. Encontra-se num estado de tensão interior. Antes de sair falei com ela, disselhe que você ia lá a fim de levá-la para Montrichard. Finalmente abriu-se. Agora deve estar chorando. . . e disse. . . que precisava da mãe.

— Pobre querida. . . André, vamos. . .

— Há algumas coisas no mundo que são imperdoáveis — disse ele —, e uma delas é voltar as costas a um prato de linguado *à la Carton.* Alex ficaria ofendido para sempre. Agora, falando sério, deixe-a chorar sozinha.

Nicole fez um gesto de assentimento. Compreendia. Um silêncio incômodo baixou sobre os dois. André tocou a campainha. Não disseram nada senão depois de provar a sopa e elogiá-la.

— E nós? — perguntou Nicole, trêmula.

— Acho que não devemos explicar-nos agora. Basta os russos e os americanos estarem prestes a se defrontar no Atlântico.

— Tive muito tempo para pensar — disse ela.

— Sim. . . creio que há muita coisa a dizer.

— Quando compreendi a forma de vida a que me condenara, quis voltar, sem me importar com as ofensas e os direitos passados. Ia agarrar-me a você por qualquer preço. . . sob o disfarce de amor. . . com a desculpa de que temos de aceitar a pessoa que amamos, com todos os seus defeitos. Quando nos casamos — continuou — trouxemos para o casamento as coisas que fizeram com que nos apaixonássemos um pelo outro. Também trouxemos a nossa infância, os

nossos demônios, as nossas fraquezas. Há coisas que podem matar um casamento, se as deixamos florescer. Uma mulher como eu exige do marido certos direitos, certos reconhecimentos, certas igualdades. Quando uma mulher os consegue. . . deixa de ser uma mulher. O homem raramente tem a mulher de que precisa. . . mas, sim, aquela com quem casa. Há algumas que não conseguem adaptar-se. Muito poucas podem e querem. Mas a maior parte e essas são as piores, são as que não querem. Gastamos as nossas energias construindo defesas. . . não ousando olhar para dentro de nós próprias. . . mas só para justificar a nossa nulidade. Um casamento exige da mulher. . . habilidade, e um grande trabalho. E nós somos demasiadamente estúpidas e preguiçosas, por isso nos escondemos por trás das nossas barreiras de defesa e repelimos com violência o que julgamos ser um ataque. Se eu tivesse sabido disso, talvez soubesse lutar com o demônio que você trouxe para o casamento, a sua confusão por causa de sua mãe. Você tentou encontrar em mim o amor de mãe. . . o amor que ela não lhe deu por causa da morte. E ao mesmo tempo você tentou matá-la através de minha pessoa. No meu gesto final de desespero tentei representar a fantasia de que, se eu agisse como ela, como duas mulheres, agradaria a você. Convenci-me de que era uma coisa que você sempre tinha esperado de mim.

O rosto de André tornou-se tenso. Percebeu que na sua busca na escuridão ela ousara abrir portas fechadas: as dela. . . e as dele.

— Desde o princípio, André, você me manteve absolutamente afastada de uma parte da sua vida. Ergueu uma muralha e disse: "Nunca perdoei à minha mãe por ter morrido e ter-me deixado sozinho, por isso nunca vou entregar-me totalmente a uma mulher. Aproxime-se, mas não muito. Se chegar perto demais eu a repudio". Vivi aterrorizada com a idéia de você poder encontrar em outra mulher o que eu não lhe conseguia dar. Uma grande parte do que você chama de "possessiva", em mim, é puro medo. E, se eu não o pude ajudar quando precisou de mim, talvez fosse porque você não quisesse essa ajuda. Receava precisar muito de mim e eu não corresponder à sua necessidade. . . como a sua mãe.

— Assim. . . nenhum de nós tem a consciência limpa, é verdade? — perguntou ele.

— Não, André, nenhum de nós. Não posso apagar os erros. . . mas sei o que fiz e vou viver, de um modo ou de outro.

Nicole sentou-se na beira da cama de Michele, numa cena representada outrora, há tanto tempo, e que as duas julgavam esquecida.

— Oh, mamãe. . . mamãe!

— Oh, filhinha. . . Eu estou aqui.

— Tenho tanta vergonha de não ter querido falar quando você telefonou!

— Não precisa explicar nada, Michele — disse Nicole, prendendo os cobertores em volta da filha e passando-lhe a mão pelo cabelo. Deu-lhe um calmante, que Michele tomou.

— Papai não quer dizer. . . mas eu sei. Nunca mais verei François.

— Agora está nas mãos de Deus, querida. Michele. . .

— O que é?

— Parece estranho, mas você tem muita sorte.

— Não compreendo!

— Há vinte anos, se eu tivesse começado a dar a seu pai o que você deu a François desde o princípio, não estaria agora sozinha. . .

— Mas você deu. . .

— Não sei, não. Como a maior parte das mulheres, a minha atitude foi perguntar: "Que é que eu lucro com isso? Que espécie de vida ele me vai proporcionar?" Nunca perguntei a mim própria: "Que é que eu lhe posso dar?" E, assim, preparamos as refeições porque elas têm de ser preParadas. Mas não vamos para a cozinha cheias de alegria porque o que estamos fazendo dá felicidade aos nossos maridos. Cozinhamos para proteger a nossa posição, pelos louvores que recebemos ou apenas porque é o nosso dever. E quando amamos fazemos o que é necessário por causa do nosso próprio egoísmo. Quantas mulheres pensam no prazer que dão ao homem? No entanto, é só através desse prazer que uma mulher geralmente sabe o que é ser mulher. Eu nunca soube, Michele, porque ser mulher é dar. E você soube dar desde o princípio, Michele voltou a cabeça sobre o travesseiro.

— Não chore, nem tenha pena de si própria. não escolheu um caminho fácil quando decidiu a acompanhar um homem como François.

— Mamãe. . . é tarde demais para você e papai?

— Receio que sim.

Os olhos da garota fechavam-se; o sedativo que tomou fazia efeito. Nicole inclinou-se e beijou-a na face. André estava no corredor e a porta do quarto estava aberta. Nicole pensou se ele teria ouvido.

— Isto vai passar — disse Nicole.

Quando André olhou para a mulher, aquela velha sensação que nunca desaparecera por completo voltou com força. Queria estender a mão e tocar naquela meia dúzia de cabelos grisalhos que ela tinha nas têmporas. Há pouco tempo, Nicole teria ficado doente só de vê-los. Mas agora parecia que estavam bem no seu lugar e eram tão encantadores. Era bom Nicole estar aceitando a idade com graciosidade, sem pânico nem pena de si própria.

Sim, ele a desejava, mas sabia que pela manhã desejaria Juanita de Córdoba ainda mais. Por isso não teria nenhuma das duas.

— Quando é que vocês vão para Montrichard?

— Amanhã. Vou mandá-la a Paris toda vez que você tiver algum tempo livre.

— Obrigado por tudo. — Voltou-se e foi para o escritório.

— Quer que lhe traga alguma coisa? — perguntou Nicole.

— Não.

André entrou no escritório, pôs os óculos e apanhou seus papéis. Olhou para ela e ficaram a olhar-se muito tempo, através da porta aberta. Nicole compreendeu que o procurara demasiado tarde. O marido pertencia a Juanita de Córdoba. Por estranho que parecesse, não sentia raiva. Mas também sabia que, para ela, nunca haveria outro homem além de André Devereaux. Saberia esperar.

Capítulo 10

Logo que o motorista de Rico Parra entrou com o automóvel nos jardins da Casa da Revolução para levar Juanita a seu chefe, ela teve o pressentimento de que algo tinha acontecido. O fato é que aquela casa era sempre desagradável demais. Seguiram pela estrada de terra solta, ladeada de palmeiras, que contornava a baía do Sol. Havia um silêncio forçado, sem a atividade habitual de guardas, jardineiros e homens que trabalhavam no cais. Juanita saiu do automóvel e olhou em volta. O barco a motor de Rico estava ancorado e

ondulava sobre as ondas. Nuvens tristes avançavam do mar, escurecendo o sol tímido. Seria um fim de semana longo, frio e mórbido.

O motorista acompanhou-a até o interior da casa. Juanita soltou um grito quando viu Hernández, o capanga de Rico, caído ao chão, de costas, morto. Tinha os olhos abertos, o sangue ainda escorria dos buracos produzidos pelas balas no peito e na barriga gorda.

A porta fechou-se com força atrás dela. Dois agentes do G-2 a agarraram, outros dois desarmaram o motorista de Rico e o mantiveram sob a ameaça de revólveres.

Muñoz saiu do quarto com um chicote de corda molhada na mão. Tudo pareceu rodopiar em volta de Juanita quando viu aquele cenário de pesadelo, mas procurou re-compor-se rapidamente, compreendendo o que tinha acontecido. Dirigiu-se para o quarto. Muñoz afastou-se e fez-lhe sinal para entrar, com um ar de troça.

Os braços de Rico estavam abertos em cruz, presos nos pulsos com correias, e atados a duas vigas de madeira do teto. Pelo aspecto dos homens de Muñoz, Rico não tinha sido uma presa fácil.

Depois de o terem pendurado naquela posição de crucificado, Rico ainda tinha conseguido dar um bom pontapé que atingira Muñoz entre as pernas. Depois ataram-lhe os pés e o içaram, de modo que as pontas dos dedos dos pés mal tocavam o chão.

Mesmo assim, quando Muñoz se aproximou, o outro lhe cuspiu na cara. Foi amordaçado.

Muñoz o tinha colocado num estado deplorável. A corda molhada rasgara-lhe a pele do corpo nu. Seu rosto tinha levado tanta pancada que estava grotescamente inchado. Um olho fechado, o nariz partido, uma mancha roxa, os lábios em carne viva.

Juanita foi ao banheiro, encharcou duas toalhas e limpou-lhe o sangue do rosto, colocando-lhe em seguida uma das toalhas na nuca. Sem pedir licença, tirou-lhe a mordaça.

Rico falou com dificuldade por causa da boca inchada: — Que fim infernal. É até engraçado. . . Muñoz era meu protegido quando estávamos nas montanhas. Sempre desconfiei que era um covarde.

— Eu fico com você enquanto deixarem — disse ela.

— Sabe. . . Juanita. . . nunca esperei que você se apaixonasse por mim. . . só queria que uma vez ou duas tivesse prazer. . .

— Rico. . .

— Não minta. . . não minta. Que diabo de mulher! Quando promete uma coisa, cumpre. . . bem. . . talvez você se encontre no céu com o seu francês.

— Chega! — gritou Muñoz. — Então, que tal o ninhozinho para a lua-de-mel? — Entrou na sala, ameaçando-os com o cabo do chicote. — Agora sabemos como é que os ianques descobriram os mísseis.

— Rico está inocente, embora não acreditem — disse Juanita.

— Vender o país por uma mulher!

— Cuba deve orgulhar-se de você, Muñoz. Quando é a minha vez? — disse Juanita.

Muñoz sorriu com doçura:

— Ainda não. Você tem muitos amigos em Cuba cujos nomes desejamos saber. Ah! Talvez não fale imediatamente, mas depois de ver o que vamos fazer com Rico Parra. . . amanhã. . . depois de amanhã. . . você falará. É o que acontece quando se perde o juízo.

Juanita foi presa a uma cômoda pesada, de modo que ficasse bem em frente a Rico, a cinco metros de distância dele. Não estremeceu, não fechou os olhos. Muñoz pôs-se a passear ao redor de seu alvo, e jogou fora o chicote.

— Por que não cospe agora? — troçou.

Muñoz deu com o salto da bota entre as pernas de Rico. O corpo de Rico estremeceu, ele gemeu baixinho e oscilou na sua posição de crucificado. E então sorriu: _— Você ataca como uma mulher, Muñoz.

Muñoz enfureceu-se. Pôs-se a dar pontapés contínuos em Rico, mas este não gritou o seu sofrimento. Mas de repente vomitou, e Muñoz alcançou a sua vitória.

Os olhos de Muñoz dançavam loucamente nas órbitas. O suor escorria pelo rosto inchado e sem defesa de Rico, e Muñoz bateu-lhe até os nós dos dedos

incharem. E quando uma inconsciência abençoada envolveu Rico, Muñoz continuou a espancá-lo até se cansar.

Alguns dos seus colegas sanguinários tiveram de desviar os olhos. Um deles se aproximou e o tirou de perto de Rico.

Muñoz dirigiu-se aos tropeções para Juanita e arrancou-lhe a roupa do corpo, depois abriu uma navalha brilhante e afiada.

—Para você, Palomita — murmurou ele, ofegante —, um trabalho artístico muito especial. Os seus seios não serão tão belos depois que os cortar. . . Ponham os amantes na cama.

Rico foi solto. Depois o amarraram a Juanita, de costas, do pescoço até aos tornozelos, e atiraram-nos na cama. Num instante os lençóis ficaram ensopados de sangue.

Logo que chegou ao quartel-general do G-2, na Quinta Avenida, Muñoz tomou um banho e mudou de roupa, mas o cheiro de sangue deixava vestígios.

O embaixador soviético, Oleg Gorgoni, esperava, ansioso, no escritório dele.

— Acabo de receber ordens urgentes de Moscou, para que não faça mal a Juanita de Córdoba. Ela nos deve ser entregue.

— Também eu tenho ordens — disse Muñoz. — Não.

— Não brinque comigo, Muñoz.

— Quem é que está brincando? A resposta é não.

— Já disse que é urgente.

— Pois é.

— Você está pisando em terreno perigoso. Juanita de Córdoba tem de viver por motivos importantes para a União Soviética.

— Tem de ser morta por motivos importantes para Cuba.

— Você está irritando a União Soviética.

— Que pena! —- respondeu Muñoz. — Talvez julgue que nos mete medo por sermos pequenos. Essas intimidações podem dar certo com Cuba, mas vocês são tão covardes que não assustam os ianques!

Gorgoni ficou pálido quando Muñoz se levantou de epente e pegou o jornal da manhã, que estava sobre a escrivaninha.

— Os americanos ordenam que vocês saiam de Cuba, e como é que

respondem? O grande e corajoso primeiro-ministro soviético põe-se a escrever cartas de amor a um filósofo britânico, inepto e tonto, e chora e grita e geme sobre a pirataria dos ianques, e pede a todos nós. . . sentemo-nos e conversemos. . . fraternidade.. . paz para a humanidade. — Atirou o jornal longe. — Onde é que estão esses tais mísseis que têm ameaçado utilizar contra os ianques? Vocês são mentirosos e covardes!

— Chega! Chega!

— Covardes!

— Exijo Juanita de Córdoba!

— Exige porra nenhuma! Percebe, meu corajoso camarada? Estamos lhe dizendo que nós é que governamos Cuba, e avisando os soviéticos de que têm de mostrar alguma coragem.

Capítulo 11

LONDRES — O presidente respondeu ao telegrama do idoso filósofo britânico com o conciso comentário:

Acho que a sua atenção se devia dirigir para os ladrões, e não para aqueles que apanharam os ladrões.

KEY WEST — Aviões de reconhecimento da Marinha, voando a baixa altitude, já identificaram positivamente vinte e quatro navios soviéticos avançando para Cuba, e mantêm-nos sob severa vigilância, Todas as fontes de informação dizem que o encontro no mar deve ocorrer dentro dos próximos dias. . .

WASHINGTON — O presidente não fez caso do artigo de Walter Lippmann, que suplica que se façam negociações, e também pôs de lado o apelo das Nações Unidas, de U Thant, para que as duas partes interrompam o seu avanço para a colisão. Diante da crítica mundial à atrevida posição americana, o presidente enviou um telegrama a cada um dos membros da OEA, com exceção do Uruguai, no qual dizia que "pela vossa ação rápida e decisiva, mostraremos ao mundo, e especialmente à União Soviética, que estamos unidos na nossa determinação de defender a integridade do hemisfério. . ."

Em Moscou, o primeiro-ministro soviético, num outro daqueles paradoxos, procedeu sem coerência, convocando Pomeroy Bidwell, um industrial americano de visita à Rússia para que fosse ao Kremlin. Bidwell estava sentado em frente a um homem que parecia à beira do esgotamento total. O ministro soviético sabia bem que o princípio do fim de seu reinado podia estar chegando, e que a sua tática de assustar nunca mais atemorizaria a América.

Discutindo com Bidwell, como se ele fosse um representante oficial dos Estados Unidos e não um turista, o ministro tentava convencê-lo de que as armas em Cuba eram verdadeiramente de defesa. Debateu o ponto uma ginástica verbal. Pomeroy Bidwell não ficou nada convencido e citou as armas da Suécia e a sua proximidade da União Soviética como exemplo.

O russo tentou apresentar o seu caso como o fizera para o filósofo britânico pacifista. Quando não conseguiu, lançou uma série de ameaças e jurou que se os

americanos abordassem um único navio russo os seus submarinos afundariam a esquadra americana.

E de repente o chefe soviético lamentou-se quase choramingando: — Como é que eu posso negociar com um homem que é mais novo do que o meu filho?

Pomeroy Bidwell foi logo à Embaixada americana arranjar passagem para Washington. O embaixador fechou-se com ele no seu escritório.

— O que é que aconteceu, Pomeroy?

— Bem, senhor embaixador, estivemos os dois sentados, cara a cara. . . e posso jurar que ele quase fraquejou. . .

Capítulo 12

A campainha da porta de André tocou quando ele estava tomando o café da manhã. Era um colega da ININ, da Embaixada dos Estados Unidos.

— Tenho um telegrama para o senhor. Saiu agora do gabinete de codificação.

— Obrigado por trazê-lo, Ted.

ESTOU A CAMINHO PARIS POR DUAS SEMANAS A SERVIÇO OTAN E DESÇO ORLY SEIS HORAS PAN-AM ESTA TARDE PT CONSEGUI OBTER NOVA FONTE DE INFORMAÇÃO DENTRO DE CUBA DE PARTICULAR INTERESSE PARA VOCÊ PT VÁ ESPERAR-ME SE PUDER PT MICHAEL NORDSTROM PT

O assistente de André seguia a toda velocidade para o Aeroporto de Orly, para esperar Nordstrom. André, sentado ao lado do motorista, lia os jornais do dia.

Falavam sobre uma parada com um desfile militar em Havana. Castro convocara unidades da milícia e do Exército de toda a ilha, e exibia as suas armas, artilharia e aviação, de origem soviética.

Depois da parada houvera discursos no largo em frente à estátua do libertador Marti. Castro começara a fazer uma arenga do gênero a que o mundo inteiro já se habituara. Quando chegou ao ponto de bater no peito, jurou que Cuba não se conformaria com qualquer acordo unilateral feito por soviéticos e americanos sem a sua aprovação. Além isso, jurou defender o país até o último homem. Repetiu a exigência de que os americanos deixassem a base de Guantánamo.

A parte mais violenta do discurso foi dirigida à Organização dos Estados Americanos. Jurou inflamar a Revolução através de toda a América Latina.

— Agora mesmo — gritou Castro —, o nosso querido camarada e muito fiel tenente da Revolução, Rico Parra, está em missão secreta, em algum lugar das Antilhas.

A ausência de Parra, sobre a qual os jornalistas presentes tinham especulado, ainda chamou mais a atenção para a ausência muito notada de uma das figuras importantes de Cuba.

Faltou à demonstração Juanita de Córdoba, amiga íntima de Rico, e conhecida em Cuba pelo nome de La Palomita.

Michael Nordstrom passou pela Alfândega.

— Vamos para Paris — disse ele, sério, para André.

— Não — respondeu André com firmeza. — Quero saber já. Pedi um escritório emprestado aqui no aeroporto.

Mike hesitava. Parecia ter caído numa armadilha, e não sabia como explicar, parecia ter ensaiado o que ia dizer durante o vôo, vezes sem conta.

— Sei que aconteceu o pior — disse André abruptamente.

— Aconteceu.

— Quase me pareceu ouvi-la chamar por mim, há duas noites, num sofrimento terrível. Tenho dormido pouco desde que voltei de Cuba. A noite passada não dormi nada. Era como se eu soubesse que a sua mensagem estava chegando e que tinha de esperar por ela.

— Está bem — disse Nordstrom. — Acabemos com isto, pelo amor de Deus.

Mike sentou-se na beira da escrivaninha, num pequeno gabinete, gesticulando muito, esfregando o rosto e suspirando repetidas vezes. André fechou a porta para impedir que entrassem os sons do chão de mármore e os assobios dos aviões a jato. Instalou-se na única cadeira existente e esperou que Mike começasse.

— Conhece a Casa da Revolução? — perguntou Nordstrom.

— Conheço. Na baía do Sol. Pertenceu outrora à família de Fuentes. Lembra-se de Pedro de Fuentes? Um dos melhores jogadores de futebol de Cuba. Foi ele quem me fez interessar-me por Cuba. De qualquer modo, Rico Parra roubou a vivenda à família.

— André — exclamou Mike — mal sabe como o resto vai ser difícil.

—_Que diabo, Mike! Sei que Juanita e Parra estavam lá, e que não estavam jogando xadrez. Vá, conte.

— Muñoz recebeu ordens para liquidar Parra, por cumplicidade, ao consentir que você fugisse de Cuba. E mais, obrigar Juanita de Córdoba a falar. Conhece Muñoz. É um carniceiro, um porco impiedoso. A casa transformou-se numa prisão com dois prisioneiros, Juanita e Parra.

Mike relatou o que tinha acontecido. André estava à beira de um colapso, até as palavras de Mike se tornarem irreais. . . como num sonho.

— Um dos agentes do G-2, chamado Jesus Zapata, revoltou-se com a

brutalidade de Muñoz. Procurou em Havana um contato com o nosso lado. Zapata achava que a história devia ser contada. Conhece Karel Vasek?

— Já ouvi esse nome. . . Não me lembro. . .

— Vasek é um engenheiro tcheco. Esteve em Cuba por mais de um ano, encarregado de um programa de construção de pontes. Começou a trabalhar há seis meses para o Serviço Secreto britânico. Vasek e Zapata combinaram os futuros pontos de encontro.

"Parra era duro", continuou Nordstrom. "O cérebro dele foi tão afetado pela surra que levou, que ficou meio idiota. Por fim nem sabia o que lhe estavam fazendo. Juanita estava meio louca por ter de presenciar as atrocidades cometidas contra Parra. Não é preciso explicar o que Muñoz lhe fez."

— Não. . .

— Com Rico morto, Muñoz ia começar com Juanita. Com uma navalha. Zapata correu a Havana, desesperado. Vasek deu-lhe uma cápsula de cianeto, que ele conseguiu dar a Juanita. Era a única coisa misericordiosa a fazer. Antes de Muñoz tocá-la, Juanita morria em paz e instantaneamente.

— Ainda bem. . .

— André, não está se sentindo mal?

— Não. . . estou. . . estou bem. Mike, se a vida dessa mulher maravilhosa significava alguma coisa para este mundo, tenho de lutar até o fim.

— André, que posso fazer?

— Deixe-me sozinho uns momentos.

Capítulo 13

André foi o último a entrar na grande sala de conferências do quartel-general do SDECE. Os assistentes pareciam-lhe um bando de gatos vagabundos, em volta da 1onga mesa coberta de feltro verde. O retrato onipresente de Pierre La Croix olhava para eles como um pai severo.

Na cabeceira da mesa estava Charles Rochefort. o burocrata estúpido, de peso médio, mas de grande riqueza e força, herdadas da família.

Ao longo do lado esquerdo da mesa estavam sentados os cinco membros do

SDECE que tinham investigado o caso Topázio. O chefe era um tal Daniel DuBay, excelente agente com uma posição conquistada há muito tempo, mas sempre preocupado em não ser apanhado fora do jogo político.

À direita de Rochefort estava o Coronel Gabriel Brune, para dar a opinião final. Esta manhã ostentava um risinho trocista ao acenar para André, chupando um cigarro comprido, que segurava com dedos sujos de nicotina.

Ao lado da cadeira de André estava o seu único possível aliado, Léon Roux, chefe da Segurança Interna da Süreté. Roux apresentou André ao Inspetor Marcel Steinberger, que representava a Súreté na equipe.

Brune fez um gesto a Daniel DuBay, que se levantou. Era um homem pequeno e gordinho, que ostentava uma grande corrente de ouro, de um lado a outro da barriga. Abriu um caderno, pôs os óculos na ponta do nariz e meteu os polegares nos bolsos do colete, como um advogado se preparando para um discurso diante de um tribunal.

— Voltamos de Washington, estes senhores e o Inspetor Steinberger da Süreté, depois de havermos estudado os registros do interrogatório, as fitas magnéticas e outras provas fornecidas pela divisão americana da ININ. Também visitamos um indivíduo a quem chamam Boris Kuznetov.

— E tiveram a possibilidade de avaliar bem o que descobriram, para um relatório e uma recomendação —perguntou Rochefort.

— Tivemos. __

— Pode continuar.

— M. DuBay — interrompeu o Coronel Brune. — todos os presentes conhecem bem o caso. Agora gostaríamos de ouvir um resumo das suas conclusões.

— Sim. . . muito bem. — DuBay pavoneava-se por estarem concentradas nele todas as atenções. — Ao mesmo tempo que os Estados Unidos e a União Soviética cozinharam a fraude dos mísseis cubanos, arquitetaram meticulosamente uma segunda parte do esquema, com o objetivo de desacreditar o Serviço Secreto francês.

Não houve reação de André ou de Roux. Steinberger brincava com uma lixa de unhas, com um ar sonhador.

— Boris Kuznetov, ou quem quer que ele seja realmente, demonstrou ser

um brilhante funcionário do KGB, e provavelmente tão brilhante ator como jamais poderemos encontrar outro. Kuznetov foi designado pelo KGB, com a colaboração americana, para representar uma fuga para os Estados Unidos.

DuBay virou a página e examinou os rostos em volta da mesa, evitando apenas o olhar de André Devereaux. Inclinou-se, procurou um ponto nas suas notas, e se endireitou de novo.

— Kuznetov foi mandado à Dinamarca, a Copenhague, muito bem ensinado pelos soviéticos quanto a seu passado e funções desempenhadas antes. Em Copenhague, é evidente que teve dúzias de reuniões num lugar secreto, onde foi ainda melhor preparado pelos agentes americanos da ININ. Temos a impressão de que foi instruído pelas mesmas pessoas que mais tarde o interrogaram: o Dr. Billings, W. Smith, Jaffe e Kramer. De modo que, quando se encontraram de novo em Washington, os dois lados tinham ensaiado perfeitamente todas as perguntas e respostas. Kuznetov foi informado em profundidade sobre determinados assuntos da OTAN. Deram-lhe certos documentos para decorar, e deram-lhe instruções quanto ao funcionamento, divisões e diretores do Serviço Secreto francês. Terminado este treino intensivo, provavelmente durante um período de seis a oito meses, os Estados Unidos e a União Soviética representaram a cena da fuga. É inacreditável que um funcionário do KGB pudesse fugir de um país ocidental com a mulher e a filha, a não ser que os dois lados estive de acordo quanto a isso, não é verdade?

"Na América", continuou Dubay, "Kuznetov mostra que é tão hábil ator quando memorizador. De acordo com um horário pré-combinado, faz o jogo. A princípio não fala, depois diz qualquer coisa, em seguida finge ter medo. Entretanto, a mulher e a filha, inocentes, têm grandes brigas de família com ele. Então, em determinada altura, ele pede para falar com um diplomata. Mas *um certo* diplomata. Um diplomata francês. M. Devereaux, especificamente. A isca foi engolida. Durante um determinado período de tempo, Devereaux é atraído à toca e se convence da autenticidade de Kuznetov. Mas Kuznetov também o convence a não comunicar tudo isto a Paris. . . até, é claro, eles estarem prontos a pôr a armadilha para funcionar. Nada é obra do acaso, até mesmo um falso ataque cardíaco. Com o seu conhecimento e permissão, Kuznetov toma remédios

para fingir que está às portas da morte. O verdadeiro desgosto da mulher e da filha, que não sabem de nada, aumenta o aspecto de legitimidade, e tudo isto atrai Devereaux cada vez mais. Devereaux volta de Cuba, realizando a primeira parte do esquema, ao entregar informações que têm por objetivo arrastar a França atrás da América para esta falsa crise dos mísseis. Agora desenrola-se a fase número 2 da conspiração: a pseudoconfissão de Boris Kuznetov. Topázio, uma seção anti-OTAN que não existe, tudo inventado pelos russos e americanos. Não é estranho, verdadeiramente estranho, que o chefe de uma seção anti-OTAN não saiba o nome de um único agente desta pseudo-rede Topázio? O último retoque: o presidente americano toma pessoalmente parte neste esquema, desafiando a honra do Serviço Secreto francês. Haverá melhor maneira de os americanos aumentarem o seu domínio na Europa, senão provocando um escândalo para destruir a atual organização do SDECE. . . e enchê-lo talvez de outras pessoas. . . possivelmente com as tendências de Devereaux? E de que melhor maneira se poderia atingir esse objetivo senão utilizando-se um agente de alta patente como André Devereaux, para entregar a mensagem ao presidente da França e assegurar a sua autenticidade? O nosso relatório para o Presidente La Croix dirá que não há nenhuma rede de espionagem chamada Topázio e que Boris Kuznetov não é mais do que uma fraude brilhante."

DuBay fechou o caderno com força, enxugou a testa molhada e sentou-se.

Os olhos cinzentos de Gabriel Brune fixaram-se duramente em André Devereaux: — Tem alguma coisa a dizer, M. Devereaux?

— Sim. Pelo que foi dito aqui, devo ser muito burro.

— É tudo?

— Se tenho algumas cartas de reserva — disse André, sem emoção —, prefiro não jogá-las nesta mesa.

O indicador de Brune bateu na mesma como o bico de um pica-pau: — Não gosto de ameaças. Fale, ou o relatório será mantido.

— Um momento, por favor — disse Léon Roux, do outro lado da mesa. Os seus olhinhos brilhavam mais que de costume. — O Departamento de Segurança Interna da Sûreté tenciona entregar um relatório separado sobre a investigação de Topázio. É opinião expressa do Inspetor Steinberger que existe uma rede Topázio, que a Desinformação tem sido usada contra os franceses e que, na

realidade, há alguém muito perto do presidente que é um agente comunista.

— E eu digo — exclamou o Coronel Brune, num tom de voz elevado — que a Süreté faz isso para deixar mal um serviço irmão. Esta equipe de investigação tem cinco contra um. Com certeza o Presidente La Croix reconhece a posição de vocês como uma mesquinha dissensão entre serviços.

Roux não se deixou impressionar pela ira de Brune.

— Talvez — disse ele — o amável coronel queira explicar-me uma coisa?

— De que se trata?

— Ontem, Henri Jarré, economista da OTAN, foi preso no momento em que passava documentos secretos para as mãos de um membro da Embaixada soviética. A caminho da prisão foi extremamente loquaz.

Roux parou de propósito, interrompendo a sua explosiva declaração, para gozar o espanto que provocara em toda a sala. Com uma expressão maliciosa, olhou para o retrato de La Croix, no extremo da sala.

— Inspetor Steinberger — disse ele, manhoso —, o senhor fez parte da equipe que o prendeu, não é verdade?

— Fiz.

— Acompanhou Henri Jarré à Prisão de La Santé?

— Acompanhei.

— Disse qualquer coisa a respeito de si próprio?

— Disse.

— Exatamente o que é que ele disse ser?

— Disse que era Topázio Numero 2.

Capítulo 14

— Venha imediatamente!

Não havia dúvida possível quanto à urgência contida na voz de Léon Roux. Uma convocação no meio da noite. André enfiou, tonto de sono, uma camisa esporte, a calça e um sobretudo.

Dirigiu-se a toda velocidade para Montparnasse, através da cidade adormecida, sabendo intimamente que o pior ocorrera. O Inspetor Marcel Steinberger, também vestido de qualquer maneira, esperava por ele na entrada principal da Prisão de La Santé. Atravessaram o pátio rapidamente, passaram por blocos de celas, até que uma porta gradeada lhes barrou o caminho. Seinberger bateu na grade para despertar o carcereiro.

Os saltos dos sapatos dos dois batiam no chão em uníssono ao seguirem por um longo corredor mal iluminado. Léon Roux esperava, e os levou para uma pequena divisão malcheirosa e de paredes de cimento, que continha uma fila de tabuleiros de mármore.

Roux puxou o lençol, revelando um rosto cheio de ódio, cor de cera, o de Henri Jarré, agora permanentemente esculpido na sua máscara fúnebre.

— Quando? Como?

— Encontraram-no há uma hora — contou Steinberger, e apontou para o vinco vermelho no pescoço do cadáver —, enforcado na cela.

— Suicídio?

— Ainda não sabemos, mas de qualquer modo não dirá mais nada.

— A confissão dele?

— Foi verbal. Não há nada escrito.

Roux tornou a tapar o rosto de Jarré com o lençol.

— Lamento, Devereaux — disse Roux. — Lamento muito. Tenho de ficar aqui para conter os jornalistas. Steinberger, acompanhe Devereaux, por favor.

O ar que expiravam gelava no ar frio, enquanto percorriam o caminho até a rua. André encostou-se ao automóvel e suspirou de fadiga.

— Não se deixe abater por isso — exclamou o inspetor.

— As forças inimigas nos derrotam, inspetor. Viu Léon Roux? Perdeu a coragem.

— O chefe é um oficial da polícia de sentido prático. Eu não sou, e quero descobrir Columbina tanto quanto o senhor. Roux lhe dirá como eu sou teimoso. Tenho acesso a todos os arquivos e relatórios do departamento. Mantenha-se calado, não saia de casa e ajude-me com os seus conselhos. Farei o resto. Amanhã vamos estabelecer uma maneira de entramos em contato.

— Por que é que está colaborando comigo?

— Devo-lhe um grande favor.

— A mim? Mas só há pouco tempo é que o conheço!

— Conhecemo-nos há muito tempo. Tenho uma irmã que vive em Israel. Ela e eu somos o que resta da nossa família. Consegui fazê-la sair da França ante que a Gestapo me apanhasse. E. . . foi o senhor que nos conduziu para a outra margem do rio Cher, há vinte anos, quando éramos crianças.

Capítulo 15

André foi chamado ao gabinete de Charles Rochefort. Estavam reunidos os tipos mais estranhos. Estava o sempre presente Coronel Brune, estavam Robert Proust e o sinisro Ferdinand Fauchet, estava Jacques Granville. . .

Jacques falou:

— O presidente pediu-me que viesse aqui hoje para lhes comunicar a decisão que tomou sobre o caso Topázio. Tomou conhecimento completo da investigação e o relatório do SDECE foi aceito. O presidente não vê motivo para uma investigação no Serviço Secreto, e além disso comunica que tem plena confiança na atual direção.

— Então, é claro, meus senhores — respondeu André —, terão o meu pedido de demissão antes do fim do dia.

— Conversei longamente com o presidente — disse Jacques —, e consegui convencê-lo de que você era vítima de uma conspiração monstruosa e que não devia ser desacreditado. Fez um bom trabalho no passado e construiu uma esplêndida organização. Evidentemente, tem os melhores contatos. O presidente concordou em que você deve regressar a Washington, para o seu posto.

André sabia qual era o preço que ia ser indicado. O vitorioso Brune sorriu:

— Considerando bem as coisas, o senhor teve muita sorte.

— Tudo exatamente na mesma? — perguntou André.

— Bem, quase — respondeu Brune. — Um pequeno alargamento da sua operação. Receberá, é claro, mais pessoal e dinheiro.

— Na realidade — disse Robert Proust —, será uma pequena divisão, altamente secreta, sob a direção do meu departamento, que será administrada por M. Fauchet. Será conhecida pelo nome de Seção P.

— Tenho muita pena de desapontá-los, meus senhores, mas os americanos já conhecem as intenções da Seção P. A informação foi revelada pelo não existente Kuznetov.

— Pensamos — salientou Brune — que os americanos souberam da Seção P através de outras fontes de informação. Para provar a autenticidade de Kuznetov eles o instruíram para que lhes revelasse a sua existência.

— É que — disse Granville — você goza da confiança dos americanos. Se

mandássemos um novo agente em seu lugar, desconfiariam dele, e qualquer possibilidade de colaboração desapareceria. Mas. . . se voltar para a América e eles souberem que você sabe da Seção P, então, com o tempo, poderá convencê-los de que nós pusemos essa idéia de lado.

André ergueu-se devagar e pensativo.

— Ao certo, o que é que vocês querem saber?

— Através de cientistas franceses que trabalham na América poderíamos obter informações completas sobre as instalações militares americanas, localização de todas as rampas de lançamento de foguetes ICBM, de fábricas de mísseis, de centrais atômicas, organização das defesas costeiras, *etc.*

— E não receiam que essas informações vão parar em Moscou?

— Claro que não — respondeu Rochefort, indignado. — O plano para nos desacreditar falhou. O SDECE saiu imaculado dessa conspiração.

— Mas é imoral praticar uma espionagem desse gênero contra um aliado — replicou André.

— Não somos monges de mosteiro — falou Brune —, e a espionagem não é uma imoralidade.

— Afinal, André — disse Jacques, falando-lhe num tom muito familiar —, você é francês, e tem de agir no interesse da nação, embora pessoalmente discorde. . .

André olhou de um lado para outro. O seu velho amigo Robert, de olhos baixos, e Jacques, o político bem disposto. Rochefort, com a faca e o queijo na mão — mas estaria ele assim tão inocente de tudo? Gabriel Brune, que provocara a putrefação dos serviços. E o carrasco Ferdinand Fauchet: até onde se estenderia o pequeno império pessoal de Fauchet?

E, de repente, tudo se tornou claro. O enigma Topázio estava resolvido Columbina, o espião principal, estava sentado diante dele. Sabia qual era a solução, e nesse mesmo instante tomou a sua decisão.

Capítulo 16

A magnífica biblioteca, com vários balcões, do Instituto Peabody, em Baltimore, era um local perfeito para pequenos concertos.

Esta noite todas as cadeiras estavam ocupadas por estudantes, pais e professores, para um primeiro recital de alguns novos titulares de bolsas de estudo.

Em meio à sessão, o Dr. Schoeberlein, deão dos estudantes, subiu ao palco.

— Venho anunciar uma mudança no programa —disse ele. — Infelizmente Mr. Richard Holtz, que devia tocar a seguir, adoeceu, vítima de uma virose. Para substituí-lo na sua ausência gostaria de lhes apresentar uma estudante nova, de promissora carreira, Miss Anita Dah-lander.

Uma garota esbelta, séria e extremamente bela, outrora conhecida pelo nome de Tamara Kuznetov, dirigiu-se para o centro do palco, colocou a mão no piano e falou numa voz segura, só com um leve vestígio de sotaque: — Como primeiro número gostaria de tocar uma pequena composição de minha autoria, a que chamei *Um sonho americano.*

Quando se fez silêncio na biblioteca, ouvindo-se apenas a melodia do piano de Tamara, Boris Kuznetov pegou na mão da mulher.

— Demos o passo que devíamos dar — disse ele. — Ainda bem que me deixaram vir hoje do hospital. . . fizemos o que devíamos.

Quando o concerto terminou, Anita Dahlander e pais receberam felicitações.

— Vocês podem orgulhar-se da sua filha — disse o Dr. Schoeberlein.

— E nos orgulhamos — respondeu Boris.

— Onde é que os senhores vivem?

— Na Califórnia. Estou convalescendo de uma doença, mas partiremos em breve para o oeste.

— Aposto que estão mortos de vontade de voltar

— Sim. E sempre maravilhoso voltar ao lar

— Ah! A propósito — comentou o Dr. Schoeberlein —, ouviram a ultima notícia?

— Não, qual é?

— Os Estados Unidos obrigaram um navio russo a parar e o abordaram.

Capitulo 17

André caminhou sem parar e sem objetivo através de Paris, durante a noite, uma figura curvada e semitrágica

Às três da manhã encontrou-se diante da casa de Michael Nordstrom, na Rue de la Fontaine. Mike fechou a porta a chave depois que André entrou, e espreguiçou-se para despertar completamente. André foi até a janela e olhou para a rua, onde dois homens se moviam no frio, um pouco além de um poste de iluminação.

— A minha guarda de honra — disse André. — Caminham constantemente cem passos atrás de mim. Tem uma bebida?

Nordstrom foi apanhar gelo na cozinha. Enquanto isso, André investigava o armário das bebidas. Mexeu os cubos de gelo olhando para o copo.

— La Croix vai rejeitar a carta sobre Topázio.

— Não é possível!

— Tudo é possível atualmente no Palais de 1'Élysée. — André bebeu um bom gole. — É a mesma posição que no caso dos mísseis de Cuba.

— Não posso compreender que um homem com a inteligência de La Croix acredite em semelhante coisa.

— O Presidente Pierre La Croix acredita no que lhe convém. Toma, seja qual for ela, a posição necessária para proteger seu poder pessoal.

— E não fazem nenhuma investigação nos seus serviços?

— Não. Tudo foi esquecido. La Croix não se arrisca a um escândalo público, que pudesse desacreditar seu Serviço Secreto. Nem consentiria em que se provasse que uma pessoa que trabalha com ele seja agente soviético. Isso poderia fazer com que o considerassem um estúpido. Poderia enfraquecer seu domínio sobre o país.

Com uma fúria súbita, o grande punho fechado de Michael Nordstrom deu um murro no armário.

— Que diabo aconteceu à França? O pior é que vocês consentem que esses depósitos de lama governem o país!

André olhou com desprezo para Nordstrom.

— Não grite — disse ele.

— Estou farto de toda esta maldita traição francesa!

— Ah! Está?

— Sim, estou, André. Farto de todos os insultos que os nossos cidadãos recebem nas ruas. Farto das tentativas para nos destruir financeiramente. Farto da ingratidão francesa. Farto dos quinze bilhões de dólares que despejamos água abaixo, para pôr isto em estado de funcionar. E vou dizer ainda outra coisa de que estou farto. Estou farto dos oitenta e cinco mil rapazes americanos que dormem em sepulturas na França. . . lutando para quê? Para vocês vomitarem sobre nós!

— Há meio milhão de franceses sepultados em Verdun — disse André —, e nessa batalha, provavelmente, perdemos mais homens do que a América em todas as suas guerras. Quando se fala de dívidas, vocês nos devem mais do que nos podem pagar, pois a França tem aparado todos os golpes, e foi destruída. E porque nós fomos destruídos, vocês floresceram. Na próxima guerra todas as baixas e toda a ruína podem ocorrer no seu solo sagrado.

— Espero em Deus que não tenhamos de pedir auxílio à França.

— De que maneira vocês nos ajudaram? A França, o aliado mais antigo, jazia a sangrar, e que fizeram vocês? Reconheceram os traidores de Vichy. Pedimos armas e vocês nos voltaram as costas. Conspiraram para nos relegar à obscuridade. E conspiraram para nos ocupar como se fôssemos um inimigo derrotado. E depois da guerra assistiram e aplaudiram silenciosamente, enquanto franceses morriam no Vietnam e na Argélia. E agora tentam dar ordens à França, sobre a sua vida e a sua morte. Sim, Pierre La Croix pode ser culpado de fazer acordos de paz com os comunistas, mas digo-lhe uma coisa que você pode levar para a sepultura: se a América tivesse apoiado a França Livre, nós nunca teríamos negociado com os comunistas. Vocês são uns hipócritas.

André soltou uma exclamação abafada e o copo fugiu-lhe da mão. Agarrou o braço esquerdo inerte, e caiu de joelhos, procurando desesperadamente as pastilhas.

Mike estendeu-o no chão, rapidamente, e meteu-lhe um comprimido na boca, desapertou-lhe a gravata e telefonou ao médico. As lágrimas corriam pelo rosto de Nordstrom ao olhar para o amigo.

Daí a momentos o ataque tinha diminuído e os olhos de André se abriram com dificuldade.

— Desculpe, Mike! Lamento que todos tenham chegado a isto!

Capítulo 18

Mike Nordstrom olhou sem interesse para a pilha de papéis que tinha sobre a escrivaninha. Não estava com disposição para atacar aquele trabalho. Dirigiu-se para a janela e encostou-se no caixilho de madeira, olhando para a vista sempre magnífica da Avenue Foch. De seu escritório de Paris tinha um vislumbre da Place de l'Étoile e do Arco do Triunfo. Voltou-se quando a secretária entrou.

— Mr. McKittrick está subindo.

— Mande—o entrar imediatamente.

Michael voltou para a mesa de trabalho e escolheu alguns documentos que McKittrick devia levar consigo para os Estados Unidos.

O assistente do presidente entrou, e os dois examinaram os papéis antes de fechá-los a chave na pasta.

— Quanto tempo fica ainda em Paris, Mike?

— Algumas semanas. Na próxima quarta-feira tenho um encontro marcado com os agentes escandinavos. Telefone para Liz quando chegar a Washington e diga-lhe que não consegui arranjar o tecido que ela queria. Se me enviar outra amostra, verei o que posso fazer. O aniversário do meu filho Jim está se aproximando. Diga à minha secretária que compre para ele uma luva de beisebol para a mão esquerda, modelo Ted Williams.

— Está bem. — McKittrick olhou para o relógio. — O meu carro deve estar aqui dentro de alguns minutos.

Ficaram calados uns momentos.

— Que diabo! O melhor é dizer logo o que tem a dizer! — exclamou Nordstrom.

— Tenho comigo a resposta oficial de La Croix. Decidiram ignorar por completo toda a questão Topázio. E agora, Mike?

— Sei lá! Mas a OTAN corre perigo. Marsh, só pode haver um líder do mundo livre, não acha? E nós trabalhamos bem, não é verdade?

— Fizemos muito melhor do que quando os franceses governavam o mundo, e o fizemos por motivos mais honestos.

— O chefe deste planeta é raras vezes apreciado como merece — disse Mike — por aqueles que substituiu no cargo.

— Mike — falou McKittrick, hesitante —, há uma coisa que tenho de lhe

dizer. Sei como é amigo de Devereaux. Somos todos. É excelente em todos os sentidos. Mas está metido numa grande complicação.

— O que é que você quer dizer?

— Se Devereaux pedir auxílio, as ordens são para não ajudá-lo. Foi colocado à parte. E nós temos de continuar a trabalhar com a França.

— Sabe? Lembro-me da primeira vez que vi Boris Kuznetov. Um homenzinho assustado num quarto de hotel em Copenhague. Disse uma coisa que nunca esquecerei. Disse: "Não faz diferença ser russo ou americano. A nossa profissão é cruel, no entanto. . . não nos podem tirar tudo o que é humano. Os seres humanos, afinal, são compassivos. Um dia talvez precise de um amigo. Um dia talvez um amigo precise de você".

— Mike, eu só estou dando um recado.

— E eu recebi esse maldito recado — disse Nordstrom, abruptamente.

A secretária entrou:

— O automóvel está à espera, Mr. McKittrick.

— Até a vista, Marsh. Boa viagem.

Quando McKittrick saiu, sabia que se Devereaux procurasse auxílio havia todas as possibilidades de Mike Nordstrom desobedecer às ordens recebidas.

Capítulo 19

Às dez da noite em ponto André saiu do Café Aux Deux Magots, como tinha sido combinado por telefone.

Atravessou o Sena pela Ponte de Austerlitz. Olhando pelo retrovisor observou que os perseguidores ainda continuavam atrás dele quando subiu a Rue de Rivoli, por isso contornou a Place de Ia Concorde e retrocedeu para a Place Vendôme, e por fim livrou-se deles.

Dirigiu o carro para o Bois de Boulogne e diminuiu a marcha, pondo-se a ir e vir diante do Pavillon d'Arme-nonville. Ao passar pela terceira vez, os faróis de outro automóvel, parado entre os arbustos, acenderam-se e apagaram-se. André saiu da estrada e estacionou ao lado do outro carro.

Robert Proust esperava, nervoso, transpirando apesar do frio. Examinaram o terreno em volta deles, silenciosamente, durante uns momentos, para se certificarem de que tudo estava bem.

— Temos feito uma coisa, Robert, para chegarmos ao ponto de marcar uma entrevista secreta.

— Hoje em dia não é seguro ser seu amigo — respondeu Robert. — Enfim, aqui estou. André, bem sabe como está sendo vigiado de perto. Todos os seus movimentos, todos os telefonemas. Mesmo que volte para Washington, para o seu lugar, um dos novos agentes receberá ordens para vigiá-lo.

— O que é que você quer dizer com isso?

— Estou vendo se o convenço a abandonar essa loucura. O Serviço sabe que eu, pessoalmente, nunca executada uma ordem contra você, mas no seu caso há instruções permanentes que Fauchet recebeu de Brune em pessoa.

— Sim, o simpático Ferdinand. Nada lhe agradaria tanto como carregar no gatilho contra mim. Ou é um arame para estrangular que ele utiliza agora?

— Você tem uma vantagem agora. . . os seus anos de serviço, e muitos amigos. Não tocam em você neste momento porque isso daria cabo do moral do SDECE. Mas, quando chegar o momento, Fauchet faz um trabalho limpinho. Ele trabalha com perfeição.

André riu, não fazendo caso do aviso:

— Continua tendo a mesma caixa de correio particular na Rue des Capucines?

— Continuo.

— Ótimo. Descobri o que procurava. Daqui a um dia ou dois receberá uma

carta. Conterá a minha demissão e revelará um nome interessante. Com os seus recursos de esperteza tem de conseguir que ela chegue diretamente às mãos do Presidente La Croix. Terá uma cópia num envelope separado para sua própria informação.

— André, pelo amor de Deus, desista.

— Não é pelo amor de Deus, é pelo amor da França. Levará minha carta ao presidente?

— Sim, prometo.

— E agora, quanto a Michele. Você a viu em Montrichard?

— Vi. Vai a caminho da fronteira espanhola. É mais do que provável que neste momento já tenha entrado na Espanha. Fica à sua espera na cidade combinada. De lá terá uma possibilidade de fugir para o México ou para a América do Sul. Conhece a região melhor do que ninguém.

— Ótimo. Pelo menos Michele não terá de percorrer as montanhas a pé, como nós fizemos, hein, Robert?

— Quer dizer, como eu fui levado. É difícil um tipo esquálido como eu compreender, mas no fundo sempre soube que você não se assustava.

— Não se diminua, Robert. Você foi um grande amigo.

— André. . .

— Sim?

— Nicole também foi para a Espanha. Quando falei com ela, disseme: "Peça a André que não me volte as costas".

— Nicole? Começamos na Espanha. Mas será que duas pessoas com tantas cicatrizes como nós podem realmente recomeçar?

— Talvez seja possível.

— Ela sabe o que aconteceu a Juanita?

— Sabe. Disse que agora você precisa dela mais do que nunca.

— Robert, não me iludo quanto à possibilidade de acontecer um milagre. Talvez ela julgue ter encontrado as respostas que procurava no silêncio do seu quarto. Outra coisa é sair para o mundo e pôr tudo isso na prática. Quando surge um momento de pressão, todos nós regressamos ao que éramos antes. As pessoas raramente mudara exceto quando se trata de piorar.

— Então você vai se recusar a recebê-la?

— Nicole e eu ainda temos a possibilidade de influir um sobre o outro, de nos magoarmos um ao outro, de darmos prazer um ao outro. Talvez as coisas que

temos sejam suficientes. Não sei, enquanto não a vir. . . se algum dia a vir.

André apertou a mão de Robert e tocou-lhe no ombro. Entrou no carro, deu marcha à ré e partiu. Robert Proust viu-o desaparecer, sabendo que não tornaria a vê-lo nunca mais.

Capítulo 20

A propriedade de Jacques Granville na Normandia era constituída de uma casa de trinta e seis divisões no meio de uma floresta particular com campo de caça. Paulette percebeu imediatamente que o marido queria conversar sozinho com André. Saiu do escritório.

Jacques dirigiu-se para o bar, junto à sua escrivaninha, e apanhou uma garrafa de *bourbon:* — Quer?

— Você se lembra de minha fraqueza — disse André.

— Quando é que você volta para Washington? — perguntou Jacques.

— Espero partir em breve.

— Ainda bem que conseguimos passar juntos este fim de semana. Você sabe muito bem que movi o céu e a terra para lhe conseguir o posto da Embaixada da Nova Zelândia. Não fizeram caso. Todo mundo acha que você é muito valioso em Washington. Ainda posso arranjar o lugar se você reconsiderar, e me apoiar.

— Já dei a minha resposta a esse respeito. Não vou para a Nova Zelândia.

— Só quero ajudar — disse Jacques. — Sei como as últimas semanas têm sido difíceis, e como está magoado. Mas tem de considerar o conceito geral, o quadro geral. Pierre La Croix tem razão. Pelo menos no caso da França ele tem razão. Não somos um povo para ser dominado ou mesmo dirigido por estranhos. Não tenho nenhum motivo de vingança contra os americanos e não posso compartilhar desta violenta campanha contra eles, mas temos o direito de cometer os nossos próprios erros. Agora, com esta nova seção de espionagem científica, tente enviar boas informações.

— Farei o possível, como sempre.

— E procure descansar. Você vai ter um número maior de colaboradores. Como Cuba agora não existe mais para você, pode levar uma vida mais fácil.

— Sim, acho que estou cansado.

— Vocês, do Serviço Secreto, são uma raça estranha. Eu me perguntei muitas vezes por que é que você e Robert continuaram neste trabalho depois da guerra.

— Para Robert era uma maneira de ganhar a vida. A maior parte das pessoas na maioria dos serviços secretos são simplesmente funcionários públicos honestos.

— Mas você, André, você me intriga. O mundo inteiro podia ser seu.

— Mas tive o mundo que quis. Trabalhei com homens e mulheres mais corajosos e mais idealistas do que quaisquer outros. Só uma pessoa com um amor místico e profundo pelo seu país pode servir assim, em silêncio.

— Sim — disse Jacques —, mas, e os outros? Os patifes, os assassinos, os homens de duas caras?

— Também vivi com o que há de pior na terra. Os traidores sempre me fascinaram. Nunca deixei de especular sobre o modo como um homem pode voltar-se contra o seu próprio país.

André pousou o copo, juntou as mãos por trás da cabeça e olhou para além das cortinas de brocado, para um grupo de faias na sua nudez de inverno.

— Alguns homens, como Boris Kuznetov, atraiçoam por medo ou por uma decepção horrível. Um Henri Jarré está tão consumido pelo ódio que para ele não é nenhum crime fazer espionagem contra a OTAN, porque sente honestamente que é para interesse do seu país, ou antes, para o que ele pensa ser o interesse da França. Há comunistas honestos à nossa volta que fazem espionagem porque acreditam no comunismo, como temos aqueles que fazem espionagem para a democracia. Há aqueles que acreditam que a Rússia um dia vai vencer o Ocidente, e querem estar bem com o diabo. Há os indivíduos sem importância que são apanhados numa situação embaraçosa e que são presa fácil para a chantagem.

— Enfim. . . não tem importância. André, a razão principal por que quis falar com você foi para pedir que pusesse de lado este caso Topázio. Francamente, não sei se Topázio é verdadeiro ou não, mas o que sei é que você não pode vencer de modo nenhum. Você bateu contra um muro. Permita que eu e os outros que foram alertados liquidemos o Coronel Brune devagar.

— Brune? Eu me enganei sobre ele! — disse André

— Que quer dizer com isso?

— Imaginei-o muito mais importante do que é. Na realidade, não é mais do que um burocrata que luta pela vida e tem medo da sua própria mediocridade. Fez o jogo antiamericano, anti-Devereaux, com relatórios distorcidos e parciais, porque pensou que isso fosse agradar a La Croix e porque foi aconselhado a

fazê-lo. Mas a pior acusação que se pode fazer contra Brune é que é um péssimo administrador, que fez política para não perder o emprego, e que consentiu que os serviços piorassem. Mas agente soviético? Não. Brune não é culpado. Perante o escândalo de Topázio foi absolutamente forçado a me desacreditar, ou seria afastado do lugar que ocupava.

André voltou os olhos da janela para a magnífica biblioteca de Jacques, com obras de Dumas, Voltaire, Victor Hugo.

— Um homem como Brune é fácil de manobrar. Foi manobrado como um fantoche por um demônio inteligente e traiçoeiro.

André encostou-se à pesada mesa estilo Renascença.

— É pena que não tenha ficado algum tempo na América, Jacques.

— Sabe como as coisas são. As minhas visitas são curtas e oficiais.

— É pena. A América é um país de incríveis variedades de beleza física. Nunca deixo de me sentir maravilhado. Quatro fusos horários num país. Imagine. Paisagens divinas, milagres feitos pelo homem. Esplendor total. Acho que prefiro o Colorado. . . sim, prefiro. Grandes montanhas incultas. Sem aldeias embelezadas, como sob os Alpes, mas terras rudes e bravias, e ruínas de antigas cidades mineiras trabalhadas pelo tempo. Rios que correm apressados, cheios de trutas. No começo do verão, as terras altas, os vales c os campos são um verdadeiro tapete de flores silvestres.

— Deus do céu, André. O que é que lhe provocou toda essa nostalgia?

— As flores silvestres.

Jacques esboçou um sorriso. Sentou-se à mesa de trabalho: — Fale-me das flores silvestres.

—Devia realmente conhecer uma flor do Colorado. Você tem o mesmo nome. . . Columbina.

Surgiram gotas de suor no lábio superior de Granville. Abriu devagar a primeira gaveta da escrivaninha.

— Está sendo muito interessante — disse ele.

— Estávamos falando de traidores — continuou André. — Piores do que as prostitutas, os vagabundos, os assassinos a soldo. A escória infinita, o ser mais vil é o homem que atraiçoa o seu país por dinheiro.

Os dedos de Granville tatearam dentro da gaveta e pararam no metal frio da

pistola. Sua mão a envolveu vagarosamente.

— Jacques, você parece assombrado. Vejamos como as coisas se passaram. Durante a guerra você teve uma série de missões de ligação com Moscou para os Franceses Livres. Os russos perceberam que você era um jovem patife encantador, que se manteria íntimo de La Croix, e eles sabiam que La Croix um dia governaria a França. Por isso puseram-se em contato com você, e há dezoito anos começou o seu treino. Uma vez lá dentro, ninguém sai. É muito tempo para um homem levar uma dupla existência. Mas, mesmo considerando a corrupção normal do seu cargo, a fortuna de duas das suas ex-mulheres e a sua própria não eram o bastante para você manter esse estilo de vida, Jacques.

"Que espantosa ligação você tem com os bancos suíços de Genebra", continuou André. "As contas de números XXF 12908 e BFI 2202, só no Banco de Groff, contêm mais de quarenta mil dólares americanos. E o dinheiro entra aos montes para um tal C. S. Bouchard. Bem, M. Bouchard, ou Columbina, ou Jacques Granville, não se trata de um pequeno negócio, mas como é que podia ser quando a União Soviética tem um dos seus agentes dando informações erradas ao nosso presidente? Conheci muitos, Jacques, mas juro que você é o espião mais esperto de todos. Serve-se de todo mundo. Serviu-se do presidente da França para vender a sua mercadoria. Roubou a fortuna de duas mulheres. Utilizou o Coronel Brune e torceu as coisas de modo que ele executasse a sua tarefa, a pretexto de que era amigo dele e que lhe estava salvando o emprego. Você se serviu de mim. E chegou a se servir de minha mulher para obter informações sobre o local onde Kuznetov se encontrava. Que pena, Jacques, a fuga dele foi um trabalho perfeito."

Granville tinha-se aproximado da porta do escritório e fechara-a a chave rapidamente. Voltou-se, apontando a pequena Beretta para André:

— Vamos conversar — grunhiu.

— Sua vez chegou, Jacques. E largue essa pistola. Não seja cretino.

Jacques a mantinha apontada. André aproximou-se dele. Granville tremeu. Sua mão estava molhada de suor. André tomou-lhe a pistola como se fosse um brinquedo desnecessário e jogou-a em cima da mesa.

— Nunca teve força para disparar a sua própria arma. Mas, antes de lançar os seus carrascos no meu encalço, quero dizer que não vim aqui como alvo, e

que não saio desta maneira. Vários jornalistas meus amigos receberam envelopes lacrados, contendo a minha carta com o pedido de demissão, e outras informações sobre as suas contas bancárias. Os envelopes que revelam que você é Columbina serão abertos no caso da minha morte ou do meu desaparecimento.

— Se essa carta for publicada você não tem vinte e quatro horas de vida.

— Não, não, não, Jacques. Não vou publicá-la agora. Ainda desejo viver muito. Enquanto o envelope se mantiver fechado, você terá o cuidado de me fazer sair da França. Mas por ora, nem Jacques Granville pode sobreviver ao meu assassinato sem assinar a sua própria sentença de morte. Estamos em situação de nos servirmos mutuamente. Compreende?

— Dentro de algumas horas — gritou Jacques — todos os vestígios das contas bancárias terão desaparecido. Em um ano. . . dois.. . três. .. arquitetaremos um processo contra você, dizendo que é um bêbado, um ladrão, um infeliz. . . que era um agente soviético tentando salvar a pele. As coisas ficarão tão confusas que a sua preciosa carta não terá nenhum valor. E então. . . você será perseguido como um animal até a hora da morte.

— Jacques, eu conheço um escritor. Um romancista. Americano. Tem um público internacional extremamente fiel, apesar de alguns críticos se queixarem da sintaxe dele. Pessoalmente, eu preferia alguém com mais talento literário. . . como Hemingway ou Faulkner, mas não faz mal. Mandei-o chamar quando compreendi que seria necessário destruir você. Ele já está trabalhando na história. . . na história completa. Até lhe demos um nome. . . "Topázio", que outro nome poderia ser? Por isso, aconteça o que acontecer, e isso não é importante, o mundo estará alerta, quando Pierre La Croix morrer, para impedir que você e sua quadrilha de chacais devorem a França.

André afastou Jacques da porta e deu volta à chave. Jacques ficou desesperado: — André! Há outra saída! Junte-se a nós! Acabe com essa loucura! Acabe com esse martírio de louco! Não se condene a uma vida assim! O que você não percebe, o que você realmente não compreende, é o que o dinheiro significa. Dinheiro. . . milhões e milhões de francos. E poder. Poder inconcebível. O poder da França. Digam o que quiserem. . . seja o que for. No momento em que nos livrarmos de La Croix, o SDECE pode ser seu. Até uma pasta de ministro. . .

— Meu Deus, Jacques, o que é que eu faria com tanto poder e tanto dinheiro?!

Jacques agarrou-o por um braço:

— Você nem sequer é humano! Seja homem e mostre-se ofendido com o que se passou entre mim e sua mulher.

— Ofendido? Um pouco. Magoado? Muito. Um homem? Tornei-me um homem no dia em que soube disso através dela e percebi que sentia a compaixão necessária para lhe perdoar. Ia fazer uma saída dramática, cuspindo—lhe na cara, mas é utilizar mal a saliva.

André saiu do escritório.

Capítulo 21

Robert Proust tirou as cartas de sua caixa postal particular, na agência de Capucines, e dirigiu-se rapidamente para casa. Duas cartas — uma para o presidente, outra para ele. Rasgou o envelope com mãos nervosas. Desdobrou a carta e começou a ler.

30 de outubro de 1963
Ao
Presidente da República
Falais de 1'Élysée
Paris, França
Caro senhor presidente,

A partir deste momento queira aceitar a minha demissão. No entanto, demito-me sob protesto. Não se trata da minha passagem para um inimigo ou aliado. Demito-me como francês. Mantenho-me francês com o direito de voltar a viver honrosamente, logo que sejapossível.

Eu o acuso de negar-se a responder às acusações de infiltração no governo francês de um grupo de espionagem da União Soviética, conhecido pelo nome em código de Topázio.

Afirmo que o senhor pessoalmente tem sido vítima da Desinformação soviética, que lhe é apresentada por Topázio Número 1. O seu nome em código é Columbina e é o adjunto do executivo presidencial, Jacques Granville.

Deploro o regresso a uma política externa que levou à destruição da França duas vezes neste século.

Condeno o seu plano de abandonar a OTAN e a segurança conjunta do mundo ocidental.

Não servirei à França sob as suas ordens, para fazer espionagem, contra os Estados Unidos da América.

Aviso ao senhor e ao mundo de uma conspiração monstruosa para criar a anarquia e entregar a França aos comunistas depois de sua morte.

Amo a França como o senhor afirma amá-la, e digo que a traiu para promover suas ambições pessoais.

Viva a França!

André Devereaux.

Capítulo 22

Pierre La Croix sentou-se à sua escrivaninha. Sua correspondência pessoal da tarde era colocada ali para ele ler antes de se deitar. Bebeu uns goles do café que estava a seu lado e colocou-se numa posição de leitura exagerada para aproximar os olhos do papel.

O terceiro envelope do monte era um papel sem timbre, e só continha o nome dele. Virou-o de um lado e do outro, depois enfiou a faca de prata na dobra do envelope e o rasgou. Ficou intrigado um instante ao ver uma carta manuscrita, pois dera instruções para que datilografassem tudo, e em maiúsculas, para facilitar a leitura.

Era a demissão de André Devereaux.

Quando acabou, tirou lentamente os óculos de lentes grossas. Um suor frio cobriu-lhe o corpo enquanto rugia em voz alta: — Devereaux! — Quase que era o último daqueles que ousavam dizer-lhe o que pensavam. Maldito Devereaux!

Há quanto tempo o rapaz estivera inflexível, sentado diante dele? As suas palavras agora o perturbavam. . . "Se olhar com honestidade e bem no fundo, talvez concorde que os seus sentimentos quanto à América são sentimentos de ódio e extrema inveja. *Peço-lhe que não consinta que aqueles que o rodeiam torçam ou deformem os seus sentimentos numa conspiração contra as democracias."*

O punho fechado de La Croix deu um murro na escrivaninha: — Ninguém se serve de La Croix! La Croix é que se serve de quem quer! Grande velho idiota! — falou ele duramente para si próprio.

Mas agora o que interessava realmente era proteger o seu lugar na história. Diabos o levassem se tivesse de sair de maneira vergonhosa, num escândalo, motivo de troça. Um peão de xadrez usado, tal como ele usara outros, como peões, toda a sua vida. Não, não sairia assim. E depois de tudo o que fizera pela França! E depois de ter restituído a grandeza à França. Não seria uma coisinha estúpida que o destronaria. A França nunca saberia.

A carta, colocada no grande cinzeiro, começou a ficar negra nas extremidades, encaracolou e ardeu. Ao vê-la consumida, as palavras terríveis não lhe saíam da mente: "A velhice é um naufrágio. . . A velhice é um naufrágio. . . A velhice é um naufrágio".

Capitulo 23

Era um agradável dia de primavera. Aquela magia própria de Paris e dos Champs Élysées quase tranqüilizava Michael Nordstrom. Da sua mesa na calçada de um restaurante, observava atentamente o movimento de pernas esbeltas e bem-feitas, cães de estimação, saltos altos e cadeiras rebolando. Acabou de beber o copo de vinho e voltou-se para Per Nosdahl, seu equivalente na ININ norueguesa.

— Passo a vida dizendo a Liz que a trago a Paris uma primavera. Sabe, Per, apenas em férias, não em trabalho. . . sei lá o que são umas férias!

O garçom do restaurante se aproximou:

— Mr. Nordstrom?

— Sim?

— Telefone para o senhor.

— Volto já — disse ele, dobrando o guardanapo e seguindo o empregado.

Lá dentro a orquestra tocava *Paris na primavera* para os clientes que vagarosamente acabavam de almoçar.

O empregado apontou para uma cabina do outro lado do vestíbulo.

— Obrigado — disse ele, e fechou a porta. — Fala Nordstrom.

— Sabe quem fala? — perguntou a voz abafada de André Devereaux.

— Sim, sei.

— Talvez eu precise de ajuda.

— Se puder, ajudo. . . não sei.

— Estarei no Louvre diante da estátua da Vitória Alada de Samotrácia. Talvez seja a nossa única vitória. . . a caminho do céu.

— Lá estarei.

Mike desligou e rapidamente voltou para as mesas do terraço.

— Tenho de ir embora — desculpou-se com Per Nosdahl. — Tenho de dizer adeus a um velho amigo.

— O seu velho amigo está metido em alguma complicação? — perguntou Per Nosdahl.

— Receio que sim.

— E acha que pode ajudá-lo?

— Juro que não sei. . .

— Peço-lhe que lhe apresente os meus sinceros votos de boa sorte — disse Per Nosdahl.

— Certamente.

Michael Nordstrom dirigiu-se para a beira da calçada e fez sinal para um táxi parar.

O motorista pôs o táxi em movimento, metendo-se na corrente do trânsito. Olhou para o freguês pelo espelho retrovisor.

— O senhor é americano? — perguntou.

— Sou.

— Parabéns.

— Por quê?

— Acabo agora mesmo de ouvir a notícia. Os russos se renderam. Vão retirar os mísseis de Cuba. . . os senhores são uns tipos duros, como os *cowboys.*

— Às vezes.

— Para onde vamos, senhor?

— Para o Louvre.

FIM

---

[1] Na África do Norte, cidadela e palácio de um soberano, bem como as partes altas e fortificadas de uma cidade. (N. do E.)

[2] *Fazenda. Em espanhol no original.* (N. *do E.)*

[3] *Literalmente, "força de choque"; também chamada de "força de dissuasão". É o nome dado ao conjunto de meios militares, principalmente armas atômicas, próprios a desencorajar a ação de um adversário eventual. (N. do E.)*

[4] Nos Eua, em linguagem informal, classificação das pessoas, principalmente das que exercem cargos públicos, entre favoráveis à paz e a uma política conciliatória (Pombos) e inclinadas a atitudes políticas beligerantes, de força (Falcões). (N. do E.)

[5] Nos países árabes, a cidade indígena, em relação à cidade nova. (N do E.)

[6] Nas cidades do Marrocos, bairro judeu. (N. do E.)

Table of Contents

Rosto
Sinopse
Índice
Primeira parte
- Prólogo
- Capítulo 1
- Capítulo 2
- Capítulo 3
- Capítulo 4
- Capítulo 5
- Capítulo 6
- Capitulo 7
- Capítulo 8
- Capítulo 9
- Capítulo 10
- Capítulo 11
- Capítulo 12
- Capítulo 13
- Capítulo 14

Segunda parte
- Capítulo 1
- Capitulo 2
- Capítulo 3
- Capitulo 4
- Capítulo 5
- Capítulo 6
- Capítulo 7
- Capítulo 8
- Capítulo 9
- Capítulo 10
- Capítulo 11
- Capítulo 12
- Capítulo 13
- Capítulo 14
- Capítulo 15

- Capítulo 16
- Capítulo 17
- Capítulo 18
- Capítulo 19
- Capitulo 20
- Capítulo 21
- Capítulo 22
- Capítulo 23
- Capítulo 24
- Capítulo 25
- Capítulo 26
- Capítulo 27
- Capítulo 28
- Capítulo 29
- Capítulo 30
- Capítulo 31
- Capítulo 32
- Capítulo 33
- Capítulo 34

Terceira parte

- Prólogo
- Capítulo 1
- Capítulo 2
- Capítulo 3
- Capítulo 4
- Capítulo 5
- Capítulo 6
- Capítulo 7
- Capítulo 8
- Capítulo 9
- Capítulo 10
- Capítulo 11
- Capítulo 12
- Capítulo 13
- Capítulo 14
- Capítulo 15
- Capítulo 16
- Capítulo 17

Quarta parte

- Capítulo 1
- Capítulo 2
- Capítulo 3
- Capítulo 4
- Capítulo 5
- Capítulo 6
- Capítulo 7
- Capítulo 8
- Capítulo 9
- Capítulo 10
- Capítulo 11
- Capítulo 12
- Capítulo 13

Quinta parte

- Prólogo
- Capítulo 1
- Capítulo 2
- Capítulo 3
- Capítulo 4
- Capítulo 5
- Capitulo 6
- Capítulo 7
- Capítulo 8
- Capítulo 9
- Capítulo 10
- Capítulo 11
- Capítulo 12
- Capítulo 13
- Capítulo 14
- Capítulo 15
- Capítulo 16
- Capitulo 17
- Capítulo 18
- Capítulo 19
- Capítulo 20
- Capítulo 21
- Capítulo 22
- Capitulo 23